

JABOATAÕ MYSTICO

EM CORRENTES SACRAS DIVIDIDO.

CORRENTE PRIMEIRA

PANEGYRICA, E MORAL,

OFFERECIDA,

Debaixo da Protecção da Milagrosa Imagem

DO SENHOR

SANTO AMARO,

Venerada na sua Igreja Matriz do Jaboataõ,

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

LUIZ JOZE' CORREA

DE SA',

Governador de Pernambuco,

POR

Fr. ANTONIO DE Sta. MARIA JABOATAM,

*Filho da Provincia de Santo Antonio
do Brasil.*

(✠)

LISBOA:

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

Anno de MDCCLVIII.

Com todas as licenças necessarias.



3658
1950



16823 C.
1946



AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR
LUIZ JOZE' CORREA
DE SA',
Governador, e Capitão General de Pernambuco.



*AVENDO de buscar hum sujeito
de Nome , para que á sombra do seu seguro , e
volo auspicio pudesse sabir outra vez á luz
o mais*

o mais Augusto de todos os Nomes, que depois de Deos, e sua Santissima Mãe, destinou o Ceo, e vio o mundo, que he o especioso, e suave Nome de Fozé, com o qual se orna, se não a mayor, a melhor parte destas Oraçoens Panegyricas, que ordenou o meu desvêlo, e quer tornar a publico a minha devoção; logo me vi obrigado, entre alguns, que offereceo á penna o discurso, a escolher o que dictou ao entendimento o coração, sempre depositario fiel de affectos singulares, que foy, e he o de V. Excellencia, em quem, sem lizonja da vaidade, se verifica melhor, o que do seu Maximo cantou o Sulmonense:

... Qui tanti mensuram Nominis imples,
Et geminas animi Nobilitate genus.

E aindaque he tão gigante a Estatua do Nome, a q̃ se consagraõ estes mal limados rasgos da minha inculta penna, a estes podem dar todo o complemento, e encher cabalmente, duplicando com os gloriosos acertos das suas Obras, (melhor nobreza da alma) as prendas do seu Illustre nascimento. Sangue illustre, e feitos heroycos são a tinta mais fina. e a mais apurada, ou apparada penna, com que se deve escrever nos annaes da Fama o nome grande dos Heróes mais abalizados de todo o mundo. Para neste ser cabalmente conhecido o de V. Excellencia, sobraõ nos seus magnanimos Antepassados as Obras do esforço, assim como abundou em todos o preclaro do sangue. Pela Varonia deste he V. Excellencia ramo Illustre daquelle famoso Capitaõ Payo Peres Correa, bem conhecido em todo o tempo pelo merecido nome de Josué Portuguez: E se por esta Varonia he tão alto o tronco de V. Excellencia, ainda he mais subido pelos Regios garfos, que com o decurso
do

do tempo se enlaçaraõ nelle ; porque , se por este he *V. Excellencia* descendente de hum Portuguez de tanta virtude , e esforço , como Josué : fóra deste , só de Reys herdou *V. Excellencia* espiritos de esforço , e Nobreza.

Do Senhor Rey D. Joaõ I. os herdou *V. Excellencia* por duas vias. Primeira : porque do Senhor D. Affonso , primeiro Duque de Bragança , e Conde de Barcellos , que era filho do sobredito Rey , foy filho primogenito o Senhor D. Affonso , Marquez de Valença , de quem era descendente , por linha recta , a Senhora D. Angela de Mello , casada com o Senhor Martim Correa de Sá , primeiro Visconde da Affeca , Avós paternos de *V. Excellencia*.

Pela segunda via : porque do mesmo Senhor D. Affonso , primeiro Duque de Bragança , e filho do Senhor Rey D. Joaõ I. foy filho segundo o Senhor D. Fernando , segundo Duque de Bragança , de quem era descendente , tambem por linha recta , o Senhor Luiz Cezar de Menezes , Avó materno de *V. Excellencia* : e assim por estes dous garfos se acha *V. Excellencia* enlaçado com a Regia Estirpe do Grande Rey D. Joaõ I.

Da mesma sorte se acha com a do Senhor Rey D. Joaõ II. ; porque a Senhora D. Marianna de Lancastre Avó materna de *V. Excellencia* , e consorte do Senhor Luiz Cezar de Menezes , era descendente , por linha recta , do Senhor D. Forge , Duque de Coimbra , que era filho , e muito estimado , do sobredito Rey D. Joaõ II.

E se aonde he o sangue taõ illustre , baõ de ser os feitos os mais heroicos , no mappa inteiro de todo o Orbe acharemos demarcadas , como balizas da Fama , por muitos delles , acções memoraveis em
todas

todas as historias, adonde leremos, com inveja dos Fortes, e affombro dos Timidos, a muitos dos Illustres Ascendentes de V. Excellencia nas mais difficultosas, e arriscadas empresas dos seus Soberanos, empregando as vidas, e cabedaes em conquistar novas terras, Cidades, Provincias, e Reynos; e em manter, e conservar as ja conquistadas. Não he isto generalidade da lizonja, são creditos da verdade.

Nesse antigo mundo, e primeiro que todos achamos ao ja memorado, e sempre memoravel Payo Correa, como o nomeaõ alguns, ou como o escrevem outros, D. Payo Peres Correa, bem conhecido por este nome, e melhor celebrado por hum Josué Portuguez, pelo que á imitação deste obrou o seu esforço, e conseguiu o seu zelo naquella decantada batalha, em que venceu hum numeroso exercito de Mouros ao pé da Serra Morena, vendo que antes de concluir com ella se lhe acabava o dia, a seu catholico desejo, parou o Sol, dando-lhe sobrada luz, para acclamar de todo aquella victoria; e fazendo na mesma occasiaõ, para faciar a sede dos seus soldados, brotar hum fonte de puras agoas, da dureza de hum penha, ferida com o tópo da sua lança, para que não só em hũa, mas em outra acção, fosse conhecido por novo Josué este grande Portuguez.

Foy D. Payo Peres Correa Mestre de Santiago, e o primeiro que deo principio á conquista dos Algarves do poder dos Mouros nos fins do Reynado de D. Sancho Capêlo, e em todo o de seu Irmaõ D. Affonso III. o Conde de Bolonha, e no tempo deste aconteceu a referida batalha. E como se todo Portugal fosse pequena esfera para taõ grande Astro, chegarão os vigorosos esforços do seu braço a toda
a Hes-

a Hespanha, adonde por trinta e tres annos continuos no Reynado do São Rey D. Fernando, e de D. Affonso o Sabio, seu filho, ajudou ao primeiro nas guerras da Andaluzia, e nas conquistas dos mais Reynos daquella Coroa. De Hespanha passou a Constantinopla com os melhores dos seus Cavalleiros em soccorro do Imperador Balduino, que liberal, e agradecido lhe offereceo a Cidade de Nicoia, o Castello de Medes, e outras terras mais, com todos os seus direitos, e jurisdicoens, para nellas fundar Conventos da sua Ordem, como fez, sujeitos á sua obediencia. O mesmo conseguiu na Hungria, e na Lombardia, donde foy ter depois; e em França beijou o pé ao Summo Pontifice Innocencio IV., o qual lhe confirmou todos os privilegios, e possessoens da sua Ordem. Voltou para a patria, e no fim de huma longa idade, pondo-o tambem aos seus bem empregados dias, foy sepultado o seu corpo na mesma Igreja, que elle levantára em honra da Seubora, no lugar da miraculosa batalha, e sua alma iria receber do Supremo Rey o justo premio dos seus merecimentos.

Se não taõ dilatado, outro não menos glorioso hemispherio nos offerece aos olhos este nosso Mundo novo, e com muita especialidade a espaçosa campanha do Brasil, que parece o destinou o Ceo, com alguma Providencia, para collocar nelle como em Esfera particular dos seus luzimentos, e por huma bem comprida carreira de annos, como Cometas do valor, Rayos do esforço, e Astros dominantes, a muitos dos Principes, e Illustres Ascendentes de V. Excellencia.

Assim foy visto na Provincia do Rio de Janeiro, e por seu primeiro Povoador, fundador da Cidade,
e pri-

e primeiro Governador della, o Senhor Salvador Correa de Sá, primeiro tambem deste nome na sua Ascendencia, e quarto Avô de V. Excellencia. Sabio este Heróe da Fama, do Reyno para o Brasil, em companhia de seu tio Mem de Sá, (1) terceiro Governador do Estado, e Capital da Bahia. Com o mesmo se achou na primeira empreza de lançar os Francezes da Ilha de Villa-Gailon, na Enseada daquelle Rio, donde se baviaõ intruzamente fortificado, e alli por primicias do seu valor deo bastantes mostras de forte soldado, e destro Capitaõ.

A propria empreza tornou segunda vez com o mesmo Governador, que, depois de conseguida a victoria em duas perigosas batalhas, com Francezes, e Tamoyos, foy posto, e deixado alli por fundador, povoador, e Governador da nova Cidade. Neste emprego gastou alguns annos, concorrendo muito para o augmento daquelle Praça, seus edificios, e fortificaçoens com o seu cuidado, e ainda particular dispendio, trabalhando juntamente na guerra, e defeza dos Gentios, e com muy particular desvêlo na sua conversão. Segunda vez em tempos mais adiante tornou a governar a mesma Praça.

A esta mesma empreza do Rio de Janeiro, havia vindo da Corte o Capitaõ mór Estacio de Sá, outro sobrinho do Governador da Bahia Mem de Sá, e em dous annos, que lá assistio, e em varias, e repetidas pelejas, que houve com Gentios, e Francezes, conseguiu o seu esforço outros tantos triunfos, alcançados assim pelo forte do seu braço, como pelo catholico do seu espirito, que veyo a render, como tributo devido ao Ceo, ficando gravemente ferido na primeira batalha, que da segunda vez deo o Governador

(1) Era Mem de Sá, irmão do famoso Francisco de Sá e Miranda.

dor Mem de Sá aos Francezes , e Tcmoyos do Rio, e na qual derramou o sangue , e a poucos dias depois perdeu a vida.

Da mesma sorte acabou, com gloriosa fama, Fernão de Sá, filho do proprio Governador Mem de Sá, mandado por elle á Capitania do Espirito Santo, contra o Gentio levantado, que a destruiu, e depois de os vencer no primeiro encontro, vendeo no segundo a troco de muitas mortes a propria vida.

Neste mesmo Governo, e Provincia do Rio, e com as proprias, e conaturaes singularidades de piedade, e esforço, se vio succeder pelo tempo adiante o Senhor Mariim Correa de Sá, primeiro deste nome, e terceiro Avô de V. Excellencia.

Alli chegou tambem o Senhor Salvador Correa de Sá e Benavides, segundo Avô de V. Excellencia, e terceiro em ordem aos Governadores da sua Ascendencia nesta Capitania, merecendo pelo acertado, com que administrou este Governo, ser segunda vez condecorado com o mesmo emprego, de donde passando para o de Angóla na Africa, alli appareceo, como Cometa fatal aos contrarios, Rayo abrazador de Faimigos, e Astro Dominante daquelle Reyno, que do poder intruzo de Olanda restaurou para a Coroa Portugueza, restituindo a esta antigos dominios, accrescentando á sua Illustre Ascendencia novos creditos, ás Armas da sua Familia distinctos braçoens, e á sua Pessoa bem merecidos laureis.

Do sangue do Arminho, escrevem Authores, se tingiaõ as Purpuras mais finas para os Agigantados Monarchas da passada Antiquidade. Na idade presente o sangue puro de tantas Cercas Regias, e o derramado de tão preclaros Herócs, he

a tin-

a tinta finissima, com que se podia dar côr ás merecidas Tôgas para a levantada Estatua do fausto Nome de V. Excellencia; e para que ficassem estas mais refinadas, ou vivas, bem as podia retocar daquellas novas côres, que na rectidaõ, com que obra naõ deixa de tea V. Excellencia muy apurado o antigo esplendor do seu sangue.

Das mais ricas fabricas cortavaõ tambem os Soberanos de outros seculos as soberbas Opas, com que cobriaõ os hombros, e ornavãõ as Pessoas; a de V. Excellencia, para seu ornato, dos feitos magnanimos dos seus Antepassados, pôde cortar as melhores roupas; e para que appareçaõ estas mais roçagantes, bem as pôde forrar com a preclara téa das suas acções.

E para que estas naõ sabissem da esfera determinada dos seus Illustres, e fortes Ascendentes nesta propria do Brasil, donde luziraõ Astros superiores, como hum destes havia ser V. Excellencia tambem collocado; aquelles fazendo o seu influxivo curso para o Sul deste hemispherio, e V. Excellencia mostrando o seu benigno aspecto para o Meyo dia deste. Tudo devemos á acertada disposiçaõ do primeiro Movel da Monarchia Lusitana, o Fidelissimo Rey D. Joaõ V. de saudosa memoria, que como Intelligencia superior deste novo Orbe, nesta parte delle taõ principal, como Pernambuco, quiz tivesse na carreira dos Astros Ascendentes de V. Excellencia, entre os mais o quarto lugar como Sol, e com muita propriedade, Sol, aqui. Porque, se Pernambuco he a parte mais Meridional de todo o Brasil, e o Meridiano he a Estação, onde mais sóhe, e se exalta o Sol, como Sol no seu Zenith, no seu auge, ou na esfera dos seus mayores luzimentos,
está

está *V. Excellencia* collocado no Governo de Pernambuco da Provincia do Brasil.

Aqui está *V. Excellencia*, e aqui largara eu a penna, se esta se consultara só com aquella modesta repugnancia, com que ouve *V. Excellencia* os seus elogios, sendo estas, só, as verdades unicas, que achão pouca acceitação em seus ouvidos. Mas, sem offender aquella, devo attender a estas, como do seu Trajano dizia Plinio. (1) E que diriaõ as virtudes de *V. Excellencia*, se lhes não impedira a voz aquella prudente moderação, com que a dar-lhes o ser, juntamente lhes intima a ellas o silencio, e a mim o receyo de não malquistar-me com o genio de *V. Excellencia*, quando desejo, e devo só aplaudí-lo.

Que diria do Zelo, Justiça, e Prudencia, Virtudes singulares, e as principaes, que além de outras consequentes se devem achar em quem Governa, e Preside, e em nenhum melhor que em *V. Excellencia* se admiraõ praticadas. A Prudencia, com que attende, com distincão as Pessoas, ouve com socego as queixas, e satisfaz com equidade as partes? A Justiça, com que na distribuição dos cargos reparte os premios á igualdade do merecimento, e não ao dictame da vontade, ou á força do empenho.

O Zelo, sem repetirmos o que ao serviço do Scberano, augmento da Coroa, e conservação do Estado pertence, e he nelle *V. Excellencia* taõ extremado; pelo que toca á honra, veneração, e culto de Deos, que he o Rey dos Reys, e Senkor dos Senhores, ainda o he muito mais. Pois, para que este se infunda com effeito no coração, e alma de todos, he

** 2

V. Ex-

(1) Nec minus considerabo, quod aures ejus pati possunt. quam quid virtutibus debeat. Plin.

V. Excellencia o primeiro, para o executar a praxe: assistindo, sem haver occupação, que o divirta, nos Templos aos Officios Divinos, e Prégações do Evangelho; frequentando o Sacramento da Penitencia, não só nas festas principaes do preceito da Igreja, tambem em muitas particulares, e da sua devoção, e ao tremendo Sacrificio da Missa todos os dias; e em todas estas funções sagradas, sempre devoto, como perfeito Christão, e attento sempre, como bom Catholico.

Que diria das grandes, e continuadas esmólas, com que acóde V. Excellencia aos communs, e publicos Pedintes todos os dias, e especialmente ao Sabbado de cada semana ás portas do seu Palacio; mas ainda as occultas, e participadas a Pessoas particulares, e Indigentes? Algumas expressões mais individuaes desta summa piedade de V. Excellencia podiamos repetir aqui, se não fóra pela modesta razão, com que V. Excellencia procura occultar aos olhos do mundo o mais precioso das suas virtuosas acções.

E que diria disto mesmo, que a tudo dá o mayor realce, e he o seu mais a vultado timbre? Que diria daquella discreta prudencia, com que, sabendo-o repartir tam bem com huma mão, com outra o intenta esconder, e ambas vem a descobrir, que sendo isto chãma nascida do grande fogo da charidade, que arde em seu peito, passa a incendio, que o manifesta; e por mais que appetça o dissimulo, aquelle entrar tristes, o sabir alegres, ou consolados os pobres o está mudamente publicando, como de outro similhante cantou Claudiano.

Affiduos intrare inopes remeare beatos.

E que

E que mais diria? Diria, que até os Meninos o estaõ acclamando pelas ruas, quando prostrados aos pés de V. Excellencia lhe tomaõ alegres a bençaõ, sinal evidente, e certa demonstraçã de que ainda os mais innocentes, e desinteressados, o venerã como a Pay, e honraõ como a Senbor. E quem naõ dirá que, entre os que dá o mundo todo, este para hum sujeito de distincã, he o mais cabal, e perfeito louvor? (1)

E que diria por fim? Diria, que se he accidente da Fortuna o nascer Illustre; e que supposto deve muito V. Excellencia a este accidente, naõ deve tambem pouco a si mesmo. Porque se aquelle foy lustre albeyo, que resultou com o sangue, este he esplendor proprio, que fabricaraõ os meritos, para Coroa do primeiro. Oh e quantas Coroas pôde acrescentar V. Excellencia ao Illustre do seu sangue, com os creditos do seu Nome!

Bem pôde, pois, sabir o Faustiſſimo Nome do Senhor S. Fozé, e que deo o principal assumpto á nossa penna, subscripto, e rubricado com o nome plausivel de V. Excellencia, a quem ella consagra os seus toscos rasgos, buscando, como a centro de suas devidas submissõens, as respeituosas aras de V. Excellencia, adonde espera sejaõ tam bem acceitos seus fumos, gloriosamente ambiciosos, como foy sempre quem os offerece.

Ouvio-me V. Excellencia recitar muitas destas presentes Oraçoens, e havendo eu merecido por ellas a boa attençaõ, com que sabe V. Excellencia honrar a todos, hoje buscaõ em o seu patrocínio aquella sombra, que costuma fazer-se, á imitaçã da do Sol, respeitada, sobre benefica; pois acolher-se

(1) Ex ore Infantium perfecisti laudem. Psalm. 8. 3.

se á de V. Excellencia he ambiçãõ; de querer participar das saus luzes; que ainda que por excessivas, poderiaõ abrazar, com o respeitoso do seu fulgor, o leve deste meu obsequio; por temperadas ao genio da sua benignidade, sem consumir, o podem illustrar; estylo certamente de luzes soberanas. (1) Naõ se contenta com menos Numen o meu alento, ainda que naõ encha todo o sacrificio o culto da minha veneraçãõ, pelo curto da sua offerta.

Todos estes presentes discursos gozaraõ ja da luz publica, quando sentiraõ as oppressõens do prélo. As tres Practicas da Novena do Senhor S. Jozé, com o Sermaõ do dia, que saõ o objecto principal do presente obsequio, com a da Acclamaçãõ do Fidelissimo Monarcha D. Jozé I. foraõ consagrados, quando se imprimiraõ, ao mesmo Senhor. Por aquella vez foraõ render Vassallagem a este Fidelissimo Monarcha, como a Senhor soberano, agora vaõ tributar obsequios a V. Excellencia como a Mecenas muy Illustre: Alli, guiou-os o respeito ao Principe, aqui leva-os a obrigaçãõ ao Patrono.

De alguns Gentios se diz, que adorando por Deos ao Sol, offereciaõ alegres seus sacrificios a este Monarcha das luzes, quando no horizonte o viaõ nascer. (2) Eu apresento este holocausto a V. Excellencia, a quem venero Mecenas, quando nos acompanha o susto, de que, como Sol, que he deste hemispherio, ja se vay a pôr. Lá faziaõ elles o costumado obsequio, quando o seu Principe os começava a ver: Eu aqui dedico a V. Excellencia que he o meu Patrono, esta victima, quando suspeitamos nos quer deixar. Elles mostravaõ naquella antici-

pada

(1) Et videbat quod rubus arderet, & non combureretur. Exod. 3. 2.

(2) Adelebant ad ortum Solis.

pada ceremonia, o quanto pareciaõ intereffeiros: Eu, com este devido tributo, declaro só o como sou a gradecido.

Mas agora reconheço por diminuta a minha penna, quando se atreveo agradecida a expressar com os seus limitados, e toscos caracteres as illustres prendas de V. Excellencia: mas tambem alcanço, não nascer este defeito, tanto do rude, e rasteiro do meu discurso, quanto do subido, e inexplicavel do objecto, que se lhe offerceo por empresa. Succedeo-me sem duvida com o Retrato de V. Excellencia, (porque tanto pinta quem escreve, como escreve quem pinta, (1)) o que a Apélles com huma pintura de Antigonno. Tinha este Principe algum defeito em hum dos olhos, e a querê-lo debuxar Apélles, achou-se embaraçada a verdade da Imagem com a cortezania do Pintor. Delinear a falta, era desatenção conhecida, com visos de atrevimento; emendar o defeito, era arte da lizonja, com realidades de mentira. E que fez o Pintor, para nem descabir do veridico, nem incorrer na indignação? Fez o que devia, como Apélles. Formou obliquo, e de hum só lado, ou face aquelle Retrato: para que ficasse assim faltando na pintura com destreza, o que faltava no Original por defeito. (2)

Isto me há succedido a mim; mas pelo contrario. Quiz sabir a minha Idéa com huma perfeita copia das altas prerogativas de V. Excellencia, e levantar-lhe huma Estatua proporcionada á grandeza do Nome, e por mais que intentou apurada repetir attenta o pincel, e metter ajustadas as côres ao agigantado

(1) Pictura est oratio tacens, oratio autem pictura loquens. Symonid.

(2) Ex cogitata ratione vitia condendi. Obliquum namque fecit, ut quod corpori deerat, picturae potius deesse videtur. Plin. lib. 35. cap. 10.

gantado do corpo , veyo a sabir com huma Imagem obliqua , que apenas mostra hum só lado das grandes prendas do seu Original, sendo as sobradas perfeçoens do Exemplar defeito preciso da pintura, pois ainda o pincel do mesmo Apélles, e as penas mais cultas dos que escreveraõ melhor, não passariaõ de debuxar ametade , se se encontrassem com a subida empresa desta nossa ; porque o todo do seu Objecto não póde caber em quadros , por mais que estendesse todos os seus a voadora Fama, ajustando aqui para esta effigie de V. Excellencia a quella Epigrafe , que a outra similhante Imagem gravou por empresa o discreto Vabusio, mudando-lhe sómente para o de V. Excellencia o nome daquelle.

Dimidium pinxit qua dextera te, Ludovice,
Norat, quod totum pingere nemo potest.

E assim, turbada a Idéa, confusas as côres, e embaraçadas as linhas, deixo o pincel, largo a pena, e arrojoo as tintas, consagrando só o meu sincero affecto aos pés da sua levantada Estatua, e o humilde deste meu discurso á benefica sombra do Illustre Nome de V. Excellencia, que Deos guarde para outros mais altos, e bem merecidos empregos, e para glorioso, e cabal assumpto de outras mais subidas pennas, do que a deste

Humilde Orador de V. Excellencia,
que lhe beija as mãos

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ.

LICENÇAS

DA ORDEM.

CENSURA DOS MM. RR. PP. MM. Fr.
Timotheo da Conceição, e Fr. João de Santo Thomaz, Qualificadores do Santo Officio &c.

N. R.^{mo} PADRE COMMISSARIO GERAL.

Resignados na obediencia de V. Reverendissima, temos lido com toda a attenção o livro de Sermoens intitulado: *Jaboataõ Mystico em Correntes Sacras dividido*, composto pelo M. R. P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor actual, e Chronista da santa Provincia de Santo Antonio do Brasil: E para explicarmos o nosso parecer, como V. Reverendissima manda, nos achamos com a mesma perplexidade, que teve Santo Anselmo, quando quiz escrever huma de suas Cartas: *Cum tibi propono scribere: incertus sum undè potissimum exordiar allocutionem meam. Quidquid enim de te sentio dulce, & jucundum est cordi meo; porque se olhamos para a erudição copiosa do Author, para o elevado dos Assumptos, para o sublime dos Conceitos, e para a exposição natural das Escrituras, que logo á primeira vista admiramos: Dulce, & jucundum est cordi nostro: se olhamos para o fraternal amor,*

Anselm. lib.
I. Epist. 4.

que

que com elle temos, ainda sem intuitivo conhecimento, por ser de huma Provincia, que sahio da nossa, que he em tudo a mesma, por mais que o pleiteem as divisoens: *Dulce, & jucundum est cordi nostro.* Por isso tudo, o que se acha de bondade no livro, e no Author não póde deixar de nos agradar, porque tudo redundando em credito nosso; e por esta reciprocação de fortunas, com verdade nos podemos adaptar aquellas affectuosas expressoens do mesmo Santo em outra Carta: *Sicut enim bona nostra, si qua sunt, esse vestra optamus; ita vestra quaecumque sunt, esse non nostra nequaquam putamus.* As quaes razões, bem ponderadas, não podiaõ deixar de nos deixar perplexos, para havermos de declarar o nosso parecer: *Incertus sum, unde potissimum exordiar allocutionem meam.*

Porém, de posto todo o affecto, que podia accusar suspeiçaõ, obrigados do preceito, nos resolvemos a dizer, que he tal a erudiçaõ, a facundia, e a formalidade, com que o Author escreveu este livro, que isso só bastava para o acreditar de insigne Escritor, e para o dar a conhecer na palestra literaria pelo Sol dos Escritores: porque se para se conhecerem as actividades do Sol, não he preciso verem-se todas as suas luzes, e huma só basta para informar ao mundo todo dos seus muitos resplendores, sendo os livros, como discretamente diz Sydonio Apollinar, Espeelhos, em que se vem os talentos, e as luzes da Sabedoria dos Authores: *Ita mens patet in libro*

libro, veluti vultus in speculo, bem se de-
 xa ver neste livro só, quam elevados são os
 resplendores deste Sol Americano. Por isso
 não sem mysterio o intitulou: *Jaboataõ My-
 stico*, que he hum Rio com este nome, ou
 hum lugar, que servio de berço ao Author,
 que não póde deixar de ter as propriedades
 de Sol, para lhe communicar os seus resplen-
 dores; pois ja houve Rio, que se converteo
 em Sol, e em luzes: *Parvus fons, qui crevit in*
fluvium, & in lucem, solemque conversus est;
 porque como aos Sermoens, que encerra o li-
 vro, dá o titulo de Fontes, a ser cada Sermaõ
 huma Fonte, precisamente ha de ser o livro
 hum Rio. Sim, he Rio taõ abundante de a-
 goas de celestiaes doutrinas, porque nas suas
 Correntes se acha o ouro das virtudes: *Tor-*
rentes aurei sunt doctrine caelestis effluen-
tia.

1^o Th. 10. v. 6.

Laur. verb.
Fluvius.

Em fim, se ja huma pequena Fonte fez
 hum grande Rio, não póde este Jaboataõ
 deixar de ser Rio muito mayor, porque são
 muito grandes as Fontes, que para elle cor-
 rem. E estamos certos, que quem chegar a
 beber destas Fontes, lhe ha de succeder o
 mesmo, que refere Berchorio daquellas agoas,
 que quanto mais se bebiaõ, mais, e mais se
 desejavaõ: *Quot plus sunt potæ, plus sitiun-*
tur aquæ; pois aindaque seja mais facil fa-
 ciar-se o appetite com a bebida, do que com
 o alimento solido, segundo o sentir de Hypo-
 crates: *Facilius est repleri potu, quam ci-*
bo, com tudo, quem beber das Fontes deste

Hypoc. lib.
2. Aphorism.
21.

Rio, que tem celestiaes correntes, nunca poderá faciar a sua sede, e o seu appetite, sem chegar a engolfar-se no mar immenso da gloria, que he o fim, que o Author teve, quando escreveo o livro: o qual, por não ter coufa alguma contra a Fé, e bons costumes, nem contra as Constituiçoens da Igreja, e da Religiaõ merece se dê ao prélo. Este o nosso parecer, V. Reverendissima mandará o que for servido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio aos 9. de Junho de 1758.

Fr. Timotheo da Conceiçaõ,
Ex-Leitor, e Custodio.

Fr. Joaõ de Santo Thomaz,
Ex-Leitor, e Guardiaõ.

Fr.

FR. Pedro Juan de Molina , Leçtor de Sa-
grada Theologia , Theologo de Su Ma-
gestad Catholica en la Real Junta , por la
Immaculada Concepcion de Nuestra Seño-
ra , Ex-Ministro General de todo el Orden
de Menores de Nuestro Serafico Padre San
Francisco , y en esta Cisimontana Familia
Commisario General , Visitador Apostolico,
y siervo &c.

POr el tenor de las presentes , y por lo que
à Nòs toca , concedemos nuestra bendi-
cion , y licencia al Padre Fr. Bonifacio de
San Antonio , Hijo de nuestra Provincia de
San Antonio del Brasil , de Menores Descal-
ços , y su Procurador en la Corte de Lisboa,
para que pueda dar à la prensa un libro , que
ha compuesto el Padre Fr. Antonio de Santa
Maria Jaboataõ , Diffinidor actual , y Chro-
nista de dicha nuestra Provincia de San Anto-
nio del Brasil , cujo titulo es : *Jaboataõ My-
stico em Correntes Sacras dividido* ; attento,
à que haviendose visto , y examinado de com-
mission nuestra , por Theologos de la Reli-
gion , nos asseguran , no contener cosa al-
guna contra nuestra Santa Fee Catholica , ni
contra las buenas costumbres , y que es di-
gno de darse à la luz publica. Y en todo lo
demas se observaràn los Decretos del Santo
Concilio de Trento , *ac cæteris de jure ser-
vandis*. Datis en este nuestro Convento de
Nuestro

Nuestro Padre San Francisco de Madrid en
14. de Julio de 1758.

Fr. Pedro Juan de Molina,
Commissario General.

Por mandado de S. P. Reverendissima.

Fr. Gabriel Lazaro.

Secret. Gen. de Descalzos y Recoletos.

Reg. tit. Prov.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURADO M. R. P. M. Fr.
Estevaõ Cardoso Telles, Qualificador
do Santo Officio &c.

ILLUSTRISS. E REVEREND. SENHORES:

VI o manuscrito, e o mais que se pretende reimprimir, cujo titulo he: *Faboataõ Mystico em Correntes Sacras dividido*, e composto pelo R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, dignissimo Diffinidor actual, e Chronista da sua Provincia de Santo Antonio do Brasil, e fiz juizo de que naõ tem cousa, que se opponha á nossa Santa Fé, ou bons costumes, e que se lhe póde conceder licença, com a mesma razãõ com que se concedo faculdade para se dar ao prélo a mesma Obra, que agora intenta reimprimir. Este o meu parecer, Vossas Illustrissimas farãõ o que forem servidos. Lisboa, Convento de S. Domingos 16. de Agosto de 1758.

Fr. Estevaõ Cardoso Telles.

CENSURA DO M. R. P. M. DOUTOR
Fr. Jozé da Ave Maria Leite, Qualifi-
cador do Santo Officio &c.

ILLUSTRIS. E REVEREND. SENHORES.

EM observancia da ordem de Vossas Illustrissimas, vi com attençaõ o manuscrito, e o mais que se pertende reimprimir, cujo titulo he : *Jaboataõ Mystico em Correntes Sacras dividido*, e nelle naõ encontro cousa dissonante aos Sagrados Dogmas da nossa Santa Fé, e bons costumes, antes acho muita erudiçaõ Sagrada, e Ecclesiastica, por cujo motivo se faz digno da licença, que pede seu Author o M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor, e Chronista da Provincia de Santo Antonio do Brasil, da sagrada Religiaõ Serafica. Este o meu parecer, Vossas Illustrissimas determinarãõ o mais acertado. Convento da Santissima Trindade de Lisboa, 25. de Agosto de 1758.

Doutor Fr. Jozé da Ave Maria Leite.

Vistas as informaçoes, póde-se reimprimir o livro, que se apresenta, intitulado: *Jaboataõ Mystico*, e depois voltará conferido, para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 25. de Agosto de 1758.

Silva. Trigoso. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr.
Antonio do Amor de Deos, Padre da Pro-
vincia de S. Francisco de Portugal,
e Qualificador do Santo Officio.*

EX.^{mo} E R.^{mo} S E N H O R.

Muitas vezes dezejey merecer a honra de obedecer aos preceitos de V. Excellencia; porêem este com que me manda ver o livro, que compôs o P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, filho da santa Provincia de Santo Antonio do Brasil, de minha Serafica Religiaõ, a que dá o titulo de *Jaboataõ Mystico* fez converter todo o dezejo da minha obediencia em huma gostosa recreaçãõ; porque aquelles assumptos, em que a suavidade da liçaõ se vê unida com a utilidade da materia, de tal sorte suavizaõ, e trocaõ, o que podia parecer aliàs custoso sacrificio de algum trabalho, em divertimento, e recreaçãõ, que tiraõ toda a difficuldade da vontade para o rendimento da obediencia.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci, Horat. in Art.
Leãtorem aeleãtando, pariter monendo.

O Author deste livro, unindo nelle a utilidade com a doçura, o delineou com idéas taõ singulares, assumptos taõ proprios, reparos taõ agudos, conceitos taõ elevados, e estylo
**** taõ

taõ elegante , que se bem em huma só linha , que tirava o grande Apélles, expressava a valentia do seu pincel , o R. Author neste livro todo seu , em poucas clausulas ostenta na suavidade de suas palavras , e na utilidade da materia a singularidade de sua elevada pena , fazendo-se em cada huma das Correntes, em que dividio este seu *Faboataõ Mystico*, norte dos Oradores Evágelicos, idéa de santos costumes, thesouro da melhor eloquencia, e argumento de muitas noticias; pois sem faltar ás pontualidades do Sagrado texto unio com as humildes persuasões da moralidade as mais altas maximas de hũa Catholica politica , admirando com os seus discursos Evangelicos , e aproveitando com as suas ponderações , e politicas observaçoens , e persuadindo com taõ selectas doutrinas a seguir as mais solidas virtudes , com palavras taõ mellifluas , que escutando-as com gosto o sentido , refundem na alma hum grande aproveitamento ; preceitos com que Santo Agostinho deixou vinculados os Escritores Evangelicos para a mais perfeita elegancia de suas Oratorias , quando ponderando em David o Psalm. i. in Prolog. disse : *Ut dum suavitate carminis mulcetur auditus Divini sermonis pariter utilitas inferatur.* Justamente se põem a este livro o titulo de *Faboataõ Mystico* ; porque alludindo este titulo áquelle Rio , que no murmurinho de prateadas ondas , com clarins de crystal , quiz mostrar á propria natureza , que em perolas , e aljofar retratava os applausos devidos

dos ao Nascimento de hum Heróe, que o havia de fazer celebre em todo o mundo, quando no prélo de seus Escritos o vulgarizasse ; esta he dos famosos Rios a mais benigna condição, que lhe reconheceo o Author do Mundo Symbolico quando contéplando-a, lhe increveo este Lema: *Mundat, & munit*: ou como melhor contemplando a doçura, e utilidade de suas agoas, disse: *Rigat, ut erigat*: que foy o mesmo, que deixou escrito hum famoso Poeta :

Ut erigat vireta, risus irrigat.

Diffundindo-se pois por tantas Correntes as mysticas agoas da doutrina deste Jaboataõ, naõ deixarão de achar nellas os fieis implicadas a doçura, e a utilidade na elegancia de suas palavras, e erudição de suas doutrinas; protestando ja na demora, com que se retardarem as affluencias de taõ deliciosas correntes, aquelle prejuizo, que á natureza ensinou a propria experiencia :

Claude Poli fontes, arida corde manant. Carducius.

Para que os nossos coraçoes naõ padeçaõ o tormento da infaciavel sede de nossos desejos, permitta V. Excellencia que corraõ neste hemispherio as deliciosas correntes deste Rio, para que bebendo todos as agoas de huma Evangelica doutrina, achem na doçura das palavras o refrigerio de seus infaciaveis desejos, e na erudição de seus conceitos aquella

utilidade, a que se encaminhaõ os documentos de hum Orador Evangelico, a cujos louvores naõ chega o meu conceito; porque naõ póde chegar o encarecimento, aonde se remonta o merito: mas fica-me sómente a gloria de ficar conhecendo neste mappa pelo dedo a grandeza de hum Gigante, e pelas sombras da copia as luzes do mais famoso original, que ajustando-se em tudo ás obrigaçoens de hum egregio Escriitor, nada escreveu neste livro, que se opponha ás determinaçoens da Santa Madre Igreja, dogmas de nossa Santa Fé, e bons costumes, ou Constituiçoens deste Patriarchado: por cujo respeito me parece he digno de se imprimir este livro, e que merece o seu Author a licença, que pede. Este he o meu parecer, que naõ obstante mandará V. Excellencia o que for servido. Lisboa no Convento de Santo Antonio, em 6. de Settembro de 1758.

Fr. Antonio do Amor de Deos.

Vista a informaçãõ, póde-se imprimir o livro, de que trata a petiçaõ, e depois de impresso voltará conferido, para se lhe dar licença para correr. Lisboa 11. de Settembro de 1758.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A C, O.

C E N S U R A D O M. R. P. M. Fr.
Affonso da Expeçtação, Diffinidor actual
da Provincia de Santo Antonio de
Portugal.

S E N H O R.

Vossa Magestade me manda ver o livro de Sermões, que compôs, quer fazer imprimir, e reimprimir o M. R. P. Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboataõ, Diffinidor actual, e Chronista da Reformada Provincia de Santo Antonio do Brasil da primeira Ordem de meu Serafico Patriarcha S. Francisco, cujo titulo he: *Jaboataõ Mystico em Correntes Sacras dividido*, para nelle dar o meu parecer; sendo eu aquelle indigno filho da Provincia de Santo Antonio de Portugal, que á voz de V. Magestade fui mandado vir no mez de Abril para o emprego na Religiaõ, a que não cuidava caminhar, nem pertendia chegar, intimando-se-me ser da sua Real vontade a minha acceitação, e vinda para este Convento de Santo Antonio, aonde me estava parecendo certo não haver em mim fimal algum para lembrança de meu nome na Corte! Pois permitta-me V. Magestade dizer aqui tudo o que na verdade sinto.

Do sublime Throno, sobre o qual collocado por muitos annos goze felizmente da Monarchia, se digna V. Magestade honrar a
hum

Pfalm. 112.
v. 5. & 6.

hum dos seus vassallos Menores, o mais pequeno, usando commigo daquelle attributo, que por participaçãõ lhe vem, como lhe pôde vir, do Supremo Rey dos Reys Deos Senhor Nosso: *Qui in altis habitat, & humilia respicit*, e para dar o meu parecer, conheço que devo dar as graças por esta mercê de mandar remetter para a minha maõ este livro, antes q̃ tomar delle conhecimento para effeito de censura: *Video ne tam proferre iudicium meum, quam referre gratias videar*; devendo tambem dá-las pelas outras, que confesso ter recebido.

Plin. Jun. 9.
Epist. 8. Epif

Como porêm o preceito, posto que com suave violencia, me obriga; naõ havendo respeito ás razoens de suspeiçãõ, que no estreito vinculo da fraternidade espirital entre mim, e o Author podem fundar-se, bem persuadido estou a que posso, e devo confessar, ainda com o mesmo Plinio, olhando para toda a obra apresentada no volume: *Sed licet videam omnia scripta sua pulcherrima existimo*, sendo, como he, taõ boa ja a acceitaçãõ, com que corre a proveitosa agoa da doutrina nos Sermoens por todos os principios excellentemente qualificados.

Idem Plin.
Jun. ibi.

Claud.

Principibus placuisse viris, non infima laus est.

Os quaes Sermoens agora com os registos de nove fontes se ajuntaõ na primeira *Corrente Sacra do Faboatãõ Mystico*, com os manuscritos de novo accrescentados, que saõ duas colum-

columnas engenhosamente ideadas , ou dous fundamentos , sobre que se levanta hum arco triumphal no principio da obra , e huma fonte no fim della para completar o numero de dez fontes , que póde ser com seu mysterio , tudo do mesmo Author com a energia , erudição nas Divinas , e humanas letras , e estylo taõ eloquente , adornadas as sentenças , e agudos os pensamentos , que me deixa ficar a muita distancia admirado , excedida a capacidade do meu conceito ; tendo mais para confessar , que me succedeo , vendo este *Mystico Rio* , sem poder sondar-lhe bem o fundo , o que disse de si o Principe da Filosofia Moral com hum dos escritos , que para seu exame lhe enviou seu amigo Lucillo : *Tanta autem dulcedine me tenuit , ut illum sine ulla dilatatione perlegerem , & non tantum dilectatus , sed gavisus sum.* Senec. Epist. 46.

Recreava-se Seneca alegrando-se interiormente em ler aquella Obra do seu amigo , sabendo estimá-la como merecia , mas eu admirando a perfeição desta com superioridade á minha comprehensão , mais me alegro ; porque vejo que he Obra de hum Escritor nascido em hum lugar da America conjunto ao Rio , que deo a esse lugar o nome , e ao mesmo Author o sobrenome : *Faboataõ* ; donde foy tomado para filho da minha Religião Serafica na Provincia de Santo Antonio do Brasil ; do qual a boa fama , depois de encher aquella parte da America , até onde tem chegado o ecco de taõ egregio Orador prégando , passa a divulgar-se

gar-se na Europa com applausos de Escriitor dignamente approvado, compondo, não só como admiravel Prégador Sermões, mas também como verdadeiro Chronista a Chronica da sua santa Provincia, com grande gloria della.

Gonzag.&c

Nesta grande gloria se interessa a Provincia de Santo Antonio de Portugal, estimando-a como propria, por ser a Mãy daquelles bons filhos, que no anno de mil e quinhentos e oitenta e quatro, desempenhando inteiramente o nome de Missionarios Apostolicos em beneficio das almas na Conquista de Pernambuco, puzeraõ a primeira pedra na fundação da Custodia de Santo Antonio do Brasil. Confirmada filha, e sujeita á mesma Provincia de Santo Antonio de Portugal por Bulla de Xisto V. dada em Roma em Santa Maria Mayor a tres de Settembro de mil e quinhentos e oitenta e seis, anno segundo do seu Pontificado.

Naõ teve força até hoje a divisaõ feita no anno de mil e seiscentos e trinta e sette, quando aquella Custodia de novo se creou em Provincia separada, para fazer separação de animos com o mais leve final de offensa no amor, com que mutuamente se amaõ huma, e outra, sendo de ambas muitos os filhos, que podem com sciencia experimental testificar desta verdade, não obstante a muita agoa do mar, que se mette de permeyo; e se nas causas da Religiaõ não são reprovados os depoimentos dos que nella professãõ, valendo-me deste direito continûo em depôr o que mais se me representa

presenta, vendo que o Author com taõ discreta diligencia soube descobrir as dez fontes originarias, que fazem copiosamente proficua a primeira *Corrente Sacra do Mystico Jaboataõ*.

Muitos foraõ os que antigamente puze-
raõ todo o cuidado em descobrir a origem do
Nilo, mandado Enviados até os ultimos fins
da Ethiopia, que buscaßem as fontes daquel-
le famoso Rio: assim o fizeraõ Sefestres, e
Philadelfo Reys do Egypto, Cambises Impe-
rador dos Perßas, e o Grande Alexandre de
Macedonia: naõ ficou pedra, que naõ moveß-
sem Julio Cezar, e o Imperador Nero, para
manifestar ao mundo os olhos de agoa, em
que principiava o nascimento do mesmo Ni-
lo; mas sempre baldadas as diligencias, guar-
dando-se este taõ desejado descobrimento pa-
ra aquelle, que no anno de 1618. o chegou a
conseguir verdadeiro em o Reyno do Impera-
dor da Abassina.

Estas diligencias, para achar a natural ori-
gem do Rio Nilo por muitos annos frustra-
das, soube o Author fazer por si proprio a res-
peito do Rio Jaboataõ na America em pou-
cos, com espirital utilidade de muitos po-
vos; pois vemos que ja descobrio dez fontes,
que concorrem para a primeira *Corrente Sa-
cra do Mystico Rio*, (e quem diz primeira, di-
vidindo-o em correntes no plural, esperanças
nos dá de descobrir mais fontes para multipli-
car as correntes) com a felicidade de que sendo
o proveito para as animadas terras, aonde a-

bran-

Lucan. l. 10.
Senec. lib. 6.
Nat. Quæst.
cap. 8.
P. Gasp.
Schot. l. 1.
da Anat.
flum.
apud Mund.
Symbol. l. 2.
cap. 25. n.
484.

Idem Picin.
ibid.n.483.

brangerem os effluvios do *Mystico Faboataõ*, a gloria he para a Provincia do Author ; porque de dentro dos seus Claustros sahe trasbordando o Rio , embora que traga por alluzaõ o seu nome lá de fóra : e se para idéa de hum Prégador abundante de fructos se pinta curiosamente o Rio Nilo com o Lemma : *Inundatione ferax*, accrescentando para aqui hum Poeta :

Arva rigat Nilus fluuius, sed pectora sermo;

Seja o *Faboataõ* aquelle Rio , que na America faça tanto ao proprio a figura do Nilo , applicando-lhe a mesma letra : *Inundatione ferax*, que parece estar claro no *Mystico* o emblema, para que a Religiaõ Serafica a huma vóz com a Provincia do Author diga :

Ovid. Fast.4.

Glorior, officiis profuit ille meis.

Lauret. verb.
Fluv.

Flor. Seraph
flos 13. lit. O
ex Alva ibi.

Naõ sendo improprio chamarem-se os homens Rios geralmente: *Fluvii generaliter dici possunt homines*; e podendo applicar-se de algum modo á Religiaõ Serafica o que da Igreja de Deos se diz : *Quæ dicuntur de Ecclesia Christi possunt suo modo applicari Religioni Seraphicæ Sancti Francisci* , muito mais tem que gloriar-se no Author a minha Sagrada Religiaõ ; porque se em Moysés tirado das agoas do Nilo se representa todo aquelle, que apparece no Rio deste presente mundo, sendo a filha do Rey a graça de Deos, que nos adopta filhos do mesmo Deos, tirados da arrebatada corrente deste seculo , e nos en-

trega

trega á mulher Hebreá , ou á que vay passando para o Ceo, a Sãta Madre Igreja, para nos criar:

Moyfès est quisquis in fluvio presentis est seculi ; filia Regis est gratia Dei , quæ nos fluxu seculi erutos in filios Dei adoptat, & Hebrææ, id est , transeunti in cælum Matri Ecclesiæ tradit nutriendos ; naõ sómente do Rio do mundo , naõ sómente adoptado filho de Deos pela graça , e entregue á Santa Madre Igreja para o criar como os mais Christãos; mas também tirado de hum lugar junto do Rio, de que conserva o nome para lembrança , e entregue demais á Religião Serafica para lhe dar a criação, que tanto bem aproveitou , temos ao Author adoptado pela graça de Deos; para que, além das obrigaçoens de Catholico, e Religioso trabalhe no serviço do mesmo Deos , prégando, e escrevendo entre os seus naturaes, como vemos, e esperamos ver nos seus Escritos.

O nome daquelle insigne homem , que tiraraõ quando menino de entre os juncos , ou espadanas , que na borda do Nilo produzia a natureza, interpreta-se Tomado das agoas, por causa da agoa da Sabedoria , da qual Deos o fez participante : *Moyfès sic dictus est quia sumptus ex aquis propter aquam sapientiæ, quam ei Deus impertitus est.* Fosse, ou naõ, natural o defeito da lingua, que elle confessava humilde , supprio o Senhor esse defeito, mandando que estivesse junto com elle o Sacerdocio em seu Irmaõ Aaraõ , que denota eloquencia : *Ut etiam datur , ut sit Moyfès designat eloquentiam :* e isto, que Deos remediou

Ex Hug. à S. Viçt. in Alleg. Exod. 1. apud Corn. Alap. in Exod. c. 2. v. 10. Exod. 2. v. 5.

Laur. & Alleg. verb. Moyfès.

Idem verbo Aaron.

com duas pessoas na figura, foy servido conceder liberalmente á pessoa só do Author.

Expôs Moysés ao povo todas as palavras, que o Senhor lhe mandara: *Exposuit omnes sermones, quos mandaverat Dominus*; porque com tal arte, e disposiçaõ pôs os preceitos nas segundas Taboas, que: *Literæ Tabularum erant magnæ, ut è minus legi possent à populo, ideoque ab utraque parte Tabularum scribendum fuit, ut in eis integer Decalagus scriberetur*: e se o fim dos Prégadores nos Sermones, que fazem, e escrevem, ainda quando louvaõ as virtudes dos Santos, he para que o povo se exhorte a observar primeiro que tudo os dez preceitos da Ley de Deos; póde fer que o Author mysteriosamente naõ descobrisse mais que dez fontes para formar a primeira *Corrente do seu Mystico Faboataõ*, naõ deixando de correr na sua maõ a penna para continuar a obra de outras muitas fontes, que façãõ mais abundante de salutiferas agoas o Rio, ao mesmo tempo, que naõ larga a de Chronista como Moysés; com a differença, de que se Moysés o foy sagrado, o Author o he da sua santa Provincia: para que pois a gloria da Religiaõ Serafica seja immortal, e a honra do Author sempre dure com utilidade publica, que mayor se espera do seu incansavel zelo, digno se faz do prélo este livro:

Porpert. 1. 3.
ad Cynthiã.

*At non ingenio quæsitum nomen ab ævo
Excidit; ingenio stat sine morte decus.*

Sem se impedir esta primeira *Corrente Sacra*,
que

que a outras se encaminha ; porque , como me parece , he justo conceder-se a licença, que pede , por não ter cousa que se opponha a Fé, e bons costumes , Real serviço , e Leys de Vossa Magestade, que mandará o que for servido. Lisboa em o Convento de Santo Antonio 29. de Settembro de 1758.

Fr. Affonso da Expeçtaçaõ.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tornará á Mesa, para se conferir, taxar , e dar licença para que corra , que sem ella não correrá. Lisboa 9. de Outubro de 1758.

Carvalho. Emmaús.

INDEX

DAS FONTES PANEGYRICAS,
e Sermoens desta primeira Corrente.

- F**ONTE I. *Practica I. de S. Fozé*, p. 39.
FONTE II. *Practica II. do mesmo*, p. 51.
FONTE III. *Practica III. do mesmo*, p. 65.
FONTE IV. *Sermaõ do seu Patrocínio*, p. 79.
FONTE V. *Oraçaõ Funebre nas Exequias do Fidelissimo Rey D. Joaõ Quinto*, p. 102.
FONTE VI. *Discurso Encomiastico na Acclamaçaõ do Augustissimo, e Fidelissimo Monarcha D. Fozé I.* p. 145.
FONTE VII. *Discurso Historico, e Panegyrico na nova celebridade do B. Gonsalo Garcia*, p. 167.
FONTE VIII. *Sermaõ de S. Pedro Martyr*, p. 225.
FONTE IX. *Sermaõ de Santo Antonio em dia do Corpo de Deos*, p. 249.
FONTE X. *Sermaõ de S. Fozé*, p. 273.



COLUMNA

PRIMEIRA,

PRIMEIRO PE,
OU FUNDAMENTO, SOBRE QUE SE
levanta o Arco triumphal, ou Triunfo glo-
rioso

DO SENHOR

SANTO AMARO,

PELA SUA MILAGROSA IMAGEM,
*venerada na Igreja Parochial do mesmo Santo no
lugar de Jaboatão, fabricado em dous discursos
Panegyricos, pregados, hum de manhã, e
outro de tarde, na festa, que se lhe fez
na sua Matriz no anno de 1739.*

Ecce nos. Matth. 19. 27.



ENTRE os Es-
pectaculos,
que na anti-
ga, e famosa
Roma mais levavaõ
apõs de si as attenções

do seu Povo, e arre-
batavaõ os animos,
de quem os via, foy
hum, a que chamavaõ
Triunfo. Era este Tri-
unfo, aquella primei-

A ra

ra Entrada, que faziaõ em Roma os seus Capitães, e Imperadores, quando das Conquistas, a que sahiaõ, voltavaõ triunfantes, deixando inteiramente vencida algũa Provincia, tomado algum Reino contrario, ou conseguida algũa notavel victoria. Celebravaõ-se estes triunfos com o mayor aparato, e ostentaçaõ, a que podia chegar o poder, e vaidade do vencedor; porque, além de outras grandezas, que deixou por menos necessarias, entrava o Imperador, ou Capitão, vestido todo de ouro, e purpura, sentado em hum carro triumphal, custosamente fabricado, pelo qual era costume tirarem boys ricamente adornados, excepto o carro triumphal do Imperador Julio Ce-

far, que foy levado por quarenta Elefantes, e o de Marco Antonio, que foy conduzido por muitos Leões. Trezentos e vinte e hum foraõ os triunfos, que se viraõ, e admiraraõ em Roma; e havendo entre elles alguma differença, na pompa, e grandeza, conforme a mayor, ou menor vaidade do vencedor, huma só cousa naõ faltava nelles, como timbre, ou realce, que os fazia mais gloriosos, e vinha a ser, que logo adiante do carro triumphal do vencedor, hia levantado em alto hum grande Estandarte, ou pendaõ, primorosamente lavrado, no meyo do qual se via debuxado com todo o primor, e destreza da arte, hum Pé de homem; para significarem assim com este

Pé,

Pé, que deixavaõ sujeitos , e subjugados aos Povos, e Gentes, contra as quaes tinhaõ sahido , e peleijado.

E se hum só Pé entre os Romanos fazia taõ glorioso, e subido o seu triunfo, que triunfo o mais subido, e glorioso naõ será, o que temos para ver hoje nesta Igreja, pois temos para timbre, e realce seu, naõ só hum, mas dous Pés! Dous Pés temos hoje, para vermos com elles o mayor triunfo, que neste dia, e neste lugar, alcança o melhor Capitaõ da milicia Divina, o Imperador, e Monarcha desta Igreja o Senhor Santo Amaro, a quem dedicamos hoje estes reverentes cultos, e offerecemos estes devidos obsequios. E quaes fe- raõ estes dous Pés? Para vo los mostrar

aqui melhor, vamos por elles primeiro ao Apocalypse. Em hũa mysteriosa representaçaõ, vio lá o Evangelista Profeta a hum formoso, e forte Anjo, que fazendo do Ceo para a terra huma como marcha, ou alarde, e formando com os dous Pés, que eraõ a maneira de columnas resplandecentes de fogo, hum como arco triumphal, assentou huma destas columnas, ou hum dos seus Pés sobre a terra, e outro sobre as agoas. *Et vi-* Apoc. 10. 1.
di alium Angelum fortem descendentem de caelo.. Et pedes ejus tanquam columna ignis,.. Et posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. E dizem aqui os sagrados Expositores, que huma das razões, porque aquelle Anjo ha-

via pôr hum Pé sobre o mar, e outro sobre a terra foy para mostrar, que o seu poder era o mayor que podia ser, assim em toda a terra, como sobre as agoas: assim como tambem este Anjo representava a Christo; porque este Senhor he aquelle, que tem o poder absoluto desses dous elementos: *Quidam alium Angelum fortem Christum magni consilii Angelum interpretantur.* Mas, eu parece-me, que sem violencia alguma podemos dizer, tambem hoje, que este Anjo representava ao Senhor S. Amaro, que nesta Igreja sua, que tambem he ceo na terra, o veremos nella com dous Pés, como columnas de luz, formar delles hum vistoso Arco, e pondo-nos nelle, como Estandar-

Apud.
Alap.
hic.

te glorioso dos seus triunfos, os seus dous Pés; para nos mostrar assim, o Senhor Santo Amaro, á imitação daquelle Anjo do Apocalypse, e á similitude de Christo, que nelle se representava, que tambem tem hum universal poder, assim na terra, como sobre as agoas. As agoas, e a terra, são as duas partes, de que se compõem esta nossa redondeza, ou mundo inferior, em que vivemos, e pizamos; e dominar todo este mundo, assim, com dous Pés, só, depois de Christo, o Senhor Santo Amaro. *Posuit pedem suum dexterum super mare, sinistrum autem super terram.*

E agora alcanço eu o grande mysterio, com que o Evangelista Profeta, como aguia, que era, fallando

do

do deste Anjo , não diz que vira hum Anjo, diz que vira outro tambem ; que tudo isto quer explicar não só o nome *Alius*, que significa outro , mas o adverbio *Et*, que quer dizer *Tambem*, ou do mesmo modo : *Et vidi alium Angelum*; não diz que vira hum , que vira só a Christo ; diz que vira tambem outro , para que entendessemos que esse outro era hoje o Senhor Santo Amaro : *Et vidi alium Angelum*. E aqui assentaõ agora as duas enfaticas palavras do nosso thema : *Ecce nos* : proferidas hoje com muita gloria sua pela bocca do Senhor Santo Amaro, fallando de si , e com Christo : *Ecce nos* : eis aqui estamos, Senhor, eu, e mais vós; vós, que representado

primeiro naquelle Anjo Divino , com hum Pé por columna sobre a terra , e com o outro sobre o mar , mostrais o poder universal, que tendes sobre estes dous elementos; e eu, que como outro Anjo tambem muito vosso semelhante , pelo poder, que de vós participo, sobre os mesmos elementos, tambem tenho hum Pé, como columna fixa sobre as agoas ; e assim bem posso dizer fallando hoje com vosco: *Ecce nos*.

Veremos pois, e este será o assumpto, veremos, como em hum formoso Estandarte , debuxados os dous Pés do Senhor S. Amaro, e sobre elles como sobre duas fortes, e resplandecentes columnas , levantado hum vistoso arco, no qual se significará o glorioso

fo triunfo, que nesta Igreja, com os seus dous Pés, confegue o Senhor Santo Amaro. De manhaã formaremos a primeira columna, e allentaremos o primeiro Pé deste arco sobre a terra; e o segundo o lançaremos de tarde sobre as agoas: *Posuit pedem suum dexterum super mare, sinistrum autem super terram.*

A fazer publico ao mundo, meu Santo glorioso, este vosso triunfo, foy vontade vossa vieise eu hoje a este lugar: e já que portantos titulos sou tambem todo vosso, fazei que, desterrada a minha ignorancia, possa mostrar agora, que, como vosso mais obrigado, satisfaço o meu desempenho. Fuy, vosso por nascimento e criação, sou vosso por affecto, e amor, e

ferei sempre vosso por obrigação, e divida. Naõ como paga, mas como tributo, acceitai agora este rendimento, pequeno no valor, muito grande na vontade, com que intento na fabrica deste discurso levantar hum Padraõ immortal dos vossos louvores sobre as luzidas, e fortes columnas dos vossos Pés. Bem conheço que he taõ difficullosa a obra, como o haver de trabalhar nella com hum Pé sobre a terra, e outro sobre a agoa: mas vós, que para tudo tendes Pés, como resplandecentes, e fortes columnas, com a sua fortaleza nos sustentai, para naõ cahirmos, ou no abyfmo da terra, ou no profundo das agoas; e com o resplandecente do feu fogo nos day a luz para
o acer-

o acerto, alcançando-nos a da Divina graça.

Ave Maria.

A Primeira base firme, e lustrosa columna, que logo se nos offerece, como em vistoso Estandarte, he o primeiro Pé do Senhor Santo Amaro, que posto sobre a terra começa a formar o formoso arco do seu glorioso triumpho. E de quem alcança o Senhor Santo Amaro este triumpho? E qual dos Pés de nosso Santo será este? Pouco tem que saber qual dos Pés do nosso Santo he este primeiro, com que triumpho na terra, se olharmos para aquella sua Imagem mayor, e repararmos bem o que falta nella. Todos sabem que lhe falta não menos que o Pé esquerdo quasi

todo; porque a fé, ou necessidade dos seus devotos lho tem comido quasi a bocados; pois, como reliquias, raspando-lhe os pés, os bebem com agoa. Este Pé do Senhor Santo Amaro, que tem sido, e será a botica universal dos seus devotos, he o primeiro Pé do nosso Santo, que posto sobre a terra: *Posuit pedem suum sinistrum super terram*, lhe começa a mostrar aqui a seu glorioso triumpho. E sabem de quem alcança aqui o Senhor Santo Amaro este triumpho? Eu o digo.

Os mayores contrarios, que tem o nosso corpo, são os achaques, as doenças, e as enfermidades, inimigos tão fortes, e robustos, que cada hum delles só por si basta para nos arruinar a
fau-

faude, e despojar da vida. E os mayores contrarios destes inimigos, são só os Santos; porque aquella enfermidade, que não póde vencer a medicina com a sua natural virtude, só hum Santo a sabe destruir com o seu efficaz patrocínio. Grandes tem sido os triunfos, que em todas as partes tem conseguido os Santos todos, em remediar as necessidades dos seus devotos: mas foraõ triunfos, em que faltou o Estandarte deste Pé; porque curaraõ, e curaõ ainda com outros remedios, e são advogados de outras partes do nosso corpo: só o triunfo, que nesta Igreja consegue o Senhor Santo Amaro, a respeito dos mais Santos, he o mayor, que póde ser; porque aqui leva o Senhor

Santo Amaro por timbre, e realce no Estandarte das suas victorias este primeiro Pé, que fórma o arco dos seus triunfos sobre a terra; porque na terra elle he o Advogado dos nossos pés, e porque só elle com a milagrosa terra dos seus Pés cura todas as nossas anfermidades: comecemos pela primeira parte.

He o Senhor Santo Amaro o Advogado dos nossos pés; e taõ glorioso considero eu já por esta parte este seu triunfo, que excedendo o Senhor Santo Amaro, por elle, aos mais Santos, só mostra ter similhanças com o mesmo Christo. He o Senhor Santo Amaro o Advogado dos nossos pés? Pois cedaõ, e dem lugar os mais Santos; porque esta excellencia he só propria

pria do Senhor Santo Amaro, pois he particular só de Christo.

Ao entrar o Principe dos Apostolos S. Pedro no Templo de Jerufalem a fazer oração, hum homem tolhido de ambos os pés, que alli costumavaõ pôr todos os dias á porta do Templo, para pedir esmóla aos que entravaõ nelle, a pedio tambem ao Santo Apostolo. Naõ teve S. Pedro, que lhe dar, ouro, nem prata, e deo-lhe a saude do corpo; porque os bons sempre daõ mais do que se lhes pede, ficando o que atelli era tolhido, com ambos os pés saõs, e sem lezaõ alguma:

A&tor. *Protinus consolidatæ*
3. 2. 7. *sunt bases ejus.* Mas
8. he muito para notar o modo, com que S. Pedro curou os pés áquelle aleijado: *In no-*

mine Jesu Christi Nazareni, surge, & ambula. Homem, diz S. Pedro ao aleijado, fahe que esta cura, que agora recibes nos pés, naõ sou eu o que te a faço; porque o mesmo Christo he quem te cura, ou eu em seu nome: *In nomine Jesu Christi.* Notavel advertencia por certo! E que motivo haverá, para que S. Pedro advirta áquelle aleijado, que quem lhe cura os pés he Christo, e naõ Pedro? Em outras enfermidades, fahemos nós que as curava S. Pedro, e só com a sua sombra. Punhaõ os moradores de Jerufalem os seus enfermos pelas praças, e ruas da Cidade, para que, quando S. Pedro passasse por alli, ao menos a sua sombra tocasse aquelles enfermos; e isto só bastava,

B pa

Acto.
5. v.
15.
para que ferassem todos de qualquer enfermidade : *Ut veniente Petro , saltem umbra illius obumbraret quemquem illorum , & liberarentur ab infirmitatibus suis.* Pois , se as mais enfermidades cura S. Pedro só com a sua sombra , e cura-as elle só per si , como adverte agora a este aleijado , que quem o cura he Christo , e não elle : *In nomine Jesu Christi ?* Porque não ha de S. Pedro curar este achaque dos pés , assim como cura as mais enfermidades ? O porque está evidente. He porque curar pés , dar faude a aleijados , isto só Christo o póde fazer , e em falta de Christo , só o Senhor Santo Amaro o faz tambem. Curará S. Pedro outras enfermidades , e as curará só

com a sua sombra ; porém dar faude a aleijados , curar pés enfermos , isso , nem por sombra o fará S. Pedro ; porque isto he só para o Senhor Santo Amaro , porque isto he só tambem do mesmo Christo : *In nomine Jesu Christi.* Vejaõ agora lá se eu dizia bem , que o triunfo , que nesta sua Igreja alcança o Senhor Santo Amaro , he o mayor que póde ser ; pois , excedendo por elle aos mais Santos , só quer , e pertende similhaças com o mesmo Christo : *Ecce nos.*

Mas para admirarmos melhor este grande triunfo do Senhor Santo Amaro , por Advogado dos nossos pés , ainda veremos mais , e veremos que , por Advogado dos nossos pés , taõ equivocado ficou o Senhor S.

S. Amaro com Christo, que em certo modo assim como Christo concorre, como causa primeira, para a formação do homem no ventre materno, quiz concorrer também o Senhor Santo Amaro para a formação do mesmo homem depois de nascido; e nos mesmos pés do homem, de quem o Senhor Santo Amaro he Advogado, temos o fundamento para o que dizemos.

He questaõ curiosa, entre muitos Medicos, e Filósofos, assim antigos, como modernos, qual seja a parte do nosso corpo, que se fórma primeiro, depois de concebido o homem no ventre materno. Galeno sente, que se fórma primeiro o figado, como fonte principal de todo o sangue. Aristoteles af-

firma, que he o coração, como Principe da nossa vida. Avicenna escreve, que he o Umbelico, como passo primeiro para todo o alimento. Lactancio julga, que he a cabeça, como palacio superior dos sentidos. Plutarcho entẽde, que são as costas, a quem elle com muita propriedade chama, *Quilha da Náo*, *Carinam navis*, intitulado ao homem baixel humano, á imitação da náo, que primeiro se lhe fórma a quilha. E finalmente são tantas, e taõ varias as opiniões, quantas são as partes, e melhores porções do homem; porque no homem as suas boas partes sempre andarão em opiniões.

Porẽm eu hoje mais me inclino á opiniaõ, e sentença singular de Albertino, Bonacio-

lo, Pareo, e do infigne Medico Farnelio, os quaes todos affirmão, que a primeira parte do nosso corpo, que se fórma, depois de concebido o homem no ventre materno, he o dedo grande do pé. Esta singular opiniaõ se collige por mais certa, ainda da mesma Sagrada Escripura, que por isso, sem duvida, no Paraiso o primeiro laço, que o Demonio armou ao homem, foy nos pés: *Tu insidiaberis calcaneo ejus: Ipsi calcaneum meum observavunt.* Porque como o Demonio sempre intenta a destruiçaõ do homem pelo mesmo principio, porque Deos o formou; provavel fica, que pelos pés começou Deos a formar o homem, pois pelos pés o quiz o Demonio logo arruinar.

Supposta pois esta singular opiniaõ, de que a primeira parte no homem, pela qual Christo concorre para a sua formaçaõ, são os pés, estes pés, e esta mesma parte havia tomar o Senhor Santo Amaro á sua conta, para a restaurar, e reformar no mesmo homem; para mostrar assim a muita similhaça, e equivocação, que tinha com Christo, em quanto primeiro Author do humano edificio. Não podia o Senhor Santo Amaro, como creatura, e causa segunda, concorrer primeiro para a formaçaõ do homem; e que traça buscaria para mostrar nesta parte a muita similhaça, que tinha com Christo, em quanto primeiro Author do mesmo homem? Já está dito. Buscou o ser Advogado

do dos pés; para que concorrêdo para a reformaçãõ do homem, arruinado na saude, por aquella mesma parte, para a qual Christo, em quanto Deos, concorre para a sua formaçãõ, que saõ os pés; ficassemos entendendo por aqui o grande triumpho, que hoje alcança o Senhor Santo Amaro, por Advogado dos nossos pés: pois excedendo nisto aos mais Santos, só se faz semelhante ao mesmo Christo. *Ecce nos.*

Jactem-se muito embora os mais Santos, pela gloria que tem conseguido, por Advogados de outras partes do nosso corpo, por curarem aos seus devotos de outras enfermidades: jactem-se como digo dessa gloria; porque o Senhor Santo Amaro só se pôde jactar de que,

por Advogado dos pés, logra huma gloria grande, e hũa gloria mayor; porque logra por isto toda a gloria. Temos prova, e muy ajustada: *Omnis gloria ejus in fimbriis aureis.* ^{Pfalm. 44.15.} Toda a gloria desta alma santa, diz o Profeta Rey, toda a gloria deste Santo, e Justo, está nas fimbrias ou pontas do vestido: *In fimbriis aureis.* Duas cousas temos aqui muito dignas de ser notadas. A primeira he, dizer o Psalmista que toda a gloria deste Santo está posta nas pontas do seu vestido: *In fimbriis aureis*; a outra he, chamar a esta gloria toda a gloria: *Omnis gloria ejus.* E qual poderá ler a razãõ de tudo isto? Ouçãõ, que parece que a hey de descobrir.

Chama-lhe toda a glo-

gloria, para nos dar a entender que, sendo toda a gloria, ha de ser por consequencia grande gloria; ha de ser gloria mayor: e assim, sendo a gloria deste Santo gloria mayor, ou gloria inteira, a dos mais ha de parecer gloria com mettos, não ha de ser tão grande essa gloria: e qual será agora a razão desta differença? Porque ha de ser a dos mais gloria pequena; e porque ha de ser toda a gloria a deste Santo: *Omnis gloria ejus?* Vamos aos seus vestidos, que póde ser que lá a achemos envolta com elles. Os vestidos, de que aqui falla o Profeta, conforme ao uso antigo daquelle Povo, eraõ humas roupas compridas, que chamavaõ Talares, as quaes chegavaõ até os peitos dos pés. Pelas

fimbrias destes vestidos entendem os Expositores Sagrados as virtudes particulares de cada hum dos Santos; e neste, de que fallava aqui, a virtude particular de ser Patraõ, e Advogado dos pés, que para isso he que servem as fimbrias, ou pontas dos vestidos compridos, para defenderem, e ampararem os pés. Bem. E pois este Santo, de quem falla o Profeta, tem por virtude particular sua defender, e amparar os pés; he o Advogado dos pés; pois eisahi a razão, porque a gloria, que daqui lhe vem, he huma gloria grande, he huma gloria mayor, e he toda a gloria: *Omnis gloria ejus in fimbriis aureis.* E que Santo he este, de quem falla o Profeta, que tem á sua con-

conta o ser Advogado dos pés dos homens? Já sabem todos que he o Senhor Santo Amaro. Pois saibaõ tambem que a gloria , que o Senhor Santo Amaro alcança por Advogado dos nossos pés , he huma gloria grande , he huma gloria mayor , e he toda a gloria: *Omnis gloria ejus ... in fimbriis aureis.*

Grande gloria, meu Santo, grande gloria! Mas oh, e que triunfo taõ subido naõ será este, pelo qual vos vem huma gloria taõ grande! Taõ grande a gloria, taõ glorioso o triunfo, que por elle vos vejo já taõ avantajado aos mais Santos, quanto vay do Ceo á terra. Assim como a terra dista, e fica longe do Ceo por huma distancia, ou medida, que se naõ póde tomar; as-

sim excede o triunfo do Senhor Santo Amaro, por Advogado dos pés, ao triunfo dos mais Santos, quando defendem, e patrocinaõ outras partes de nosso corpo. He certo que neste mundo, em beneficio nosso, resplandecem todos os Santos; mas he de notar, que resplandecem como lirios, ou como açucenas, que tudo he o mesmo: *Florebunt Sancti sicut liliam.* Assim resplandecem os mais Santos, quando patrocinaõ outras enfermidades, como flores; mas he na terra, que he o lugar das flores: *Sicut liliam.* E como resplandeceo o Senhor Santo Amaro, quando Advogado dos nossos pés? Sabem como? Como Estrella no Ceo, que assim he que resplandece quem toma a seu cargo o patro-

trocinar os pés.

Dizem os Mythologicos, que depois que o valoroso Hercules matara aquella medonha serpente de sette cabeças, chamada Hydra, indo visitar ao Sabio Chiron, que tinha sido seu mestre, e estando este por curiosidade vendo, e admirando as settas, com que Hercules fizera aquella morte, succedeo, por descuido, cahir-lhe hũa dellas sobre hum pé; e como estava envenenada com a peçonha, ou fangue da venenosa serpente, de tal sorte lhe deixou a chaga incuravel, que por mais remedios, que lhe applicou, em nenhum achou allivio: mas como Chiron era homem sabio, e conhecia as virtudes occultas de algumas ervas, buscou huma chamada Centauro, e só

com esta se pode curar; o que visto pelos Deozes, collocaraõ no Ceo aquella erva, transformada em hũa brilhante Estrella, com o nome Centauro da mesma erva. Merecido lugar para huma erva taõ portentosa. Huma planta, que a sua virtude toda se emprega na cura de hum pé, só no Ceo como Estrella se deve collocar. Moralizemos o caso, e passemos da mythologia para a metafora, e veremos como, o que na erva Centauro parece fabula dos Poetas, he em o Senhor Santo Amaro verdade Catholica. He o Senhor Santo Amaro o verdadeiro Centauro; porque Centauro he o verdadeiro, e rigoroso anagrama de Santo Amaro: *Centaurus, id est, Sanctus Maurus*. Se a erva

erva Centauro , por virtude occulta, curou a enfermidade de hum pé; para curar os nossos pés tem o Senhor Santo Amaro particular virtude. Se por curar hum pé, se pôs no Ceo , como Estrella, a erva Centauro; o Senhor Santo Amaro, como Estrella, está collocado no Ceo , por curar os nossos pés : *Fulgebunt justi*, diz a sabedoria, e accrescenta Alapide: *Fulgebunt sicut stella*. E se o Senhor Santo Amaro , por Advogado dos nossos pés , resplandece no Ceo como Estrella : *Sicut stella*; e se os mais Santos resplandecem na terra como flores , quando patrocinaõ outras enfermidades : *Sicut liliun*; bem se vê logo, que tanto vay do triumpho do Senhor Santo Amaro ao dos mais

Santos, quanto vay da terra ao Ceo: para que assim se veja que he este triumpho do Senhor Santo Amaro o mais subido , e glorioso , que pôde ser; pois, excedendo por elle aos mais Santos , só aposta igualdades com o mesmo Christo : *Ecce nos*.

E agora estava eu para dizer, passando já de ser o Senhor Santo Amaro não só Advogado dos nossos pés, mas tambem por curar com o seu Pé todas as nossas enfermidades; estava para dizer, que de tal forte triunfa o Senhor Santo Amaro por esta parte, que aquillo , que os mais Santos fazem em outras partes com toda a sua pessoa , faz aqui o Senhor Santo Amaro só com a ponta do Pé. Não pareça encarecimento este

C meu

meu dito ; porque he experiencia averiguada neste lugar. Enferma qualquer devoto do nosso Santo, ou, ainda que o não seja , a necessidade o obriga , com que o busque aqui. E como cura o Senhor Santo Amaro aos que aqui o buscaõ? O remedio mais comum , he raspar huns poucos de pós daquelle Pé do nosso Santo, e dá-los a beber em huma pouca de agoa : e, se a fé não falta, certamente ficaõ livres de qualquer enfermidade. Não vay o Senhor Santo Amaro, ou a sua Imagem, a casa dos enfermos , como se usa em muitas partes com as Imagens dos mais Santos ; fallo desta sua Imagem mayor , que he de barro, e não da mais pequena, que he de madeira, e chamaõ aqui

Santo Amaro o velho; fallo desta nova a respeito da outra, desta mayor, e he de barro : não vay esta a casa dos enfermos , manda só hũs poucos de pós do seu Pé; não se empenha todo , basta só aquella migalha do seu Pé. E não he isto fazer aqui o Senhor S. Amaro com a ponta do Pé, o que nas mais partes fazem os outros Santos todos inteiros ? Grande triunfo para o nosso Santo ! Mas o que daqui se segue agora , ainda he mais.

Manda o Senhor Santo Amaro aquellas migalhas , ou Reliquias do seu Pé ; e que effeito fazem em quem as toma ? Servem só para curar os achaques dos pés , de quem o Senhor Santo Amaro he Advogado ? Não senhores : não servem só para curar os achaques

ques dos pés ; servem para todas as enfermidades. Tudo quanto de mal podemos padecer , tudo cura o Senhor Santo Amaro só com aquelles pós do seu Pé. Grande triumpho certamente ! Os mais Santos cõmumente só curãõ aquellas enfermidades, de q̃ são particulares Advogados. O Glorioso Bautista , porque he o Advogado da cabeça , só cura os achaques da cabeça ; Santa Luzia , porque he a Advogada dos olhos , só cura os males dos olhos ; S. Braz , porque he o Advogado da garganta , só cura as enfermidades da garganta : e assim os mais Santos, cada hum cura aquella enfermidade de que he Advogado particular. O Senhor Santo Amaro não he assim ; não só cura os nossos

pés , de que he singular Advogado , tambem cura todas as mais enfermidades , de que são Advogados os outros Santos : e o que mais he , que tudo cura , e só com a unica mesinha do seu Pé. Mas assim havia de ser, para nos mostrar o Senhor Santo Amaro , que curar assim , só elle , e Christo só. Curar com huns pós do seu Pé todas, e quaesquer enfermidades , só o Senhor Santo Amaro o faz ; porque isto he proprio só de Christo.

Curou o Senhor aquella mulher, de quem dizem os Evangelistas havia doze annos padecia hum fluxo de sangue ; e adverte o mesmo Christo nesta occasiãõ , que esta cura a fazia elle com a sua virtude : *Ego novi virtutem à me exisse.* E he de notar , que só

nesta occasião lembra o Senhor que fizera aquella cura com virtude sua: donde se segue, que foy esta cura feita por huma virtude propria, e particular, e só sua: *Virtutem à me*. E em que estará a singularidade desta virtude, para que o Senhor a chame particularmente sua? Sabem em que? Esteve, em que nesta occasião curou Christo comhũs poucos de pões dos seus Pés hũa enfermidade muito differente dos mesmos pões. Ora notem. A enfermidade era hum fluxo de sangue: *Mulier, quæ fluxum sanguinis patiebatur*. O com que Christo a curou, foy com huns poucos de pões dos seus pões. Assim se pôde conjecturar do mesmo texto: o texto diz, que a mulher enferma sómen-

Matth.
9.20.

te pegou, ou tócou as fimbrias, e as pontas dos vestidos de Christo: *Tetigit fimbriam vestimenti ejus*. E tocando ella sómente as pontas dos vestidos de Christo, o que delles podia trazer nas mãos, eraõ alguns pões daquelles, que os pões, com a continuaciã do andar, costumão lançar nos vestidos talares, ou compridos, como era este de Christo: *Tetigit fimbriam vestimenti ejus*.

Eis-aqui pois toda a razãõ, porque Christo chama a esta cura, cura feita por virtude sua propria, e particular só sua: *Virtutem à me exisse*. Curou Christo aqui com huns poucos de pões dos seus Pés huma enfermidade muy differente dos mesmos pões: e curar com huns poucos de pões dos Pés outras en-

enfermidades diferentes dos mesmos pés, isto he só proprio, e particular de Christo; e, depois de Christo, só particular do Senhor S. Amaro nesta sua Imagem: porque, como aqui experimentamos por meyo desta sua Imagem, com os pés do seu Pé cura o Senhor Santo Amaro todas, e quaesquer enfermidades. E se hey de dizer hoje o mais, que posso, ainda estava para dizer mais; e he, que ainda o Senhor Santo Amaro parece que excede aqui ao mesmo Christo neste modo de curar. Porque Christo só huma enfermidade curou com os pés dos seus pés, que foy a desta mulher; e o Senhor S. Amaro tem curado tantas, e taõ varias, como aqui o experimentaõ os seus

devotos. Mas, porque estes excessos naõ servem para hoje, contentemo-nos com dizer que curar o Senhor Santo Amaro com os pés do seu Pé todas as enfermidades dos seus devotos, he alcançar hoje hum triunfo o mais glorioso, he exceder aos mais Santos, e igualar-se só com Christo: *Ecce nos.*

Parece temos mostrado com alguma clareza, que o triunfo do Senhor Santo Amaro, nesta sua Igreja, hoje he o mayor, que póde ser; pois, excedendo por elle aos mais Santos, só aposta igualdades com o mesmo Christo. Mas porque hum triunfo, para ser o mais glorioso, deve ter da sua parte razões, pelas quaes leve os olhos do mundo, e arrebate as attenções de

de todos ; este triunfo do Senhor Santo Amaro , parece estou ouvindo dizer a alguém , não póde ser o mais glorioso , porque tem contra si huma razão muy forçosa. Se o Senhor Santo Amaro se empenhasse todo em favorecer, e patrocinar aos seus devotos em outra qualquer parte do nosso corpo , que fosse mais nobre , eidalga , estava bem ; mas tomar o Senhor Santo Amaro á sua conta os pés dos homens , a parte mais inferior , e menos nobre , parece que não se empregou bem o nosso Santo : e que por isso não merece, como deve ser , todos os nossos respeitos , e venerações ! Ora deixem , que não he assim como cuidaõ ; antes tanto pelo contrario , que para o nosso San-

Santo ser o mais respeitado , e alcançar as mayores venerações , havia ser , como he , o Advogado dos nossos pés.

Entre as deidades , que reconheciam , e veneravam os antigos , o mais respeitado foy sempre o Deos Mercurio , e tanto , que não satisfeitos com lhe edificarem Templos nas Cidades , e povoados , collocavam tambem a sua Imagem pelos caminhos , e estradas , para que em toda a parte tivessem presente aquella Divindade ; e em final de respeito , e veneração , quantos passavam por aquelles caminhos lançavam huma pedra aos pés daquella Esttua. E porque tanto respeito , e veneração ao Deos Mercurio ? Sabem porque ? Porque era Mercurio aquelle Deos,

Deos, a quem estavaõ dedicados os pés dos homens : havia aquella Divindade tomado á sua conta patrocinar, e defender nos homens os seus pés : *Pedes Mercurio* : dizem os Mythologicos. E ainda que o emprego era baixo, a estimação era a mais alta. A seus pés via rendidos, e prostrados os respeitos, e venerações de todos aquelle mesmo Deos, que tinha a seu cargo defender, e amparar em todos os mesmos pés : *Pedes Mercurio*. Daqui se segue que, por ser o nosso Santo o Advogado dos pés, nem por isso merece menos, antes por isso mais merece as nossas attensões, e todos os nossos obsequios. Naquelle Divinissimo Sacramento temos em mais nobre Divindade o verdadei-

ro desta figura. Entre todos os Sacramentos, só naquelle Santissimo he adonde Christo logra os mayores respeitos, e se lhe tributaõ as mais altas venerações; tanto, que nelle só, e por elle, vio o Senhor sujeito, e subjugado a seus pés todo o mundo: *Sacramento Corporis Christi totus mundus subjugatus est*. E porque só naquelle Sacramento Santissimo ha de lograr Christo todos estes respeitos, e venerações? Vejamos o que fez este Senhor, quando instituiu aquelle Sacramento, e ahi acharemos a razão, que nos serve para hoje. O que Christo fez, quando instituiu aquelle Sacramento Santissimo, foy por-se aos pés dos homens, a lavar-lhes os pés com suas mãos, mostrando-se

se assim Protector, Defensor, e Advogado dos mesmos pés: *Cæpit lavare pedes discipulorum*; pois por isso neste Sacramento, adonde se mostra Protector dos pés, ahi mesmo ha de ver a seus Pés os respeitos, e adorações de todos: *Sacramento Corporis Christi totus mundus subjugatus est: Cæpit lavare pedes Discipulorum.*

Assim Christo naquella Sacramêto Santissimo; e assim nesta sua Igreja o Senhor Santo Amaro. Nem porque he o Advogado dos nossos pés, merece menos, antes por isso se faz mais merecedor das venerações, e respeitos mayores. E se estes, que aqui vos tributamos, e temos gravados esta manhã, ou debuxados no victoso Estandarte do

primeiro Pé, ou columna, que fórma o Arco do glorioso triumpho, que aqui alcançais por Advogado dos nossos pés, e por curares com o vosso Pé todas as nossas enfermidades, não são, meu glorioso Santo, nem os mayores, nem os que vós mereceis; desculpe o generoso do vosso animo o pequeno do nosso agradecimento. E particularmente perdoay a mim, e a quem vos dedica estes obsequios: a elle, por não alcançar com o seu desempenho aonde chegava a sua obrigação; e a mim, porque, devendo elevar as vossas excellencias ao gráo mais subido, só parou em desejo este meu affecto. O que vos pedimos agora he, que, ainda que o não merecemos, nos pagueis com

com tudo este pouco ,
que aqui vos damos ;
e eu fico certo , que
nos não haveis de fal-
tar, pois vos buscamos
aqui como Advogado
dos nossos pés. Da-
quella Estatua de Mer-
curio posta nas estra-
das, dizem que, em pa-
ga das veneraçoes ,
que lhe davaõ como
a Advogado dos pés,
ella apontava com o
dedo aquelle cami-

nho, que deviaõ seguir
para não errar. Erra-
dos, meu Santo, anda-
mos muitos neste mun-
do ; e o que queremos
agora , he , que nos
guieis os passos , assim
como nos curais os
pés: para que, acertan-
do com o verdadeiro
caminho da salvaçãõ,
vamos com vosco pela
estrada certa da Bem-
aventurança. *Ad quam*
&c.



Handwritten text in a cursive script, likely a letter or a page from a manuscript. The text is arranged in approximately 12 lines, though it is significantly faded and difficult to decipher. It appears to be a personal or official communication.

Handwritten text in a cursive script, continuing from the left page. It is also very faded and illegible, but follows the same style as the text on the left. It appears to be the continuation of the same document.





COLUMNA
 SEGUNDA,
 SEGUNDO PE,
 OU FUNDAMENTO, SOBRE QUE SE
 levanta o Arco triumphal, ou Triunfo glo-
 rioso
 DO SENHOR
SANTO AMARO,

PELA SUA MILAGROSA IMAGEM,
 venerada na Igreja Parochial do mesmo Santo na
 Jaboação, em hum Discurso de tarde, na mes-
 ma festa, e anno de 1738.

*Et vidi alium Angelum fortem descendentem de caelo,
 lit pedes eius tanquam columna ignis, ... Et posuit
 pedem suum dextrum super mare, sinistrum
 autem super terram. Apocal. 10. 1.*



SEGUNDA
 vez affectuo-
 samente ren-
 dido, e com
 repetidos avanços in-

teressado, busco a quel-
 les sagrados Pés, que já
 serviraõ esta manhaã
 de protecção genero-
 sa á minha ignoran-

D 2 cia,

cia , e do mais alto elogio á grande fantidude do sempre admiravel, e muitas vezes glorioso , o Senhor Santo Amaro. Serviraõ, meu glorioso Santo, esta manhaã essas sagradas Plantas do mayor elogio á vossa fantidude ; pois por Advogado dos nossos pés, e por curares com o vosso Pé todas as nossas enfermidades, vos vimos taõ avantajado aos mais Santos, que apostaveis equivocacões eom o mesmo Christo. Serviraõ tambem para mim essas sagradas Plantas da melhor protecção ; porque só ellas, como fortes, e luzidas columnas, podiaõ desterrar as opacas sombras do meu juizo, e sustentar a conhecida fraqueza do meu discurso : e com hum tal interesse, como o que se vê, e

em que eu, e vós ambos ficámos bem, vós por mais engrandecido, e eu por bém acertado; não haverá quem me censure, de que segunda vez prostrado a esses Pés busque nelles Patraõ para a minha ignorancia, e desempenho para a vossa grandeza : e por isso me não heide, nem posso apartar hoje dos vossos Pés.

De manhaã mostrei, que se os Imperadores Romanos, para significarem o seu mayor triunfo, tomavaõ por diviza hum Pé de homem primorosamente debuxado em hum Estandarte ; o Senhor S. Amaro, não com hum Pé pintado, mas milagroso, como Advogado dos nossos pés, e por curar com o seu Pé todas as nossas enfermidades, deixou neste primeiro Pé, que tem

tem fixo sobre a terra, a primeira columna, ou base para o vistoso Arco do seu triunfo: *Posuit pedem suum. sinistrum super terram.* Agora, passando do elemento da terra para o da agoa, veremos nesta tarde no segundo Pé, que tem sobre o mar, a segunda columna, ou base, com que se acaba de estabelecer esse Arco triumphal: *Posuit pedem suum dextrum super mare.* Com o Pé, que tem sobre a terra, o vimos muy equivocado com o mesmo Christo; com o Pé, que tem sobre as agoas, dando hum passo mais adiante, o veremos buscar similhaças com o proprio Deos. E nem este passo, que intentamos da terra para as agoas póde ir fóra, nem da representaçã do Anjo, nem da ener-

gia, ou propriedade, com que diz o texto que tinha aquelle Anjo determinadamente o Pé direito sobre as agoas, e o esquerdo sobre a terra. Ora notem. Ter o Anjo determinadamente o Pé direito sobre as agoas, e o esquerdo sobre a terra, dizem os Sagra-dos Expositores neste lugar, foy, porque assim como o elemento da agoa he mais forte, violento, e indomavel, e o da terra mais quieto, pacifico, e menos forte; assim era necessario, que com o Pé direito, que he no cõmun sentir dos Físicos o pé mais robusto, e de mayores forças, fosse conculcado o elemento da agoa mais indomito, e inconstante; e o da terra, que he mais fraco, e quieto, com o pé esquerdo, que tem me-

nos

nos força, é valentia; E assim como o pé direito, na opinião de Aristoteles, quando o homem quer dar passos, ou caminhar, he o primeiro, que se move para diante, e he o que começa a andar primeiro do que o esquerdo; assim nós para darmos esta tarde com o nosso discurso esse passo mais avante, foy necessario assentarmos o pé esquerdo primeiro na terra, deixando ficar o direito, para com elle caminhar-mos adiante esta tarde. E juntamente, porque assim como entre Christo em quanto Deos, e homem, e entre Deos em quanto Deos, ha aquella mayoria, ou prioridade de tempo, que sabem os Theologos; com muita propriedade começámos de manhã por esse tal, ou qual

menos, se he que assim se póde dizer da similitude do Senhor Santo Amaro com Christo, em quanto ao primeiro Pé sobre a terra, para darmos este passo mais adiante, e vermos ao Senhor Santo Amaro, com o Pé direito sobre as agoas, nesta tarde semelhante só a Deos. *Posuit pedem suam dextrum super aquas;* pois o mesmo Anjo, que representava a Christo em quanto homem, o representava tambem em quanto Deos. Começemos.

Lá fingio a fabulosa antiguidade que Neptuno era o Deos das agoas, e que ao seu imperio obedeciaõ todas. Isto, que naquella fé mentida foy ficção Poetica, he em o Senhor Santo Amaro discurso Catholico: não, porque elle seja
al-

algũa Divindade, que o não queremos, nem podemos nós dizer; mas sim, porque se entre os Santos ha algum, que no dominio, e poder sobre as agoas, tenha com Deos alguma similhaça, he este o Senhor Santo Amaro. O caso, em que elle mostrou este poder, e similhaça, he bem sabido, e aqui muitas vezes recitado. Sahio de certo Mosteiro, em que assistia o Senhor S. Amaro, hum Monge ainda mancebo, ou moço ainda na idade, e Religiaõ, com hum cantar a buscar agoa ao rio; que lhe ficava perto. E entrando por elle a dentro, mais do que lhe era necessario, e com descuido de moço, o arrebatou a corrente, e o levava com violencia grande, e perigo certo de se affogar. Teve o Patriar-

ca S. Bento, que entaõ era alli Abbade, revelaçã do caso, chama pelo Senhor Santo Amaro, e manda-lhe com voz de Prelado que vá acudir a Placido, que se affogava no rio. Obedeceu o nosso Santo sem repugnancia: e como a obediencia verdadeira deve ser cega, sem ver, nem reparar o Senhor Santo Amaro o perigo a que se expunha; porque o rio era impetuoso, e profundo, corria veloz, e precipitado, e Placido já mettido no mais alto do seu pégo, entra pelas agoas, como quem caminha sobre a terra, e andando por ellas, como sobre huma estrada-secca, chega ao Monge, que já lidava com as agonias da morte, pega-lhe dos cabellos, e sustentando-o sobre as agoas, fa-

In ejus
vite
legēd.

fahiraõ ambos a terra
livres, enxutos, e sem
molhar nem ainda
huma ponta das suas
roupas : *Nam cum
Placidus Monachus
in lacum prolapsus ,
aquarum impetu rape-
retur , Sancti Patris
jussu, accurrens Mau-
rus , & super aquas
incedens, socium capil-
lis apprehensum ad
terram attraxit.* Este
o caso: e quem repa-
rar com attençãõ nas
suas milagrosas cir-
cunstancias, achará em
cada huma dellas a
grande similhaça, e
muita equivocaçãõ ,
que tem com Deos o
Senhor Santo Amaro
em dominar , e ter po-
der sobre as agoas. Va-
mos notando.

He a primeira esta,
de ter poder , e domi-
nio sobre as agoas o
Senhor Santo Amaro.
Notavel excellencia!
Grande singularidade!

E se naõ, digaõ-me :
Que Santo há , que se-
ja taõ prodigioso, que
lhe obedeçaõ as agoas?
Qual he o Santo , que
tenha poder para do-
minar hum taõ sober-
bo elemento, que ape-
nas se rende , e obede-
ce só a Deos? Isto, de-
pois do mesmo Deos ,
só o admiramos em o
Senhor S. Amaro. E
isto naõ he ser Santo
como os mais, he ser
Santo como nenhum.
Naõ he ser Santo só
com apparencias de
humano, he ser Santo
tambem com vizos de
Divino. He ser Santo
o mais similhante, e e-
quivocado com Deos.
Melhor o direy. Isto
naõ o fazem os Santos
só com poderes huma-
nos , só o faz hum
Santo, em quem dele-
gou Deos os seus po-
deres.

Vay o Psalmista
Real ponderando , e
jun-

26823
1000

juntamente com admiração, as excellencias de Deos em os effeitos prodigiosos da sua omnipotencia, e diz assim em hum dos seus Psalmos: *Domine Deus virtutum, quis similis tibi.. Tu dominaris potestati maris; motum autem fluctuum ejus tu mitigas.* Quem haverá, diz David fallando com Deos, quem haverá Senhor, que seja semelhante a vós? Certamente, que nenhum haverá: *Quis similis tibi?* Porque vós, Senhor, sois o que tendes o poder para refrear a soberba das agoas, e a vosso imperio obedecem todas: *Tu dominaris potestati maris.* E pois não achou David, para engrandecer em Deos a sua grande Omnipotencia, senão o poder, que tem sobre as

agoas? Sim: e porque? Porque he excellencia tão grande, isto de ter dominio sobre as agoas, que achou o Profeta era isto excellencia só de Deos, e que nesta não tinha Deos quem lhe fosse semelhante: *Domine Deus, quis similis tibi.. Tu dominaris potestati maris.* Mas, oh excellencia admiravel do Senhor Santo Amaro, depois de Deos! Pois nisto, que achou David não tinha Deos entãõ quem lhe fosse semelhante, nisto mesmo se admira hoje a muita similhaça, que tem com Deos o Senhor Santo Amaro; pois elle parece ser tambem outro Deos das agoas, com o qual nenhum dos Santos tem similhaça. Os outros Santos terãõ grandes poderes, não o duvidamos; porẽm

E fo-

46823
 1946 C



sobre as agoas ter poder, e dominar este soberbo, e inchado elemento, isto só Deos; ou, depois de Deos, só o Senhor Santo Amaro. Isto não o fazem os Santos, em quanto homens sómente; isto só o faz hum Santo, como Deos por excellencia. Em outra circumstancia deste mesmo caso a veremos melhor.

Entrou o Senhor S. Amaro sobre as agoas naquelle rio, a livrar o Monge Placido, e foy andando sobre as suas correntes, como se a pé enxuto caminhará pela terra secca, sem ir ao fundo. Caso ainda mais notavel, grande singularidade! Isto sim, que he não ser Santo como os mais: isto he ser Santo só a Deos semelhante; porque isto de andar sobre as agoas he

privilegio só de Deos. Para passarem o mar vermelho os filhos de Israel, diz o Texto Sagrado, que se dividirão as agoas, e passarão todos apé pelo secco. Isto mesmo succedeo a Josué quando passou com a Arca do Testamento o Rio Jordão; e o mesmo aconteceo aos Santos Profetas Elias, e Elizeo: todos estes passaraõ aquellas agoas, e as suas correntes; mas foy, abrindo-se ellas, ficando suspensas, e paradas as de cima, e continuando as debaixo o seu curso, e assim passaraõ todos a pé, e pelo fundo secco. *Ingressi sunt per medium sicci maris.* Pois não era mais facil suspender-lhes Deos o pezo a todas aquellas pessoas, e passarem por cima dellas, do que abrirem-se as agoas, e pas-

passarem pelo seu fundo, ou pégo? He sem duvida, que tudo podia ser. Pois logo como se abrem as agoas se era mais facil o passar-lhe por cima? A razãõ póde ser; porque este privilegio de andar sobre as agoas he só de Deos, e depois de Deos para o Senhor S. Amaro só.

He privilegio taõ taõ grande este de andar sobre as agoas, he excellencia taõ propria, e particular só de Deos, que até quando alguma vez se vê no mesmo Christo, parece se não póde crer, e se duvida. Quando os Discipulos viraõ andar a seu Mestre Christo sobre as agoas, naquella espantosa tempestade, que os accometteo no mar de Tiberiades: *Super*

Matth.

14. 27.

mare ambulans, diz o Sagrado Texto que

o não queriaõ, ou não podiaõ crer os Discipulos, e lhes parecia aquillo alguma illuzãõ, ou fantasma: *Putabant phantasma esse*. E porque haviaõ duvidar os Discipulos que fosse Christo o que elles viaõ andar assim sobre as agoas? Porque he excellencia taõ grande esta de andar sobre as agoas, que, ainda quando se vê em Christo, se duvida: *Putabant phantasma esse*. Pois isto, que se fazia incrivel, e duvida muito no mesmo Christo, he o mesmo, que estamos vendo em o Senhor Santo Amaro: *Maurus super aquas incedens*.

Mas não he ainda isto o que mais nos deve admirar em o nosso Santo. O mais he, que não só ande, e passe o Senhor Santo Amaro sobre as agoas; mas

E 2 que

que faça passear, e andar tambem sobre ellas ao Monge, e companheiro Placido. Assim o fez o Senhor S. Amaro. Chegou a Placido, pega-lhe pelos cabellos, e fazendo ambos sobre aquellas correntes seu caminho, tomaraõ porto em terra a salvamento: *Socium capillis apprehensum ad terram attraxit.* E naõ he isto hum poder muito grande? E quem nos ha de negar que isto acredita ainda muito mais a grande similhaça, que tem com Deos sobre as agoas o Senhor Santo Amaro? Foy Christo sobre as agoas acudir a S. Pedro, e aos mais Discipulos, que se viaõ em perigo de se affogar: e duvidando S. Pedro se era Christo aquelle, que via vir andando sobre as agoas; para se

tirar de todo daquella duvida, com que lidava, pedio a Christo que o fizesse a elle andar tambem sobre as ondas: *Domine, si tu es, jube me venire ad te super aquas.*

Eu naõ reparo agora em que S. Pedro, para ir a Christo sobre as agoas, a poucos passos andados se vísse ir submergindo para o fundo: *Cum cepisset mergi;* e que com o grande susto, ou medo de se affogar, chamasse ao Senhor, que lhe acudisse: *Domine, salvum me fac:* Naõ reparo, pois, que vá S. Pedro assim para o fundo, quando vemos ao Senhor Santo Amaro andar deste modo sobre as agoas; porque S. Pedro era todo pedra: *Tu es Petrus, & super hanc Petram,* e como pedra havia pender para o fun-

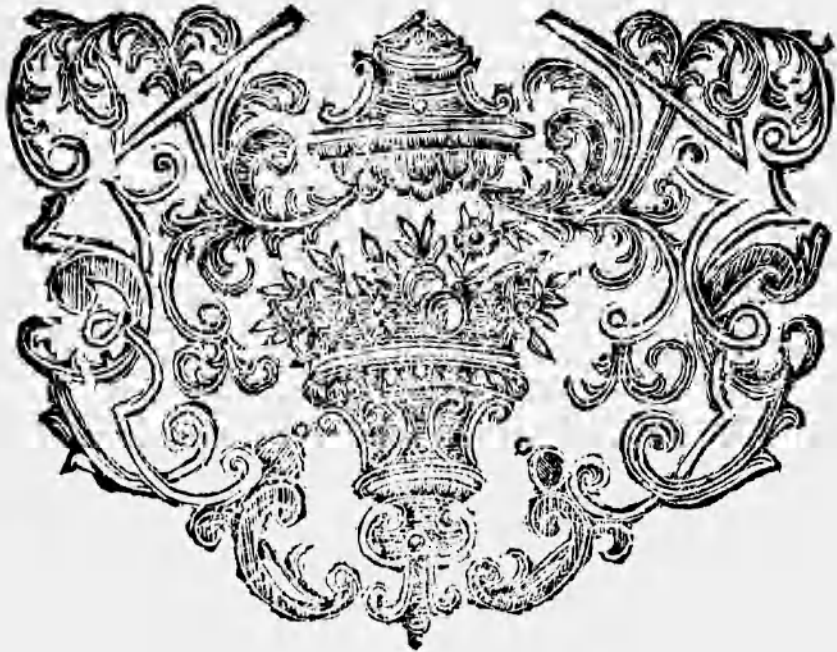
o fundo : *Cum cœpisset mergi*, e o Senhor Santo Amaro nada tinha de pedra, e tinha muito de espirito; e hum espirito muito chegado ao de Deos, que he espirito, que anda sobre as agoas : *Spiritus Domini ferebatur super aquas* : O que reparo he, em que dizendo Christo a S. Pedro que elle era seu Mestre, e aquelle, que, como Deos que era, tinha virtude, e poder para andar sobre as agoas, como elle via : *Ego sum ; venit ad eos ambulans super mare* ; S. Pedro, vendo isto, ainda se não desse por satisfeito, ainda queria ver mais ; queria que Christo o fizesse a elle andar tambem sobre ellas : *Domine, si tu es, jube me venire ad te super aquas*. Pois para S. Pedro conhecer que Christo

era aquelle mesmo, que era Deos, não basta que o veja andar sobre as agoas, he necessario que o faça a elle tambem andar ? He sem duvida, que o andar sobre as agoas he hum grande final de ser Deos quem isso faz : mas communicar este poder a outro, ainda he mayor maravilha ; porque ainda isto he muito mais. He tanto, que isto só queria ver S. Pedro, para ficar na certeza infalivel de que seu Mestre Christo era aquelle, que elles reconheciaõ por Deos : *Domine, si tu es, jube me venire ad te super aquas*. E se isto, que queria S. Pedro ver em Christo para o reconhecer totalmente por Deos, vemos nós agora em o Senhor Santo Amaro, bem parece diziamos, que por este Pé, que o

Se-

Senhor Santo Amaro ,
qual outro Anjo do A-
pocalypse , tem sobre
as agoas, confegue ho-
je o grande triunfo de
fer entre todos o que

no poder sobre as a-
goas mais similhaças
tem com Deos: *Posuit*
pedem suum . . . sinis-
trum super mare.





F O N T E I.

NASCE DO V. 20. CAP. I. D. MATTH.

Josepb Fili David.

Entra com as suas mysticas agoas a dar principio ás desta primeira corrente em hum discurso panegyrico em o primeiro dia de Novena

D O S E N H O R

S. JOSEPH,

EM O CONVENTO DE S. ANTONIO
do Recife no Anno de 1751.

Com assistencia do

ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.



Uem não dirá (Excelentissimo Senhor) quem não dirá que he o

Glorioso Patriarcha o Senhor S. Jozé hum Santo muito da estimação da Excellencia mayor lá desse Ceo, e hum

hum Santo muito do coração da melhor Excellencia desta terra, vendo que não só a Excellencia melhor desta terra, mas a mayor Excellencia lá do Ceo o vem a buscar a sua casa para o honrarem, e engrandecerem naquellas duas solemnidades grandes, que primeiro se consagraraõ ao seu Patrocinio: huma, e a primeira, lá no portal de Belem; a segunda, e a outra, aqui nesta casa.

A mayor Excellencia do Ceo, que he Christo, veyo authorizar com a sua assistencia o poder do Pay adoptivo, que teve na terra, quando, exposto em seus braços a primeira vez no portal de Belem, se pôs todo debaixo do seu amparo, e patrocinio. A melhor Excellencia

desta terra, que he V. Excellencia, vem authorizar com a sua assistencia o poder do Protector adoptado, que tem no Ceo, quando nesta casa vem consagrar ao Senhor S. Jozé estes novos obsequios ao seu Patrocinio. Grande fineza a da mayor Excellencia do Ceo; mas grande piedade a da Excellencia melhor desta terra! Tudo deviamos crer de hum Excellente Senhor, que, como Christo, favorece a todos: tudo deviamos esperar de hum Senhor, que, como V. Excellencia, do Patrocinio de S. Jozé confia tudo.

Este he aquelle grande Santo, e Glorioso Patriarcha, que depois que pelas suas singulares virtudes foy escolhido por Deos para Esposo verdadeiro,

ro, e legitimo de sua Santissima Mãe, e Pay putativo de seu Unigenito Filho, foy deputado tambem pela excellencia do seu admiravel Patrocínio para Pay, e Patraõ universal de todos os homens: *Suscitavit Dominus Sanctum Josephum ad honorem nominis sui caput, & Patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesie*, disse o Solano; e o P. Moraes diz: *Quis dubitare potest Sanctum Joseph omnium nostrum esse Patrem*. E sendo o Patrocínio deste glorioso Santo o mais efficaz, e poderoso geralmente para todos, para aquelles, que com especial devoção, cordial affecto, e amor filial o sabem honrar, e servir, ainda he mais poderoso, e efficaz.

E ninguem nos ha

de tambem negar, que entre todos os devotos, e particulares filhos deste Santo admiravel he Sua Excellencia o seu filho mais particular, e seu mayor devoto; pois a instancia sua se offerecem ao seu Patrocínio, nestas tardes, novos obsequios. Novos digo, não porque seja esta a primeira vez, que aqui se lhe offerecem; porque ja o anno passado tiveraõ principio por direcção de outro filho, e tambem particular devoto deste Santo Patriarcha, o nosso muito Reverendo Prelado actual: mas novos; porque novamente augmentados com estas practicas, e Oraçoens panegyricas; para que assim se faça mais notorio o cordial amor deste Excellente filho, e o Patrocínio sempre

F

gran-

grande deste Pay tão
Excelente.

Para applaudirmos
pois, o Patrocínio do
Senhor S. Jozé; ou pa-
ra mostrarmos o que
he o Senhor S. Jozé
pelo seu Patrocínio,
naõ me deo muito
cuidado qual havia de
ser o assumpto, nem
o thema; porque o
thema, tanto que se
me encarregou este
trabalho, logo assen-
tei commigo, havia ser
para cada huma das
tardes hum texto da
Sagrada Escritura, em
que se achasse escrito
expressamente o nome
Jozé, deste Santo Pa-
triarcha; e o assump-
to, mostrar por elle
alguma excellencia do
seu Patrocínio. Qua-
torze vezes contadas
se acha escrito no te-
stamento novo o no-
me do Senhor S. Jozé,
e tiradas destas, qua-
tro, em que se repe-

te ao mesmo intento,
ficaõ dez, nas quaes
se nomea a diverso
sentido, e estas dez ve-
zes, em que se falla
neste augusto nome,
foraõ as que escolhi
para elogiar com el-
las, ou por ellas o seu
Patrocínio; nove pa-
ra as nove tardes, e a
decima, e ultima pa-
ra o dia da sua festa.

Destas nove me to-
caõ tres, e para ellas
ha de ser o assumpto
mostrar, que está o
Senhor S. Jozé obri-
gado a naõ faltar nun-
ca com o seu Patroci-
nio aos seus devotos
pela Pessoa que he,
pelo Nome, que tem,
e pelas virtudes de
que se adorna Pela
Pessoa, que he, isto
dirá nesta primeira
practica o texto, que
nos serve de thema:
Joseph fili David. Pe-
lo nome que tem, que
he Jozé, isso dirãõ as
palavras

palavras seguintes: *Viro, cui nomen erat Joseph*; e pelas virtudes de que se adorna, como o mostrarão as outras palavras: *Joseph autem cum esset justus*.

Para as outras seis tardes mostrará o Orador, que lhe tocar, na primeira, o Patrocínio do Senhor S. Jozé o mais poderoso por Esposo de Maria, conforme as palavras, que para elle dia occorrem: *Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph*. Na segunda mostrará o Patrocínio do Senhor S. Jozé taõ poderoso, que pode patrocinar aquella Senhora, que a todos patrocina, a Maria Santissima; para isso lhe daraõ fundamento as palavras, que entaõ se seguem: *Exurgens autem Joseph accepit conju-*

gem suam. Na terceira mostrará o Patrocínio do Senhor S. Jozé o mais poderoso por Pay de Christo: isto lhe diraõ aquellas palavras: *Nonne hic est filius Joseph?* Na quarta mostrará que foi taõ poderoso o seu Patrocínio, que chegou a patrocinar ao mesmo Jesus: estas palavras o poderaõ dizer: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph dicens... accipe puerum*. Na quinta mostrará o Patrocínio do Senhor S. Jozé taõ poderoso, que ainda o he mais que o de Jesus, e Maria, em quanto Esposa esta, e aquella Filho; assim o poderá tirar das palavras seguintes: *Invenierunt Mariam, & Joseph, & Infantem*. Na ultima mostrará, como por consequencia de tudo, o Patro-

cinio do Senhor S. Jozé mais poderoso que o de todos os mais Santos, deduzindo-o assim destas seguintes palavras: *Ascendens autem Joseph à Galilea.* A empreza he difficultosa; mas tudo poderemos vencer com o grande Patrocínio de hum Santo, que como Jozé póde tudo. Vamos com a primeira.

Funda-se a primeira razaõ, que tem o Senhor S. Jozé para assistir sempre com o seu Patrocínio aos seus devotos pela Pessoa que he. Mas que he o Senhor S. Jozé pela sua Pessoa? Jozé, diz Joaõ Gerson seu grande devoto, foi a Pessoa mais illustre, mais nobre, e mais excellente, que nasceo entre os que puramente nascerão: *Fuit Joseph vir dignior, & nobilior inter omnes homines,*

qui nati sunt ex stirpe Adam. Fallou Gerson não só como devoto, mas como quem sabia: era Jozé hum Augusto descendente dos Augustos Reys de Judá, e que o sangue lhe pulava nas veas; primeiro correo pelas de muitos Reys, Principes, Patriarchas, Profetas, Sacerdotes, e Juizes dos Povos, que primeiro estabeleceraõ, e foraõ os fundamentos primeiros da sua Casa Real. Nas palavras do nosso thema temos a melhor expressaõ desta verdade: *Joseph fili David.* Querem dizer, que Jozé he filho de David. E quem foi David? David foi não só Rey: *David autem Rex,* mas o mais famoso Rey, e hum dos mais illustres, e excellentes, que sahio ao mundo da

da Real Casa de David. Pois se David he Rey, e Jozé he filho de David, que se segue? Que? Que he Jozé huma Pessoa Real; pois Pessoas Reaes são todos aquelles, que tiverem a fortuna de serem filhos de Reys. Logo, se Jozé he huma Pessoa tão nobre, tão illustre, e tão excelente, claro está que tem obrigação de não faltar nunca com o seu Patrocinio pela Pessoa, que he. Sabido he o caso de Mardocheo, e Aman, Esther, e Assuero.

Condenado a pena de morte por hum decreto subrepticio do impio Aman, estava Mardocheo, e todo o Povo Hebreo; chegaram aos ouvidos de Esther os clamores do Povo, e movida de piedade, e compaixão, sem reparar nos decre-

tos de Assuero, que prohibião com pena de morte, até a mesma Rainha, o entrar na sua Camera Real sem licença sua, entra Esther, pede, roga, insta, e finalmente alcança de Assuero hum perdaõ geral para todo o Povo: *Dona mihi animam meam pro qua oro, & populum meum pro quo obsecro.* E porque ha de obrar Esther semelhante acção? Por que era Esther huma tal Pessoa. Era huma Pessoa Real, huma Pessoa illustre, e excellente, e entendeu que pela Pessoa, que era, estava obrigada a proteger, e amparar com o seu patrocinio a Mardocheo, e a todo aquelle povo, que afflicto, e desamparado recorria á sua piedade: *Dona animam meam pro qua oro, & populum meum pro*

pro quo obsecro.

Com esta forçosa obrigação nasceo ao mundo o Senhor S. Jozé pela sua Pessoa. Nasceo huma Pessoa noble, illustre, e excelente. E para que? Para socorrer, e amparar a todos aquelles, que afflictos, e desamparados, como Mardocheo, recorressẽm ao seu patrocínio. O Patrocínio, diz o sabio, he huma virtude propria, e natural das Pessoas grandes, e soberanas: *Corona inclyta proteget te*; e quanto mais soberana, e illustre for a Pessoa, mais seguro se ha de achar nella o seu patrocínio. Por isso adverte o mesmo sabio, que para o patrocínio ser o mais seguro se ha de recorrer ao soberano, que for mais illustre, que isto he o que diz aquelle *Inclyto*, junto áquella

Coroa; Corona inclyta proteget te. E a razão a dá o Profeta Isaias, quando diz que os mais soberanos, e os mais illustres, fazem mais apreço da gloria de proteger, e amparar, do que de outra qualquer gloria. Nem as riquezas, nem os Imperios, nem outra alguma cousa do mundo, he de tanta gloria para hum soberano, e illustre, como a gloria de dar a hum necessitado o seu patrocínio: *Super omnem enim gloriam protectio.*

Daqui vem, que entre todas as graças, e beneficios, que recebemos dos grandes, e soberanos, sempre teve o primeiro lugar o seu patrocínio, tanto para quem o recebe, como para elles. Para elles; porque os grandes, e soberanos sem-

sempre fizeraõ mais apreço de dar o seu patrocínio, do que de repartirem as suas riquezas. O animo generoso, e Real de David, quando quiz remunerar a Berzellay a fineza de deixar o partido de Absalaõ, e seguir a parte de David, naõ abrio os seus thesouros para o enriquecer, tirou dos hombros o seu manto Real para o cobrir: naõ lhe deo do seu ouro, nem da sua prata, tomou-o debaixo do seu patrocínio: *Veni mecum, & sta securus mecum in Jerusalem.* Antepoz a sombra do seu folio ás luzes do seu ouro. Julgou mais vantajoso para Berzellay o seu patrocínio, do que as suas riquezas. É certamente que sim; porque hum soberano naõ dá tanto nas suas riquezas, quanto dá no

seu patrocínio. Equem recebe, sempre recebe mais no patrocínio, do que póde receber nas riquezas. Nas riquezas receberia huma só graça, e huma só vez; e no seu patrocínio, ficaria habilitado para todas as graças, e para qualquer occasiã. E assim muito seria a hum grande o fazer a hum pobre rico; porém o tomá-lo debaixo do seu patrocínio, ainda seria muito mais. Em fim, hum soberano quando dá as suas riquezas, empenha os seus thesouros; quando patrocina, empenha a sua Pessoa: quando dá, dá o seu; quando patrocina, dá-se a si: e muito mais he dar-se a si, do que dar o seu: assim exorna o Cardeal Hugo aquella *Corona inclyta proteget te*, do sabio: *Se ipso proteget te*, diz Hugo. Se

Se o Patrocínio pois he huma virtude propria de soberanos, e quanto mais soberano, mais obrigado está o dar-nos o seu Patrocínio; claro está, que nunca nos ha de faltar com o seu Patrocínio o Senhor S. Jozé, pela obrigação da sua soberania, ou pela soberania da sua Pessoa. Se o Senhor S. Jozé não fora a Pessoa, que he, poderia ser que alguma vez faltasse a esta obrigação; mas o Senhor S. Jozé he huma tal Pessoa, que por isso mesmo, que he tal, não só nos não ha de faltar com o seu Patrocínio, mas ainda no-lo ha de dar muito mais apressado, do que nós lho pedirmos, se lho chegarmos a pedir como a tal Pessoa.

Recorreo a Christo na Cruz pelo seu Patrocínio aquelle ven-

turoso ladraõ chamado Dimas: *Domine memento mei*, e he muito para notar assim a petição de Dimas, como o despacho de Christo. Dimas pedia a Christo o seu Patrocínio lá para muito depois, quando Christo se achasse já de allento no seu Reyno: *Dum veneris in Regnum tuum*: e Christo, tem esperar mais tempo, lho deo logo naquelle mesmo dia: *Hodie mecum eris in Paradiso*. E pois como assim? Determina o ladraõ tempo para receber de Christo o seu Patrocínio, e Christo da-lhe o Patrocínio, e ainda antes de chegar esse tempo? Sim. É porque? Porque o ladraõ não só pediu o que queria, mas acertou no modo com que o pediu. Pedio a Christo o seu

o seu Patrocínio, e lembrou-lhe que lho pedia como a tal Pessoa, como a Rey, como a soberano, e como a senhor, que tudo isso dizem as suas palavras: *Domine memento meidum veneris in regnum tuum.* E como Christo entendeu que Dimas não só lhe pedia o seu Patrocínio, mas que, quando lho pedia, lhe lembrava a Pessoa, que era; achou que, como tal Pessoa, estava obrigado a dar-lhe o Patrocínio, que lhe pedia, e dar-lho logo: *Hodie mecumeris in Paradiso.*

Com os devotos do Senhor S. Jozé fallo agora. Quereis que o Senhor S. Jozé vos acuda com o seu Patrocínio, e que seja logo, e muito mais apressado ainda do que vós quereis; pois pedi-lho pela Pessoa, que he;

lembrai-lhe que he huma tal Pessoa, huma Pessoa a mais illustre, a mais excellente, e a mais soberana; lembrai-lhe que he filho de David: *Joseph fili David.*

Agora entendo eu a razão, porque quando o Anjo fallou ao Senhor S. Jozé, para que não faltasse com o seu Patrocínio a sua Santissima Esposa Maria. Santissima na resolução, que tomava, de a querer deixar: *Voluit occulte demittere eam*, usou destes mesmos termos: *Joseph fili David*, como que dizia: Olá, Jozé, que quereis fazer? Quereis deixar ao desamparo a vossa Esposa? Quereis faltar a Maria com o vosso Patrocínio? Vide lá o que fazeis: lembrai-vos que sois filho de David, e huma tal Pessoa, como vós,

G não

naõ póde faltar com o seu Patrocinio. O Anjo assim o advertio, e assim o executou o Senhor S. Jozé.

E este he tambem o fructo, que todos, assim grandes, como pequenos, devemos tirar desta doutrina, que, ainda que taõ politica, he muito catholica. Os pequenos, e os necessitados recorrerãõ confiadamente aos grandes, e soberanos; que nelles, pela Pessoa, que saõ, haõ de achar seguro o seu patrocínio, e amparo; e os soberanos, e gran-

des, lembrem-se que, por isso mesmo que saõ taes pessoas, estaõ obrigados a naõ faltar com o seu amparo, e Patrocínio. E por esta mesma razãõ, assim grandes como pequenos, recorramos seguramente ao Senhor S. Jozé pelo seu Patrocínio; porque nos naõ póde faltar com elle por quem he, nesta vida, para conseguirmos muitos bens da fortuna, e da graça, e na outra o summo bem de todos, que he a Bemaventurança. Amen.





FUNTE II.
 NASCE DO V. 27. CAP. I. LUC.

Viro, cui nomen erat Joseph.

E com as suas mysticas agoas entra a unir-se com as desta primeira corrente em hum discurso panegyrico em o segundo dia da
 Novena

DO SENHOR
S. JOSEPH,
 NO CONVENTO DE S. ANTONIO
 do Recife no Anno de 1751.

Assistio

OILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',
 Governador de Pernambuco.

J. M. J.



E os nomes
 mais augustos
 foraõ sempre
 huns como at-
 tributos das Pessoas

mais excellentes, (Ex-
 cellentissimo Senhor)
 se os nomes mais au-
 gustos foraõ sempre
 huns como attributos
 das

das PESSOAS mais excellentes, depois de vermos aqui no primeiro dia o que foy o Senhor S. Jozé, em ordem ao seu Patrocinio pela excellencia da sua Pessoa, o que se segue hoje he mostrar o que he pelo augusto do seu nome. Desorte que se ja vimos o como estava obrigado o Senhor S. Jozé a não faltar com o seu Patrocinio aos seus devotos, pela Pessoa, que he; agora veremos o como tem esta mesma obrigação pelo nome, que tem, que he Jozé: *Cui nomen erat Joseph.* E porque para ponderarinos como se deve as excellencias de hum nome tão especioso, tão suave, e sempre augusto, seria pouco ainda muito tempo, e o que se permite para huma Practica não he muito, comecemos.

São os nomes, diz S. Isidoro, huns como indices, titulos, ou notas, pelas quaes se lê nas margens, ou frontispicios do edificio do homem, o que encerra dentro em si: *Nomen dictum est quasi notamen, quod nobis vocabulo suo res notas efficiat.* E os Filósofos ensinaõ, que os nomes explicaõ as essencias das cousas. Por isso adverte S. Joaõ Chrysostomo, que se não ponha nome a cousa alguma, sem juizo certo das suas propriedades, e o mesmo escreve Santo Thomaz: *Nomina debent proprietatibus rerum respondere.* Até os Poetas o cantaõ assim.

Conveniunt rebus nomina sæpe suis.

Na Sagrada Escritura temos a melhor expressaõ desta verdade. A todos os viventes

pôs Adaõ o nome, e neste nome, que lhes pôs, achou cada hum huma rigorosa diffinição da sua natureza, e propriedades della : *Omne, quod vocavit Adam animæ viventis ipsum est nomen ejus.* A Eva pôs Adaõ este nome, que quer dizer, mãy dos viventes; porque assim o havia de ser : *Appellavit nomen ejus Eva mater viventium.* O filho de Seth, e neto do mesmo Adaõ, chamou-se Enós, que quer dizer, o que invoca a Deos; porque foy Enós o primeiro, que invocou o nome do Senhor : *Enos, ipse cæpit invocare nomen Domini.* A Moyfés puzeraõ os Eglypcios este nome, que significa, o que foy tirado das agoas; porque das correntes do Rio Nilo tiraraõ os Eglypcios a Moyfés:

Moyfes, id est, ab aquis eductus: O Suavissimo Nome de Maria, diz Santo Ambrosio, em si mesmo está inculcando, que esta Purissima Virgem foy escolhida para Mãy de Deos : *Maria significat Deus ex genere meo:* O Santo Nome de Emmanuel, que foy posto a Christo, por isso lhe foy posto, porque significa a inextimavel honra, que ao homem fez Deos, de se fazer, como elle, homem : *Emmanuel, nobiscum Deus.*

Esta foy a fraze da Escritura desde o principio do mundo até a vinda de Christo, aonde apenas se achará algum nome, que não seja expressivo da natureza, e propriedades do seu sujeito: pelo contrario porém da vinda de Christo até o presente muito poucos

cos se acharão , que o sujeito concorde com o nome. Antigamente os nomes não diziaõ mais , nem menos , do que os sujeitos eraõ em si , ou pelas acções , ou pela nobreza ; e assim vemos lá muitos sujeitos , e muito famosos , e grandes , e com tudo com huns nomes bem pequenos , que quasi não pallavaõ de huma , ou duas syllabas , e com bem poucas letras algumas: como Adaõ , Abrahaõ , Isaac , Jacob , David , Lot , Job &c. , hoje não he assim ; vemos huns nomes , que não só se formaõ de muitas letras , mas constaõ de muitas syllabas , e ainda se compoem de muitos nomes , e por isso estes nomes sempre dizem mais do que he em si o seu sujeito. E querem saber agora qual he a razão

desta differença ? A razão he ; porque no outro tempo os homens não faziaõ os nomes para os tomarem , tomavaõ aquelles nomes , que lhes adquiriaõ , e punhaõ , ou as suas acçoens , ou a sua natureza : hoje não he assim ; cada hum faz o nome , que quer tomar , ou pôr aos seus , e tomaõ os nomes , que querem , e assim fazem , ou compoem huns nomes muito grandes , e o sujeito ás vezes he bem pequeno.

Sendo pois certo , que os nomes se puzeraõ sempre , e devem pôr como indices , e explicação das propriedades mais notaveis dos sujeitos ; e sendo tambem certo , como affirma S. Bernardo , que este nome *Jozé* foy posto a este Santo Patriarcha , para que por elle se conhe-

nhecessem as suas mais especiaes excellencias: *Quis, & qualis homo fuerit Beatus Joseph conjice ex appellatione, & proprio vocabulo.* Vamos ja a ver, que excellencia particular significa neste grande Santo o nome Jozé. Diz o Santo Doutor, que Jozé não significa, nem quer significar outra cousa, mais que augmento, ou augmentado: *Ex proprio vocabulo, quod augmentum non dubites interpretari.* E seguiu nisto Santo Ambrosio a fraze da Escriitura, que diz, fallando do outro Jozé do Egypto, que este nome he hum tal nome, que traz comfigo a celestial benção de augmentar a quem o tem: *Filius accrescens Joseph filius accrescens.* Mas, deixando agora os augmentos, que Jo-

zé tirou para si do seu nome, vamos aos que deste nome Jozé podem tirar os seus devotos, que são os que nos pertencem hoje. He o nome de Jozé tão admiravel, que não só augmenta a quem o tem, tambem augmenta a quem o invoca, ou a quem elle patrocina: porque patrocinar não he outra cousa mais que augmentar; e a razão he evidente. Tendes esta, ou aquella necessidade, padeceis este, ou aquella achaque, sentis esta, ou aquella falta de saude, falta-vos isto, ou aquillo; recorreis a este, ou áquelle Santo pelo seu patrocínio, alcancais por elle o que pedis: e que he isto, senão ficares com algũa cousa mais do que tinheis, ou que não tinheis, e ficares assim augmentado,

tado, quando recebeis o seu patrocínio? E sendo isto graça commua em todos os Santos, em o Senhor S. Jozé he attributo muito especial; porque no seu mesmo nome tem todos os augmentos para quem patrocina. E esta he a differença, que vay tambem do Senhor S. Jozé ao patrocínio dos mais Santos; porque nos mais, assim como lhe falta o nome de Jozé, assim faltaõ elles tambem muitas vezes com o seu patrocínio: porèm o Senhor S. Jozé não falta, nem póde faltar; porque no seu mesmo nome tem a razão para não faltar: tambem temos prova, e certamente de nome.

Quando os Egypcios, naquella grande fome, que padeceraõ por sette annos, e com ella outras muitas ne-

cessidades, recorreraõ ao seu Rey Faraó para os remediar nella; diz o Texto, que o que fez Faraó, foy mandá-los recorressen a Jozé: *Ite ad Joseph*. Eu não reparo agora em que Faraó mande ao seu povo recorrer a Jozé para a providencia daquella necessidade; porque sey que Jozé era hum seu Ministro, e hum tal Ministro, que fazia em tudo as vezes do seu Rey, e aos seus Ministros costumaõ os Reys e Principes mandar recorrer nas suas pertencçoens aos seus vassallos: o que eu noto muito he, não dizer Faraó: ide ao Vice-Rey, se não ide a Jozé; e a razão do reparo he evidente. Quando alguma pessoa nobre occupa algum cargo grande no Reyno, ou Republica, não se costu-

ma fallar nella Pessoa pelo nome, que tem, senão pelo cargo, que occupa; e nos Principes, e Reys, como era Faraó, esta he a fraze do seu fallar: quando mandaõ recorrer a algum Ministro seu, não dizem fallai a N.ou N.,o que dizem he: Fallai ao Secretario, fallai ao Vice-Rey &c. Pois se esta he a pratica commua das Magestades, como perverte aqui a Magestade de Faraó esta pratica? Porque não disse ao seu povo: fallai ao meu Vice-Rey; senão, fallai a Jozé: *Ite ad Joseph.*

A razão he; porque Faraó queria acudir áquella necessidade do seu povo, e queria que sem falta alguma fosse remediado: pois, que remedio? O mesmo, que elle buscou; mandar ao povo que

recorresse ao patrocínio daquelle homem, não pelo cargo, que occupava; mas sim pelo nome, que tinha: não como a seu Vice-Rey; mas como a Jozé, que era: *Ite ad Joseph*: Porque entendeu Faraó, que pelo nome, que tinha, porque era Jozé, estava obrigado a não faltar com o seu Patrocínio: *Ite ad Joseph.* Boa doutrina se nos offerencia aqui para certos Ministros, que mais credito he para elles buscá-los pelo lugar, que occupaõ, do que pelo nome, que tem: será talvez, porque nunca tiveraõ nome, antes que tivessem o cargo; mas o tempo não dá lugar, e nem estamos em lugar de Ministros, que necessitem desta doutrina: vamos ao nosso ponto.

Aquelle Jozé do Egypto foy figura do nosso Jozé, e se o figurado sempre sahe com excessos á figura, porque nesta são só representações, o que nasce naquelle realidades; vede que obrigação tão forçosa não terá o Senhor S. Jozé pelo nome que tem; quando pelo mesmo nome, ainda em representação, a teve aquelle Jozé tão forçosa?

Assim está obrigado quem he Jozé a não faltar com o seu Patrocinio, e assim se faz tambem o Patrocinio do Senhor S. Jozé para nós o mais seguro. Agora entendo eu a razão; porque necessitando Christo, e sua Mãe Santíssima de hũ Patrocinio o mais seguro, para que livrando-os da tyrannia de Herodes os puzesse em

salvo no Egypto, não escolheo Deos para isso algum Anjo, senão só ao Senhor S. Jozé. A hum Anjo sabemos nós encarregou Deos o acudir a huma mãe chamada Agar, e a hum seu filhinho por nome Ismael, que nos desertos de Bersabee pereciaõ á necessidade; o menino morrendo de sede, e a mãe acabando, por ver o filho morrer. Pois se para huma mãe, e hum filho, humas taes pessoas, que eraõ escravas de Abrahão, teve Deos Anjos para os amparar, como não tem agora hum Anjo para proteger a hum tal filho como Christo, e a huma Mãe tal como Maria? Diremos que foy porque aqui podia o Senhor S. Jozé mais do que os Anjos? Não diremos tanto: mas sempre diremos foy

foy isto assim ; porque no Senhor S. Jozé havia alguma cousa mais que não havia nos Anjos. E que tinha o Senhor S. Jozé demais ? Tinha o seu nome : tinha o chamar-se Jozé, nome que não tem nenhum dos Anjos ; porque nenhum se chama Jozé. E como o Senhor S. Jozé na virtude do seu nome tinha a efficacia do seu Patrocínio ; por isso não aos Anjos , senão só a Jozé encarrega Deos o Patrocínio de Christo, e Maria: *Angelus Domini apparuit in somnis Josoph dicens, surge, accipe puerum, & matrem ejus.*

Naõ vem como he inseparavel a virtude do Patrocínio do admiravel nome de Jozé? bem se segue logo, que quem for Jozé , não só não póde faltar com o seu Patrocínio , não só

ha de dar hum Patrocínio o mais seguro , senão , que ainda o ha de dar , sem que para isso seja pedido, nem rogado. Depois de espirar Christo no Calvario, ficou seu Sacrosanto Corpo na Cruz ao desamparo, sem haver quem se resolvesse a dar-lhe sepultura. Entendo o Senhor , além de onze Apostolos, setenta e dous discipulos , nenhum delles cuidou naquelle desamparo. Quando eis que lá de Arimathea sahe hum certo homem , e sem temor , nem receyo dos Judeos , entra no Palacio de Pilatos , pede-lhe o Corpo do Senhor, e alcançada licença , lhe dá huma rica , e honrosa sepultura : e he de notar , que tudo isto fez este homem , sem que fosse pedido, nem rogado : *Homo*

H 2 *qui-*

quidam dives ab Arimathea ... venit ad Pilatum, & petiit corpus Iesus, & sepelivit eum. E porque cuidais vós que fez este homem o que nenhum dos outros se atreveo a fazer; e isto sem que o pedissem, nem rogassem? Sabeis porque? Porque no seu mesmo nome tinha a razão para o fazer assim; porque era Jozé, e tinha este nome: *Homo quidam dives ab Arimathea nomine Ioseph.* E quem he Jozé, ainda que não seja pedido, nem rogado, não póde ver desamparados, que os não patrocine; não póde faltar com o seu Patrocínio, por isso mesmo que he Jozé, e tem tal nome: *Nomine Ioseph.*

Grande excellencia de quem he Jozé! Fazer beneficios sendo

rogado, dar o seu Patrocínio, sendo pedido; isso fazem muitos, e muitos nem isso fazem: porém dar o Patrocínio sem ser rogado, fazer o beneficio sem ser pedido; isso o não vi eu fazer a ninguém, e só a quem he Jozé o vi fazer. Senhores devotos do Senhor S. Jozé, quereis hum Patrocínio o mais seguro; quereis hum Patrocínio, que nunca vos possa faltar; hum Patrocínio, que vos não custe a vergonha, o pejo, ou trabalho de o pedir? pois recorrei ao Senhor S. Jozé, e recorrei a elle como Jozé. E sabeis o quando, e aonde o haveis de buscar como a Jozé para alcançares delle tudo isso assim? Ha de ser aqui, e ha de ser agora. E porque? Porque, sendo o Patrocínio do Senhor S.

S. Jozé em toda a parte, e em qualquer tempo o mais seguro, por Jozé, ou por ser hum só Jozé; aqui, e agora ainda he mais seguro, pois se achão tres Jozés para o fazerem mais seguro, e mais forçosa a sua obrigação para não faltar. Acha-se o Senhor S. Jozé, acha-se Sua Excellencia, que tambem he Jozé, e acha-se como Jozé o nosso Reverendo Prelado. E certamente, que com huma mysteriosa ordem na mesma ordem, com que em cada hum se acha o nome de Jozé. Acha-se em primeiro lugar o Senhor S. Jozé, a quem se dedicaõ todos estes obsequios, e por isso tem tambem o nome de Jozé em primeiro lugar, porque não tem outro nome mais que Jozé. Acha-se em segundo lugar Sua

Excellencia, que só depois do Senhor S. Jozé podia ser aqui o segundo, sendo em tudo o mais sempre primeiro: acha-se, digo aqui como em lugar segundo, e por isso tem tambem o nome de Jozé em segundo lugar; porque he Luiz o seu primeiro nome, e Jozé he o segundo. Acha-se em terceiro lugar o nosso Prelado, e propriamente como terceiro, porque he o que com o seu zelo, e cuidado he o agente destes cultos, e venerações, e por isso tem tambem o nome de Jozé em terceiro lugar, porque he o seu nome Fr. Manoel de S. Jozé.

Agora notem o que diz a Igreja em huma oração dos seus officios; diz, que para o Patrocinio ser o mais seguro, se haõ de multiplicar para isso os inter-

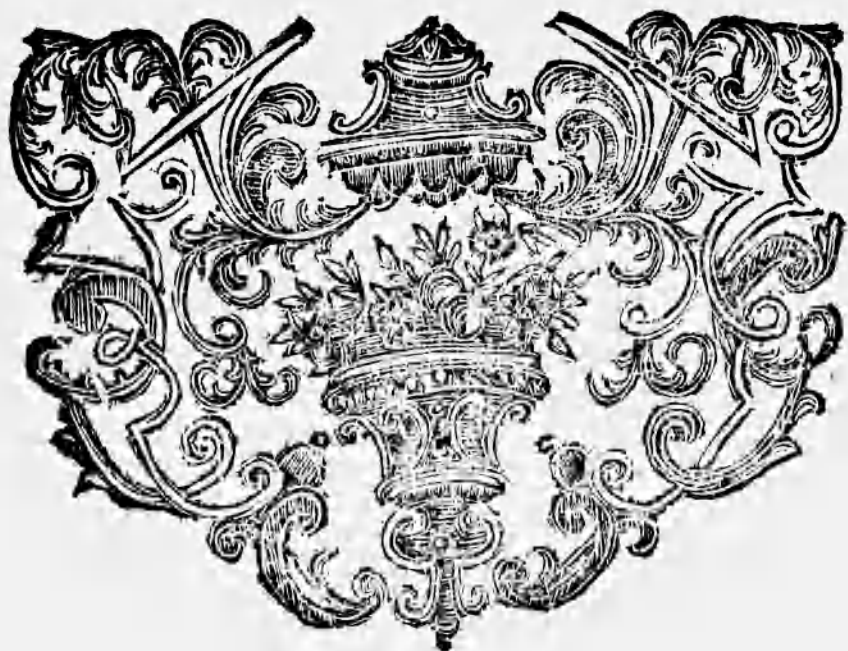
tercessores : *Multiplicatis intercessoribus largiaris*. E que são os obsequios, honras, cultos, e venerações, que se fazem aos Santos, senão huns fortes, e efficacissimos intercessores para por meyo delles, e pelo seu Patrocínio alcançarmos de Deos o bom despacho das nossas petições: e se hum Jozé, só por Jozé, está ja obrigado a não faltar com o seu Patrocínio, o que será tendo o seu Patrocínio dous Jozés mais por intercessores ! Se hum Jozé só póde tanto, o que será hum Jozé triplicado; o que será tres Jozés unidos ! Aqui podia eu agora atar muito bem a estes tres Jozés com aquelle *Funiculus triplex difficile rumpitur*, do fabio, quando diz que o cordel composto de tres cordeis com

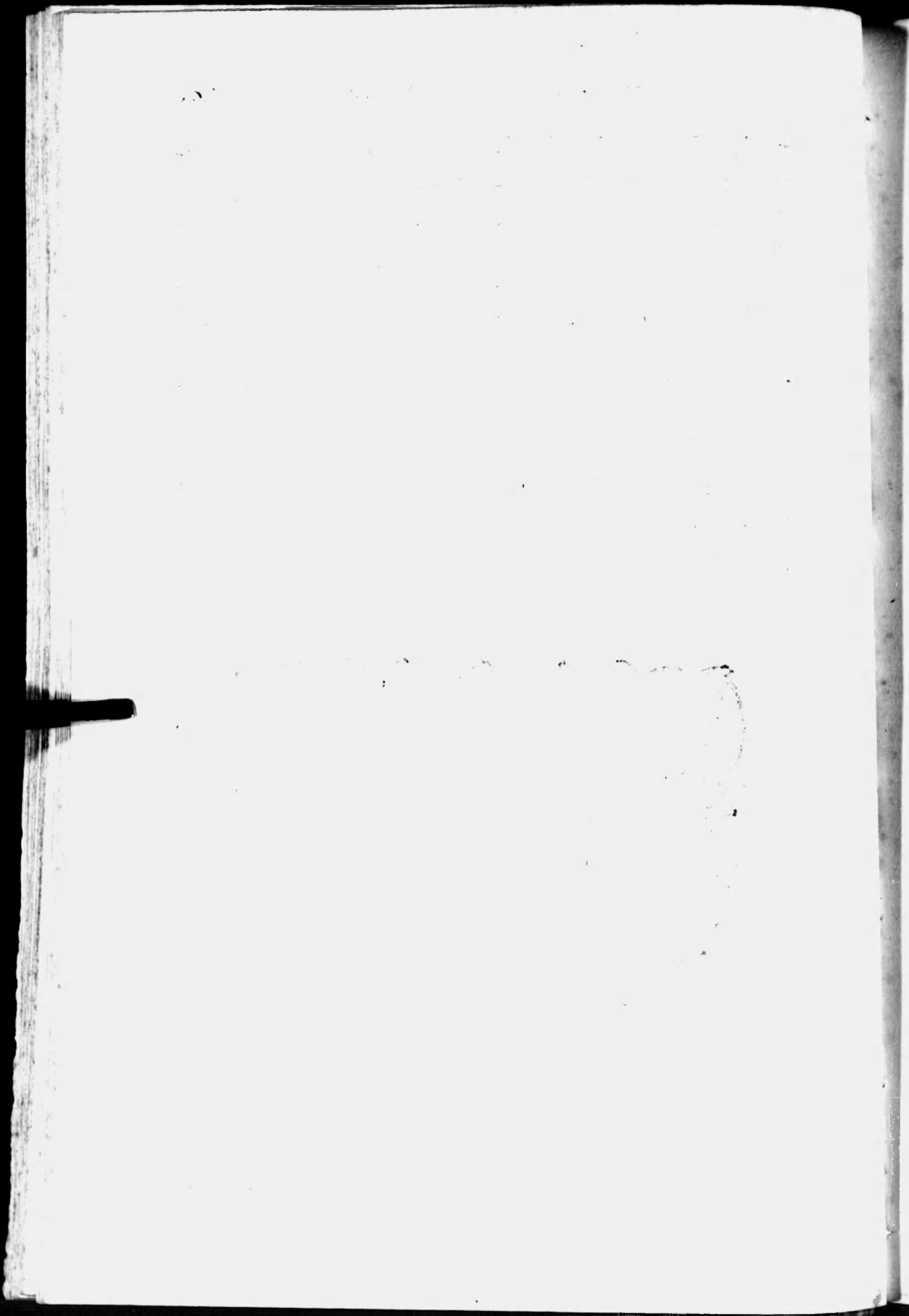
difficuldade se rompe; que he o mesmo, que dizer que a uniaõ espiritual de tres enlaçados em hum vence tudo, e tudo alcança. E o mesmo Christo o disse depois, quando disse, que o que se pedir em nome de tres, ou o que tres pedirem em seu nome, infallivelmente o haõ de alcançar: *Ubi duo, vel tres congregati fuerint in meo nomine, ibi sum ego*: E se o nome destes tres que pedirem for Jozé, o que será? Por isso eu dizia, que quem quizer seguramente o Patrocínio do Senhor S. Jozé, recorra a elle agora, e recorra aqui.

E vós, glorioso Santo, ja que tanto podeis com esse vosso nome; ja que como Jozé podeis tanto, e ja que para as nossas venerações sois aqui o primeiro

meiro Jozé, lembrai-vos muito particularmente daquelle Jozé, que depois de vós he o segundo; de Sua Excellencia digo, que certamente comvosco póde muito como Jozé: tomai-o muito debaixo do vosso Patrocinio a Sua Excellencia, e não vos esqueçais tambem daquelle

Jozé, que he o terceiro dos vossos applausos, sem que fiquem de fóra todos os mais devotos; para que todos, por meyo do vosso Patrocinio, alcancemos nesta vida muitos auxilios de graça, e na outra o fructo da Bemaventurança. Amen.







FORNTE III.

NASCE DO V. 19. CAP. I. MATTH.

Joseph autem cum esset Justus.

E com as suas mysticas agoas entra a continuar as desta primeira corrente em hum discurso panegyrico em a terceira tarde da Novena

DO SENHOR

S. JOSEPH,

NO CONVENTO DE S. ANTONIO
do Recife no Anno de 1751.

Com assistencia

DO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',
Governador de Pernambuco.

J. M. J.



E o ter hum nome augusto he dita grande: se he grande fortuna o ser

hum Pessoa Excelente (Excellentissimo Senhor) que fortuna, e que dita tao grande naõ sera, se ao

I Ex-

Excelente da Pessoa se ajuntar o predicado da Santidade, e se ao augusto do nome se ajustar o sobrenome de justo! Pois isto, que poucas, ou raras vezes se acha junto em hum só sujeito, vemos hoje unido em o glorioso Patriarcha o Senhor S. Jozé; porque não só foi huma Pessoa a mais excelente, como filho de David: *Joseph fili David*; não só teve o mais augusto nome, que he Jozé: *Cui nomen erat Joseph*; tambem para timbre do nome, e realce da Pessoa, teve o attributo de mais Santo, e mayor justo: *Joseph autem cum esset justus*. E se pela Pessoa, que he, e pelo nome que tem, vimos ja o como estava obrigado a não faltar com o seu Patrocinio aos seus devo-

tos, esta mesma obrigação, e ainda mais forçosa, veremos hoje tem, porque foi hum perfeito justo: *Joseph autem cum esset justus*. Este o ponto para o discurso, vamos a ver agora se o discurso fere o ponto.

Joseph autem cum esset justus. Este nome justo, tomado na sua primeira, e rigorosa significação, quer dizer: hum homem dotado da virtude da justiça, que he huma das quatro, a que chamão cardeaes. A justiça no homem tem dous effeitos principaes: o primeiro he fazer ao homem justo em si, e para comsigo; o segundo he fazê-lo justo para com os outros, e fóra de si. O homem justo para comsigo, he aquelle, que tem em si todas as virtudes; porque das virtudes

tudes todas he a justiça a origem , o principio , e o fundamento. O homem justo fóra de si , e para com os outros , he aquelle, que não falta ao proximo com o que lhe he devido. E tudo isto teve o Senhor S. Jozé, como justo , em gráo mais subido que todos os mais justos. Não só foi justo para comfigo, para o que teve juntas, e unidas em sua alma todas as virtudes, e ainda em gráo mais heroico , e perfeito que todos ; tambem foi justo para com os outros , porque nunca faltou ao proximo com o que lhe era devido , e mais perfeitamente, que nenhum : e por estes dous principios veremos o como o Senhor S. Jozé está obrigado , e muito obrigado a não faltar aos

seus devotos com o seu Patrocínio : por justo para comfigo ; e por justo para com os mais.

Que o Senhor S. Jozé , como justo para comfigo, e como quem mereceo a justiça de ter em si todas as virtudes , esteja obrigado a não faltar com o seu Patrocínio aos seus devotos, he evidente; porque se ofaltarem , ou não faltarem os Santos com o seu Patrocínio procede da mayor valia , ou merecimento , que cada hum tem para com Deos , e este merecimento , ou valia se faz mayor, e mais efficaz pelas maiores virtudes , e graças de cada hum ; sendo o Senhor S. Jozé nas graças , e virtudes o mais avantajado a todos , claro está que mais que todos ha deter maiores mere-

cimentos para com Deos ; e como com Deos merece mais , tambem póde mais com Deos , e por consequencia está mais obrigado a não faltar com o seu Patrocínio aos seus devotos. Tudo disse em menos palavras o devoto Ifo-lano: *Mortalium inter patronos apud Deum arbitror Sanctum Joseph esse efficaciorum*. Entre todos os advogados, diz este devoto , que tem os homens no Ceo para com Deos , não se póde duvidar he Jozé o mais effcaz , e o que com Deos certamente póde mais que todos ; e he sem duvida , que tudo isto tem pelo mais, que merece com Deos , como quem teve em si juntas, e unidas as virtudes todas, como justo para consigo : *Joseph autem*

cum esset justus : mas para que vejamos isto melhor , pergunto :

E que mereceo o Senhor S. Jozé para si pela justiça das suas virtudes , ou por ter em si as virtudes todas , como justo para consigo ? Mereceo o que nenhum outro Santo mereceo , que foi o ser escolhido para Pay putativo do mesmo Deos feito homem. Pois se o Senhor S. Jozé pela virtude dos seus merecimentos, ou pela justiça das suas virtudes , mereceo o ser Pay de Deos feito homem : bem se segue que tem mais obrigação que outro Santo algum de não faltar nunca com o seu Patrocínio aos seus devotos ; pois por esta razão, mais que todos, póde mais com Deos, e tanto póde, que para dar o seu Patrocínio, nem

nem pede, nem roga a Deos. E pois não pede, nem roga, o que faz? Manda, determina, ordena? Não digo tanto; porêem digo que não pede, nem roga; porque nem roga, nem pede como os outros Santos: ora notem.

He certo que, pelo Patrocinio dos outros Santos, alcançamos de Deos muitas graças, e beneficios; mas estes beneficios, e estas graças como as alcançã os mais Santos? Já sabemos que ha de ser pedindo, e rogando. E como rogaõ, e pedem? Sabem como? He com huma submissão muito grande, e com huma grande dependencia; porque huns pedem como servos, que assim pedia David: *O Domine quia ego servus tuus.* Outros pedem como

criados, assim pedia Moysés: *Erat in domo ejus tanquam famulus.* Outros pedem como amigos, assim pediaõ os Apostolos: *Vos autem dixi amicos:* Outros pedem como vassallos, assim pedem os Anjos: *Ministri ejus, qui facitis voluntatem ejus:* e quem assim pede, quem pede com esta dependencia; muitas vezes não alcança o que pede. Pedir o servo ao senhor, o criado ao amo, o amigo ao amigo, e o vassallo ao Rey, vai mui arriscado este pedir. Porque o Rey, com a mesma magestade de Rey, pode não ouvir bem ao vassallo: o amigo, com a mesma cara de amigo, lhe diz que se deixe disto; que ha amigos, que para tudo tem cara: o amo, com a mesma confiança de amo,

amo, diz ao criado, que não pode agora; e o Senhor, com a razão de Senhor, e talvez sem razão, diz ao escravo, que não quer. E quem assim pede, leva muy arriscado o despacho do que pede; porque he pedir com dependencia, e por isso faltaõ muitos Santos com o seu Patrocínio aos seus devotos, porque communmente todos pedem assim. O Senhor S. Jozé não pode faltar com o seu Patrocínio aos seus devotos; porque não he assim o como elle pede. E como pede o Senhor S. Jozé? Sabem como? Pede com Soberania, pede com Dominio, e pede com Imperio, porque pede com authoridade de Pay. Assim o confidera o seu grande devoto Joaõ Gerson:

Dum Pater Filium orat velut imperium reputatur. Santa Theza de JESUS nos explicará melhor o que queremos dizer. Pedia esta gloriosa Santa com muita instancia a Christo Senhor nosso por certa Religiosa, e achava a este Senhor muy remisso em lhe conceder o que lhe pedia. Quando ao mesmo tempo apparece o Senhor S. Jozé ao lado da Santa, e eis que como resolutio disse assim a Christo: Senhor, conceda vossa Divina Magestade a minha devota Thereza, o que lhe pede. De maneira, que não uzou de termos submissos, como quem roga, mas de palavras imperativas, como quem manda. Eis-aqui como o Senhor S. Jozé pede, não pede com de-
pen-

pendencia, pede com authoridade; não roga com submissão, roga com imperio. Não roga, nem pede o Senhor S. Jozé, quero dizer, não pede, nem roga, como os outros Santos: este modo de pedir, e rogar, nem he absolutamente rogar, nem he totalmente mandar: pois que he? Agora o direi melhor: he atar as mãos a Deos, e he ficar Deos como atado, e deixar fazer ao Senhor S. Jozé do seu Patrocinio o que quizer. Para atarmos tambem melhor o que himos dizendo, notem huma notavel advertencia do Evangelista S. Lucas.

Falla este Evangelista de Christo nascido no portal de Bellem, e diz que sua Santissima May, a Virgem Maria, o enfaixa-

ra, e envolvera em humas certas mantilhas, ou pannos: *Et pannis eum involvit.* Notavel advertencia por certo! Se Deos se tinha feito homem, se nascia menino, e tinha Pay, e Mãy, ainda que pobres, he sem duvida que se havia envolver em pannos, e e enfaixar em mantilhas. Mas o certo he, que o Evangelista, que fez advertencia, havia mysterio. O mysterio foi, diz Drexelio com outros authores, e graves, que aquellas preciosas roupas, e aquellas ricas mantilhas, q̄ assim lhes devemos chamar, foi a pobre capa do Senhor S. Jozé; e o Padre Morales, que tambem escreve o mesmo, ainda gozou o dita de alcançar huma reliquia deste manto sagrado depois de o adornar na Igreja

ja

ja titular de Santa Anastasia em Roma: *Pannem vestis Beati Josephi Sponsi Virginis, in quo involutus fuit Dominus noster Jesus Christus in sua natiuitate* : são palavras do Breve, que authorizou esta devota, e veneravel reliquia. Agora pergunto : E de que servem as mantilhas, ou pannos, com que se enfaixaõ os meninos quando nascem? Servem de apertar, ligar, e prender as mãos, e os pés das crianças. Assim o fazem com as suas mantilhas todas as mãys aos seus filhinhos; e assim o fez ao seu Menino JESUS aquella Santissima Mãy com a capa do Senhor S. Jozé, ligou-o, apertou-o, e prendeo-o de pés, e mãos : assim o diz a glossa explicando este texto de S. Lucas : *Manus, & pedes*

stringuntur; e o canta assim tambem a Igreja em hum dos seus Hymnos, celebrando que com aquellas sagradas mantilhas, ou com a capa do Senhor S. Jozé atara Maria as mãos, e os pés do seu Menino Deos: *Dei manus, pedesque stricta cinxit fascia*. Já se deixa entender que nesta capa do Senhor S. Jozé vai envolto o seu Patrocinio, e assim ficou Deos atado de pés, e mãos com o Patrocinio do Senhor S. Jozé, e o Senhor S. Jozé com o seu Patrocinio livre, e desembaraçado, para o dar a quem quizer, como quizer, e quando quizer : e tudo mereceo o Senhor S. Jozé pela summa perfeiçaõ, e heroicas virtudes, pelas quaes foi escolhido para Pay putativo de Deos feito homem, como

mo justo para comfi-
go: *Joseph autem cum
esset justus.*

E se o Senhor S. Jozé tem a Deos assim atado, ou como enleado com a sua capa, e o seu Patrocínio taõ livre para o dar como quizer; poderá haver alguma occasião em que o Senhor S. Jozé possa faltar com o seu Patrocínio? Digo que não, e em quanto homem justo para com os outros, e por aquella parte da justiça, que manda, que o homem justo dê o cada hum o que he seu, que he a segunda parte do nosso discurso. Mas he necessario, que para o Senhor S. Jozé não faltar com esta justiça de dar o seu Patrocínio a quem o quer, haja tambem justiça, ou direito da parte de quem o pede. E que direito,

ou justiça podem ter os devotos do Senhor S. Jozé ao seu Patrocínio, para que elle de justiça não possa tambem faltar? Não he necessario outra mais que o ser seu devoto; servillo com huma vontade liza, amá-lo com hum coração puro, e ter nelle huma confiança catholica, e christã. E eis-aqui tem os devotos do Senhor S. Jozé hum bello modo, e huma rica traça para trazerem tambem ao Senhor S. Jozé como atado, e enleado. O Senhor S. Jozé com a sua capa atou os pés, e mãos de Deos para o deixar fazer do seu Patrocínio o que quizer: e os devotos do Senhor S. Jozé com o seu amor, e devoção podem atar tambem a este Santo de mãos, e pés para lhes não faltar

com o seu Patrocinio, pois está obrigado a fim a dá-lo de justiça : *Joseph autem cum esset justus.*

Aqui estava eu agora para me retractar do que disse ja nas duas Practicas antecedentes. Disse que quem quizesse que o Senhor S. Jozé lhe não faltasse com o seu Patrocinio, que lho pedisse pela Pessoa que era, e pelo nome que tem : disse bem, não me quero retractar ; porém disse pouco então, agora digo mais, e melhor. Quereis que o Senhor S. Jozé de nenhuma forte vos falte com o seu Patrocinio ? Pois buscai-o, ou agora, ou em outro qualquer tempo, e buscai-o como justo. Pela Pessoa que he, e pelo nome que tem, não vos ha de faltar ; porque não ha de querer faltar á

regalia do nome, e á excellencia da Pessoa: mas como isto não he de justiça, he por benevolencia, póde faltar, e pode não querer, se quizer: agora não, buscado como justo não póde faltar ; porque de justiça está obrigado a dar-vos o seu Patrocinio, por isso mesmo que he justo: *Joseph autem cum esset justus.*

Agora me parece estou ouvindo dizer a algum critico, que nesta Practica não segui o methodo, ou modo de provar conforme guardei nas outras ; porque se nas duas primeiras, mostrando que estava o Senhor S. Jozé obrigado a não faltar com o seu Patrocinio pela Pessoa que era, e pelo nome que tem, provei isto com sujeitos determinados do nome

me de Jozé , e excellentes pela Pessoa : parece pedia a formalidade , que isso mesmo fizesse agora , e que para mostrar que o Senhor S. Jozé estava obrigado de justiça a não faltar com o seu Patrocínio, havia mostrar isto com sujeitos determinadamente justos. A critica na apparencia alguma força parece ter : porém na realidade não tem alguma ; porque no que disse não me apartei do que he ser justo conforme a divizaõ. Mas porque deixemos satisfeito este escrupulo , eu provo tudo quanto fica dito neste discurso , com hum texto só , e de sujeito determinadamente justo. Notem com attençaõ.

Quando David fugitivo das furias de Saul , e desamparado

de todo o focorro humano, deixando a Corte de Jerusalem, se retirou da vista daquella féra humana ; depois de andar embrenhado por montes , dormindo por covas , e grutas , passados alguns tempos , se determinou a tornar para a Corte : e dando parte desta resoluçaõ a alguns daquelles , que o acompanhavaõ , trataõ dessuadi-lo fortemente deste intento , propondo-lhe o risco a que se expunha em ir-se metter nas garras daquelle Leaõ furioso ; porém o que David fez, foi responder-lhes assim : que para que o conselhaõ andar por aquelles montes, como passaro solitario , sem habitaçaõ certa , se elle tinha recorrido ao Patrocínio de hum sujeito, no qual confia-

va tanto , que seguramente o havia proteger , sem que as iras de Saul , e nem todas as suas astucias o pudessem offender: e que este tal sujeito, debaixo de cujo Patrocinio estava , era o mesmo Deos: *In Domino confido , quomodo dicis anima meæ transmigra in montem sicut passer?* E como achou David em Deos este Patrocinio taõ seguro? Seria em Deos , como Senhor pela Excellencia da sua Pessoa? Naõ , porque assim ja David se tinha queixado, que buscando-o huma vez o naõ achara : *Exurge , quare obdormis Domine?* Seria em Deos debaixo da protecção do seu nome. Tambem naõ; porque ainda que David alguma vez disse , que assim o havia de buscar : *Nomen Domini invocabo ; o*

nome de Deos naquelle tempo , que era o nome de *Jehovath* , mais era para metter terror , do que para reconciliar agrado ; porque ainda que Santissimo era terrivel : *Sanctum , & terribile nomen ejus.* Pois como buscou David em Deos este Patrocinio taõ seguro, que julgou de nenhuma sorte lhe podia faltar? Elle mesmo o disse logo, dando a razãõ porque tanto confiava nelle Porque tinha buscado a Deos , como a sujeito justo : *In Domino confido. . . Quoniam justus Dominus , & justitiam dilexit , æquitatem vide vultus ejus* , e notem , que naõ diz só , que buscara a Deos , como sujeito justo em si pela eminencia da sua santidade , e justiça das suas virtudes : *Justus Dominus*; mas tam-

tambem como a sujei-
to dotado da virtude
da justiça, que obriga
a dar com igualdade a
cada hum o que he seu:
*Et justitiam dilexit ;
æquitatem vide vultus
ejus.* Ainda não disse-
mos tudo : e que justi-
ça pôs David da sua
parte para merecer de
Deos , como justo , o
seu Patrocínio ? Ne-
nhuma mais que a
confiança , que tinha
posto no mesmo Deos
o seu affecto , e a sua
devoção : *In Domino
confido.* Ensinando-nos
assim David, que quem
quizer hum Patroci-
nio o mais seguro , ha
de buscá-lo em hum
sujeito , que além da
excellencia da sua Pef-
soa , e do bom nome
que tem , ha de ter
tambem por summa
da perfeição o attribu-
to de justo. Este sujei-
to, depois de Deos, he o
Senhor S. Jozé : re-

corramos a elle , pon-
do da nossa parte a ju-
stça , e o merecimen-
to da nossa fé, e devo-
ção , que elle da sua
parte nos não ha de
faltar em nos dar o seu
Patrocínio; porque as-
sim está obrigado co-
mo justo , que he: *Jo-
seph autem cum esset
justus.*

E quem, Excellen-
tissimo Senhor , quem
melhor que vossa Ex-
cellencia tem para isto
mais justiça , e mere-
cimento ? Por mais
que todos os devotos
do Senhor S. Jozé o
seu devoto ; por mais
affectuoso , por mais
empenhado , e por
mais : mais que ? Hia
a dizer por mais justo:
mas sempre direi, por
mais ajustado. Pois se,
mais que todos , tem
Vossa Excellencia mais
justça ao Patrocínio
do Senhor S. Jozé ; o
Senhor S. Jozé tem
tambem

tambem mayor obri-
gação de justiça em
naõ faltar a Vossa Ex-
cellencia com o seu
Patrocínio; pois como
taõ justo naõ póde fal-
tar em dar a cada hum
o que he seu. E assim
a cada hum dos seus
devotos, conforme ao
que lhe merecer, lhe

dará tambem o Senhor
S. Jozé o seu Patroci-
nio á medida da sua
justiça, e do mereci-
mento de cada hum,
nesta vida, para conse-
guirmos os bens da
graça, e na outra o
summo bem da Glo-
ria. Amen.



FONTE IV.

NASCE DO V. 23. CAP. III. LUC.

Ut putabatur Filius Joseph.

E com as suas mysticas agoas entra a augmentar as desta primeira corrente em hum Sermaõ panegyrico do Glorioso Patriarcha

O S E N H O R

S. JOSEPH,

Na festa do seu Patrocinio, em occasiã, que se esperava pela noticia da Acclamação

DO FIDELISSIMO MONARCHA

D. JOSEPH I.

REY DE PORTUGAL,

No Convento de Santo Antonio do Recife
Anno de 1751.

Assistio

O ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR

LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',

Governador de Pernambuco.

J. M. J.



Ozé Illustre!
Excellente Jo-
zé! (Divina,
e humana Magestade!
Senhor, não repare Vos-

sa Magestade em que
estando exposto, e pa-
tente nesse Throno, ti-
viffe eu a ousadia de
tomar primeiro venia
a Jo-

a Jozé, do que a Vossa Magestade: porque se Vossa Magestade está ahi nesse Throno como Rey: *Christus in Eucharistia Rex*; tambem he certo está ahi como morto: *Tamquam occisum*: e como morto o Rey, por direito lhe deve occupar o Throno o herdeiro mais chegado, e Vossa Magestade não tem outro herdeiro mais que Jozé, a Jozé, que ja considerava no Throno do Rey morto, se foraõ hoje todas as minhas attençoens: *Ut putabatur filius Joseph*) Jozé Illustre! Excelente Jozé! Se por Pessoa taõ grande nascestes ja excelente, como filho de David: *Joseph fili David*; que Excelente Pessoa não se-reis hoje por Pay de Christo: *Ut putabatur filius Joseph*! Por Pay de Christo, grande Pef-

soa no Ceo, pelo poderoso do vosso Patrocinio, pois no Ceo respectivo o não ha mayor; como vimos todos estes dias, e o diz o vosso devoto Isolano: *Mortalium inter Patronos apud Deum arbitror Sanctum Joseph esse efficaciorum*. Por filho de David, grande Pessoa na terra, pelo illustre da vossa ascendencia; pois por ella nenhum nasceo na terra mais illustre que vós. Assim o publica Joaõ Gerson, outro vosso grande devoro: *Fuit Joseph vir dignior, & nobilior inter omnes homines, qui nati sunt ex stirpe Adam*.

E se he huma Pessoa taõ Illustre, e Excelente Jozé, que titulo lhe daremos hoje pelo excelente, e illustre da sua Pessoa? As circunstancias do tempo,

e as

e as excellencias de Jozé me estão excitando, e assim supponho o farão nos animos dos seus devotos, e apaixonados, a que acclamemos hoje a Jozé por nosso Rey, e Senhor. Assim será: por nosso Rey, e Senhor veremos hoje acclamado a Jozé. E com razão; porque se o ser huma Pessoa a mais illustre, e excellente he a melhor condição para qualquer poder ser levantado em Rey; quem melhor para Rey do que Jozé, pois he huma Pessoa a mais excellente, e illustre: *Joseph fili David?* Se o ter hum nome bom he predicado requisito para hum Principe perfeito; quem mais perfeito para Principe do que Jozé, pois tem hum tão bom nome: *Cui nomen erat Joseph?* Se o ser hum

fujeito dotado da virtude da justiça, he attributo necessario para hum Monarcha, quẽ mais para Monarcha do que Jozé, pois he por antonomasia o justo: *Joseph autem cum esset justus?* Esta sem duvida foi toda a traça, com que nas tres practicas antecedentes tomei por empenho mostrar-vos que Jozé era huma Pessoa a mais illustre, e excellente; tinha hum bom nome, e era perfeito justo: para que movendo-vos assim as vontades com tão singulares prendas, achasse hoje os vossos animos dispostos para o intento, que trazia de acclamarmos hoje a Jozé por nosso Rey, e Senhor. E este será todo o empenho deste devoto, e luzido acto. Veremos o como Jozé está acclamado por

L Rey,

Rey, e Senhor nosso; o Reyno aonde está, de quem he Rey, e quando foi acclamado. Para tudo nos haõ de dar fundamento as palavras do thema, que saõ do Evangelho, que a Igreja applica hoje para a festa do grande Patrocinio deste glorioso Patriarcha : *Ut putabatur filius Joseph*. Este foi o assumpto, que me occorreo, e achei mais proprio para as circumstancias do tempo, e do dia de hoje : porque se este he o dia, em que a Igreja faz festa particular ao poderoso Patrocinio de Jozé; para conhecermos melhor quem seja Jozé pelo seu Patrocinio, nenhum assumpto ha mais proprio do que este, em que Jozé se ha de ver Rey, e Senhor nosso. Para as circumstancias do tem-

po tambem proprio, pois estamos em tempo de acclamação. As outras, que formos dizendo, cada hum as applicará conforme as entender; humas no sentido allegorico, outras no seu proprio sentido, e muitas equivocas, ou appropriadas. Tudo poderemos vencer, se nos assistir tambem o Patrocinio de hum Santo, que, por Esposo de Maria, e Pay de Christo, teve para tudo toda a graça.

Ave Maria.

POr nosso Rey, e Senhor temos hoje acclamado a Jozé : e se para hum Rey ser acclamado por tal, ha de ter titulos por onde o possa ser; que titulos terá Jozé por onde possa ser acclamado Rey? Tem todos

dos aquelles, que em rigor de Direito são necessarios, e fundados todos nas breves palavras do nosso thema: *Ut putabatur filius Joseph.* He Jozé Pay de Christo, e Esposo de Maria, que tudo querem dizer estas palavras: e por ambos estes titulos podia Jozé ser acclamado Rey. E primeiramente por Esposo de Maria. S Bernardino de Sena, fundado em certa regra de Direito, e fallando de Jozé, como Esposo de Maria, diz que todos aquelles titulos, e excellencias, que gozava Maria Santissima, as lograva tambem Jozé como seu Esposo; porque he regra de Direito, que tudo o que he da Esposa, he do Esposo: *Omnia, quæ sunt uxoris, sunt viri.* E que titulos

tem Maria em quanto ao tratamento da sua Pessoa? Tem os titulos de Rainha, e Senhora nossa: *Maria, id est Domina, Regina nostra.* Logo se o que he da Esposa he do Esposo, aonde a Esposa, que he Maria, he Senhora nossa, e nossa Rainha; Rey, e Senhor nosso ha de ser Jozé, que he o seu Esposo. Assim o tem o mesmo Direito em outro texto expresso: *Reginarum Sponsi in partem Regni vocantur ita ut viris suis titulum Regis imperant.* Quer dizer: Quem jamais cazou com huma Rainha, que não fosse Rey? Quem teve jamais por Esposa a huma Senhora, que se não chamasse tambem Senhor? Logo se Maria he nossa Rainha, Rey, e Senhor nosso ha de ser

tambem Jozé, pois he Esposo de Maria : *Reginarum Sponsi in partem Regni vocantur, &c.* Eis-aqui o como a Jozé lhe compete o titulo de Rey, e Senhhor, por Esposo de Maria; e isto mesmo se lhe deve por Pay de Christo. He Christo Rey, e Senhor : *Dominus, & Rex*; he Jozé Pay de Christo : *Ut putabatur filius Joseph*; pois seja Jozé tambem Rey, e Senhhor.

Senhor de toda a sua casa constituiu lá ao seu Jozé o Rey Faraó : *Constituit eum Dominum domus suæ*: e não menos o fez tambem Rey segundo, ou Vice-Rey de todo o seu Reyno: *Et Principem omnis possessionis suæ*. E nem podia deixar de ser assim: era Jozé Pay de Faraó : estava Faraó

em lugar de filho, e Jozé em lugar de Pay: *Fecit me Dominus quasi Patrem Pharaonis*: e como nos Pays recahem, ou reflectem as excellencias dos filhos; sendo Faraó como filho de Jozé Rey, e Senhor, Senhor, e Rey ha de ser Jozé como seu Pay: *Fecit me Dominus quasi Patrem Pharaonis: Constituit eum Dominum, & Principem*. Isto, que naquelle Jozé vio já o Egypto, vemos nós aqui em o nosso Jozé: he Senhor, e Rey o filho de Jozé, que he Christo: *Rex, & Dominus*; Rey, e Senhor ha de ser Jozé, que he seu Pay: *Ut putabatur filius Joseph: Constituit eum Dominum, & Principem*.

Ainda para Jozé poder ser Rey, tem outro titulo mais, e melhor ainda. Porque se

fe os mais foraõ por graça , ou privilegio , este he por descendencia , e natureza. Por natureza , e descendencia he Jozé filho de David : *Joseph fili David*. E se David por descendencia , e natureza foi Rey: *David autem Rex* ; Rey ha de ser tambem Jozé, como filho, e descendente de David. He Rey o Pay de Jozé, que he David; pois seja Jozé , que he seu filho, tambem Rey: *Joseph fili David: David autem Rex*.

Eis-aqui temos ja o como póde Jozé estar acclamado em Rey , por todos aquelles titulos por onde hum Rey o póde ser. Por Esposo de Rainha, por Pay de Rey , e por filho, e descendente de Rey. E para que fiqueis na certeza de que Jozé está accla-

mado Rey, reparai no que naõ ha ainda meya hora aconteceo aqui. Ainda agora naquelle Coro, antes de se entrar a este solemne acto da Missa, ouvistes entoar hum *Te Deum laudamus*. Tambem o eu ouvi, e sahindo a inquirir a causa, naõ achei quem me desse a razaõ desta novidade ; ao que eu respondi : naõ importa , seja o que for ; para mim ja fei o que he: he confirmação do que temos dito. He para que fiquemos entendidos , que Jozé está acclamado Rey. E porque ? Porque o ultimo acto de huma acclamação , he solememente o *Te Deum laudamus* em acção de graças. E isto mesmo he o que nos persuade o *Te Deum laudamus* , que ha pouco ouvimos , que demos a Deos

a Deos as graças por nos dar hum tal Rey como Jozé: *Te Deum laudamus*; e que todos prostrados a seus pés, confessemos, e reconheçamos a Jozé por nosso Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur*.

Mas se não ha Rey sem Reyno, qual será o Reyno de Jozé? Eu não sei se he allegoria, se he propriedade, ou se he equivocação do meu discurso; o que sei he, que Jozé está acclamado Rey. E sabem donde? Em Portugal. He Portugal o Reyno, donde Jozé está acclamado Rey; porque he Portugal, e foi sempre o Reyno de Jozé. Bem sei que me podem dizer, os que tem lição da Escritura Sagrada, e ainda os que lem as historias Seculares, que a Jozé por descendente de

David, o Reyno que lhe tocava por herança, era o Reyno de Israel, e eu tambem assim o digo. Pois se Israel era o Reyno, que pertencia a Jozé, como digo eu agora que em Portugal he que está Jozé acclamado Rey? Por isso mesmo. E a razão eu ja a apontei aqui da outra vez, pregando nas Exequias do Fidelissimo, e Augustissimo Rey Dom Joaõ V. de incomparavel saudade, quando disse que tanto fazia dizer Porrrugal, como Israel, e Israelitas, como Portuguezes; e juntamente quando disse que assim como o Reyno de Israel era o Reyno de Christo, e os Israelitas Povo de Deos; assim tambem Povo de Deos era o Povo Portuguez, e o Reyno de Portugal Reyno de Christo

Christo , como o mesmo Christo o disse ao seu primeiro Rey D. Affonso Henriques , quando pregado em huma Cruz lhe appareceo, e fallou no Campo de Ourique : *Volo in te , & in semine tuo imperium mihi stabilire.* E agora accrescentando mais, digo : que por isso mesmo que a Jozé pertencia o Reyno de Christo, por isso mesmo ha de ser Jozé hoje Rey de Portugal; porque Portugal he com especialidade o Reyno de Christo, e como Reyno de Christo pertence a Jozé, e só a Jozé.

Repara Santo Ambrosio com a sua costumada energia, ou agudeza, que pedindo o bom ladraõ a Christo na Cruz o seu Reyno : *Domine memento mei dum veneris in Regnum tuum.*

Christo não lhe dera o Reyno em quanto Reyno, só lho dera em quanto Paraíso : *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso.* Aduvida está percebida : se o ladraõ pede o Reyno de Christo em quanto Reyno; porque razaõ lho dá Christo em quanto Paraizo, e não em quanto Reyno : *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso?* Para darmosa resposta devemos advertir que não falta quem diga que o ladraõ teve para si que Christo temporalmente havia reinar em Israel, assim como tambem se enganaraõ os filhos de Zebedeo : outros dizem, e he o commum, que o Reyno, que pedia o ladraõ, era o Reyno do Paraíso, ou da Gloria. Tambem
de

devenos notar que Christo teve dous Reynos : hum espiri-
tual, que he o da Glo-
ria, ou Paraíso, e ou-
tro temporal, que era
o de Israel. Agora vai
a resposta de Christo,
como confirmação do
dito, e como quem
com ella tirava a Di-
mas toda a equivocacão
do que pedia. Se
tu, ó Dimas, me pedes
o meu Reyno espiri-
tual, a minha Gloria,
ou o meu Paraíso; ne-
ste não tenho duvida
tenhas entrada: *Hodie
mecum eris in Para-
diso*: mas o meu Rey-
no temporal, o Rey-
no de Israel, esse não
to posso eu dar: *Non
de Regno respondit*. E
porque? Porque no
Reyno de Israel, em
quanto Reyno de Chri-
sto, estava figurado o
Reyno de Portugal,
que tambem he Rey-
no de Christo: *Impe-*

rium mihi; e o Reyno
de Portugal, em quan-
to Reyno de Christo,
de tal sorte pertence
a Jozé, que se não dá
a outro senão a Jozé:
*Non de Regno respon-
dit*. Mais adiante di-
remos o mais, que
falta.

He logo Portugal o
Reyno de Jozé: he lo-
go Jozé Rey de Portu-
gal. E ja agora pode-
mos saber tambem
que he Jozé hum tal
Rey, que, como Rey
de Portugal que he, he
Rey de Reys, e Se-
nhor de Senhores. Por-
que se o ser Rey de
Reys, e Senhor de Se-
nhores, he pôr em hum
Reyno Reys da sua
maõ, e ter da sua maõ
os Reys deste Reyno;
tudo isto tem Jozé em
Portugal: tem de sua
maõ aos seus Reys, e
pôs tambem Reys da
sua maõ. Ese não diga-
o Portugal: mas Jozé o
dirá

dirá primeiro : *Per me Reges regnant, & per me Principes imperant* : Por mim , diz Jozé, e bem o pode dizer, por mim reynaõ os Reys em Portugal: *Regnant* : e por mim tem imperio em Portugal os seus Principes: *Imperant*: e poderá isto ser assim? Responda Portugal agora, e elle dirá o como he isto. E que dirá Portugal? Dirá que, para o livrar do cativeiro de Castella, lhe deo S. Jozé aquelle seu famoso libertador, o Senhor Rey D. Joaõ IV. que para Restaurador de Portugal nalceo em dia de S. Jozé. E se isto he dar Jozé Reys, e Senhores a Portugal, e pôr em Portugal Senhores, e Reys da sua maõ; isto he ser Jozé em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Assim se fez Jozé em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores dando Reys a Portugal, e assim se confirma Rey, e Senhor dos Senhores Reys de Portugal, obrigando-os por estes beneficios a que lhe paguem feudos, e rendaõ vassallagem, como Reys, que estaõ da sua maõ. Que outra cousa saõ os cultos, as veneraçoes, os obsequios, e honras, que consagraõ todos os annos a S. Jozé os Reys de Portugal, senaõ humas obrigaçoens voluntarias, com que se reconhecem subditos, e vassallos de S. Jozé? Elles assim se fazem vassallos de Jozé, e Jozé, por ter taes Reys por vassallos, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores. Mas paremos aqui, e notemos acerca disto huma es-

peculação curiosa.

Esta a que chamamos vassallagem dos Reys de Portugal a S. Jozé suppõem duas couzas: suppõem hum beneficio, e suppõem hum agradecimento: suppõem hum beneficio, com que Jozé penhorou a Portugal, e suppõem hum agradecimento, com que Portugal se desempenhou para com Jozé. Agora pergunto: e o beneficio por quem começou? Começou pela Magestade do Senhor Rey Dom Joaõ o IV.; porque nelle deo S. Jozé Reys a Portugal. E por quem começou o agradecimento? Começou pela Magestade do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto; porque por este grande Rey começou em Portugal a devoção do Senhor S. Jozé. Oh Rey sempre grande!

Se grande por Rey de Portugal como Joaõ; como Quinto ainda mayor que aquelle Joaõ em quanto IV.

Daquelles quatro Espiritos, que vio Ezequiel, em que primeiro se figuravaõ varios Reys, e Monarchas do Mundo, naõ só foi a Aguia a mais favorecida de Deos; porque a esta por Aguia se lhe deo a Coroa: tambem foi a mais agradecida, pois como Aguia generosa. soube levantar-se e elevar-se toda em Deos: *Desuper*: mas he de notar, que fallando desta Aguia Ezequiel humas vezes lhe dá o quarto lugar; porque com os tres diz faz o numero de quatro: *Similitudo quatuor animalium*: outras vezes mostra ser o Quinto no lugar em que está; porque diz que saõ qua-

quatro os sobre que voa: *Desuper ipsorum quatuor*. E pois como assim? A Aguia, que sempre he a mesma, ha de chamar-se alli Quarto, e Quinto? Sim. E porque?

Porque naquelles Espiritos estavaõ figurados tambem os quatro Evangelistas, dos quaes na Aguia estava significado Joaõ. Pois seja Joaõ o Quarto, e seja Joaõ o Quinto: seja Joaõ o Quarto quando na Coroa recebe favores; e seja Joaõ o Quinto quando sabe agradecer favores pela Coroa. Mas por isso mesmo, que os sabe agradecer como Quinto, fique superior a Joaõ, quando os recebe como Quarto: *Desuper ipsorum quatuor*. Do Senhor Rey Dom Joaõ o Quarto foraõ os empenhos, em que S. Jozé o

pôs; do Senhor Rey Dom Joaõ o Quinto foraõ os desempenhos para com S. Jozé. Receber favores no Reyno, e lográ-los isso foi para Joaõ o Quarto; pagar favores recebidos pelo Reyno, isso foi para Joaõ o Quinto. Por isso como Quinto fique superior a Joaõ como Quarto: *Desuper ipsorum quatuor*. E por isso, como hiamos dizendo, se só para este Rey se guardou a devoção de S. Jozé; se elle foi o primeiro, que reconheceo a Jozé esta vassallagem; por elle começou tambem Jozé a ser em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Assim he, ja não temos duvida que he Jozé Rey de Reys, e Senhor de Senhores, como Rey que he de Portugal. Mas quando tomaria Jozé a

posse deste Reyno ? Quando seria acclamado Rey de Portugal ? O dia não o pude addivinhar:mas posso seguramente assignar o tempo. Tomou posse Jozé do Reyno de Portugal , entrou na posse deste Reyno , quando no mesmo Reyno faltou hum Joaõ, que nelle occupava o lugar de Quinto; e assim depois de hum Joaõ o Quinto , temos hoje hum Jozé Primeiro. E assim havia de ser ; porque o ser Jozé o primeiro no Reyno de Portugal, depois de Joaõ o Quinto , estava determinado desde que Portugal começou a ser Reyno de Christo.

Já dissemos , que o Reyno de Portugal começou a ser Reyno de Christo , quando o mesmo Christo pregado em huma Cruz

deo o titulo de Rey, e a investidura do Reyno ao nosso primeiro Monarcha D. Affonso Henriques ; assim como tambem o Reyno de Israel , em que o de Portugal estava figurado , na Cruz he que começou a ser Reyno de Christo : *Si Rex Israel est, descendat de Cruce.* Agora notem o que aconteceu no Calvario no dia desta posse.

Acharaõ-se alli seis Pelloas , e todas com pertençaens áquelle Reyno. Achava-se Christo , que actualmente estava de posse delle, e era a primeira; achava-se Maria Santissima, e era a segunda ; achava-se Maria Cleophas , e era a terceira : Maria Magdalena, e era a quarta ; e em quinto lugar o Evangelista S. Joaõ. Assim , e por esta ordem

os põem alli o mesmo Evangelista : *Stabat juxta crucem Jesu*, ahi o primeiro : *Mater ejus*, o segundo : *Et soror matris ejus*, *Maria Cleophe*, o terceiro : *Et Maria Magdalene*, o quarto : *Vidit & discipulum stantem*, e eis-ahi o quinto : achava-se finalmente o bom ladraõ, que a vozes pertendia o mesmo Reyno : *Domine memento mei, dum veneris in Regnum tuum*. Já dissemos, com Santo Ambrosio, que dando Christo ao bom ladraõ o Reyno, que lhe pedia; não lho dera com titulo de Reyno, e só lho dera com nome de Paraíso : *Non de Regno respondit, sed hodie mecum eris in Paradiso* : e a razão foi ; porque naquelle Reyno, em quanto Reyno de Christo, estava significado o

Reyno de Portugal; e o Reyno de Portugal, em quanto Reyno de Christo, não se dava a outrem senão a Jozé: e a razão desta razão a daremos agora. Não deo Christo o seu Reyno a Dimas, porque para Dimas entrar naquelle Reyno, havia entrar depois de Joaõ, que alli estava em quinto lugar; vindo a ficar assim sendo Dimas o primeiro depois de Joaõ, que era o quinto. E ser o primeiro depois de Joaõ o Quinto, no Reyno de Christo, ou no Reyno de Portugal, isto, depois que começou a ser Reyno de Christo, estava reservado para Jozé. Valha-me Deos, que uão sei com quem fallo aqui, ou daqui até onde, e para quem me arrebatou o pensamento, com que fallo ! O certo

certo he que estou falando do nosso Jozé, como Rey de Portugal, e como quem estava determinado desde que Portugal foi Reyno de Christo para tomar a posse delle, depois que nelle faltasse hum João, que era o quinto. Para que vissemos assim, que por este grande Rey, e Quinto João começou Jozé a ser Rey em Portugal, e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

Este foi o tempo, em que Jozé, como Primeiro do nome se acclamou Rey em Portugal, quando em Portugal faltou hum João, que no nome era o quinto. Mas oh! E que se segue agora? Seguem-se as mayores glorias de Portugal, e para Jozé tambem as suas glorias mayores. A mayor gloria para

Jozé, por se ver em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores.

A gloria mayor, que teve aquelle Jozé do Egypto, foi quando sonhou que o Sol, a Lua, e as Estrellas o adoravaõ como Rey:

Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Numquid Rex noster eris?

Nem podia deixar de ser assim: no Sol, Lua, e Estrellos estaõ symbolifados os Senhores, os Grandes, e os Reys: e ver-se Jozé Rey de Reys, e Senhor de Senhores, nas Estrelas, Lua, e Sol, que via a seus pês, foi para Jozé toda a sua gloria. Disto mesmo se gloriava elle muito, quando vio verdades no Egypto, o que em Hebron tinhaõ sido sonhos: *Nuntiate Patri meo, gloriam meam.* E se

E se para Jozé he gloria grande, e toda a sua gloria, o ver-se em Portugal Rey de Reys, e Senhor de Senhores; que gloria não será para Portugal o ver-se hoje com hum tal Rey como Jozé! Certamente que neste Jozé tem Portugal hum Rey para o exaltar, para o engrandecer, e para ter com elle, e por elle muitas glorias, grandes augmentos. Jozé quer dizer augmentos, e mais augmentos: *Joseph accrescens, Joseph accrescens, Joseph augmentum.* E seraõ taes os augmentos em Portugal com este Jozé por Rey, que o Rey passará a Imperador certamente, e o Reyno sem duvida chegará a ser Imperio: *Imperium mihi.*

E se toda esta gloria

tem vindo, e ha de vir ainda a Portugal por Jozé; que mais podiamos nós dizer hoje do Patrocínio de Jozé, do que dizermos que he Rey de Portugal? Porque se o seu Patrocínio he taõ poderoso para os de fóra, e para os estranhos, o que não será para os Portuguezes, que saõ seus vassallos, e para o Reyno, que, como Reyno de Christo, he tambem hoje Reyno de Jozé: *Ut putabatur filius Joseph.*

Excellentissimo Senhor: se he grande a gloria dos Portuguezes, e de todos os vassallos deste Reyno, o terem hoje hum Rey, e Senhor como Jozé; não he menos gloria esta para vossa Excellencia, pois he hum dos melhores vassallos deste Rey. Em toda a parte do Reyno de
Por-

Portugal se póde Vossa Excellencia gloriar de que teve sempre muito da sua parte o Patrocínio deste grande Rey, do Senhor S. Jozé: mas fique Vossa Excellencia na certeza de que a gloria toda de ter em seu favor todo o Patrocínio do Senhor S. Jozé, só em Pernambuco a veyo Vossa Excellencia perfeitamente gozar. Eu me explico com hum passo da Sagrada Escriitura, que mais parece Profecia, do que prova do que digo, e estamos vendo.

Ostendam tibi gloriam meam; ponam te in foramine petrae, & protegã dextera mea, & posteriora mea videbis. O'lá Moysés, (dizia Deos hum dia falando a este famoso homem) Quando te eu puzer por Governador, e Capitão Gene-

ral do meu Povo, lá sobre a abertura de huma pedra: *Ponam te in foramine petrae*; então te mostrarey a minha gloria, e terás a gloria de ver sobre ti todo o poder do meu Patrocínio: *Ostendam tibi gloriam meam, & protegã dextera mea.* Eu não sey se cumprio Deos, ou não a Moysés esta promessa; porque ainda que acho a Moysés cõstituido por Deos Governador, e Capitão General do seu Povo, e favorecido grandemente pelo poderoso braço do Patrocínio do Senhor, com tudo como não acho na Escriitura aquelle: *Foramine petrae*, lugar determinado por Deos para dar a Moysés o que lhe promettia, fica-me tambem lugar para dizer que a Moysés se fez a promessa, e em

em Vossa Excellencia se cumprio a Profecia, e isto pelo nome de Vossa Excellencia, e pelo lugar, em que está.

Está Vossa Excellencia constituido Governador, e Capitão General deste Estado de Pernambuco: pois eis-ahi está tambem o *Foramine petrae* de Moysés. *Foramine petrae* não quer dizer outra cousa mais que *Pedra furada*, ou *Abertura de pedra*, e este he o nome proprio de Pernambuco, que na lingua da terra he *Paranambue*, que quer dizer *Pedra furada*; nome que derão os naturaes a este lugar, por aquelles Arreciffes, que alli o cercaõ, e por entre cujas aberturas entraõ, e fahem as agoas nas luas enchentes, e vazantes. Este he Pernambuco, e

aqui está Vossa Excellencia posto: *Ponam te in foramine petrae*.

He o nome de Vossa Excellencia Luiz Jozé, e este mesmo por anagrãma puro, e legitimo he o que diz o nome: *Moysés*. Este nome *Moysés*, consta de seis letras, e na primeira, que he hum M, e na ultima, que he hum S., temos o primeiro nome de Vossa Excellencia, que he Luiz. Esta letra M. escrita como se deve escrever, que he em letra de fôrma, ou de boa fôrma, compõem-se de tres letras; porque se compõem de huma hastea, que fica para a parte direita, e de outra hastea para a parte esquerda, as quaes apartadas fica no meyo hum U. perfeito: na hastea da parte direita temos hum

N da

da parte esquerda também temos hum I. perfeito: agora ajuntando o L. primeiro com o U. do meyo, o I. do fim com o S. ultimo de Moysés, faz o nome primeiro de Vossa Excellência que he LUIS, de Moysés tirado o M. do principio, e o S. do fim ficaõ neste meyo quatro letras, que são hum I. hum O. hum S. que faz as vezes de Z, e hum E, que juntas dizem JOZE' ficando assim o nome Moysés, por anagrãma puro, dizendo LUIS JOZE'

Ainda mais: Moysés quer dizer homem, que foi tirado das correntes do Rio Nilo para Governador do Povo de Deos: *Moysés, id est ab aquis extractus.* Para Governador deste Povo, que, por Portuguez todo, he todo de Deos, foi Vossa Excellencia tirado

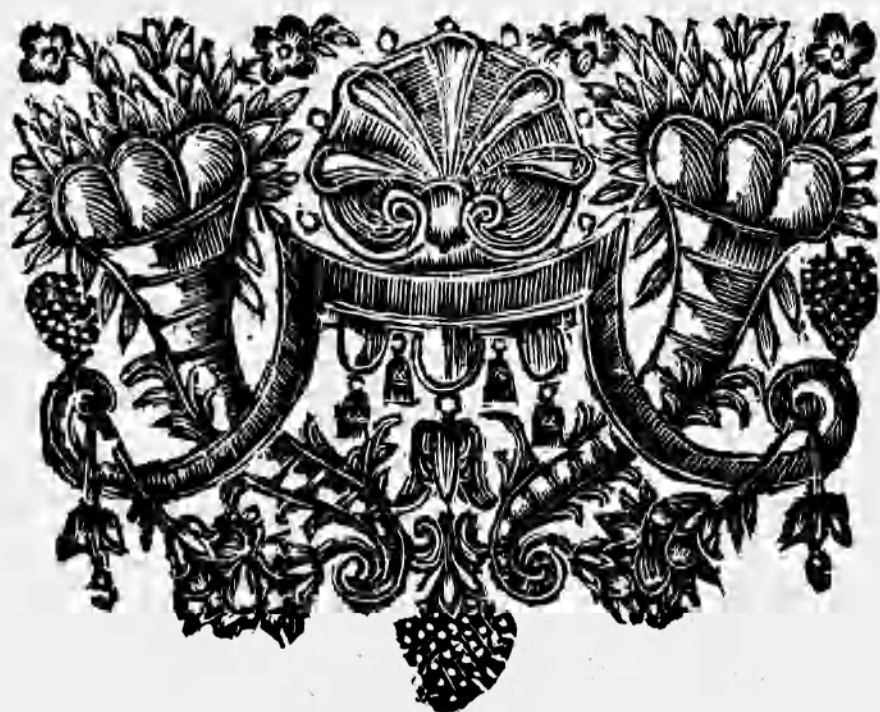
das agoas deste Oceano. Agora ouça Vossa Excellencia o que lhe diz o Senhor S. Jozé, que faz aqui as vezes de Deos: porque se Deos, como Supremo Monarcha do Reyno de Israel, foy o que constituiu a Moysés por seu Governador; o Senhor S. Jozé, como Rey dos Senhores Reys de Portugal, foy o que influio no Senhor Rey D. João o Quinto, para que constituisse a Vossa Excellencia por Governador deste Estado: ouça pois Vossa Excellencia, o que lhe diz o Senhor S. Jozé.

Quando eu puzer ao Moysés Portuguez, a Luiz Jozé, por Governador, e Capitaõ General em Pernambuco: *Ponam te in foramine petrae*; entãõ verá toda a minha gloria, ou terá a gloria de

de experimentar todo o poder do meu Patrocinio : *Ostendam tibi gloriam meam, & protegam dextera mea.* Huma gloria, e muitas glorias, promette aqui o Senhor S. Jozé a Vossa Excellencia: huma gloria para antes: *Ostendam tibi gloriam meam,* e muitas glorias para depois : *Posteriora mea videbis:* A gloria de antes, foi a que teve Vossa Excellencia, quando por influxo do Senhor S. Jozé, e pelo Senhor Rey D. Joaõ o Quinto foi Vossa Excellencia constituido Governador em Pernambuco; que por isso se põem aqui esta gloria primeiro que o lugar de Pernambuco em que está Vossa Excellencia : *Ostendam tibi gloriam meam; Ponam te in foramine petrae.* As glorias para depois, são as que

ha de ter Vossa Excellencia quando pelo Senhor S. Jozé, como Rey dos Senhores Reys de Portugal, ou pelo nosso Monarcha Portuguez o Senhor D. Jozé o Primeiro ha de ficar Vossa Excellencia confirmado outra vez, e constituido muitos annos por Governador deste Estado, para augmento, exaltação, e gloria de Pernambuco, como no nome de Vossa Excellencia está significado : *Joseph accrescens; Joseph augmentum:* E para que de Pernambuco faya Vossa Excellencia para outros cargos mais augmentados, e para outros empregos de mayor gloria. E para que depois de todas estas glorias, tenha a ultima de todas, que he entrar com o Senhor S. Jozé na posse do Reyno de

Christo, ou de Jozé, *bi gloriam meam : Ad*
que he a mesma glo- *quam nos perducatur*
ria : *Posteriores mea*
videbis : Ostendam ti- *Dominus omnipotens.*
Amen.



FRONTE V.

NASCE DO V. 2. E 16. CAP. I. ECCL.

*Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem...
Ecce magnus effectus sum; & præcessi omnes
sapientiã, qui fuerunt ante me; & mens mea
contemplata est multa sapienter.*

E com as suas mysticas agoas entra a augmen-
tar as desta primeira corrente em huma

Oração Funebre nas Exequias

DO GRANDE, E FIDELISSIMO REY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.

No Convento de Santo Antonio do Recife
aos 12. de Dezembro de 1750.

Com assistencia

DO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
LUIZ JOZE' CORREYA DE SA',
Governador de Pernambuco.

J. M. J.



Onumêto tri-
ste, o que sus-
tentas? Urna
funesta, qual
he o teu deposito?

Mausoléo funebre, de
quem es memoria?
Que es memoria de
huma Magestade de-
funta, isso inculca esta
tua,

tua , ao mesmo tempo que grande , enlutada pompa. Que es deposito de hum Ceptro arrastado , isso vêm os nossos olhos. Que sustentas huma Corôa cahida ; isso percebe a nossa vista. Mas a cabeça, de donde cahio a Coroa; a mão, que largou o Ceptro, e a Magestade, que inculcas defunta ; nem tu por insensivel o saberás dizer, nem o nosso sentimento o poderá ouvir. Isto he o que está mostrando em ti, entre tantas luzes tantas sombras, entre tantos raios tantas trevas, e tanto silencio entre tantas linguas. Mas ja que as tuas sombras offuscaõ as tuas luzes, ja que as tuas trevas escurecem os teus raios, e ja que o teu silencio embaraça as tuas linguas; ouve outra vez o repetido ec-

co das minhas vozes , que ainda que enfraquecidas pela mágoa, quebradas pela dôr, e confusas pela perda, talvez exporãõ articuladas, o que tu callas immudecido.

Essa Coroa, que vês cahida ; esse Ceptro, que dividas arrastrado, e essa Magestade, que admiras defunta, he Magestade, he Ceptro, e he Coroa de hum Rey, que ja o foi : *Fui Rex*. Mas adverte que foi hum tal Rey, que elle só póde dizer que o foi: *Fui Rex*. Hum Rey, que entre todos, os que lhe precedêraõ, elle só foi o Rey Grande : *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes, qui fuerunt ante me*. Mas se, porque foi sómente Rey, o não conheces ainda, porque muitos ha, que foraõ Reys; se, porque foi hum Rey Grande, ain-

ainda o naõ alcanças, porque muitos se quizerãõ fazer tambem Grandes Reys; olha para o Reyno, em que o foi, attende para o povo, de quem foy Rey, que certamente o conhecerás: *Fui Rex Israel in Jerusalem*, que val tanto, como diremos logo: Fui Rey de Portuguezes em Portugal. Rey de Portuguezes? Rey mayor, que todos os que lhe precederaõ? Rey Grande em Portugal? Por mais que as tuas sombras, ó Tumulo lastimoso, o queiraõ occultar; por mais que o teu silencio, ó Eça lamentavel, o naõ saiba dizer; a nossa grande veneraçãõ, o nosso singular affecto, e a sua faudosa memoria estaõ publicando que ahi se deposita a Magestade suspirada d'El-Rey D. Joaõ V., ou o

Grande, de Portugal.

Ja agora, Rey, e Senhor nosso, ja agora conhecemos todos que o thesouro desejado, a perola perdida, que se deposita nesse horroso cófre, he a memoria viva de Vossa Magestade defunto: porque, além de o conhecermos assim, assim o está publicando o nosso grande sentimento. Naõ houve vassallo de Vossa Magestade, de qualquer estado, ou condiçãõ que fosse, que naõ sentisse, e sentisse muito a sua morte; que naõ chorasse, e chorasse com excessõ a sua falta. Faltou a todos hum Rei taõ Grande, como Vossa Magestade: grande devia ser o sentimento em todos. Quando Christo morreo na Cruz, sentiraõ geralmête, e sentiraõ muito a sua morte as creaturas todas; raf-

rasgou-se o véo do
 Matth. Templo: *Velum Tem-*
 27. 51. *pli scissum est*, escure-
 Luc. ceo-se o Sol: *Obscura-*
 23. 45. *tus est Sol*, quebraraõ-
 Matth. se as pedras: *Petræ*
 ibid. *scissæ sunt*. Estes fo-
 raõ os generos de crea-
 turas, que sentiraõ, e
 muito, a morte de
 Christo, e a razaõ de
 terem estes, foy por-
 que nestes tres gene-
 ros de creaturas estaõ
 significados todos os
 estados de pessoas, de
 que se compõem hum
 Reyno. Compõem-se
 hum Reyno de Eccle-
 siasticos, de Nobres, e
 de Plebeos, e todos es-
 tes sentiaõ muito a
 morte de Christo. Por
 parte do estado Eccle-
 siastico sentio, e sentio
 muito; porque se ras-
 gou o véo, a quem a
 sua forte deo o primei-
 ro lugar em o Tem-
 plo: *Velum Templi*
scissum est. Por parte
 do estado dos Nobres

sentio, e sentio muito;
 porque se escureceo o
 Sol, a quem a sua luz
 deo o esplendor para
 a sua nobreza: *Obscu-*
ratus est Sol. Por par-
 te do estado da Plebe
 sentio, e sentio muito;
 porque se quebraraõ
 as pedras, a quem a sua
 fortuna pôs no humil-
 de da terra: *Petræ*
scissæ sunt. Mas assim
 havia de ser, que sen-
 tisses, e sentisses mui-
 to a morte de Christo
 todos os estados: era
 Christo não só o Rey
 de todos: *Si Rex Is-*
rael es, mas o seu
 Grande Rey: *Rex Re-*
gum; e na falta de hum
 Rey Grande, grande
 deve ser o sentimento
 em todos.

Todos, Senhor, sen-
 timos, e sentimos co-
 mo devemos; porque
 sentimos muito a mor-
 te de Vossa Magesta-
 de. Os Ecclesiasticos,
 os Nobres, e os Ple-
 beos.

beos. O Estado Ecclesiastico sentio, e sentio tanto, q̄ se não se lhe rasgou o véo exterior, partio-se-lhe no interior a alma, que he a vida do sentimento; porque em Vossa Magestade lhe faltou a lua Regia, e melhor Protecçaõ: *Velum Templi scissum est*; e rasgou-se em duas partes de alto abaixo: isto he, do mayor ao menor: *Scissum est in duas partes à summo usque deorsum*; porque não fó o sentio em commum todo esse grande Estado Ecclesiastico, como tambem em particular o sentio, e talvez mais q̄ todos, o Estado Menor, ou dos Menores, a Religiaõ Franciscana toda; porque em Vossa Magestade perdêo tudo, e mais que todos. Mais que todos; porque em Vossa Magestade per-

dêo Rey, perdêo Patrião, perdêo Bemfeitor, perdêo Pay, perdêo Amigo, e perdêo tudo; porque tudo perdêo, quando perdêo a Vossa Magestade: *Velum Templi scissum est in duas partes à summo usque deorsum*. O Estado dos Nobres sentio, e sentio de tal modo, que se não se lhe apagou de todo a luz, afombrou-se-lhe de alguma sorte o esplendor; porque em Vossa Magestade lhe faltou aquelle Regio Sol, que mais o illustrava: *Obscuratus est Sol*. O estado da Plebe sentio, e sentio de tal sorte, que, se não estalou de dor, partio-se de magoado; porque em Vossa Magestade lhe faltou huma grande porçaõ daquella Real substancia, que lhe dava alento: *Petræ scissæ sunt*.

sunt. Todos em fim sentimos , e sentimos com excesso a falta de Vossa Magestade ; porque além de perdermos em Vossa Magestade hum Rey , que foy para todos , perdemos por isso mesmo hum Grande Rey : e na falta de hum Rey Grande , grande deve ser o sentimento em todos.

Este he todo o objecto triste desta presente acção ; este he o empenho todo funebre do meu discurso nesta hora. Depois de exprimir o sentimento grande , a pena excessiva , e a dor sem medida , que nos acompanha a todos pela morte do nosso Grande Rey ; segue-se fazermos publicas ao mundo aquellas Reaes prendas , que o fizeraõ hum Rey Grande. Para taõ grande ,

como sentido assumpto , as palavras , que me occorreraõ mais proprias, naturaes, ou quasi profeticas, foraõ as que já referi ao principio , e saõ do Cap. 1. daquelle famoso livro , que com dos Salomaõ , chama pô do feu proprio nome Ecclesiastes , no qual este Rey se descreve a si , naõ só como Rey , que foy: *Fui Rex*, mas como quem foy , entre todos , o mayor Rey , ou o Rey Grande: *Ecce magnus effectus , sum, & precessi omnes.* Mas porque naõ basta que hum diga de si , que he grande , se naõ mostrar com obras , e acçoens o porque o he ; com que acçoens , e com que obras mostraria Salomaõ que foy Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum?* As suas ultimas palavras

vras o dizem admiravelmente , que saõ humas como caulaes das primeiras : *Mens mea contemplata est multa sapienter.* Porque fuy hum Rey naõ fó sabio, mas o mais sabio de todos, os q̃ me precederaõ : *Præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me;* porque, rudo, quanto obrey, o fiz com huma contemplaçaõ a mais sabia, discreta, e acertada : *Mens mea contemplata est multa sapienter:* por isso fuy hum Rey mayor que todos ; por isso fuy Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me.* Estas palavras disse-as Salomaõ pela sua Pessoa ; mas o nosso discurso mostrará que o espirito, ou alma dellas encheo, e desempenhou cabal-

mente o nosso Monarcha. As obras de Salomaõ compuzeraõ esta letra para Texto Sagrado ; as acçoens do nosso Monarcha lhe darãõ a alma, ou espirito para Epitafio Real da sua sepultura. Para tudo isso naõ necessitamos, nem de authoridade, nem de exposiçaõ ; porque a melhor exposiçaõ haõ de ser as suas mesmas obras, e a authoridade mayor he a da propria fama, que, já com as suas vozes, já com as suas pennas, lhe tem appropriado por estas acçoens o nome de Grande. E supposto foraõ as acçoens, as que lhe de- raõ este Grande nome; como antes deste teve tambem Salomaõ o de Ecclesiastes demonstrado com este notavel pronome : *Ego* ; comecemos por este,

O 2 que

que elle nos mostrará melhor o que diremos daquelle.

Naõ quero porêm , que este meu discurso tenha outro nome , ou titulo , mais que o de huma Oraçaõ funebre : e porque , como Oraçaõ que he , deve constar de pontos, ou partes ; seraõ as partes , e os pontos della tantos , quantos saõ tambem os pontos, ou partes da primeira Oraçaõ do meu thema : *Ego !Ecclesiastes fui Rex Israel in Ferusalem.* Naõ excitaremos duvidas, nem formaremos reparo , nem uzaremos de outros tropos, ou figuras, que se permittem nos discursos panegyricos ; porque neste , como Oraçaõ que he , faremos muito por levantar o pensamento ao mais alto , a que puder subir a sua capaci-

dade , para ponderar, meditar , ou contemplar as acçoens mais notaveis do nosso Monarcha , tocando só de passagem aquelles Textos da Escritura , que occorrerem para authorizar os pontos desta Oraçaõ. Começemos pelo primeiro.

Ego, Eu , diz Salomão. Com a demonstração deste pronome , disse este Sabio Rey de si tudo , quanto podia dizer em ordem ao illustre da sua Pessoa , á nobreza do seu sangue , e á sua Real descendencia : *Ego*, Eu sou Salomão, hum Rey Grande, hum Rey mayor que todos os Reys ; porque eu venho naõ só de Reys, mas dos mayores Reys; porque eu sou por descendencia , e communicação da Real Tribu da Casa de Judá. Tribu sempre Real des-

desde o seu principio. Tribu sempre Regio pela sua communicacão. E assim digo bem, que em quanto á minha Pessoa, ao meu fangue, e á minha nobreza, eu sou Salomaõ: *Ego*, que foy o mesmo que dizer: Eu sou quem sou: eu sou como nenhum; eu sou melhor que todos: *Ego*. Desta fraze usou Salomaõ para dizer de si o que era, e com muito acerto; porque desta mesma usou o proprio Deos, quando mandando a Moysés por Embaixador a Faraó, lhe disse assim: Diras Moysés a este Rey intruzo, que Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum*; porque na grandeza, nobreza, e excellencia nenhum he como eu: eu sou mayor, e melhor que todos; porque eu sou Deos por natureza, e

eu sou Deos por communicacão, sempre Deos por essencia da minha Divina Natureza, e Deos sempre por cõmunicacão com Pessoas Divinas; e assim nenhum mayor, nem melhor que eu: porque assim Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum*. Nem Deos podia dizer mais de si, e nem de si podia dizer melhor Salomaõ; e bem póde dizer tambem o nosso Monarcha: Eu sou quem sou; eu sou El Rey D. Joaõ o V. *Ego*; Eu sou mayor que todos; eu sou hum Rey Grande; porque por descendencia, e communicacão, eu venho não só de Reys, mas dos mayores Reys: porque eu sou do Real Tronco da Casa de Bragança. E quem não sabe, que a Casa de Bragança, por descendencia, e com-

mu-

municacão, vem não só de Reys, mas dos mayores, e melhores Reys?

Forão primeiros Fundadores da Casa de Bragança o Senhor D. Affonso, e Dona Brites Pereira. Era esta Senhora filha do incomparavel D. Nuno Alvares Pereyra, segundo Condestavel do Reyno de Portugal, e por aqui de Reys, e Grandes Reys; porque dos antigos de Leão, e Lombardia. Foy o Senhor D. Affonso filho del Rey D. João o I., chamado o Mestre de Aviz, e assim vinha a ser o Senhor D. Affonso nono neto do famoso Rey D. Affonso Henriques, primeiro Fundador do Reyno de Portugal. Foy El Rey D. Affonso Henriques filho do Conde Henrique, a quem, por ca-

far com Dona Thereza sua filha legitima, deo El Rey D. Affonso VI de Castella em dote as terras de Portugal com titulo de Condado. Foy o Conde Henrique neto de Roberto I. Conde de Borgonha, e este segundo, e terceiro neto de Roberto, e Hugo Capeto, Reys de França, os mais nobres, e illustres daquella Monarchia. E se taõ Regias, como isto, saõ desde o seu principio as raizes, de que brotou por descendencia o Real Tronco da Casa de Bragança; por communicacão engrossou de tal sorte este tronco, que nenhum he tambem taõ alto, e Regio como elle; pois para a Real Casa de Bragança tem dado Rainhas as mayores Coroas da Europa, e pa-
ra

ra todas ellas tem
tambem dado Rainhas
a Casa de Bragança. E
se taõ grandemente
Regio como isto he o
Real Tronco da Casa
de Bragança; sendo o
nosso saudozo Monar-
cha hum dos mais al-
tos ramos deste Tron-
co Regio, bem póde
dizer: Eu sou D. Joaõ
V., Eu sou hum Rey
Grande, Eu sou mayor
que todos; porque pe-
lo illustre da minha
Pessoa, pela nobreza
do meu sangue, e pe-
la minha Real descen-
dencia; Eu sou como
nenhum, *Ego. Ecce
magnus effectus sum.*

Isto he pelo com-
mum da Casa, ou do
Tronco do Nosso Mo-
narcha. E se attende-
mos agora mais para o
particular da sua Real
Pessoa, ainda he mais
que isto; pois teve a
forte incomparavel
de ter por Conforte,

e unir a este Tronco
Regio a melhor flor
de toda Alemanha, a
Senhora D. Maria An-
na de Austria, taõ Il-
lustre, taõ Nobre, e
taõ Regia, como a
que he Neta de Impe-
rador, Filha de Impe-
rador, e Irmãa de Im-
peradores. Neta do
Grande Imperador
Fernando, Filha do
Grande Imperador
Leopoldo, e Irmãa
de dous Imperadores
tambem Grandes, Jo-
zê Ignacio, e Carlos
VI., Rainha sempre
Grande, como Espos-
za do mayor Rey, e
muito Grande, como
Rainha Mãy, que he
do nosso Augusto, e
Reinante Monarcha,
Rey Grande, como Fi-
lho de taõ Grandes
Pays, e Rey, que será
muitas vezes Grande,
como o está promet-
tendo a singularidade
tambem Grande do
seu

seu novo, e Augusto
 Nome: *Filius accrescens Joseph*; *Filius accrescens*. Ou, para concluir melhor, digamos Rey Grande huma vez, como Filho de hum Grande Rey: *Filius accrescens*; Rey Grande outra vez, como Filho de huma Rainha tambem Grande: *Filius accrescens*; e muitas vezes Rey Grande em si mesmo por Jozé: *Joseph accrescens, Joseph accrescens*. Como daqui se não póde subir amais, passemos do pronome: *Ego*, ao nome *Ecclesiastes*,

Eu, diz Salomaõ, fuy chamado *Ecclesiastes*; e o nosso Monarcha tambem o diz: *Ego Ecclesiastes*. He verdade que Salomaõ foy o nome proprio deste Rey, e do nosso Monarcha o seu nome proprio foy Joaõ. Mas

assim como por estes dous nomes se distinguiraõ em quanto ás pessoas, pelo de *Ecclesiastes* se identificaraõ em quanto ás acçoens. Aquelles dous de Salomaõ, e Joaõ foraõ necessarios para se conhecerem por distinctos os sujeitos: este de *Ecclesiastes* foi preciso para se mostrarem equivocados nas acçoens. Para lhes alcançarmos as acçoens, vamos-lhes admirando a equivocação do nome.

Chamou-se primeiramente Salomaõ *Ecclesiastes*; porque foy hum Rey não só sabio, mas o mais sabio de todos, os que lhe precederaõ. *Præcessi omnes sapientiâ, qui fuerunt ante me*; taõ sabio, que teve juntas, e aggregadas em sua alma, ou no seu entendimento, todas as sciencias

encias de todas as cou-
 fas naturaes , junta-
 mente com a alcança-
 da por estudo , e ad-
 quirida por experien-
 cia ; que por isso em
 lugar da palavra Gre-
 ga *Ecclesiastes* , põem
 o Texto Arabigo *Congregans* ; e o Texto
 Hebraico *Cobelleth* ,
id est, Collector , e quer
 dizer tudo, o que ajun-
 ta muitas cousas : *Di-
 citur Græcè Ecclesia-
 stes , id est , Congre-
 gans ; Hebraicè autem
 Cobelleth, id est, Colle-
 ctor , eò quòd anima
 Salomonis cunctas in
 se scientias congregas-
 set , vel potius Deus
 congregatas , & in u-
 num collectas, in Salo-
 monis sinu effudisset* ,
 escreve o Alapide nes-
 te lugar. Naõ quero
 dizer que o nosso Mo-
 narcha teve sciencia
 deste modo infusa, co-
 mo Salomaõ ; mas di-
 go , que da alcançada

por estudo, teve toda
 a que bastava a consti-
 tuir hum Principe
 perfeitamente sabio ;
 e da adquirida por ex-
 periencia foy taõ sa-
 biamente douto, como
 mostráráõ todas as o-
 perações do seu en-
 tendimento: de tal fór-
 te, que para se conhe-
 cer era assim douto , e
 sabio , bastava olhar
 para a sua Pessoa ; por-
 que além de ser nella
 gentilmente bem dis-
 posto, e parecido, gra-
 ve no aspecto, e na re-
 presentação magesto-
 so, com todas estas
 perfeições, e graças
 naturaes mostrava ou-
 tra, naõ sei se superior,
 mas mayor que todas ;
 e era aquella notavel
 circunspecção do seu
 entendimento, porque
 parecia, a quem o via,
 que media com refle-
 xaõ , attentava com
 juizo , e contemplava
 com discurso a pessoa,

as palavras, e acçoens de quem lhe fallava. Isto dava a entender a quem o via, e isto mostrou em todas as operaçoens do seu entendimento, pelas quaes, como a novo Salomaõ, lhe vem com muita propriedade o nome de Ecclesiastes: *Ego Ecclesiastes: Congregans, seu Collector.* Melhor o mostraraõ as mesmas acçoens.

Huma das coufas, em que muito, e sabiamente contemplou Salomaõ, e sahio com ella á luz, como parto feliz do seu entendimento, foi o mostrar-se summamente inclinado á honra, veneraçãõ, e Culto de Deos. È para que da confuzãõ, e desordem, em que estava, se reformasse, e tornasse á sua melhor perfeiçãõ, edificou aquelle seu grande, e celebrado Tem-

plo; no qual, depois de adornado com a magnificencia, que nunca se vio, tudo rico, tudo precioso, e com abundancia tudo; pôs nelle Ministros, e Sacerdotes, ordenou Ritos, e Ceremonias, para que alli, como representaçãõ de toda a Igreja, iocegada, pia, e devotamente fosse Deos melhor servido, e honrado; e por isso, escreve Alapide, dizem cõmummente os Sagra- dos Expositores, melhor que por outro principio algum, se dá a Salomaõ o nome de Ecclesiastes: *Melius alii censent Salomonem dici Ecclesiastem, quòd ex confusõ hominum cœtu, & tumultuante turba fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, & piam.* Grande debuxo do nosso Monarcha! Qual outro Salomaõ mere-
ce

ce por isso o nome de *Ecclesiastes*. Quem naõ sabe a inclinaçaõ natural, ou genio superior, que para o Culto Divino, honra de Deos, augmento da Igreja, veneraçã de seus Ministros, e exaltaçaõ do estado Ecclesiastico teve o nosso Monarcha, desde que teve a luz do entendimento? Os Templos, que edificou, a magnificencia, com que os fez, a riqueza, com que os ornou, a perfeiçaõ, com que quiz se celebrassem os Officios Divinos, ordenando tambem para isso Ceremonias, e Ritos, com que melhor, e mais gravemente fosse Deos servido, e honrado; o gosto, e devoçaõ, com que assistia ás funções Sagradas, e nellas taõ sabio, e previsto, que muitas vezes advertia, e emendava aos

Ministros do Altar o minimo ápice, ou ponto, a que faltavaõ; conseguindo assim no seu Reyno, melhor que Salomaõ no seu, ver a sua Igreja ordenada, quieta, pia, e devota: *Quòd fecerit Ecclesiã ordinatam, pacatam, & piam*, relplandecendo em tudo isto a sua Real grandeza, liberalidade, e sabedoria: a sabedoria, com que dispôs, e ordenou tudo; a liberalidade, com que deo, e a grandeza, com que o fez.

Diga tudo isto a sua Sé nova, e Patriarchal; e melhor o diga a máquina, ou Templo de Mafra, que na fórma, materia, e perfeiçaõ bem póde competir com o Templo, e máquina de Salomaõ; e digaõ-no finalmente as novas fabricas das Necessidades, nas quaes, e em todas as mais, a va-

riedade dos seus marmores, a idéa da sua architectura, o precioso dos seus ornatos, o rico das suas peças de ouro, prata, e bronze estão publicando, e publicarão eternamente, que foraõ obras de hum Monarcha não só Grande no poder, mas Grande na sabedoria, com que tudo dispôs, com huma contemplação tão sabia, como sua, de engrandecer a Igreja, augmentar o Culto, e honra de Deos, e exaltar o Estado Ecclesiastico. Este foi todo o fim, com que contemplou o seu entendimento sábio assentar no seu Reyno hum novo Patriarchado, nunca d' antes nelle visto; e nas suas Conquistas hum novo Bispado na Cidade do Pará, emulação do seu Patriarchado de Lisboa; dous Bispados

novos nas Minas do Brasil, e no mesmo Estado novas Parochias, novos Curatos, e muitas Missoens tambem novas, accrescentando as congruas, e porções de todos os Ministros da Igreja, e tudo para o mesmo fim de exaltar, e engrandecer o Estado Ecclesiastico.

Todo elle em common o deve confessar assim; e em particular he grande testemunha de tudo isto a Religião Franciscana toda; pois foi tão grande, e notorio para com ella o seu affecto, e piedade, que o moverão a tomá-la debaixo da sua Real protecção, particularmente a esta nossa Provincia do Brasil, dignando-se ser o seu Protector. Amava de coração aos seus Religiosos, fazia-lhes grandiosas esmólas. Lá o dirão os que melhor o sabem,

fabem, que nós cá diremos o que experimentámos. Para o Convento da Cidade da Bahia mandou hum todo de veludo negro para os seus cinco Altares mayores. Outro todo para o Convento da Cidade de Olanda, de damasco de ouro com franjas do mesmo. Outro do mesmo modo para o Convento do Cayrû; e para o Convento de Sergipe do Conde outro da mesma fórte, além de outras graças, e mercês mais particulares. E para cabal complemento desta sua grande, e affectuosa devoção para com esta Seráfica Familia, quiz que o seu corpo fosse amortalhado no habito pobre de S. Francisco, levando só sobre elle as armas, e manto Real de Gram Mestre da Ordem de Christo.

Grande confusão para aquelles, que, sendo inferiores aos Reys no habito, não se querem parecer com este Grande Rey na mortalha! Grande hõra para a Religiaõ Seráfica; mas grande gloria para este sábio, e piedoso Rey! Nem Salomaõ em toda a sua gloria se soube por ultimo vestir assim: *Nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut.* Matth. 6. 29. Até isto foi contemplação sábia do entendimento do nosso Rei: *Mens mea contemplata est multa sapienter,* para que fosse Rey mayor que todos; para que fosse Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & precessi omnes.*

Verdadeiramente, que não podia o nosso Monarcha contemplar meyo mais acertado, nem maxima mais

mais discreta para se fazer celebrado, famoso, e Grande ainda aos olhos do mundo, do que esta da honra, e Culto de Deos, reformação da Igreja, veneração dos seus Ministros, e exaltação do Estado Ecclesiastico. Reparem para as historias antigas, assim Sagradas, como profanas, e acharão nellas a todos aquelles Monarchas, e Reys, que merecêraõ o titulo de Grandes, ou Magnos, celebrados, e applaudidos por taes, mais pelo que mostráraõ de piedosos ao de Deos, do que pelo que tiverão de esforçados ao do mundo.

Quem fez a Alexandre Magno conhecido por tal? Sem repetirmos os grandes votos, e sacrificios, com que se mostrou excessivo para com os seus fal-

fos deoses; mais o exaltou a grande reverencia, com que, entrando victorioso, e triunfante na Cidade de Jerusaleem, e sahindo a recebê-lo ás portas da Cidade o Sũmo Sacerdote Jaddo revestido nas vestiduras Pontificaes, assim como o avistou aquelle barbaro Rey, como se fora o mayor Catholico, lançando-se precipitadamente do feroz bruto, em que vinha montado, com summo acatamento, e mayor espanto dos seus, todo humilhado, e prostrado aos pés daquelle Ministro de Deos, adorou o nome do Senhor, que trazia o Sũmo Sacerdote esculpido em huma lamina de ouro pendente da Mitra sobre a testa; e introduzido dalli ao Templo, offerecêo sacrificio ao Deos verdadeiro,

deiro, honrou em grande maneira ao Summo Sacerdote, e mais Ministros do Templo, concedendo-lhes muitas graças, e exempções, e livrando ao povo de Jerusaleem dos muitos, e grandes tributos impostos pelos Reys da Syria. Estes extremos da sua piedade, mais que os excessos das suas armas, lhe grangearaõ o nome de Magno. O que triunfou dos homens com as armas, pôs ao mundo em hum profundo silencio: *Siluit terra in conspectu ejus*; o que tributou a Deos em piedades, ainda hoje o está aclamando por Grande.

v. Ma-
cab. I.
3.

Quem mostrou a Constantino Magno conhecido por esse? Naõ as grandes victorias, que alcançou dos homens; mas o muito que engrandeceo, e

exaltou a Igreja de Deos. Quem pôs a Carlos I. de França o nome de Magno? Mais os muitos Templos, e Igrejas, que consagrou a Deos, do que as façanhas heroicas, que entre as suas fabulas lhe attribuem as historias. E quem finalmente deo a D. Affonso III. de Castella o nome tambem de Magno? Mais o que executou em honra de Deos, e da Igreja, do que o que conquistou dos Mouros. Os Mosteiros, Igrejas, e Templos, que fez, e especialmente o grande Templo de Santiago de Galliza, que sendo huma pequena Igreja de taipa, este famoso Rey a mandou fabricar de novo com grandeza Real: cuja consagração foi feita com a mayor solemnidade, e pompa, que até alli se tinha

tinha visto em Hespanha; pois só de Prelados sagrados assistirão dezafette Bispos. O muito, que cuidou na reformação, e augmento do Estado Ecclesiastico: e para extirpação dos abusos introduzidos nelle pela comunicação, e trato com os Mouros, fez celebrar hum Concilio nacional na Cidade de Oviedo; no qual, com authoridade do Summo Pontifice Joaõ VIII, e diligencia, e zelo deste piedoso Rey, se tornou a pôr na sua primitiva perfeição. Estas obras da sua piedade, mais do que as victorias das suas armas, lhe grangearão o nome de Grande.

Estes são os quatro Reys, e Monarchas, que acho nas historias expressamente decorados com o nome de Magnos, ou Grandes,

e não tanto pelas proezas das armas, como pelas empresas da piedade. Antes digo que o nome de Magnos merecêraõ estes Monarchas só pelo que mostraraõ de piedosos, e não pelo que tiveraõ de esforçados. E se não, vamos á Historia Sagrada. Quem mais esforçado que David? Quem mais guerreiro? Quem deramou mais fangue dos inimigos de Deos? Tanto, que o mesmo Deos o notou desta demasia: *Multum sanguinem fudisti, & plurima bella bellaisti*; e com tudo não lemos que merecesse David o nome de Grande, nem ainda encarecimento algum excessivo, que o singularizasse entre os mais: e a razão he, porque, ainda que foy taõ venturoso, guerreiro, e esforçado,

1. Pa²
ralip.
2 2. 28.

forçado, não parecêo
taõ zeloso do Culto
de Deos; pois não se
acha que edificasse hũ
só Templo para o Se-
nhor: antes necessitan-
do tanto d'elle, que em
todo o tempo de Da-
vid andou Deos na sua
Arca por casas alhêas,
nunca este Rey se re-
solveo a fabricar-lhe
o seu Templo; e se al-
guma vez cuidou nif-
so, o não quiz o Se-
nhor, só porque ti-
nha sido David muito
guerreiro: *Non pote-
ris ædificare domum
nomini meo, tanto effu-
so sanguine.*

4.Reg.
23.25.

E quem fez entre
todos os Reys taõ fa-
moso a Jozias, que af-
firma a mesma Escri-
tura, que nem antes,
nem depois d'elle hou-
ve outro, que lhe fosse
semelhante: *Similis
illi non fuit ante eum
Rex, nec post eum sur-
rexit similis illi? Cer-*

4.Reg.
23.25.

tamente que não fo-
raõ as emprezas mili-
tares; porque na uni-
ca, que emprendêo
contra o Rey de Egyp-
to, nos primeiros re-
contros da batalha en-
controu com os ulti-
mos alentos da vida,
perdendo-se a si, aos
seus, e a victoria: o
que o fez Rey Grande,
e sem semelhante, foi a
piedade, com que
mandou reedificar o
Templo de Jerusalem,
arruinado, e quasi de-
struido de todo pelos
Assyrios; o zelo com
que reformou a todo
o Estado, assim secular,
como Ecclesiastico da-
quelle tempo das ido-
latrias, idolos, e abo-
minações; e o muito
que cuidou no Culto,
e honra de Deos, ce-
lebrando em todo Is-
rael a festa grande do
Senhor chamada *Pha-
se*, ou Paschoa, com a
mayor solemnidade,

Q que

2. Pa-
ralyp.
33. 18.

que nunca athé alli se
tinha visto: *Non fuit
Phase simile huic in
Israel; nec de cunctis
Regibus Israel fecit
Phase sicut Josias.*
Daqui se vê com toda
a clareza, como o que
deo o nome de Gran-
des, ou Magnos a estes
Monarchas, e Reys,
naõ foi tanto o que
venceraõ pelas armas;
mais foi o que triunfá-
raõ com a piedade: ou,
como hia dizendo, o
ferem piedosos, como
Jozias, e naõ esforça-
dos como David, foi
só o que lhes gran-
geou o nome de Gran-
des. E se para hum
Rey, ou Monarcha,
merecer o nome de
Grande, naõ lhe he
necessario conquistar
Reynos, vencer bata-
lhas, e alcançar victo-
rias, basta-lhe só le-
vantar Templos, aug-
mentar o Culto de
Deos, e engrandecer

o Estado da Igreja;
quem por acçoens co-
mo estas, e mais glo-
riosas ainda, poderá
negar ao nosso Monar-
cha o nome de Gran-
de?

Grande foi Alexan-
dre, Grande Constan-
tino, Carlos, e Affon-
so tambem Grandes;
mas o nosso Monarcha
mais que todos estes
Grande. Naõ só por-
que no Culto, e honra
de Deos, veneraçãõ, e
augmento da Igreja, e
do Estado Ecclesiasti-
co excedêo a todos;
mas sim porque de-
pois dos quatro, que
tiveraõ o nome de
Grandes, foi o ultimo,
que merecêo este no-
me. E ser o ultimo
dos Grandes, he ser
mayor que todos. Que
fosse Grande Alexan-
dre, muito foi, pois
foi o primeiro, que no
mundo merecêo este
nome. Que fosse Gran-
de

de Constantino, já foi mais ; pois pode ser Grande á vista de outro Grande : e muito mais, e mais foi que fossem Grandes Carlos, e Affonso depois de tantos Grandes : mas depois de todos estes ser o nosso Monarcha ainda Grande; isto he, sem duvida, ser por ultimo dos Grandes o mayor de todos, ou entre todos elles ser por ultimo só o Grande. Isto he por ultimo ; e por Quinto não he menos que isto. He o Quinto depois dos quatro, que tiveram o nome de Grandes; pois ha de ser por Quinto o mayor de todos.

Ao ultimo Imperio, que ha de haver no mundo, chamaõ, porque assim ha de ser, o Quinto Imperio ; e ha de ser sem compara-

ção o mayor de todos: e a razão de ser taõ grande he, porque como Quinto ha de conter em si os quatro Imperios Grandes, que houveraõ no Mundo: o dos Caldeos, o dos Assyrios, o dos Gregos, e o dos Romanos ; porque todos estes grandes Imperios se haõ de incluir naquelle Quinto, vindo a ser assim por Quinto o mayor de todos: e o fundamento he, pelo fim, com que como Quinto se ha de estabelecer este Imperio, para reformação de todo o mundo, e exaltação de toda a Igreja, e para augmento, e ultima perfeição do Culto, e honra de Deos.

Deixemos agora as conjecturas, por lhes não chamar profecias, que fazem ao nosso Reyno de Portugal,

por singularizado na honra , e Culto de Deos , augmento da Igreja , e exaltação de todo o seu Estado, este Quinto , e ultimo Imperio ; que foi tambem o fundamento , com que o mesmo Deos disse ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, que-ria estabelecer nelle este ultimo , e Quinto Imperio : *Volo in te , & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut feratur nomen meum ad exterarum gentes : e* deixemos tambem o affecto, e vontade Portugueza, com que aquelle Prégador do seculo passado , tambem Portuguez, e tambem Grande , discorrendo do nosso defuncto Monarcha , ainda antes de nascido , o fez ultimo , e Quinto Imperador deste Quinto , e ultimo Imperio;

Vicira
Palavr
de Pré-
gador
Empe-
nh. S.
IV. fol.
161.

que o que eu posso concluir, he , que pelo muito , que contemplou o nosso Monarcha na exaltação da Igreja , e Estado Ecclesiastico , veneração dos seus Ministros, no augmento do Culto , e honra de Deos : *Mens mea contemplata est multa sapienter* , o que posso concluir, he , que se não foi o ultimo , e Quinto Imperador do Quinto , e ultimo Imperio , foi por ultimo, e Quinto entre os Reys , e Monarchas , que tiverão o nome de Magnos , ou Grandes , o mayor de todos, ou entre todos o que por ultimo , e Quinto foi só o Rey Grande : *Ecce Magnus effectus sum , & præcessi omnes.*

Para coroa desta particular excellencia do Nosso Monarcha , seja-me

seja-me licito repetir aqui o que, fallando em commum das suas excellencias, cantou, debuxou, e imprimio hum Engenho deste Pernambuco. Debuxou a Fama em figura de hum Genio alado, que cortando velozmente os ares, espalhava pelo mundo todo com o sonoro som da sua trombeta este Disticho heroico, com huma só palavra mudada ao nosso intento;

Fon-
sec.
Opusc.
Eu-
char.

*Quà surgit Cæleste
jubar, quà mergi-
tur undis,
Credite, nil maius
Quinto Reverente
Joanne.*

Quer dizer em Disticho tambem heroico, e Portuguez:

*Desde onde nasce, até
onde se põem o Sol,
Naõ se deo para o Pio
Rey Mayor.*

Depois de edificado por Salomaõ o seu Templo, e reformada aquella sua Igreja, contemplou este sabio Rey levantar tambem huma casa á Sabedoria, pondo-lhe por fundamentos sette columnas fortissimas: *Sapientia edificavit sibi^{9.} domum, excidit columnas septem.* Esta casa, que para a Sabedoria edificou Salomaõ, como escreve Alapide com outros, era huma famosa Universidade, de cujas cadeiras, que eraõ sette, se ensinavaõ todas as sciencias, e artes liberaes; ou, como tem Pineda, e o Cartagena, era huma Real Academia, na qual se escreviaõ as obras notaveis dos Varoens antigos: *Sapientia edificavit sibi domum, id est, Salomon Rex sapientissimus juxta Regiam,*

giam, & juxta Templum, immò in atrio Templi, edificavit Academiam, in quâ Doctores docerent sapientiam. Excidit columnas septem: septem ergo columnæ sunt septem gymnasia, in quibus totidem erant cathedræ, è quibus Doctores profiterentur omnes artes liberales. E por isso se chamou aambem Salomaõ *Ecclesiastes*, ou *Cobelletb*, que querem dizer *Recopilador*, ou porque nesta casa, como em huma Universidade, ajuntou todas as sciencias; ou porque nella, como em huma Academia, recopilou todas as historias: *Dicitur Grægè Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cobelletb, id est Collector; gnomas, & dicta David Patris sui, cætero-*

rumque Patriarcharum, & Prophetarum hoc libro coacervavit, & in unum collegit.

Nisto foi tambem no que muito, e sabiamente contemplou o nosso Monarcha: levantou naõ só huma, senaõ muitas casas para a Sabedoria; porque instituiu muitas Aulas, e Estudos, em que se ensinasse todas as sciencias. E porque naõ sahisse a sua contemplação da intelligencia de Salomaõ, dentro dos mesmos Templos, Conventos, e nos seus Claustros quiz se estabelecessem estas Aulas, e Estudos, como os Geraes de Mafra, entregues aos Religiosos Franciscanos: *In atrio Templi*; e os novos das Necessidades commettidos aos Reverendos Padres de S. Philippe Neri, naõ só no atrio, ou Claustro do

do seu novo Templo; mas defronte do seu Palacio Regio, como o fez tambem Salomaõ: *Juxta Regiam... edificavit*; ennobrecendo assim estes, como as antigas Univerfidades, de novas rendas, novos privilegios, e izençoens tambem novas affistindo com a sua Real Fazenda a muitos fujeitos, assim Religiofos, como Seculares, que tendo talento, e muito para as letras, tinhaõ muy poucos talentos para as poder continuar. Tudo contemplaçãõ fabia do seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est multa sapienter.*

E como isto naõ baftava para o muito, que o seu entendimento fabio fabia nesta materia das sciencias contemplar, lá foi, como Salomaõ, levan-

tar huma Academia Real: *Edificavit Academiam*; na qual pelos seus doutos Meftres, e incançaveis Efcritores, se efquadrinhallem, ajuntallem, e efcrevellem as obras virtuofas do efpirito, as façanhas heroicas do efforço, e os partos fcientificos do entendimento dos Varoens notaveis em letras, armas, e virtudes, e das mais antiguidades do seu Reyno: *Edificavit Academiam.*

E porque a esta Clafse das sciencias, e artes liberaes pertencem a Musica, a Pintura, a Efcultura, e outras, para que até na contemplaçãõ dellas se ajuftaffe o seu entendimẽto com o de Salomaõ: Eccel. 2. 8.

Feci mihi Cantores. Paralip. 2.
Mitte mihi virum, qui noverit operari in auro, argento, ære, & fer-

*ferro, purpurá, cocci-
no, & hyacintho, &
qui sciat sculpere cæ-
laturas &c*; lá pro-
curou introduzir tam-
bem no Reyno a Mu-
fica mais consoante, os
Pintores mais destros,
e os mais apurados Ef-
cultores, sem que lhe
elcapasse da sua con-
templaçãõ, porque
tambem saõ artes, e
tem sciencia, as novas
fabricas de sedas, vi-
dros, e outras, em que
tudo mostrou sabia
contemplar em tudo
o seu entendimento
alto: *Mens mea con-
templata est multa sa-
pienter*: para se mos-
trar assim em tudo,
mayor que todos os
Reys, hum Rey Gran-
de: *Ecce magnus effe-
ctus sum, & præcessi
omnes.*

E se a esta parte de
fer o nosso Monarcha
taõ amante da sabedo-
ria ajuntarmos a pri-

meira, que ja tocámos,
de ser hum Rey em
tanto extremo sabio,
acharemos merece por
isso naõ só o nome de
Grande, mas hum no-
me muito grande. Tu-
do, por abbreviarmos,
recopilou em outro
Disticho o Poetico
Engenho, que ja a-
pontámos, formando
hum famosa mytho-
logia entre o nosso
Monarcha, e o Deos
Apollo, e formalizan-
do, que dera Apollo
ao nosso Monarcha o
seu entendimento, e
com elle hum nome
muito grande, o qual
só o merecem aquel-
les, que no Palacio do
Sol, ou da Sabedoria,
occupaõ aquellas duas
casas, ou thronos, que
saõ devidos aos Sabios,
e juntamente amado-
res da sabedoria.

*Nomen utramque do-
mum per Magnum
solli*

*solis adimplet ,
Ingeniumque dedit do-
ctus Apollo suum.*

E se pelo nome de Ecclesiastes tem taõ grande analogia com Salomaõ o nosso Monarcha, naõ a tem menor pelo titulo de Reys, que foraõ ambos do povo, e Reyno, em que o foraõ; que he o ponto, que se segue, conforme as partes da nossa Oraçaõ: *Ego Ecclesiastes fuit Rex Israel in Jerusalem.* Ambos foraõ Reys, e Reys de hum povo escolhido por Deos. Salomaõ do povo Israelitico escolhido por Deos para fundar com elle o seu primeiro Reyno: *Elegit te Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculiaris;* o nosso Monarcha do povo Portuguez escolhido pelo mesmo Deos, para estabelecer nelle o seu

Exod.
6, 7.

ultimo Imperio, como o disse o proprio Senhor ao nosso primeiro Rey Dom Affonso Henriques no campo de Ourique: *Volo in te & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E se repararmos mais em o nome de hum, e outro povo, ainda apparece melhor a congruencia entre ambos. O povo escolhido por Deos, de quem Salomaõ foy Rey, chamava-se Israelitico; o povo escolhido pelo mesmo Senhor, de quem foy Rey o nosso Monarcha, he o povo Portuguez; e Portuguez, como ja apontamos ao principio, val tanto, como dizer Israelita. Israelita naõ quer dizer outra cousa mais que homem forte, homem valoroso, homem constante. Este foy o titulo honroso, que deo Deos a Jacob, de-

R pois

Ge-
nef.
32.28.

pois que forte, valoro-
roso, e constante pe-
lejou a braços huma-
noite inteira com o
mesmo Deos, mudan-
do-lhe entaõ o Senhor
em o de Israel o nome
de Jacob: *Nequaquam
appellabitur Jacob no-
men tuum, sed Israel;
quia si contra Deum
fortis fuisti; quanto
magis contra homines
prævalebis.* Isto quer
dizer Israel, e naõ quer
dizer menos que is-
to Portuguez. Quem
mais fortes, quem mais
valorosos? E que ho-
mens ha mais constan-
tes, assim na fortuna,
como na adversidade,
do que os Portugue-
zes? Nem temos neces-
sidade de nos deter-
mos aqui; porque disto
de Portuguezes estaõ
chêas as historias, e naõ
falta nellas quem com-
pare os Portuguezes
com os Israelitas: va-
mos a outra conve-
niencia.

Foy Salomaõ Rey
de Israelitas em Jeru-
salem, foy o nosso Mo-
narcha Rey de Portu-
guezes em Portugal:
*Fui Rex Israel in Je-
rusalem.* Tambem por
aqui concordaõ admi-
ravelmente; porque
tanto faz dizer Portu-
gal, como Jerusalem.
Jerusalem quer dizer
Vizaõ de paz: *Jerusa-
salem, id est, pacis vi-
sio;* lugar, em que se
vê paz, e naõ de qual-
quer sôrte, senaõ huma
paz, que sempre se vê.
E assim como em Jeru-
salem nunca se vio
mais paz do que no
tempo de Salomaõ,
porque a teve conti-
nuada por todo o tem-
po, que reynou, que
por isso se chamou Sa-
lomaõ, que quer dizer
pacífico: *Salomon, id
est, Pacificus;* assim
tambem quando se vio
em Portugal mais paz,
do que no Reynado
do

do nosso Monarcha ? Esta paz foi todo o seu cuidado ; esta paz foi a cousa , em que mais contemplou o seu entendimento. Quantos meyo, quantas industrias, e que de maximas não contemplou para conservar esta paz, e tudo com discricião, acerto, e sabedoria, sem que para manter esta paz reparasse, nem ainda em grandes dispendios do Real Thesouro! Onde se segue outra contemplação do seu entendimento, e tão sãbia como sua; e he, que não contemplava em conservar esta paz por outro principio algũ, senão só pelo bem commum do seu Reyno, quietação do seu povo, e socego dos seus vassallos. E quando não tivesse o nosso Monarcha outra excellencia Real, esta só

bastava para o constituir hum Rey mais que todos Grande. Rey Grande, Rey Superior a todos chamou a Igreja a Christo, quando o vio nascido, e não por attributo algum da sua Divindade, só pela excellencia de Rey Pacifico: *Rex pacificus magnificatus est vehementer*. Isto foi o mais, que disse a Igreja deste Pacifico, e Soberano Rey; e nem do nosso Rey se póde dizer mais do que isto: que pelo muito, que pela paz, e sua conservação contemplou sabiamente o entendimento do nosso Monarcha: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, foi hum Rey mayor que todos, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes*.

E se aqui fizemos mais huma breve re-

fixaõ sobre esta paz do nosso Monarcha , ainda o veremos por ella muito mayor. Sendo taõ conhecido o nosso Monarcha dos mais Reys, e Principes por Grande, e Poderoso em tudo , ainda foy conhecido por mais Poderoso , e Grande por esta sua paz. De forte que conseguiu o nosso Monarcha com esta sua paz só , o que com todo o poder das suas armas naõ pudéraõ alcançar os mais Reys. Tudo exprimio neste Disticho o Poetico engenho , que ja outras vezes deixamos apontado.

*Regia Gēs timuit Ma-
gnum , sed pace po-
tentem ,
Quod nulli robur Pax
dedit esse magis.*

Assim viveo , e acabou em paz o nosso

Monarcha ; e assim como acabou em paz a presente vida , assim podemos crer piamente entraria na outra tambem em paz. Para o crermos assim nos dá bastante motivo a ultima contemplaçaõ do seu entendimento, em a qual mostrou era verdadeiramente Rey sabio. Oito annos antes da sua morte, e depois de accommettido por aquelle fatal achaque , que sendo o seu primeiro effeito com os movimentos do corpo privar juntamente das operaçoens do entendimento , para mostrar que o do nosso Monarcha era superior o todos, nunca lhe offendeo o entendimento , ainda quando mais lhe proftrava o corpo; porque enfermo , e taõ enfermo, sempre nas disposiçoens , e acerto dellas,

las, mostrou obrava com huma contemplaçãõ a mais sabia. Mas aonde acabou de mostrar que sábiamente contemplava todas as cousas o seu entendimento, foi, como hiamos dizendo, naquella famosa resoluçãõ, com que, conhecendo pelo achaque, ainda no seu principio, era mortal; quiz morrer antes de morrer: largou o governo, deixou a administraçãõ do Reyno, e tratou só de preparar-se para a ultima hora, que com effeito a teve taõ feliz, como mostraraõ os effeitos, pelas sete horas da tarde do dia ultimo de Julho deste mesmo anno. E aqui temos desempenhadas cabalmente nas ultimas cõtemplaçoens do nosso Monarcha as principaes palavras de Salomaõ: *Fui Rex, fui Rey.*

He sem duvida, que quando Salomaõ disse que fora, ou tinha sido Rey, naõ o disse porque naturalmente estivesse ja morto, porque entãõ o naõ diria elle: mas disse-o, porque moralmente se contemplou morto. Porque conhecendo era mortal, e havia morrer, levado deste conhecimento, contemplando a brevidade da vida, a vaidade do mundo, como elle mesmo o disse nesta occasiãõ: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas, dixit Ecclesiastes,* e outras muitas cousas, que aqui deve contemplar quem he sabio; movido de penitencia largou a administraçãõ, e governo do Reyno, e por isso se tratou como morto, ou como quem ja naõ era Rey como fora: *Fui Rex, fui, inquit, jam*

Hæc apud Alapid hic ubi pro hac pia opinione possit videri Auth. &c.

*jam non sum, quia et-
si sum idipsum, jam
nihil esse agnosco quod
sum*, conclue o Alapi-
de neste lugar. Todas
estas coufas contem-
plou aqui o entendi-
mento de Salomaõ :
*Mens mea contempla-
ta est multa sapienter.*
E que de coufas como
estas naõ contemplou
o entendimento do
nosso Monarcha na oc-
casiãõ, em que, conhe-
cendo era mortal, dei-
xou de ser Rey : *Fui
Rex!* Contemplou pri-
meiramente, que o
Rey, que he sabio, de-
ve entender todas es-
tas coufas ; deve co-
nhecer, que o Rey en-
tre todos os homens
he o mais mortal : taõ
mortal, que morre
duas vezes ; taõ mor-
tal, que sempre morre
mais de pressa ; taõ
mortal, que o mesmo
he ser Rey, que estar
ja morto. Contemple-

mos nós agora tam-
bem o como tudo isto
he certo, e logo vere-
mos, como isto tudo
foi contemplaçaõ sa-
bia do entendimento
do nosso Monarcha na-
quella ultima resolu-
çaõ de se conhecer
mortal : *Fui Rex.*

A muitos Reys pa-
rece, que aquella mes-
ma fortuna, que os fez
maiores, os fez tam-
bem immortaes : pelo
menos quando o de-
monio prometteo a
Adaõ que havia ser
Soberano : *Eritis si-
cut Dii* ; logo lhe in-
sinuou que havia ser
immortal : *Nequaquã
moriemini* ; parecen-
do-lhe áquelle espiri-
to mentirozo, que naõ
poderia Adaõ crer a
promessa da maioria,
sem o attributo da im-
mortalidade. Assim pa-
rece ao Rey nescio, ao
Rey ignorante ; mas ao
Rey, que he entédido,

ao Rey sabio naõ lhe parece assim. Naõ só conhece que os Reys faõ mortaes, mas entende que ainda faõ mais mortaes, por isso mesmo que faõ Reys. E taõ mortaes, que morrem duas vezes. Ora notem. Saõ taõ mortaes os Reys, que estando a morte avin- culada á natureza hu- mana, aos mais homẽs vem-lhes a morte pe- lo que tem de homens; aos Reys vem-lhes a morte pelo que tem de homens, e pelo que tem de Reys. Morrem os homens por huma só via, morrem os Reys por dous princi- pios; ou, para o dizer melhor, os mais ho- mens morrem huma só vez como homens: *Statutum est homini- bus semel mori*; os Reys morrem duas vezes, morrem huma vez como homens:

Vos autem sicut homi- nes moriemini, e mor- rem outra vez como Reys: *Et sicut unus de Principibus cades- tis*. E assim o pedia a razaõ; porque como vivem com duas vi- das, huma, com que como homens vivem ao tempo, outra com que como Reys vivem ao officio; assim era justo tivessem duas mortes, ou morref- sem duas vezes, huma como homens, outra como Reys. Tudo disse aquelle Profeta, que tambem foy Rey: *Non moriar, sed vivam*. Naõ hey de morrer, hey de viver, dizia David. Hum destes termos parece de- mais. Quem naõ mor- re, he certo que vi- ve, pois se diz David huma vez, que vive: *Non moriar*; como diz que vive outra vez: *Sed vivam*? Já está

Pfalm. 81. 7.

Pfalm. 117. 7.

está dito. Era David Rey, e era entendido, e como tal conhecido que, como Rey, tinha duas vidas, huma, com que vivia como homem, outra, com que vivia como Rey; e por isso disse vivia duas vezes: *Non moriar, sed vivam*. E se os Reys tem duas vidas, ou vivem duas vezes; duas vezes haõ de morrer: saõ mais; vivos, que os mais, pois sejaõ tambem mais mortaes: vivem como homens, e como Reys; pois morraõ como Reys, e como homens. Mas advirtaõ, que se como homens tem a morte certa: *Statutum est hominibus semel mori*; como Reys tem a vida breve: *Principatus vita brevis*, e taõ breve, que se como homens podiaõ morrer mais de vagar, ou mais

longe: *Mori*, como Reys acabaõ mais depressa, morrem com mayor brevidade: *Principatus vita brevis*.

Ainda mais: saõ taõ mortaes os Reys, que, ainda quando vivos, sempre se devem contemplar como mortos. Em casa de dous Grandes de Judéa entrou Christo em certa occasiaõ, em casa de Pilatos, e em casa de Herodes. Em casa de Pilatos vestiraõ ao Senhor com huma purpura vermelha, divisa de Rey: *Induunt eum purpurá*. Em casa de Herodes vestiraõ-no com huma roupa branca, mortalha de defunto: *Indutum veste albá*. E assim devia ser, entrou Christo alli feito Rey: *Quia se Regem facit*; e anda taõ unida a mortalha com a purpura,

Marc.

15. 17.
Luc.

19. 11.

pura , que ao mesmo tempo , em que o Senhor teve a purpura de Rey na roupa vermelha , teve a mortalha de defunto na roupa branca. No mesmo dia , em que Pilatos o vestio como Rey : *Induunt eum purpurá* ; Herodes o amortalhou como defunto : *Indutum veste albá*,

Que outra cousa era serem os Reys antigamente ungidos , quando os coroavaõ , fenaõ fazê-los certos , de que o mesmo era nelles entrar a reynar , que começar a morrer. Melhor o diremos : ungidos quando coroados , porque entendessem que , se como homens estavaõ vivos , como Reys já eraõ mortos. Quando as antigos Romanos coroavaõ aos seus Imperadores , ao mesmo tempo , que lhes assen-

tavaõ a Coroa na cabeça , e na maõ o Cetro ; entrava hum mestre de obras de canteria com huma salva , e nella tres pedaços de pedra : hum marmore branco , hum porfido negro , e hum polido jaspe , e dizia assim fallando ao Imperador : *Elige ex istis saxis , Augustissime Cæsar , ex quo ipse tibi tumulum me fabricare velis* ; escolhe , ó Imperador Augusto , de qual destas pedras queres se lavre o teu sepulchro : como quem lhe advertia , entendesse que o mesmo era subir para o Throno que descer para a sepultura : porque se como homem se achava vivo , como Rey se devia contemplar morto. Mas isto só o contempla hum Rey , que he sabio ; por isso contemplan-

do como sabio tudo isto Salomaõ , sendo ainda vivo , como homem,concluiu-se morto , como Rey: *Fui Rex.*

E tudo isto contemplou o nosso novo Salomaõ sabio , e defuncto Rey: *Fui Rex.* Foy Rey , porque , como Rey que foy , morreo duas vezes , huma quando naturalmente morreo, outra quando conheceo que havia morrer. Morreo huma vez, quando como homem se lhe acabou a vida; e morreo outra vez , quando como Rey sabio conheceo que esta vida se lhe havia acabar. Morreo antes de morrer. Morreo antes , e morreo depois. Morreo cedo, e morreo tarde. Como homem havia morrer huma vez , quando com effeito morreo; mas como isto havia

ser mais tarde , quiz como Rey morrer mais cedo; e morreo, quando na deixaçaõ do governo conheceo que havia morrer. E isto mesmo foy mostrar que , sendo vivo como homem , era já morto como Rey: *Fui Rex.* Mas por isso mesmo, que contemplou sabiamente todas estas cousas: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, foy mayor que todos os Reys, foy hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

Morreo finalmente assim o nosso sabio Rey , morreo o nosso Rey Grande , morreo El Rey D. Joaõ V. ! Mas não disse bem. Não morreo : porque o Rey , que he sabio , o Rey , que sabe contemplar tudo isto, que contemplou o nosso Rey , ainda que se possa

possa dizer que foy Rey, porque morreo; naõ se deve dizer que acabou, porque foy hum tal Rey: *Fui Rex...* Ouviraõ tudo quanto contemplou o nosso Rey? Pois ainda contẽplou muito mais; ou, para o dizer melhor, tudo quanto contemplou para morrer, foi buscar hum novo modo para nunca acabar. Contemplou morrer duas vezes, para vir a naõ morrer nenhuma. Contemplou morrer antes, para naõ morrer depois. Contemplou-se sempre morto, para viver eternamente. Ahi naõ ha mais contemplar! Ora vejaõ como foi discreta esta sua contemplação.

He sem duvida que naõ ha remedio para fugir á morte; mas se algum póde haver, he

fó a contemplação da mesma morte. Quando Deos creou a Adaõ naquelle primeiro estado de immortal, a primeira cousa, que fez para lhe conservar esta immortalidade, foy pôr-lhe a morte na contemplação: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*; como se differa ou quizesse dizer Deos: contemple-se Adaõ morto, que logo se conservará immortal; porque a officina da vida he a contemplação da morte. Quem se contempla morto, faz-se immortal. E he isto tanto assim, que a cousa primeira, que o demonio intentou tambem tirar a Adaõ, para o fazer mortal, foy a contemplação da morte: *Nequaquam moriemini*: e assim aconteceo; porque o mesmo foy esquecer-

se Adaõ da morte ,
 q̃ achar-se logo morto : *Cum cognovissent
 se esse nudos.* Mas
 isto , que naõ enten-
 deo aquelle primeiro
 Rey da natureza , por
 se querer fazer nescio:
*Homo cum in honore
 esset non intellexit ;*
 contemplou como fa-
 bio o nosso Rey : con-
 templou-se morto por
 tantos modos , para
 que por nenhum prin-
 cipio pudesse acabar.

Dissemos que o
 nosso Monarcha vive ,
 e viverá eternamente ;
 mas naõ dissemos ain-
 da que vida he esta ,
 que ha de viver. Digo
 que he a vida dos que
 morrem , porque co-
 nheceraõ que haviaõ
 morrer. He a vida dos
 Justos , porque só el-
 les , como verdadeiros
 fabios , he que tem
 este conhecimento. E
 por isso, ainda quando
 morrem, naõ morrem.

E esta he toda a razaõ,
 porque a morte dos
 Justos se chama vida, e
 ao dia do seu transito
 se chama dia do seu
 nascimento : porque
 entaõ , quando mor-
 rem , he que começaõ
 a viver a verdadeira
 vida. E porque sup-
 põmos que o nosso
 Monarcha morreo co-
 mo Justo ; porque co-
 mo Justo conheceo
 que havia morrer :
 por isso dizemos que
 ainda vive , e viverá
 eternamente , quando
 conhecemos que já he
 morto : *Fui Rex.*

Ainda naõ dissemos
 tudo : vive , e viverá
 eternamente o nosso
 Monarcha , naõ só por
 que morreo como Ju-
 sto , para sempre vi-
 ver ; mas porque ha de
 viver sempre na nossa
 lembrança. Teve duas
 vidas , quando viveo ,
 huma como homem ,
 outra como Rey ; mor-

reo duas vezes , quando morreo , huma como Rey , outra como homem : e assim depois de morto ha de tornar a viver duas vidas , huma , com que , como homem Justo , ha de viver eternamente na Gloria ; outra , com que , como Rey desejado , e faudofo , ha de viver para sempre na nossa lembrança. Teria a morte jurisdicção para o fazer acabar a vida , mas não terá poder para o tirar da nossa memoria ; e como não póde ser esquecido , ha de permanecer sempre vivo. *Recessit à nobis , sed non totus recessit* , dizia o Arcebispo de Milaõ Santo Ambrosio , discorrendo na morte do Grande Imperador Theodozio. Morreo , he verdade : *Recessit* ; mas não acabou , porque ainda vi-

ve na nossa lembrança: *Sed non totus recessit*. He verdade , ó Monarcha faudofo , ó Rey D. Joaõ o Grande , he verdade que vos roubou a morte a nossos olhos : *Recessit* ; mas como vos não pode tirar da nossa lembrança , deixou-vos nella eternamente vivo: *Sed non totus recessit*.

Affim he , Rey Grande , Monarcha entendido , assim he ; se athégora vos choramos morto , ja desde aqui vos devemos celebrar vivo : vivo , porque na certeza da morte fe-gurastes a perpetuidade da vida ; vivo , porque aindaque faltastes a nossos olhos , viveis , e vivereis sempre na nossa lembrança. E tu , ó cada falso enganoso , padraõ fatal de desgraças , emblema certo de tristezas , se fostes troféo da morte ,
ja

ja te pódes transformar em obelisco da vida; ja as tuas luzes pódem desterrar as tuas sombras; ja os teus raios pódem consumir as tuas trévas, e ja pódem romper o teu silencio effas tuas luminosas linguas, publicando a vozes, que ahi vive, e viverá eternamente aquelle Monarcha Portuguez, cujas acçoens, contempladas sabiamente pelo feu alto entendimento: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, o estaõ mostrando, ainda quando morto, Rey vivo, como foy: *Fui Rex*; hum Rey, que foy mayor que todos, hum Rey, que será, assim como foy, sempre Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes*.

Tudo recopilou ao nosso intento, fallan-

do em commum das acçoens do nosso Monarcha, o Poetico Engenho, que ja tantas vezes deixámos apontado, neste seu ultimo, e elegante Disticho.

*Nil maius terris, mortales fata dedere,
Nec quamvis redeant aurea secla dabunt.*

Vem a dizer em disticho Portuguez:

*Por mais que venhaõ
seculos dourados,
Naõ darão Rey taõ
grande os Fados.*

E porque as acções de hum taõ grande Rey, resumidas ao breve epilogo das palavras do meu thema, fique eternamente, ou impressas na nossa memoria, como braçoens seguros da nossa faldade, ou gravadas nestas pyramides, como Epitafio Real da sua sepultura,

sepultura , eu as torno
a repetir como recla-
mo da nossa mágoa,
como consõlo da nossa
perda, e como Memen-
to ultimo das acções
de hum Rey sempre
Grande: *Ego Ecclesi-*

*astes fui Rex Israel in
Jerusalem... Ecce ma-
gnus effectus sum, &
præcessi omnes sapien-
tia, qui fuerunt ante
me, & mens mea con-
templata est multa sa-
pienter.*



FRONTE VI.

NASCE DO V. I. EX HYMN. ECCLES.

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur,

E com as suas mysticas agoas entra a unir-se com as desta primeira corrente em hum discurso Encomiastico na feliz, auspiciada, e Real Acclamação

DO AUGUSTISSIMO, E FIDELISSIMO SENHOR

D. JOZE' I.

REY DE PORTUGAL.

Recitada na Matriz da Cidade da Paraíba no dia 7. de Setembro de 1751.

Com assistencia do Senado da Camera, e do Mestre de Campo Governador daquella Capitania

ANTONIO BORGES DA FONSECA.

J. M. J.



Ar graças a hum Rey, e Senhor Soberano, que he Deos: *Te Deum laudamus*; Reconhecer, e

confessarmos, como dado por Deos, a hum Soberano, que he hoje nosso Rey, e Senhor: *Te Dominum confitemur*; he todo o obje-

T

cto

cto deste luzido, nobre, e illustre acto. Melhor o direy ao meu intêto. Render a Deos as graças, como a Rey de Reys, e Senhor de Senhores : *Te Deum laudamus : Rex Regum, & Dominus Dominantium* ; por nos dar por Senhor hum Rey com attributos de Deos: *Te Dominum confitemur : Ego dixi, Dii estis* ; he o empenho todo do meu discurso nesta hora ; porque este he todo o objecto desta Regia acção neste dia.

Que seja Deos, como Rey de Reys, e Senhor de Senhores, o que dá Senhores, e põem Reys em todo o mundo, ninguem o duvida; e que no Rey, que nos dá hoje por Senhor, nos dá hum Senhor, e hũ Rey com attributos de Deos; ou assim como Deos quan-

do he Rey ; isso he o que ha de mostrar agora o meu discurso : e para isto, vejamos logo a consonancia, que fazem entre si, o discurso, o objecto, e o thema. *Te Deum laudamus*. Saõ palavras estas, pelas quaes principia aquelle admiravel, altissimo, e sagrado Hymno, ou Cantico composto pelos dous mayores Doutores, e lumes da Igreja Santo Ambrosio, e Santo Agostinho ; deste Hymno, e das suas profundissimas palavras usa a Igreja em todas aquellas acções, em que por algũa circumstancia grande, ou notavel, solemnemente congregados os seus Fieis, costumão dar a Deos as graças por beneficios, e favores recebidos do mesmo Senhor. Mas sendo estas palavras comũas para
quaes-

quaesquer acçoens de graças, que a Deos se tributaõ por bens recebidos da sua Divina, e liberal maõ ; pelo bem de dar ao seu Povo Reys, e Senhores, ainda saõ mais proprias, e ajustadas; e taõ ajustadas, e proprias para a presente acçaõ, que aqui nos traz hoje, de darmos a Deos as graças, pela grande, que fez a todos os Portuguezes, de nos dar hum Principe, hum Rey, e hum Monarcha, como o que hoje nos dá no nosso Augusto Senhor D. Jozé I., que me atrevo a dizer, e ainda a provar, que só para a acçaõ de graças presente, pela acclamaçaõ do novo Rey, que hoje subditos amantes, e leaes vassallos adoramos reverentes, e reconhecemos rendidos, saõ as mais ajustadas, e só

proprias para ellas. Ora vejaõ.

Entra Santo Ambrosio, e Agostinho a dar graças a Deos neste seu admiravel Cantico do *Te Deum laudamus*; e depois de convidarem para ellas aos Fieis da Igreja Militante na terra: *Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia*; continuaõ em dizer, que essas graças se daõ a Deos pelo grande, e singular bem, que fez aos homens em lhes mandar ao mundo feito homem seu Unigenito Filho Jesu Christo: *Venerandum tuum verum, & Unicum filium*; mas he de notar, que em todo este hymno naõ daõ a Christo outro titulo, mais que o de Rey, e sómente Rey: *Tu Rex gloriae Christe*. E pois como assim? Se Christo tem tantos, e taõ admira-

veis titulos, como consta de toda a sagrada Escritura, como lhe não dão aqui algum titulo destes, senão o de Rey, e sómente Rey: *Tu Rex gloria Christe*? Sabem porque? Porque nos quizerão ensinar, como tão grandes Mestres, que as graças, que se devem dar a Deos no seu Cantico do *Te Deum laudamus*, só se dão com toda a propriedade, quando se dão por Christo, como Rey; ou por hum Rey como Christo; *Tu Rex gloria Christe: Te Deum laudamus*. E se nós mostrarmos agora, que o nosso novo, e reynante Monarcha he hum Rey como Christo, quero dizer, he hum Rey com attributos de Deos, ou como Deos, quando he Rey, não ficará provado que este Canti-

co do *Te Deum laudamus* para nenhum outro Monarcha vem mais proprio, do que para o nosso Rey, ou para as graças, que a Deos se devem dar pela sua feliz acclamação? He sem duvida que sim. Pois isso he o que havemos mostrar agora. Mas antes que entremos ao discurso, não posso deixar de reparar em algumas circunstancias deste dia tão solemne, e que certamente dão muito realce a essa acção em tudo Regia, humas em obsequio do dia, outras em abono do assumpto.

Em abono do assumpto, porque, se este he, vemos ao nosso reynante Monarcha, hum Rey assim como Deos, quando he Rey; para isto concorda muito sabermos, que assim como Deos, em quanto Rey,

Rey, foi Rey do Reyno de Israel, chamado o Reyno de Christo; assim tambem Reyno de Christo, sabem todos, he com especialidade o Reyno de Portugal, donde o nosso Augusto Monarcha está hoje acclamado Rey. E se aquelle Povo, de quem Deos era Rey, foy chamado o Povo Israelita, quem não sabe que este mesmo nome se dá tambem ao Povo Portuguez, de quem he Rey o nosso Monarcha; porque tanto faz dizer Israelita, como Portuguez, e Portuguez, como Israelita? Israelita não quer dizer outra cousa mais que homem forte, homem valoroso, homem constante. Este foi o titulo honroso, que deo Deos a Jacob, depois que forte, valoroso, e constante pelejou a

braços huma noite inteira com o mesmo Deos, mudando-lhe entãõ, em o de Israel, o nome de Jacob: *Nequaquam appellabitur nomen tuum Jacob, sed Israel; quia, si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis.* Isto quer dizer Israelita; e não quer dizer menos que isto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valorosos, e que homens tem havido mais constantes assim na fortuna, como na adversidade, do que os Portuguezes? Nem temos necessidade de nos deter aqui; vamos ao nosso ponto. E se tanto faz dizer Portuguez, como Israelita, e Reyno de Israel, como de Portugal; bem podemos dizer, e com muita propriedade, temos acclamado em Portugal

gal hum Monarcha , que he Rey com attributos de Deos , ou assim como Deos, quando he Rey. Isto he em abono do assumpto , e em obsequio do dia não he menos que isto.

Huma das primeiras acções dignamente louvada em o nosso reynante Monarcha , foi aquella , com que determinou se celebrasse a sua acclamação na Corte de Lisboa neste mesmo dia, em que estamos hoje, sete de Setembro do anno passado , dia em que faz annos a Senhora Rainha sua Mãe. E quem deixará de louvar , que para este mesmo dia guardasse esta Cidade este solenne acto? Nisto se excedeo Lisboa a si mesma; e nisto, excedendo esta Cidade a todas as mais do Reyno , lá se vay competir com a

de Lisboa. Mas assim como aquella acerto lá se ficou devendo todo á discreta attenção do nosso reynante Monarcha; assim aqui todo o acerto desta escolha se deve attribuir á attenciosa discrição de quem a governa.

Ainda temos aqui mais que notar, e com isto daremos principio a este discurso : advertindo sómente , que depois de fundado em hum texto particular, e exquisito da Sagrada Escriitura, não usaremos de mais Escriitura, nem de authoridade alguma de Santo Padre ; porque para Authores nos bastaõ hoje Santo Ambrosio, e Santo Agostinho , e por Escriitura os principaes versos do seu Cantico do *Te Deum laudamus* ; porque cõ elles provaremos tudo. Hoje, como diziamos

mõs, faz hum anno, que se acclamou em Portugal o nosso Augusto, e reynante Monarcha, e hoje fazem sesenta e oito annos, que nasceo na Austria de Alemanha aquella Augusta Rainha Mãy, que nos deo para Portugal este Monarcha. E que quererá dizer, a occurrencia do nascimento da Rainha Mãy na Austria, no mesmo dia, em que se acclama em Portugal o filho por Rey? Sabem o que? Couza notavel he; mas he força que o diga. Quer dizer: Que acclamar-se em Portugal por seu Rey o nosso Monarcha, no mesmo dia, em que na Austria nasceo a Rainha sua Mãy, foi para que ficassemos entendendo, tinhamos acclamado por Rey hum Monarcha, que era Rey com attributos de Deos, ou

assim como Deos quando he Rey. Vamos ao nosso texto particular da Sagrada Escritura.

Deus ab Austro veniet. Virá Deos das partes do Austro, dizia hum dos Profetas menores. E que viria a dizer nisto este Profeta? Quiz dizer, conforme o commum sentir dos Doutores Sagrados, que Deos havia de vir ao mundo feito homẽ, e não como qualquer homem commum; senão como hum homem Rey, e Rey, não como qualquer, mas hum tal Rey, e hum Monarcha tal, que o não podia haver mayor, como quem era todo Divino, grande em si, e grande para os seus. E para admirar tanta grandeza, como couza nova, e nunca ouvida, convida o Profeta as admirações do mundo, e a attenção das

Habacuc. 3.

das

das Gentes, significada naquella palavra Hebraica, *Selab*; com que na raiz do texto se nota este verso: *Selab, Deus ab Austro veniet: Selab*, explica o Alapide, *Attendite, stupete, celebrate hanc Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam, qua ejus majestas nobis se ostendere dignata est.* Quatro cousas nos quiz advertir aqui o Profeta na explicação do Alapide. Primeira, a admiração do mundo: *Attendite.* Segunda, a Acclamação de Deos em *Rei: Celebrate.* Terceira, a grandeza da sua Magestade: *Ejus majestas.* Quarta, e ultima, a conveniencia tambem grande para os seus: *Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam.* E porque tanta grandeza em Deos quando

Rey acclamado? Ou porque, quando acclamado assim por *Rey*, ha de causar a sua grandeza tanta admiração? O texto não dá outra razão, mais que dizer, era, porque vinha Deos então das partes do Austro: *Deus ab Austro veniet: Selab, attendite, stupete, celebrate.*

E quem não vê agora, que isto mesmo, guardada a devida proporção, nos está inculcando hoje o nosso Monarcha no dia da sua acclamação, e quando se faz no mesmo dia, em que na Austria nasceo a Rainha sua Mãe? Ora notem: Entre Austria, e Austro, não ha mais differença, que ser hum o original do outro; derivar-se do nome Austro a palavra Austria: e por não perdermos tempo em
cou-

cousa menos necessaria, não aponto outras razoens de congruencia, e ainda naturalidade entre huma, e outra; vamos ao nosso ponto. Assim Rey com toda esta grandeza se acclama Deos, quando se diz que vem do Austro; e por vir da Austria, vemos acclamado ao nosso Monarcha por hum Rey Grande, por hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey. *Deus ab Austro veniet; Selah, attendite, stupete, celebrate hanc Dei in nos excessivam dignationem, & beneficenciam, quae ejus Majestas nobis se ostendere dignata est.*

Por outros termos me explicarey melhor: Por filho de huma tal Mãy, como a Augusta Rainha D. Maria-Anna de Austria te-

mos hum Monarcha acclamado em tudo por Grande Rey. E se por filho de huma tal Mãy, Rey Grande; que Grande Rey não será por filho de hum tal Pay, como foi o nosso laudoso sempre, e sempre digno de eterna memoria o Senhor Rey D. João o quinto! Por aqui acabaremos de ver agora o como o nosso reynante Monarcha, por filho de hum tal Pay, he hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos quando he Rey: vamos ao nosso Cantico do *Te Deum laudamus*; vay Santo Ambrosio, e Santo Agostinho continuando o seu, e nosso Cantico, e depois de acclamarem nelle a Christo por Rey: *Tu Rex gloriae Christe*, acrescentaõ logo, que este Rey Christo

V he

das Gentes, significada naquella palavra Hebraica, *Selab*; com que na raiz do texto se nota este verso: *Selab, Deus ab Austro veniet: Selab*, explica o Alapide, *Attendite, stupete, celebrate hanc Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam, qua ejus majestas nobis se ostendere dignata est.* Quatro cousas nos quiz advertir aqui o Profeta na explicaçãõ do Alapide. Primeira, a admiraçãõ do mundo: *Attendite.* Segunda, a Acclamaçãõ de Deos em *Rei: Celebrate.* Terceira, a grandeza da sua Magestade: *Ejus majestas.* Quarta, e ultima, a conveniencia tambem grande para os seus: *Dei in nos excessivam dignationem, & beneficentiam.* E porque tanta grandeza em Deos quando

Rey acclamado? Ou porque, quando acclamado assim por *Rey*, ha de causar a sua grandeza tanta admiraçãõ? O texto naõ dá outra razaõ, mais que dizer, era, porque vinha Deos entãõ das partes do Austro: *Deus ab Austro veniet: Selab, attendite, stupete, celebrate.*

E quem naõ vê agora, que isto mesmo, guardada a devida proporçãõ, nos está inculcando hoje o nosso Monarcha no dia da sua acclamaçãõ, e quando se faz no mesmo dia, em que na Austria nasceo a Rainha sua Mãe? Ora notem: Entre Austria, e Austro, naõ ha mais differença, que fer hum o original do outro; derivar-se do nome Austro a palavra Austria: e por naõ perdermos tempo em
cou-

cousa menos necessaria, não aponto outras razoens de congruencia, e ainda naturalidade entre huma, e outra; vamos ao nosso ponto. Assim Rey com toda esta grandeza se acclama Deos, quando se diz que vem do Austro; e por vir da Austria, vemos acclamado ao nosso Monarcha por hum Rey Grande, por hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey. *Deus ab Austro veniet; Selah, attendite, stupete, celebrate banc Dei in nos excessivam dignationem, & beneficenciam, quae ejus Majestas nobis se ostendere dignata est.*

Por outros termos me explicarey melhor: Por filho de huma tal Mãy, como a Augusta Rainha D. Maria-Anna de Austria te-

mos hum Monarcha acclamado em tudo por Grande Rey. E se por filho de huma tal Mãy, Rey Grande; que Grande Rey não será por filho de hum tal Pay, como foi o nosso saudoso sempre, e sempre digno de eterna memoria o Senhor Rey D. Joaõ o quinto! Por aqui acabaremos de ver agora o como o nosso reynante Monarcha, por filho de hum tal Pay, he hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos quando he Rey: vamos ao nosso Cantico do *Te Deum laudamus*; vay Santo Ambrosio, e Santo Agostinho continuando o seu, e nosso Cantico, e depois de acclamarem nelle a Christo por Rey: *Tu Rex gloriae Christe*, accrescentaõ logo, que este Rey Christo

V he

he Filho de seu Eterno Pay : *Tu Patris sempiternus es Filius.*

E que quer dizer chamar aqui a Christo Filho do Eterno Pay , depois de o terem acclamado Rey: *Tu Rex gloriae Christe, Tu Patris sempiternus es Filius?* Quer dizer , que se os filhos Reys participão em tudo das excellencias dos Reys seus Pays; Christo, que he Filho do Eterno Pay , ha de ser hum Rey, assim como Deos, quando he Rey : na nobreza da Pessoa , o mais illustre , pois he por natureza Divino , e assim em tudo o mais , mayor que todos os Reys do mundo ; porque em fim, sendo Rey , he juntamente Deos. Deos Pay, assim he que he Rey; e Christo , como Filho de tal Pay , he hum Rey, assim como Deos:

Tu Patris sempiternus es Filius: Tu Rex gloriae Christe.

E de que Rey, melhor do que do nosso reynante Monarcha , se póde dizer, no modo em que se póde: *Tu Patris es Filius* , vós Senhor sois filho de vosso Pay? Sois filho do Senhor Rey D. Joaõ o V. ou o Grande de Portugal. Grande Rey , que foi pela nobreza da sua Pessoa; porque do Real tronco da Casa de Bragança , das mais Illustres , e Regias de toda a Europa. Grande Rey pelo magnanimo do coração: Grande Rey pelo magnifico das obras , e Rey muito Grande pelo piedoso do espirito. E se taõ Grande Rey foi o Pay do nosso Augusto Monarcha ; acclamado temos ao nosso Monarcha Augusto por hum

hum Rey muito Grande, como filho de tal Pay: *Tu Patris es Filius: Tu Rex:* o Pay, o Grande Rey, o Senhor D. Joaõ o V. , o filho hum Rey Grande, o Senhor Dom Jozé I. Mas valha-me o Ceo, que aqui parece me vay fugindo o lume dos olhos, quando considerando ao nosso Monarcha reynante, como Rey filho de taes Pays, me lembra que este filho Rey he Jozé. Ora notem.

Jozé quer dizer o que cresce, e não só o que cresce huma vez, fenaõ o que muitas vezes cresce, o que sempre vai em augmento: *Filius accrescens. Joseph, filius accrescens, Joseph augmentum,* dizia o velho Jacob, quando por despedidas desta vida lançava a benção

ao seu Jozé: e he de notar, que quando Jacob promettia a Jozé estes augmentos, ja Jozé estava acclamado, ou ao menos declarado Rey de seus irmãos: *Numquid Rex noster eris?* Do Pay Jacob, que era o tronco do Reyno de Israel, veyo a Jozé seu filho, quando ja acclamado Rey, tanta grandeza. Deixemos aqui a Jozé filho de Jacob, e vamos com Jozé filho de Joaõ. Por Grande, e muitas vezes Grande podemos acclamar ao nosso reynante Monarcha, não só como Jozé que he, mas como filho de taes Pays. Grande huma vez por vir da Casa de Austria, e por filho de huma Rainha tambem Grande, como a que he netta de Imperador, filha de Imperador, e ir-

maã de Imperadores. Neta do Grande Imperador Fernando; filha do Grande Imperador Leopoldo, e Irmaã de dous Imperadores tambem Grandes, Jozé Ignacio, e Carlos VI. Grande outra vez o nosso reynante Monarcha, por filho de hum Rey Grande, o Senhor D. João o V. Grande pela sua Pessoa, e pelo seu Solar da Casa de Bragança. Rey Grande o nosso Augusto Monarcha, huma vez por filho de huma tal Mãy: *Filius accrescens*; Grande Rey outra vez por filho de hum tal Pay: *Filius accrescens*; e Rey Grande muitas vezes em si mesmo, como está promettendo a singularidade tambem Grande do seu Augusto, e novo nome de Jozé, *Joseph accres-*

cens, Joseph accrescens, Joseph augmentum. E reparem bem, que se por filho de huns taes Pays, cresceo muyto o nosso Monarcha: *Filius accrescens, filius accrescens*; com tudo o termo ultimado da sua Grandeza, o tem elle em si proprio, que he o ser augmento de si mesmo, como Jozé que he: *Joseph augmentum: Tu Rex: Tu Patris es filius.*

Da Grandeza da Pessoa se segue a das obras, ou acçoens; e tambem por estas termos em o nosso reynante Monarcha hum Rey muito Grande; hum Rey com attributos de Deos, ou assim como Deos, quando he Rey; magnanimo, magnifico, liberal, piedoso, e ajustado. Tudo isto tem Deos, quando he Rey, e isto

tudo tem mostrado já ter o nosso Monarcha por participaçãõ de Deos. A da Pessoa mostra-o Grande em si mesmo ; a das acçoens mostra-o Grande em ordem aos seus vassallos. E certamente, que nesta parte podemos ter a consolaçaõ , de que nos deo Deos hum Monarcha, e hum Rey em tudo Grande. Grande no magnanimo com que decorou com muitos titulos de Condes , Duques , e Marquezes aos Grandes tambem do seu Reyno. Grande no magnifico , com que fez celebrar as mayores funcçoens da sua Corte , assim Reaes, como Divinas. Grande no liberal, com que mandou pagar aos seus Militares, gastando nisto, como se diz, dous milhoens, e muitos centos de mil cruzados.

Grande no piedoso , com que , para refarcir a tardança no pagamento dos mesmos militares, dizem tambem mandara dar-lhes , como de juro , quatro mezes mais : nos donativos , que mandou alleviar aos Povos das suas Conquistas ; e nas mesmas, as novas pragmaticas sobre o ouro das Minas , e açucares do Brasil. Ajustado finalmente , ou temente a Deos , como quem com os olhos no mesmo Senhor, dezejan-do acertar em tudo , escolheo para conselheiros , Ministros , e Prezidentes mayores dos seus Tribunaes , os sujeitos tambem da mayor Jerarchia , assim na qualidade do sangue , como na intelligencia dos negocios ; os mais entendidos no governo politico

tico, e os mais amantes do bem commum. Grande excellencia do nosso Rey ! Mas por isso mesmo hum Rey Grande, hum Rey assim como Deos, quando he Rey. Rey como Deos, que he, temos hoje acclamado a Christo em o nosso Cantico do *Te Deum laudamus* : *Tu Rex gloriae Christe. Tu Patris sempiternus es Filius* : E porque ha de ser Christo acclamado aqui por Rey, assim como Deos o he ? A'lem das razoens, que já demos, huma, e a principal he o ver-se Deos, ou Christo, quando Rey, acclamado como Deos, com Cherubins, e Serafins a seus lados, os quaes não só lhe fazem assistencia, mas tambem lhe estão dando aos ouvidos continuamente vozes : *Tibi Cheru-*

bim, & Seraphim incessabili voce proclamant. Os Serafins são Intelligencias amantes, os Cherubins são Espiritos entendidos : e huma vez, que Christo, quando Rey acclamado, tem a seus lados por Ministros, e assistentes, humas taes Intelligencias, todas Seraficas no amor, e Cherubicas todas no entender, ha de ser hum Rey Grande, assim como Deos, quando he Rey : *Tu Rex gloriae Christe : Tu Patris sempiternus es filius : Tibi Cherubim & Seraphim incessabili voce proclamant*.

Christo em quanto Rey, e em quanto Deos, não necessitava para os acertos entendidos do seu governo, nem para o tratamento amoroso de seus vassallos, de intelligencias superiores, que lhe assistissem;

fistissem ; porque he por natureza , como Divino , summamente sabio , e sabiamente amoroso ; mas foi assim , para deixar aos Reys , e Monarchas hum vivo exemplar do que haviaõ de fer : que para serem Reys, assim como Deos quando o he , haviaõ ter a seus lados por Ministros, e assistentes os de Jerarchia superior : os mais amantes do bem commum , e os mais intelligentes na pratica do governo. Naõ necessitava o nosso reynante Monarcha de outras intelligencias a seu lado ; porque a experiencia o tinha feito o mais intelligente dos negocios do Reyno , e as acçoens o tinhaõ mostrado em extremo amante de seus vassallos : mas quiz pôr a seus lados por Ministros , e assistentes ,

humas taes intelligencias, para mostrar assim , era hum Rey tal, hum Rey Grande, hum Rey assim como Deos quando he Rey : *Tu Rex : Tibi Cherubim , & Seraphim.*

Atéqui temos visto o que he o nosso novo, e reynante Monarcha. Grande em si, e Grande para os seus. Grande em si, pela sua Pessoa , pela sua ascendencia , e pelas suas acçoens, e Grande para os seus; porque nelle tem os seus vassallos hum Principe benigno , hum Rey magnanimo , hum Monarcha magnifico , e hum Senhor em tudo Grande. Atégora fallámos do que he de presente o nosso Monarcha; agora diremos o q̃ hade fer de futuro. Dissemos já o que he pela Pessoa, e acçoens , agora diremos o que hade fer
pe-

pelo nome, que he Jozé: e por aqui veremos juntamente as glorias mayores para Portugal, e para Jozé também as suas mayores glorias. Vejamos as de Jozé, que ellas nos mostrarão quaes hajaõ de ser as de Portugal. Veremos as mayores glorias de Jozé, porque em Jozé veremos hum Rey o mais glorioso de todos, quantos tem tido o Reyno de Portugal, e ainda o mundo todo. Porque se hoje o temos acclamado hum Rey assim como Deos, quando he Rey: assim como Deos quando he Rey, he Rey de Reys, e Senhor de Senhores; Senhor de Senhores, e Rey de Reys, veremos ver também ao nosso Jozé. E adonde ha de ser Jozé Rey de Reys, e Senhor de Se-

nhores? Sabem adonde? Em Portugal, e fóra de Portugal. Em Portugal ja o temos visto Senhor dos Senhores Grandes de Portugal, e Rey adorado de Infantes, Principes, e Pessoas Reaes, e daquellas duas Magestades, que elle adora também, huma como Esposa, outra como Mãy. E não he grande gloria esta para Jozé? De outra, quasi como esta, se gloriava muito aquelle outro Jozé, quando pelo Sol, Lua, e Estrellas, q̃ já via prostrados a seus pés, se julgava Rey de Reys, e Senhor de Senhores; porque se sonhava adorado Rey de seu Pay, Mãy, e Irmãos. *Vidi per somnium; quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. Numquid Rex noster eris?*

Nun-

Nuntiate Patri meo gloriam meam. Esta daquella Jozé foi toda a sua gloria lá no Reyno de Israel; e não he menos que esta a do nosso Jozé, e esta a tem elle no Reyno de Portugal; e fóra de Portugal, qual ha de ser esta gloria? Ha de ser, q̄ depois de reinar gloriosamente em Portugal, ha de reynar em todo o mundo, porque para o nosso reynante Monarcha o Senhor D. Jozé I. está guardada aquella promessa, por lhe não chamar Profecia, que diz que de Portugal, e dos seus Principes ha de fahir aquella Grande Rey, que ha de ser Monarcha do mundo todo, e Imperador do ultimo, e quinto Imperio de Christo, fundada esta promessa na palavra, que deo o mesmo Christo ao nos-

so primeiro Rey D. Affonso Henriquez, de que nelle, e nos seus descendêtes queria fundar o seu Imperio, que he este quinto, que ha de occupar todo o mundo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut feratur nomen meum ad exterarum gentes.*

Isto dizem as profecias do Reyno de Portugal. E quem nos ha de dizer agora, que este Rey, que ha de fahir de Portugal para dominar o mundo todo, e ser Rey de Reys, e Senhor dos Senhores de todo o mundo, ha de ser o nosso Monarcha, e Rey novamente acclamado? Isto, com licença dos Sebastianistas, ou sem ella, o direy eu. E para que vejaõ a razaõ, com que o digo, ouçaõ o V. 6. do nosso Cantico do

Te Deum laudamus ; mysterioso certamente para hoje: *Pleni sunt caeli, & terra majestatis gloriae tuae.* Todo o Ceo, e a terra toda está chêa da gloria da vossa Magestade. Ou para o dizermos melhor : grande gloria he a vossa; porq̃ a vossa Magestade encheo o Ceo, e tambem a terra ; fostes Rey de todo o mundo cá na terra, e tambem o fostes lá no Ceo: *Pleni sunt caeli, & terra majestatis gloriae tuae.* De Christo Rey, assim como Deos quando he Rey, sabemos ja fallaõ aqui Santo Ambrosio, e Santo Agostinho. E para tirarmos agora daqui o que nos ha de servir para o nosso Monarcha, devemos saber, que Christo em quanto Rey, assim como Deos, teve dous Reynos, hum espiri-

tual, outro temporal, hum na terra, outro no Ceo: o da terra foi o Reyno de Israel, chamado tambem Reyno de Christo; e o do Ceo, que he o da Gloria. Tambem he certo, que do Reyno do Ceo tomou Christo posse, e está reynando nelle gloriosamente. E por esta parte se cumprio em Christo a primeira parte do nosso verso: *Pleni sunt caeli majestatis gloriae tuae.* Mas pela outra parte, que toca ao Reyno temporal, tambem he sem duvida, que se não cumprio em Christo, porque Christo não reynou temporalmente na terra; e assim he consequencia, que se ha de cumprir em outro. E como se ha de cumprir em outro? Em outro nenhum pôde ser melhor, do que em o nosso Augusto, e reinante

nante Monarcha ; e a razãõ he evidente. Porque se este Monarcha universal de todo o mundo ha de fahir dos Principes de Portugal, e ha de ser hum Rey, assim como Deos quando he Rey ; nenhum melhor que o nosso Monarcha o póde fer, pois o vemos ja acclamado, por hum Rey assim como Deos quando he Rey ; e he Rey, e Principe natural de Portugal. Ficando assim repartido o Imperio de Christo: o espiritual, e do Ceo para o mesmo Christo, em quanto Deos, e Rey da gloria ; *Pleni sunt cæli majestatis gloriæ tuæ* ; e o temporal, e da terra para o nosso Augusto, e reynante Monarcha ser nella Imperador universal do quinto Imperio, e ter a grande gloria de ser Rey de Reys, e Se-

nhor de Senhores de todo o mundo : *Te Dominum confitemur* ; cumprindo-se assim nelle a segunda parte do nosso verso ; *Plena est terra majestatis gloriæ tuæ*.

Ainda naõ dissemos tudo ; porque dizendo que o nosso reynante Monarcha ha de ser Monarcha universal do mundo todo, por ser hum Principe de Portugal, e hum Rey assim como Deos, quando he Rey ; naõ dissemos ainda, havia ser tudo isto pelo seu nome, que he Jozé. Agora o diremos, e outro Jozé nos dirá o como. Sonhou Jozé que via a seus pés, o Sol, a Lua, e as Estrellas ; e nisto entendeo havia ser adorado, como Rey de seu Pay, sua Mãy, e de seus Irmãos ; e como tal Rey de Reys, e Senhor de Senhores ; e

tudo isto sonhou Jozé no Reyno de seu Pay, que era o de Israel. E quereria dizer alguma cousa mais este sonho de Jozé? queria dizer mais, e muito mais. Ora notem: No Sol estão significados todos os Principes, e Monarchas, que seguem as luzes da verdade, e raios do Evangelho, e Fé de Christo, que he o verdadeiro Sol. Na Lua estão symbolizados todos os Reys, que na noite obscura dos erros, seguem outras leys, como Mouros, Turcos, e outros, de quem a Lua he a sua diviza. Nas Estrellas estão numerados todos os mais grandes, e senhores espalhados por todo o mundo: huns, que seguem as sombras da Lua; outros as luzes do Sol: e todos estes Senhores, Reys, e Monarchas so-

nhou Jozé via prostrados a seus pés, e q̄ era adorado de todos, como Rey de Reys, e Senhor de Senhores. E acaso cumprio-se em Jozé esta profecia? he sem duvida que não; porque Jozé não só não dominou o mundo todo, e nem ainda no proprio Egypto, onde logrou as suas estimações, se vio absolutamente Rey, e nem adorado de Rey algum. Que por isso, com muita advertencia, ou energia, explica o texto estas grandezas de Jozé, por hum *Quasi: Quasi Solem, & Lunam, & Stellas;* que he termo, que quer dizer alguma cousa, mas não diz tudo. Porque na verdade, tudo isto de Jozé foi huma como similiaça, hum como remedo; foy finalmente hum sonho, e foi hu-

hum profecia:sonhou hum Jozé o que para outro Jozé estava profetizado. Sonhou hum Jozé no Reyno de Israel, o que no Reyno de Portugal se havia cumprir em outro Jozé. Sonhou Jozé filho de Jacob, o que em Jozé filho de Joaõ haviamos ver; porque para o nosso reinante Monarcha, pelo nome, que tem de Jozé, está guardado o ser Rey de Reys, e Senhor de Senhores do mundo todo, e nelle Imperador do quinto Imperio de Christo: *Volo in te, & in semine tuo Imperiũ mihi stabilire. Plena est terra majestatis gloriæ tuæ: Tu Rex: Te Dominum confitemur.*

Grande gloria para o nosso Augusto, e reinante Monarcha, o ver-se adorado em todo o mundo por Rey de Reys, e Senhor de Se-

nhores: mas que gloria não será para Portugal o ver-se hoje com hum tal Rey, como Jozé! Certamente, que neste Jozé tem Portugal hum Rey, não só para feliz, e acertadamente governar, e reger o seu povo, e vassallos; mas hum Rey para os engrandecer, e exaltar eternamente, ou por todo o mundo, como vay cõcluindo o nosso Cantico. *Et rege eos, & extolle illos usque in æternum*; porque assim o está prometendo tambem o Augusto, e novo nome do nosso Monarcha. Jozé quer dizer augmentos, e mais augmentos: *Joseph accrescens, Joseph accrescens, Joseph augmentum.* E será taes os augmentos em Portugal, cõ este Jozé por Rey, que o Rey Jozé será exaltado

fem

fem duvida a Imperador; e o Reyno de Portugal certamente levantado a Imperio : *Imperium mihi*. Assim o espero, Senhor, da vossa Divina palavra; e o confiamos todos da vossa grande misericordia; para confuzão dos inimigos da Fé, para inveja das Nações, e Reynos estra-

nhos, e para gloria eterna dos vossos Portuguezes; como o está concluindo hoje o vosso notavel Cantico do *Te Deum laudamus: Fiat misericordia tua Domine super nos, quemadmodum speravimus in te: In te Domine speravi, non confundar in æternũ*. Amen.



FORTE VII.

Nasce do V. 22., e 23. do Cap. 6. Luc.

Beati eritis cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint vos, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum... Gaudete in illa die, & exultate.

E com as suas mysticas agoas entra a unir-se com as desta primeira Corrente em hum discurso Historico, Geografico, Genealogico, Politico, e Encomiastico ; recitado em a nova celebridade, que consagraraõ os Pardos de Pernambuco ao Santo da sua côr:

O B E A T O

GONCALLO GARCIA,

Na sua Igreja do Livramento em Santo Antonio do Recife aos 12. de Setembro do anno de 1745.

J. M. J.



Endo tantas as occurrencias da festa, não podiaõ fer menos as palavras do thema. Serviraõ de thema estas pala-

vas para o Sermaõ ; porque he justo que o Sermaõ tenha thema : mas a mim mais me parecem huma ajustada profecia da presente solemnidade, e de

e de todas as circumf-
tancias, que nella oc-
correm. Dedicã-se
hoje estes reverentes
cultos, estes custosos
applausos, estes gran-
des festejos, estes de-
vidos obsequios, e to-
da esta nova, e grande
celebridade ao glorio-
so, e invicto Martyr S.
Gonçallo Garcia; cre-
dito, lustre, honra, e
gloria, de todos, os
que pela sua côr se
chamaõ Pardos. Este
he aquelle nome, que
proferido com outros
termos, e tomado em
linguagem vulgar, se
vos lançava até agora
em rosto, quasi por
desprezo, como com
menos politica o fa-
ziaõ alguns, sem mais
razaõ, ou ló com a
semrazaõ, de não te-
res os Pardos hum
Santo, que canoniza-
se a vossa côr; mas ho-
je, que vos apparece
hum Santo da vossa

côr, e ja canonizado,
ja o nome vos não pó-
de servir de desdouro
algum, antes sim de
muita gloria, pois em
o Beato Gonçallo Gar-
cia, Santo da vossa côr,
vos deparou Deos hũ
Restaurador, ou Re-
demptor das calúnias
do vosso Nome.

Este he em summa
o objecto todo desta
nova, e grande cele-
bridade. Festejar-se a-
qui hum Pardo Santo,
que sabendo-se atégo-
ra que era Santo, não
se conhecia fosse Par-
do; e por este Pardo
Santo, verem todos os
da sua côr tornado
bom aquelle Nome,
q̃ se se suppunha até-
gora como máo. E tu-
do isto temos myste-
riosa, e profeticamen-
te incluído nas pala-
vras, que me serviraõ
de thema, que são do
Evangelho, com que a
Igreja declarou por
San-

Santo ao Beato Gonçallo Garcia : *Beati eritis, cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum. . . . Gaudete in illa die, & exultate.* Alegray-vos, dizem as palavras do Evangelho, fallando em profecia com os Pardos hoje, alegray-vos: *Gaudete*; porque, aindaque vejais muitas vezes o vosso Nome desprezado, e lançado á parte como máo: *Et ejecerint nomen vestrum tamquam malum*, e por este mesmo Nome sejais caluniados, e tidos como em odio pelos homens, e por elles separados até de tudo o que he acção boa, e virtuosa: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint*; alegray-

vos: *Et exultate*; porque lá ha de chegar tempo, lá ha de vir hum dia: *In illa die*, em que por esse mesmo Nome calumniado, e desprezado haveis de ser bemaventurados, haveis de ficar muito gloriosos: *Beati eritis*. Nem as palavras do Evangelho dizem mais, e nem vós tendes experimentado menos.

Quantas calumnias, quantos opprobrios, que de desprezos, e irizoens não tem ouvido os Pardos sobre a falta, que tinhaõ de Santo da sua côr! attribuindo-se esta falta ao defeito da mesma côr; como se a côr, por accidente, pudesse ser sujeito de algũa maldade. E com tanto empenho, que, por malicia da mesma côr, os queriaõ separar (ao nosso modo de dizer,)

até da communicacão dos Santos. A alguém ouvi dizer, (seria talvez por chiste) que do Beato Gonçallo Garcia huma só cousa duvidava, e era, que fosse Santo sendo Pardo, com os seus termos vulgares. He verdade, que neste mundo todos fomos como as abelhas de S. Pedro, (conforme dizem) que pelo que fazem huns, perdem os outros, e alguma abelha má poderá ter havido, que com o veneno da sua malicia inficionasse aos mais; e o que foi defeito particular de algum ficou sendo contagio universal para todos: mas como isso não he culpa original, que por força de Decreto hajaõ de contrahir todos, o que commetteo hum; seja embora máo o que he máo, dê-se o Nome ao que obra

mal, que aos mais não lhes pode o Nome fazer mal, se obraõ bem. E assim com estes fallo.

Alegrai-vos huma vez : *Gaudete* ; e outra vez vos alegray : *Et exultate* ; porque isso, que até agora passou por vós, he o mesmo, que disse Christo havia acontecer aos seguidores do seu Evangelho, ou do seu Nome. O Nome dos seguidores do Evãgelho, que he o do Crucificado, ou de Christo, nem era máo, nem continha em si maldade alguma, senão aquella, que os contrarios do mesmo Nome lhe queriaõ pôr ; e com tudo os Discipulos do Senhor eraõ calumniados, e desprezados, só por terem aquelle nome : e sendo os Discipulos os calumniados, Christo

sto he o que principalmente vinha a ser o offendido pelo Nome: *Nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis*: o mesmo passa em o nosso caso. O Evangelho em commum parece falla com todos os Pardos, mas determinadamente se encaminha ao Beato Gonçallo Garcia; porque elle he o que se achava mais offendido, quando os Pardos pelo seu Nome eraõ calumniados, pois ao mesmo tempo, que o Beato Gonçallo Garcia era Santo, e estava beatificado, o mundo julgava o contrario, e não queria, que sendo Pardo fosse Santo, só porque tinha aquella Nome: *Nomen vestrum tamquam malum*.

Christo, para desenganar aos Escribas, que o seu Nome não

continha em si maldade alguma, dizia aos Discipulos que se alegrassem, porq̃ daquelle mesmo Nome calumniado, e desprezado, lhes haviaõ resultar todas as suas glorias. Porq̃ aquella particula: *Cum*, aqui he causal, e quer dizer, q̃ as glorias lhes haviaõ sobrevir depois da mesma causa, donde lhes nasciaõ entãõ as calúnias: *Cum vos oderint homines, & separaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum*. Eis-aqui a causa das calumnias *Beati eritis*, eis-aqui as glorias deduzidas daquelle causa. Da mesma sorte, para deixarmos hoje desenganados aos calumniadores deste Nome Pardo, que não contêm em si maldade alguma o Nome, lhes havemos

mostrar , que deste mesmo Nome calumniado resultaõ aos Pardos todas as suas glorias : *Beati eritis cum vos oderint homines , & cum separaverint vos , & exprobraverint , & ejecerint nomen vestrum tamquam malum . . Gaudete in illa die , & exultate.*

Christo dizia aos Discipulos , que haviaõ ter hũ dia destes; mas naõ lhes declaron quando havia de ser este dia ; talvez , porque quiz que pelo dia de hoje viessemos em conhecimento daquelle dia. Commũmente acode Deos nas tribulaçoens , quando ellas apertaõ mais aos attribulados, e quando nellas se espera menos algum soccorro, e allivio : nunca os Pardos esperaraõ menos hum Santo da sua côr , do que na presente occa-

siaõ; e nunca tanto como agora os apuraõ , e apertaõ mais as tribulaçoens dos calumniadores do seu Nome: e por isso, nunca tanto como nesta occasiaõ se faria nelles mais appetecido hum Santo da sua côr. Pois agora , diz o Senhor, agora he tempo , já chegou o dia. Agora sim, que cresceraõ , e chegaraõ a seu termo as calumnias do vosso Nome: *Cum vos oderint homines , & ejecerint nomen vestrum tamquam malum , agora he o tempo de se publicarem as vossas glorias : Beati eritis , já chegou o dia do vosso grande prazer , e gosto : Gaudete in illa die , & exultate.*

A bemaventurança, ou gloria, de que o Senhor aqui falla, naõ he a do Ceo , he a da terra,

ra; naõ he a que se goza lá na Patria, he a que se póde ver neste mundo : he aquella gloria, aquelle prazer, aquelle gosto, e aquella alegria, que costuma sobrevir, depois de vencido o trabalho, desfeita a calumnia, e passada a tribulaçaõ : he sentido literal do texto ; porque tudo o que nelle se trata he cousa, que havia passar cá no mundo, e entre os homens, adonde a gloria, que póde haver, naõ passa de hum prazer, e gosto, que passa : *Beati eritis. Gaudete, & exultate.*

Daqui supponho se está percebendo, que naõ venho hoje pregar da bemaventurança, e gloria, que o Beato Gonçallo Garcia goza no Ceo, como Santo, nem tampouco hey de discorrer sobre a declaraçaõ,

que o Summo Pontifice fez da sua Santidade; porque isto naõ he hoje cousa nova, e nem padece duvida alguma: a declaraçaõ, que eu me parece devo fazer hoje, he daquillo, que póde ter, e com effeito tem alguma contrariedade, e faz repugnancia a alguns, que he a natureza, e côr parda deste Santo. Esta côr parda, he a que eu venho hoje beatificar, ou declarar por bemaventurada; quero dizer, venho mostrar como o Beato Gonçallo Garcia he Pardo por nascimento, e descendencia, e declarar que a sua côr parda naõ só he tam bemaventurada, e ditosa como as mais; mas ainda alguma cousa mais. E como isto tudo ha de resultar em gloria do nosso Santo, ao menos
acci-

accidental : *Beati eritis* , e em goſto , e prazer de todos os da ſua cõr: *Gaudete, & exultate* ; todos me devem ajudar a pedir para o acerto , por interceſſão do meſmo Santo , o patrocínio daquelle Senhora, em cuja caſa eſtamos, que nos não ha de faltar , como Mãy que he de graça. *Ave Maria.*

A ſumptos ha, que melhor he ouvê-los, que dizê-los ; não eſtá tambem o diſcorrê-los em conceito proprio , mais conveniente he ouvê-los em diſcurſo alheyo. Aſſim devia muitas vezes ſer, não tanto pelo diſſicil dos aſſumptos , quanto pela diverſidade dos ouvintes ; pois não havendo aſſumpto tão inacceſſivel, que ſe não poſſa penetrar , e ainda dar alguma ſa-

hida , a difficuldade toda eſtá em deixar ſatisfeitos aos que ouvem ; porque certamente ha genios de paladar tão deſgoſtoſo , que ſempre lhes deſagrada o alheyo, por mais concertado, que vá , talvez ſó por que he alheyo ; e ſó lhes parece bem o proprio , e muitas vezes ſem mais tempero, que o ſer proprio. Hum dos aſſumptos mais repugnantes , que tem tocado o meu diſcurſo, he o preſente; porque entro nelle conhecendo , que não tendo tanto de difficuloſo pela materia de que trata , ha de ter muito de contrariedade pelo aſſenſo , que muitos lhe deraõ , ou tem já dado. O que eu poſſo afirmar he , que não trago intento , e nem o tive nunca , de perſuadir couſas novas, por

porque só determino mostrar a verdade dellas; e esta, não dictada pela minha estimaçaõ, mas deduzida de varios Authores: da verdade de todos elles ha de constar o presente discurso, que não ha de ter de meu, mais que a fórma, a compoziçaõ, e ornato; e aindaque por força ha de começar em narraçaõ historica, não deixará por isso de continuar, e acabar em discurso Panegyrico, atado todo ás palavras do Evangelho; entremos nelle.

O Beato Gonçallo Garcia nasceo em Baçaim, Cidade do Estado da India Oriental, Conquista dos Serenissimos Reys Portuguezes, nossos Senhores. He Baçaim, além de outras excellencias, que della contaõ os Historiadores, huma das

mais nobres Cidades da India, assim em edificios, como em moradores; pois apenas, dizem elles, se achará em Portugal casa, ou familia illustre, que lá não tivesse descendencia; por cujo respeito eraõ alli tantos os Dons, que até á Cidade lhe tocou o seu, pois a chamavaõ algũs D. Baçaim. Supponho, q̃ ao nosso São, lhe não coube em forte Dom algum destes, porque, nenhum dos Escriitores, q̃ vi lho declaraõ nem ainda os nomes de seus pays. Só nos dizem, que hum era Portuguez, e por consequencia branco, e outro natural da terra; e conseguintemente negro; esta era a mãy, natural de Baçaim, e aquelle o pay, filho de Portugal. Assim o trazem, além dos Escriitores da Ordem,
o A-

o Agiologio Lusitano, ou Calendario Portuguez, do Licenciado Jorge Cardoso, no dia cinco de Fevereiro. Não achamos escrito, nem o dia, nem o anno do seu nascimento, nem tampouco os que teve de idade; só achamos, que entrando os Portuguezes a tomar posse da Cidade de Baçaim no anno de 1534. e sendo o martyrio deste São no de 1597. correm neste meyo tempo 63. annos, e assim podemos affirmar certamente, que dos 61. ou 62. não podia passar a sua idade, dado caso que nascesse logo no primeiro, ou segundo anno daquelle entrada dos Portuguezes em Baçaim.

Tambem não achei cousa particular da sua vida até o Estado de Religioso; só sim, que nella exercitou

primeiro o trato da Mercancia, navegando da India para a Ilha de Manilha, huma das chamadas Philipinas, no mar da China. Nestas Ilhas tem os Religiosos Franciscanos Reformados hũa Provincia intitulada de S. Gregorio, e em Manilha hum Convento, aonde Gonçallo Garcia costumava muitas vezes ir, quando se achava na terra com o seu negocio. E, ou afeiçoado aos Religiosos, ou chamado por Deos, pediu alli o habito, e fez profissão para Frade Leigo. Tambem não pudemos descobrir o tempo desta Profissão; só achamos que no anno de 1593., estando por Cõmissario dos Religiosos nas Philipinas o Beato Fr. Pedro Bautista, e sendo enviado Embaixador por Philippe

lippe II. de Castella , a Taycozame Imperador do Japaõ , levou comfigo por companheiros a dous Religiosos mais , e a Fr. Gonçallo Garcia por interprete, porque, como Mercador , que tinha tratado com aquellas gentes, entendia melhor a lingua da terra.

Naõ só compôs Fr. Pedro os negocios de Espanha com o Japaõ, como Embaixador , mas tambem como Missionario: (para cujo emprego levava breve do Papa Clemente VIII.) alcançou licença do Imperador para prégar a Fé áquelles Gentios, como com effeito o fez, converteo a muitos, edificou Conventos, e Hospitaes ; e passadas nestas , e em semelhantes obras mais de tres annos, movido o Impera-

dor , por hum Medico seu, e alguns Sacerdotes dos Idolos contra os Religiosos , foraõ presos todos, que eraõ em numero seis , com quinze terceiros, e tres seculares mais , naturaes todos do Japaõ; e sentenciados á morte na Cidade de Meaco, depois de quasi dous mezes de carcere , e cortada a cada hum a orelha esquerda , e levados a correr as ruas açoutados aspera , e affrontosamente com as mãos atraz ; dalli os conduziraõ atropellados, e em tempo de inverno por mais de cem legoas de caminho á Cidade de Nangan Zaquei , onde os crucificaraõ , traspassando com duas lanças a cada hum. Estando ja na sua Cruz o Beato Gonçallo Garcia , e tocando-lhe por forte o ficar no meyo daquelle triun-

Z

fante

fante exercito, era o que a voz prégava a todo aquelle povo, affim Christão, como Gentilico; a estes, advertindo-lhes os erros em que ficavaõ, e áquelles, admoeftando-os á perseverança da Fé: e ao tempo, que o traspassaraõ com aquellas lanças, foraõ estas as ultimas palavras, que proferio: *Senhor havei misericordia de mim.* Tambem se acha, que no tempo, em que esteve no Japaõ o Beato Gonçallo Garcia, escrevera varias Epistolas áquelles Christãos, que andavaõ espalhados por aquellas Ilhas, cheyas de fervor, e zelo do seu abraçado espirito; por cuja causa o Padre Salmantino o põem em o numero dos Escretores no 2. Tom. da sua Bibliotheca Germanica Franciscana na

letra G. Foi o martyrio deste Santo a cinco de Fevereiro, do anno de 1597. e dahi a trinta annos, no de 1627. foraõ declarados todos verdadeiros Martyres, por Bulla do Sũmo Pontifice Urbano VIII. no quinto anno do seu Pontificado. Consta todo o referido do Breviario, e Martyrologio Serafico, Agiologio Lusitano, com mais de trinta Authores, lá apontados.

Do que fica dito, ja sey que o que só se duvida agora, he da côr da mãy do Beato Gonçallo Garcia; porque dizendo os Escretores todos, que era natural de Baçaim, se accrescẽta agora, que era da côr preta, e talvez dirãõ, que só a fim de fazermos Pardo ao Beato Gonçallo Garcia, como descendente de
preto,

preto, e branco. Como este he o ponto principal, e todo o tropeço do nosso discurso, para procedermos nelle com a clareza necessaria, e distincção possível havemos diffinir primeiro, que couza seja Pardo, não só nesse sentido, mas também no commum, e vulgar do Povo. Pardo em termos vulgares, diz o Padre D. Rafael Bluteau no seu Vocabulario da lingua Portugueza, na letra M. Mulato he aquelle, que he filho de branco, e negro; Pardo, assim como nós o proferimos, diz o mesmo Author na letra P., he aquelle, que nem he branco, nem he negro, mas participa destas cores ambas; e mixto, vem a ser o mesmo, que Pardo, porque he huma côr meya, que participa de ambas as

côres, preta, e branca; diz o sobredito Bluteau na letra M.

Que o Beato Gonçallo Garcia seja Pardo por todos estes principios, que participasse da côr preta, e branca; em quanto a esta não ha duvida, porque sem contradicção dizem todos, que o pay era Portuguez; que participasse da côr preta, por parte da mãy he a mayor difficuldade. Sabemos certamente, que era ella natural de Baçaim, mas também sey, que muitos duvidaõ, qual seja a côr dos seus naturaes. E assim digo, que a côr dos naturaes de Baçaim, como de todos os demais da India, he a côr preta, e negra; porque saõ todos negros, e pretos. Para assentarmos por indubitavel esta proposição havemos refe-

rir, o que dos naturaes daquellas terras, e da côr delles, dizem os Escritores: e para isto tudo se perceber melhor havemos fazer hum abbreviado mappa do que chamamos India, especialmente desta, de que fallamos, seus termos, costas, e divizoens.

Dividem os Escritores, e Geografos a tudo o que se chama India em tres partes: e deixando a primeira, que chamaõ India mayor, terra firme, ou Imperio do Mogol, e a terceira, que he hum Península mais Oriental, a segunda, que he a de que fallamos, he outra Península, a que chamaõ Occidental. Começa esta Península, ou ponta de terra cõ 230. legoas de largo, entre as desembocaduras dos dous famosos rios, o Ganges,

que fica para a parte do Oriente, e o Indo, para a parte do Occidente, e fazendo costa por huma, e outra parte vay igualmente estreitando até acabar, com 280. legoas em hum cabo, ou ponta, que chamaõ de Comorri. Corre direito de Norte para o Sul, ficando-lhe para o Sul o cabo, e o grosso para o Norte. E deixando as costas, que correm pela parte do Oriente, e discorrendo pelas que ficaõ cá da parte do Occidente, hum dos primeiros lugares, começando do Norte para o Sul, he a Cidade de Baçaim, cõ 16. legoas de costa; daqui, passados alguns lugares de menos nota, entra o districto de Goa, que he hum Ilha ao longo da terra com pouco mais de tres legoas. Dos confins de
Goa

Goa entra o que chamaõ Reyno de Malabar, e costa da Pescaria, por quasi duzentas legoas até o cabo de Comorî. E que os naturaes de toda esta India sejaõ negros, e da côr preta, o dizem cõmumente todos os Escritores.

Monfiur de Chevigni, Francez, nos seus livros intitulos *Sciencia para las Personas de Corte, Espada, y Toga*, na taboa, ou mappa da India mayor, ou Imperio do Mogol, fallando dos seus naturaes, que saõ os que confinaõ com os da nossa India, diz estas palavras: *Son morenos, pero no tanto como los de las otras costas de la Peninsula Occidental, en cuya comparacion, estos del Mogol se llaman blancos.* Duas cousas temos aqui que notar: A

primeira he, que Mogol na lingua daquella gente, quer dizer branco, e por isso aquelles, por se terem por brãcos, se chamaõ Mogoles. A segunda he, que a estes, que lá se tem por brancos, chama este Author, e outros muitos, *Morenos*. E se quizermos saber, que côr he esta de Moreno, dirá o Vocabulario Portuguez, que Moreno he aquelle, que tem a côr escura, e quasi negra, que em latim he *Subniger*: tambem se deve aqui advertir, que estes Morenos, que saõ quasi negros, saõ os que lá chamaõ brancos, e isto a respeito dos da nossa India, que ainda saõ mais negros. Agora quizera me respondessem sem sem paixãõ: Para hum Moreno destes, que he quasi negro, se chamar branco a respeito

peito de outro, que he mais negro, que côr ha de ser a deste mais negro? He sem duvida, que ha de ser negro, e muito negro. Pois esta era a côr da mãy do Beato Gonçallo Garcia, natural da Cidade de Baçaim lugar principal da costa da nossa India.

D. Francisco Giustiniани no seu *Athlas abbreviado* no mappa da nossa India descrevendo-a diz assim: *Está situada entre los 7. y 22. grados de longitud Septentrional, por cuya causa el ayre es esfremadamente caliente, y sus naturales mas negros, que los del Indostan, o Mogol.* Os do Mogol são Morenos, e quasi negros, os da nossa India são ainda mais negros: bem se deixa ver, que são negros, e muito negros. D. Francisco

de la Torre, no seu *Athlante Peregrino*, Vida do grande Padre S. Francisco Xavier, falando da entrada, que este Apostolo das Indias fez na Cidade de Goa, e descrevendo os seus naturaes, diz estas poucas, e elegantes palavras: *Son negros, por ser blanco a los tiros del Sol.* O Author do *Oriente Conquistado na 1. part. a fol. 100.* diz que no Seminario de Goa se criavaõ noventa meninos, entre brancos, e pretos, estes pretos são os naturaes da terra.

De Goa para diante entra o que chamaõ Reyno de Malabar, por quasi 200. legoas até o cabo de Comorî; e todos estes Malabares dizem geralmente os Escriitores todos são negros, e os mais negros de toda a India. Seja o primeiro o nosso

fo Homero Portuguez, pois foy naõ fó dos primeiros que os descreveo, mas como que escrevia pelo que tinha visto. Falla elle na oitava 93. do Canto 8. das suas *Luziadas*, de hum Catual, que he dos primeiros Ministros do Rey de Calecut, o qual teve como preto, ou retido, dia e meyo, ao grande Vasco da Gama, e diz assim: *Concertaõ-se, que o Negro mande dar*: Negro, diz que era este Malabar, e pessoa principal daquelle Reyno. Por negros os trata tambem a todos estes Malabares o P. Alonso de Sandoval, em varias partes do seu tratado *De Instauranda Æthiopiũ salute*, com varios Authores por elle citados; baste por todos a Authoridade do mesmo Apostolo das Indias S. Francisco Xa-

vier, em o Cap. de hum carta, que este Santo escreveo da Cidade de Cochim ao seu glorioso Patriarcha Santo Ignacio em 15. de Janeiro de 1544. vaõ as palavras do Santo fallando dos naturaes do Malabar: *Tambem perguntaraõ se Deos era branco, ou negro, pela differença de côres, que viaõ nos homens, e porque aqui todos saõ negros*. Saõ palavras de S. Francisco Xavier. E de caminho se deve aqui advertir, que destes negros da India, e naõ dos da Africa, he que se diz que estimaõ tanto a sua côr preta, que até aos seus Idolos, e Deoses pintaõ negros. E se os naturaes da India, e de todas as suas costas, saõ negros todos, e todos da côr preta, desta côr ha de ser tambem a mãy do Beato

Gonçallo Garcia, pois he natural de Baçaim, Cidade principal na costa da India.

Do que fica dito ja podiamos concluir, que o Beato Gonçallo Garcia he Pardo legitimo por natureza, e descendencia; pois participa por huma parte de côr branca, e da preta pela outra. Mas porque me parece ouvir dizer a alguém, que o Pardo para se ter por legitimo, não só ha de descender de negro, mas de tal negro, que, além da côr preta, ha de ter de mais duas propriedades: huma, que ha de ter o cabello retorcido, ou demasiadamente crespo; a outra, que se ha de poder chamar Ethiope, isto he, que ha de ser natural da Ethiopia. Os da India, dizem estes duvidosos, nem são Ethiopes, nem

tem o cabello retorcido: logo, ainda que tenhaõ a côr preta, nem por isso se devem ter propria, e rigorosamente por negros; e assim o Beato Gonçallo Garcia, ainda que descenda de hum destes da India, da côr preta, nem por isso se póde dizer que he Pardo com propriedade.

A isto se responde: que esta duvida só vem a fazer-nos mais dilatado este discurso, e a obrigar-nos a mostrar com mayores razoens como os naturaes da India são propria, e rigorosamente negros; não só pela côr preta, mas pelos mesmos principios, que querem os duvidosos. E assim digo, que a sua duvida não tem força alguma, porque se funda em principios falsos. O primeiro, he supor,

por, que os cabellos retorcidos, ou demasiadamente crespos são de tal sorte connaturaes a todos os negros, que não haja negros naturaes sem cabellos retorcidos, o que he falso, porque os ha.

Em Moçambique pela terra a dentro, diz Fr. João dos Santos na sua *Ethiopia Oriental*, citado pelo Padre Sandoval, ha huma nação de Ethiopes, a que chamaõ Machacatos, e habitaõ nas Cidades de Brava, e Magadacho, os quaes dizem estes Authores são negros como azeviche, e tem os cabellos lizos, e corredios; e nem por isso deixaõ de ser negros, e Ethiopes verdadeiros. E na India nas Ilhas Philippinas, e Malucas, diz o mesmo Sandoval ha negros com os cabellos

taõ engrenhados, e retorcidos, como os de Guiné, e mais não são naturaes da Africa, ou Ethiopia. Donde se segue, que os cabellos retorcidos não são de tal sorte connaturaes a todos os negros, que se não achem negros naturaes sem cabellos retorcidos; e assim os da India, aindaque não tenhaõ todos, e de todo o cabello retorcido, não deixaõ por isso de ser rigorosamente negros. Ouçamos aqui humas palavras de Herodoto, que traz o Padre Vieira na sua *Historia do futuro*, tocando, ainda que a outro intento, este mesmo ponto; e ficará mais evidente, o que himos dizendo: *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnar-zatre, censebantur cum*

Indis specie nihil admodum cæteris differentes, sed sono vocis duntaxat, atque capillatura; nam Æthiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines, qui ex Africa crispissimos inter homines habent. Não se podia dizer, nem mais, nem melhor para o intento. Diz, que na India, que he parte da Azia, tambem ha negros, ou Ethiopes, assim como na Africa; e que só se distinguem huns dos outros, no som da voz, e nos cabellos; porque os da Azia, ou da India, tem o cabello entre crespo, e solto; e os da Africa muito crespo, e retorcido: e assim fica bastantemente claro, e entendido, que os da India, ainda que não tenhaõ todos, e nem de todo o cabello retorcido,

nem por isso deixaõ de ser rigorosamente negros.

A segunda supposiçaõ, que fazem os duvidosos, he entenderem que os Negros se chamaõ Ethiopes, por serem naturaes da Ethiopia, e daqui se segue tambem terem para si, que a Ethiopia he a que deo aos Negros o nome de Ethiopes, o que tudo he erro. Porque devem saber, que os Negros se chamaõ Ethiopes, pela mesma razãõ de serem Negros; e como Negros, ou Ethiopes, elles foraõ os que deraõ o nome á Ethiopia. Plinio diz, que a Ethiopia se chamou assim, de hum filho de Vulcano chamado Ethiopes, que reinou na Africa muitos annos; e já por aqui se vê, que hum Ethiopie foy o que deo

no-

nome á Ethiopia. Melhor o diremos com a Sagrada Escritura, e Santos Padres. Assentaõ todos, que os primeiros habitadores da Ethiopia foraõ os Negros descendentes de Chus filho de Cham. Cham quer dizer Negro, ou negrura: *Cham id est, nigredo, seu niger*, e negro na lingua Hebraea, he o mesmo, que Ethiope na Latina; porque os Hebreos chamaõ Ethiope ao que tem a côr negra, e preta: *Niger id est Ethiops*. S. Jeronymo, Josepho, Isidoro, o Toftado com os settenta Interpretes, diz Alapide, affirmaõ que aquella parte da Africa, que estes descendentes de Chus povoaraõ, se chama Ethiopia, ou Chusia, porque estes fundadores se chama-vaõ Chusios, ou Ethio-

pes, Ethiopes porque eraõ negros, e pretos na côr; e Chusios como filhos, e descendentes de Chus: *Filii aut Cham Chus*: diz o Sagrado Texto; *Chus*, acrescenta Alapide, *ab hoc orti sunt Ethio-*^{Alap.}
*pes, qui hinc se sua*ⁱⁿ
lingua Chusius vo-^{Gen.}
cant. Chus enim filius^{c. 10.}
Cham, qui nomen de-^{v. 6.}
dit Ethiopia, diz o mesmo Alapide em^{Id. in}
outro lugar. Daqui se^{Soph.}
vê claramente, que^{c. 3. v.}
os Ethiopes foraõ os que deraõ o nome á Ethiopia, e naõ a Ethiopia aos Ethiopes; e que os Negros se chamaõ Ethiopes naõ por serem da Ethiopia, senaõ porque saõ pretos, e negros na côr: *Niger, id est, Ethiops. Chus, qui nomen dedit Ethiopia*. E por estas razoens, conclue o Padre Sandoval, convem cha-

memos a todas as naçoens de côr negra, Êthiopes; e assim este Author, fallando de negros, que diz ha não só na Êthiopia em Africa, mas na Azia, na Arabia, na India, e na nossa America, a donde diz ha tambem naçoens de negros, a todos chama Ethio-
Sãdov. lib. 1. cap. 1. fol. 3. & seq. pes. E se o negro, para ser propria, e rigorosamente negro, nem he necessario que seja natural da Ethiopia, e nem que tenha cabellos retorcidos, porque basta só que seja preto na côr, para se chamar com propriedade negro; os naturaes da India, ainda que o não sejaõ da Ethiopia, e nem tenhaõ todos os cabellos retorcidos, são negros naturaes, e Êthiopes verdadeiros, porque tem o que lhes basta para isso, que he se-

rem pretos na côr; e por consequencia o Beato Gonçallo Garcia, porque descende de hum preto destes com branco, he Pardo legitimo por natureza.

Mas porque desejo nesta parte deixar de todo satisfeitos a estes duvidosos, digo mais: a mãy do Beato Gonçallo Garcia, como todos os demais da India, não só são Êthiopes legitimos por serem pretos na côr, mas tambem são Êthiopes verdadeiros, porque são tambem naturaes da Ethiopia. Para o que devem saber, que a primeira parte do mundo, que teve o nome de Ethiopia, foy a India Oriental. Assim o disseraõ S. Epifanio, e Anastasio Nireno citados pelo Doutor Solorzano no seu primei-

ro tomo de *Jure Indiarum* a fol. 6. §. 50. fallando desta India Oriental, de que nós agora com elle tambem fallamos: *Totam hanc Indiam Orientalem, de qua loquimur, magnam Ethiopiam appellant, & satis appositè.* Notem bem os termos: *Satis appositè*: Que querem dizer, que os que chamaõ á India Oriental Ethiopia o fazem com muita propriedade, e acerto: *Satis appositè.*

E se isto parecer muito, muito mais ha de parecer, se nós differmos mais, e he o que se vay seguindo: que a India Oriental he aquella Ethiopia dos Antigos taõ celebrada nas Divinas letras, da qual diz o Profeta David, foy a primeira que as mais partes do mundo no

conhecimento de Deos feito homem: *Ethiopia prævenit manus ejus Deo: id est, prima veniet*, ^{Psal. v. 32.} accrescentaõ os Sagrados Expositores: Pois saibaõ, que esta Ethiopia, que dizia David havia ser a primeira no conhecimento de Deos feito homem, he a India Oriental. Assim o traz o Padre Leblanc sobre o vers. 11. do Psalmo 72. *Et adorabunt eum omnes Reges terræ*, acarretando para aqui o vers. passado: *Ethiopia prævenit manus ejus Deo*, e juntamente o v. 10. do cap. 3. de Sophonias: *Ultra flumina Ethiopiæ*, onde diz, que por esta Ethiopia entendem Arias, Vatablo, e o Caldeo a India: *Arias, Vatablus, & Chaldeus intelligunt ibi Indiam.* E mais largamente o tinha já escrito

crito antes o P. Alapide sobre este mesmo vers. de Sofonias; onde diz, que o Caldeo em lugar do vers. *Ultra flumina Ethiopiae*, põem *Ultra fluvios Indiae*, e que estes Authores todos juntos com à Castro, de tal forte entendem por esta Ethiopia da Escriitura a India Oriental, que a estendem até o Japaõ, e a China: *Alii*, diz Alapide, *quibus favet à Castro, putant hìc notari Indiam Orientalem, usque ad Japonem, & Chinam*. Não se podia extender mais, porque não havia mais para onde extender. E aqui se ficará também entendendo; que o primeiro Ethiope, ou negro, que por esta India Oriental, ou grande Ethiopia rendeo vassallagẽ a Deos feito homem, foy Gal-

par terceiro Rey dos Magos, que duvidando-se muitos seculos donde fosse, depois que os nossos Portuquezes entráraõ na India se sabe certamente era seu natural, e Rey de Crangranor na costa do Malabar.

E se acharem isto muito, muito mais acharãõ ainda se nós formos dizendo; porque assim se vai seguindo, que primeiro houve negros na India, do que os houvesse na Africa; e que da India he que vieraõ os primeiros negros para a Africa. Assim o traz o Padre Leblanc no lugar já citado, pouco adiante vaõ as suas palavras: *Adde, quod Ethiopes filios Chus, quidam velint olim ad Indum flumen habitasse, relictisque sedibus suis juxta Egyptum consedisse inter Ni-*

Nilum, & Oceanum supra Heliopolim, & inde paulatim ad interiora Africae penetrasse. Quer dizer, que os Ethiopes, ou negros, filhos, ou descendentes de Chus, sahindo de suas patrias fizeraõ a sua primeira habitaçaõ na India ás margens do seu rio, e sahindo daqui, se partirãõ para o Egypto, e fizeraõ o seu assento entre o rio Nilo, e o mar Oceano sobre a Cidade de Heliopolis, e daqui pouco a pouco se foraõ espalhando por toda a Africa. Naõ cita este Padre Authores; talvez por julgar ser opiniaõ provavel; mas no Doutor Solorzano achamos os que bastaõ para a probabilidade desta opiniaõ; foy o primeiro, que escreveo, ou dos primeiros, Herodoto, e depois delle Euse-

bio, e Torquemada, concordando em que esta passagem dos Negros da India para a Africa, ou Egypto, aconteceo no anno da creacaõ do mundo de 3580. *Juxta hanc Aegypti Asiaticam partem Aethiopes ab Indo flumine consurgentes, confedisse, anno mundi 3580., ut post Herodotum tradidit Eusebius, & Torquemada.*

Solor-
zan.
ib. §.
48.

E se, conforme a vontade dos duvidosos, Pardo legitimo he aquelle só, que he descendente de branco, e negro, e tal negro, que se possa dizer que he Ethiope, ou natural da Ethiopia; sendo a primeira Ethiopia, que houve no mundo, a India, e sendo os seus naturaes sempre Ethiopes, ou negros desde o seu principio, bem dizia

eu,

eu, que vos havia mostrar hoje como o Beato Gonçallo Garcia he pardo legitimo por natureza, e descendencia, pois he descendente de hum Portuguez branco, e de huma Ethiope, natural de Baçaim na India, que foy a primeira Ethiopia dos antigos: *Totam banc Indiam Orientalem magnam Aethiopiam appellant; & satis appositè.*

Supposto está bastantemente provado, que os naturaes da India são negros, e Ethiopes, não só pela cor preta, mas tambem pela natureza, como descendentes de Chus, filho de Cham, como me podem ainda allegar, que, dado cazo que assim fosse naquelles principios, hoje já não he assim; porque ainda que pe-

la costa de Malabar; cabo de Comorí, e outros lugares hajaõ ainda destes negros, como tambem na Ilha de Ceilaõ, e outras muitas das Malucas, e Philippinas; com tudo dos confins do Malabar, correndo a costa de Goa até Baçaim, e para diante, consta de pessoas, que por ellas tem andado, que os seus naturaes hoje, e já no tempo, que os Portuguezes entráraõ na India, não eraõ absolutamente negros, e pretos, mas trigueiros, baços, ou morenos, que assim os trataõ tambem alguns Escriitores; e vulgarmente lhes chamaõ alguns Cafres, ou Canarins, e não Negros. E assim parece, que de balde tem trabalhado o nosso discurso, em querer fazer aos da India todos Negros.

Ou-

Ouçãõ a resposta, que poderá ser fiquemos ainda melhor.

Digo pois, que estes baços, ou morenos, que não são absolutamente pretos, se não devem chamar Cafres, ou Canarins, porque isto he erro do vulgo. Canarim, conforme os mesmos naturaes da India, quer dizer o que he natural de Canará, que he huma Provincia, ou Reino, que fica entre os confins de Goa, e principios do Malabar pela terra a dêtro, cuja Cidade principal se chama tambem Canará. Vejaõ ao Padre Bluteau no seu Vocabulario. Tambem se não devem chamar Cafres os naturaes da India; porque, conforme ao mesmo Bluteau, Cafre vem da palavra Arabiga *Cafir*, que quer dizer *Homem sem ley*, e este nome Cafre

se dá sómente pelos Escritores a huma nação de negros, que habita na costa de Africa pelo Cabo da Bõa Esperança até quasi Moçambique, chamada Cafraria, ou Provincia, e Reyno do Monomotapa; e daqui vem, que os naturaes da India, quando lá apparece algum negro da Africa, a estes he que chamaõ Cafres, porque os da India se tem ainda por mais negros, do que os proprios da Africa.

Tambem he necessario advertir aqui a alguem, que ouvindo dizer que o Beato Gonçallo Garcia era Indio, entendeo seria algum individuo dos Tapuyas da nossa America, porque a estes chamaõ tambem Indios, ainda que com pouca propriedade; porque, como nota certo Escriitor, impro-

Cor-
rea fo-
bre a
Oit. 2.
do
Cant.
I. de
Cam.
§. ult.

priamente se chamaõ Indias as terras da America ; porque Indias sómente se entendem as Orientaes , ditas assim em razaõ do rio Indo , que as rega , e parece naõ pôdem ter muita congruencia entre si estas duas partes da terra, sendo taõ diferente huma da outra, quanto vay do Oriente ao Occidente ; do principio ao fim do mundo. E sendo os naturaes de ambas taõ diferentes em tudo, que até o saõ nas cores , os da America vermelhos , e os da India negros.

E se me perguntarem o como devemos chamar a estes da India , que naõ saõ totalmente negros, mas baços , ou morenos ; digo que os havemos chamar mixtos , Pardos , ou mulatos ; porque esta em termos

Portuguezes he a côr dos baços, ou morenos da India. Tambem temos Authores , que assim o escrevem. O nosso Homero Portuguez na Oitava 100. do Canto 10. , fallando das Arabias, e descrevendo os seus naturaes, diz assim : *Olha as Arabias tres, que tanta terra tomaõ, todas da gente vaga, e baça.* Manoel de Faria e Souza, explicando esta côr baça , ou morena dos naturaes das Arabias , diz : *Quiere dezir, que la gente deffas partes es de color ni blanca, ni negra, que en Portugal llamamos Pardo, ò Mulato, porque se llaman mulatos los hijos de negro, y blanco.* Daqui devemos notar mais , que a côr morena, ou baça , naõ he outra mais, que a mixta , ou parda , e par-

parda legitima; porque diz este Author, ou dá a entender, que assim a parda, como a morena he côr mixta, que procede de branco, e preto. Melhor o diremos ainda com Authores, que fallaõ determinadamênte dos baços, ou morenos da India.

O Sandoval, já allegado aqui tâtas vezes, no lib. 4. cap. 3. pag. 11. fallando da estimaçãõ, que a Sagrada Companhia de Jesus fez de ser nomeada pelos Summos Pontifices, e Reys de Portugal para o emprego da conversãõ dos negros da India, diz estas palavras: *Estimò-lo tanto, que seña-lò para él, y para la Mission de la India Oriental, cuyos naturales (reparem aqui) son todos, ò negros, ò mulatos, como lo di-*

zen graves Authores.

E no mesmo liv. 4. cap. 7. pag. 44. fallando dos naturales das Malucas, torna a dizer: *Y que estos sean negros, dexando à parte lo que dicen los que escriven las cosas de la India Oriental, que sus naturales todos, ò son negros, ò mulatos.*

Eit-aqui temos com toda a clareza como a côr morena dos naturales da India naõ he outra mais que a Parda, de que fallamos, e Pardo legitimo; porque aquelles Morenos da India vem por descendencia direita da côr branca com a preta. E se quizerem averiguar esta razaõ, he deduzida do que da India, e dos seus naturales dizem os Authores, que deixamos referido.

Dizem que a India he aquella grande, e primeira Ethiopia dos

Antigos; dizem que os Ethiopes, ou Negros, primeiro habitáraõ na India, e depois se passáraõ para a Africa; e o que daqui se segue he, que os da India, que não forem negros, haõ de ser Pardos, ou Mulatos legitimos por descendencia. E a razaõ he concludente. Porque ainda que da India vierã os primeiros negros para a Africa, não era possivel passassem todos de tal forte, que não ficassem muitos, e a mayor parte delles; porque, além de estarem espalhados pelas tres Indias, e muitas Ilhas, os que fallaõ nesta retirada, só dizem que passáraõ para Africa os que habitavaõ as margens do rio Indo: *Ab Indo flumine consurgentes*, que he donde tem principio as Indias.

Tambem he provavel, que com a sahida dos negros do rio Indo para a Africa, haviaõ ser povoadas aquellas ribeiras de gentes estrangeiras, e brancas: estas haviaõ entrar pelas Indias a dentro, e cõmunicando-se com os mais negros, que ficaraõ, daqui resultou aquelle mixto, ou terceira especie, que alguns Escriitores chamaõ morenos, outros baços, e os noslos com mais propriedade dizem Pardos, ou Mulatos, como descendentes de preto, e branco.

E he taõ natural este discurso, que os que habitaõ mais para a terra a dentro, e da Península, e costas da nossa India, que correm para o Sul, e Cabo de Camorî, Ilha de Ceilaõ, e outras mais, que lhes não era taõ

taõ facil a cõmunica-
çaõ com aquella gen-
te branca, que entrou
pelo rio Indo, saõ a-
inda hoje taõ negros,
e pretos, como d'an-
tes o eraõ ; e os que
ficavaõ para as mar-
gens do Indo, e terra
intermedia, como os
do Mogol, e alguns
da nossa India, que
podiaõ mais facilmen-
te communicar-se com
aquella gente branca
estrangeira, estes saõ
os que hoje chamaõ
morenos, baços, par-
dos, ou mulatos, co-
mo misturados de ne-
gro e branco. E este
he o fundamento to-
do, com que dizem
estes Authores, que
os naturaes da India
saõ todos, ou negros,
ou mulatos: mulatos
os que procedem da-
quelles negros, que se
misturaraõ com bran-
cos; e negros os que
naõ entraõ naquella
mistura.

E quem haverá ain-
da taõ cativo da sua
vontade, que, vendo
o que dizem estes Au-
thores, possa duvidar
mais, que o Beato Gon-
çallo Garcia, como
natural que he da In-
dia, seja Pardo legi-
timo por natureza, e
descendencia? Atégo-
ra podia-o ser por hum
só principio; agora já
o póde ser por dous:
atégora podia ser Par-
do sendo os naturaes
da India todos, e só-
mente negros, e sendo
elle descendente de
hum destes com bran-
co; agora já o póde
ser tambem, sendo os
naturaes da India, que
naõ forem negros, mu-
latos, ou Pardos; Par-
do, e mulato, ha de
ter tambem o Beato
Gonçallo Garcia; pois
o que descende de mu-
lato, ou Pardo com
branco, he Pardo, e
mulato. E fiquemos
nisto:

nisto : ou me haõ de conceder que os naturaes da India faõ todos negros, ou que faõ negros, e juntamente mulatos outros ; e de qualquer forte, que seja , sempre o Beato Gonçallo Garcia fica sendo mulato legitimo , como descendente de negro , e branco.

Assentado assim com taõ solidos fundamentos , que o Santo Gonçallo Garcia he Pardo legitimo por nascimento , e descendencia , he tempo já de beatificarmos a sua côr , e declararmos que he taõ bemaventurada , e ditosa como as mais , e mais ainda. As cores , que tem , e teve sempre oppostas á sua côr parda , foraõ a branca , e a preta : o que tem feito ditosas , e bemaventuradas estas duas cores , foraõ os póvos , e naçoens ,

de que cada huma dellas tem sido principio , e origem ; os Príncipes , Reys , e Monarchas , que dominaraõ estes póvos ; as Pessõas grandes , e assinaladas em todos os estados , e Jerarchias : e porque assim a côr branca , como a preta tinhaõ para si que tudo isto faltava na côr parda , este era o motivo de a terem por menos ditosa , e bemaventurada. Mas enganava-se certamente , assim a côr branca , como a preta ; porque a côr parda em tudo isto tem sido naõ só taõ bemaventurada , e ditosa como ellas , mas ainda alguma cousa mais.

A côr parda tambem tem sido principio , tronco , e origem de póvos , e naçoens inteiras. Todos sabem que os Ismaelitas , Agarenos , ou Mauritinos,

nos, são descendentes de Ismael. E tambem devem saber, que desta nação está tão cheyo o mundo, que ella só occupa toda a Asia, a mayor parte da Africa, e muita da Europa; sendo quasi assentado, que esta só gente excede em numero, e multidão aos da côr branca, e preta. Vendose assim cumprida nella aquella promessa, que repetidas vezes fez Deos a Abraham sobre Ismael, que de tal sorte multiplicaria a sua descendencia, que delle nasceriaõ doze Capitaens, e se faria daqui hum povo tão grande, que se não poderia numerar: *Super Ismael quoque exaudivi te; multiplicabo eum valde. Duodecim Duces generabit, & faciam eum in gentem magnã.* Disse Deos huma vez;

Gen.
13. 20.

e outra disse: *Multiplicans multiplicabo* ^{Gen: 26. 20.} *semen tuum; ... & non numerabitur præ multitudine.*

E quem era este Ismael? Ismael era hum homen da côr parda, e Pardo legitimo; porque era filho de Abraham, que era branco, e de Agar sua escrava, a qual era preta, e negra por nascimento, porque era natural do Egypto, como dizia Sara fallando com Abraham sobre Agar: *Habens ancillam Egyptiam nomine Agar.* ^{Gen: 16. 1.} E que os Egypcios por natureza, e descendencia sejaõ negros, he opiniaõ commua dos Sagrados Expositores; porque dizem que os primeiros habitadores do Egypto foy Mesraim com seus descendentes, e por esta causa o Egypto na lingua He-

Hebrea se chama Mesraim, e ainda hoje os Arabios, e Turcos, chamaõ ao Egypto Mesra; e Mesraim, consta do Sagrado Texto, era negro, porque era filho segundo de Caim. *Filii autem Cham, Chus, & Mesraim*, diz o texto, e accrescenta Alapide: *Mesraim, ab hoc habitata, & propagata est Egyptus, quæ inde Hebraice Mesraim vocatur, & etiam nunc ab Arabibus, & Turcibus vocatur Mesra.* E aqui temos a Ismael Pardo legitimo, como descendente por hũa parte de branco por Abraham, e pela outra de negro por Aggar. E por aqui temos a cõr parda naõ só taõ bem aventurada, e ditosa, como a preta, e a branca, pois como ellas tem sido tronco, e origem de pòvos, e

naçoens inteiras, mas ainda mais; pois esta só gente Parda por Ismael, excede em multidaõ a branca, e a preta.

A outra dita, e bem-aventurança da cõr branca, e negra, consiste nos Reys, Principes, e Monarchas, que cada huma teve, e tem nellas gentes, que dellas procederaõ. Tambem por aqui a cõr parda he taõ ditosa, e bem-aventurada como ellas, e ainda mais. Tanto, porque a cõr parda, nesse Povo, que della sahio, tem tido muitos, e muitos Reys; e só Ismael, consta do Sagrado Texto, teve doze filhos, nomeados ahi por Capitaens, e Principes: *Duodecim Gen. Duces generabit: Duo-*^{25.16.}*decim Principes Tribuum suarum*, e diz Josefo que todos estes foraõ Reys; porque, fa-

Gen.
10.6.

Gen.
31.
21.

Jo.
I.
21.
Ar.

fahindo Ismael com sua mãy Agar desterrado da casa de Abrahão seu pay, viera ter ao Deserto de Pharan, como consta do texto, e casando ahi com huma mulher natural do Egypto: *Habitavitque in deserto Pharan, & accepit illi mater sua uxorem de terra Egypti*, desta teve aquelles 12. filhos, os quaes espalhados por toda a Africa, foraõ nella Reys, e dominaraõ varias Provincias; e daqui se tem espalhado por quasi todo o mundo, com o nome de Ismaelitas por Ismael, Agarenos por Agar, e Mauritanos da palavra Grega *Mauron*, que quer dizer coufa quasi negra, e queimada, por elles serem desta côr. E por estes Reys, e outros muitos, que tem tido a côr Parda, he taõ bem-

aventurada, e ditosa como a preta, e a branca, e ainda mais; porque os primeiros Reys, Principes, e Monarchas, que houve no mundo, assim entre os da côr branca, como da preta, foraõ da côr Parda: parece-me que o hey de mostrar, hum com certeza, outro com probabilidade.

Da creação do mundo até o tempo do diluvio, na computação do Alapide, correraõ 1656. annos: e em todo este tempo não consta do Sagrado texto, ou de Author algum houvesse filho, ou descendente de Adaõ, que dominasse na terra com titulo de Rey, e Senhor absoluto; porque cada hum governava a sua familia como pay, e cabeça della: veyo o diluvio, e ainda se passaraõ 170. annos sem que no

Gen.
31.v.
21.

Joscf.
1.1.c.
21.de
Antiq.

Alap.
sup.
Gen.
c.5.v.

mundo se ouvisse o nome de Rey; mas neste mesmo anno, estando ja Noé com todos os seus filhos retirados para o campo de Senaar, entre o rio Tigris, e Eufrates, para onde vieraõ no anno 131. depois do diluvio, e tendo dado principio á fundação da Cidade de Babylonia, e Torre de Babel, Nemrod, principal agente de toda esta maquina, começou a mostrar-se poderoso na terra, a dominar aquelle Povo, e a fazer-se senhor delles, até que no anno 184. do diluvio, estava reconhecido, e adorado de todos como Principe, Rey, e Monarcha absoluto:

Alap. *Nemrod, ipse cepit*
 sup. c. *esse potens in terra: fuit*
 10. *Babylon principium*
Regni ejus: diz o texto,
 e o Alapide diz:
Primus in orbe Prin-

ceps, & Rex fuit Nemrod. E que era este Nemrod? Nemrod era hum homem da côr Parda. Assim o podemos tratar com boa probabilidade, porque Nemrod era filho sexto de Chus: Porro ^{Gen.} *Chus genuit Nemrod, e* ^{10.} ja por aqui temos a Nemrod com hũa parte de preto por seu pay: e que tivesse outra parte de branco por sua mãy, provavelmente se póde afirmar; porque, ainda que não achamos quem fosse a mulher de Chus, e mãy de Nemrod, podemos discernir era da côr branca, e descendente dos dous irmãos de Cham, que eraõ Sem, ou Jafet; por que Chus, como filho primeiro de Cham, e o primeiro, que por castigo do pay sahio da côr preta, não podia, como primeiro,

meiro, ter outra da sua côr, com quem casasse; porque, para ser da sua côr, não podia ser senão filha do mesmo Cham, e irmãa de Chus; e não consta do texto, e nem de Author algum, que tenhamos noticia, que houvesse esta irmãa de Chus, ou filha de Cham; e nem, dado caso que a houvesse, podíamos affirmar que Chus tomasse por mulher huma sua irmãa, em tempo, que havia mulheres de outra geração mais remota, como eraõ as de Sem, e Jafet da côr branca; provavelmente podemos dizer, que Nemrod, porque por huma parte participava da côr preta por seu pay, e pela outra da brãca por sua mãy, era hum homem da côr Parda, e este o primeiro Principe, Rey, e Monarcha, que hou-

ve no mundo, assim entre os da côr preta, como da branca, que todos se achavaõ alli juntos, porque isto tudo aconteceo antes da confuzão de Babel, e divisaõ das gentes. Este foy o primeiro Rey, e Monarcha, que achamos ser da côr Parda com discurso provavel; e com certeza, ainda temos mais.

Reynando em Jerusalem Salomaõ, filho de David, levada da fama da sua sabedoria, veyo a vê-lo, e ouvillo a Rainha de Sabá, a esta recebeo tambem Salomaõ por mulher, como Rainha, e teve della hum filho, que lhe nasceo estando ja retirada na sua Corte, e lhe pôs o nome David como seu avô; este Principe sendo ja de vinte e hum annos, e desejando ver seu pay, e tomar-lhe a bençaõ,

veyo a Jerufalem , e Salomaõ não só o reconheceo por filho , mas com todas as ceremonias , e insignias Reaes o fez coroar no Templo por Rey , e Imperador da Ethiopia , e foi o primeiro , que alli houve , porque até entã se governava aquelle Povo só pelas suas Rainhas sem admittirem os varões á fucceflãõ. Agora pergunto : e que casta de homem era este ? Seria da cõr branca , ou da preta ? Não era fenaõ da parda , e Pardo legitimo ; porque era filho de pay branco , que era Salomaõ , e mãy negra , que era a Rainha de Sabá , e negra natural de Ethiopia , na opiniaõ de muitos.

E que dirá agora a isto a cõr preta ? Que ha de dizer ; que ouve agora , o que nunca cuidou ouvir. Que

hum Pardo , ou mulato , como elles dizem , fosse não só Rey , e Imperador dos negros , mas o primeiro Imperador , e Rey , que tiveraõ , e na sua propria terra , e patria dos mesmos negros. Que dirá a cõr preta ? Não tem outro refugio , mais que apellar para a duvida , e dizer , que como isso não consta da Sagrada Escritura , e nem he mysterio de fé , não estaõ obrigados a dar-lhe credito. Mas faiba que tem contra si muitos , e graves Authores , e o mayor de todos a mesma tradiçaõ antiga , pela qual consta , que muitos dos Imperadores da Ethiopia tiveraõ o nome de David , e todos até o presente nas suas escrituras se trataõ por filhos de David , e Salomaõ , e assim o fazia hum delles , que no an-

no de 1507. mandou huma Embaixada ao Papa Clemente VII., e a El Rey de Portugal D. Manoel, jaçtando-se este, e todos elles, da Real regalia desta descendencia. E aqui temos a côr Parda não sãõ taõ ditosa, e bemaventurada, como a preta, e a branca, pois, como esta, teve Reys, e muitos Reys; mas ainda muito mais bẽaventurada, e ditosa, pois os primeiros Reys, e Monarchas, que houve entre os da côr branca, e preta, forãõ da côr Parda.

Dos Principes, e Reys se seguem os Generaes, Governadores, Mestres de Campo, e mais Póostos da Milicia: e sem sahirnos do nosso Brasil, e ainda de Pernambuco, podiamos fazer de todos huma boa lista, se assim como lhe sabemos

os nomes, não achassemos alguns com côres mudadas. Na Jerarchia Ecclesiastica tambem tem a côr Parda sujeitos assinalados: Sacerdotes sem numero, Curas, Vigarios, e outros ainda de mayor Jerarchia tambem, sem irmos muito longe de Pernambuco, podiamos de todos fazer hum catalogo muito bom, huns, que conhecemos, outros, que talvez se não conheçerãõ.

Nas letras não menos tem a côr Parda homens dignos de se nomearem. O Padre Manoel Gonçalves natural de Pernambuco, Doutor formado pela Universidade de Coimbra, applaudido na Corte, e de quem El Rey D. Pedro fazia muitas estimaçcens, e pela sua virtude, e humildade foi pratica, não

naõ quiz este Clerigo admittir a de o querer aquelle Rey nomear Bispo para S. Thomé. Domingos de Sá e Silva, tambem de Pernambuco, Doutor em ambos os Direitos pela mesma Univerfidade, Advogado da Casa da Supplicação, e generalmête celebrado por Douto, e buscado das primeiras peffoas para as dependencias das fuas causas; e outros muitos Letrados, e Doutos affim nas letras humanas, como Divinas.

Na virtude, e Santidade, que he o principal objecto deste discurso, tem a cõr Parda sujeitos ainda de mayor distincão. E fem sahirnos da nossa America temos aquelles, que bastaõ para credito da mesma cõr. E deixando algũs mais modernos, como hum

Irmaõ Ignacio, muy celebrado nestes nosfos tempos na Cidade da Bahia, aonde falleceo o anno passado, naõ deixaremos de fazer particular memoria do Veneravel Padre Pedro Soares Pereira, natural do Rio de Janeiro, que desaparecêdo daquella terra, sem se entender para onde, se soube depois fora achado em huns lugares desertos da Cidade de Genova na Italia, morto, e de joelhos, e com hum papel na maõ, em que dava noticia de quem era, e de donde natural; e nesta mesma postura se conserva na Sé de Genova: consta o referido de hum Summario, que dessas partes se mandou tirar ao Rio de Janeiro, e foraõ Juiz, e Escrivaõ delle o Padre Joaõ de Barcellos Machado Vigarario

gario no Rio, e o Padre Bartholomeu de França, Cura da Sé.

O Veneravel Fr. Martinho Donato professo de meu Partiarcha S. Domingos, na Cidade de Lima, Reyno do Perû da America, affinalado em todas as virtudes, e com excesso na da Caridade, a qual se extendia até aos brutos, e irracionaes: são espantosos, por nunca ouvidos, os prodigios da sua Caridade, achão-se escritos na 4. parte do Agiologio Dominicano no dia 3. de Novembro.

Na Capitanía do Espirito Santo para a parte do Rio de Janeiro, duas mulheres desta vossa côr, huma casada, e outra viuva, as quaes em huma guerra, que houve entre o Gentio com os moradores, foraõ cativas,

e entregues ao mayoral delles; e querendo este usar mal dellas, em defenfa da sua pureza, e castidade foraõ martyrizadas. Teve revelação do seu martyrio o Veneravel P. Jozé de Anchieta, da Companhia de Jesus, que se achava dalli distante muitas legoas, no mesmo dia, e hora em que succedeo, que foi a 18. de Janeiro de 1560., e indo para o altar, no seu modo, as beatificou celebrando dellas Missa do Com-mû. Assim o traz o Calendario Portuguez.

E quando na virtude, e santidade não tivesse a côr Parda mais que o Beato Gonçallo Garcia, este só bastava para se poder gloriar com elle, tanto como com todos os seus se gloria a côr branca, e a preta. Melhor o diremos. Até-
qui

qui temos visto , e parece-me que iguaes a côr preta , e branca , com a Parda ; porque se a dita , e bemaventurança destas duas cores consistia em terem Santos , e por isso motejavaõ a Parda pelos não ter ; saiba agora a côr preta, e mais a brãca , que a côr Parda não só he taõ bemaventurada , e ditosa como ellas , pois ja tem tambem Santos da sua côr, mas saiba que ainda o he alguma cousa mais ; e saiba que esta mayor dita , e bemaventurança vem á côr Parda , por isso que he Parda. Porque a côr Parda , por isso que he Parda , he mais perfeita que a branca , e que a preta. Tudo havemos ver sem offensa das partes , e por principios , natural , Filosofico , Theologico , Moral , e Divino , ou

da Sagrada Escriitura.

He a côr Parda taõ perfeita , que todo o fim , com que apparece nos homens , não he outro mais que perfeição. Comecemos por este fim , como principio , que he desta cor, A cor Parda nos homens resulta , e tem principio da cor branca , e da preta. E para que , ou com que fim? Não descubro hoje outro mais que a fim de perfeição-se por aqui nos homens a cor preta. A cor preta nos homens , como signal , que he de huma culpa , e castigo de hum peccado , (pois na opiniaõ mais conforme ás Divinas letras , e texto Sagrado , quiz Deos com esta tinta negra , escrever a malicia de Cham , e a maldade de seus descendentes , e distinguí-los com esta divita , taõ fea , como igno-

ignominiosa dos mais filhos de Noé) vem a ser juntamente hum borraõ da natureza , huma nota infame , e huma mancha deforme. Mas como a natureza sempre aspira a perfeiçoar-se, e mais a mais, cõmunicando-se , ou misturando-se a cor preta com a branca , por meyo da mesma natureza, assim se vai com a branca perfeiçoando-se a preta, até tornar ao seu principio, e ficar no seu natural. E quem negará que a cõr Parda, que resulta assim da preta, e da branca, não aspira toda á perfeiçoã desde o seu primeiro principio?

Adiantemos esta natural razaõ com outras razoens tiradas de principios tambem naturaes, e ainda veremos melhor esta perfeiçoã da cõr parda.

De quatro principios descubro eu agora procede nos homens a mudãça das cores. Primeiro, por castigo do peccado, como já notamos em Cham filho de Noé. Segundo, por mudança de clima, ou por actividade do Sol, como escrevem alguns dos naturaes da Africa, e os da nossa America. Terceiro, por predominaçã de algum dos quatro humores, como vemos ainda nos mesmos homens de cõr branca, huns mais claros, outros baços, e trigueiros outros; conforme em cada hum destes predomina mais o sangue, a colera, ou fleuma, &c. Quarto, por mistura das naturezas, como sabemos que do branco, e preto nasce o Pardo. Mas o que eu aqui agora quero notar, he que nas mais cores a

mudança procede de defeito; na parda he para perfeição. Peccou Cam, e ficou negro; predomina o fangue, ou algum dos outros humores, e ficaõ com varias cores os homẽs: intempera-se o Sol, e faz vermelhos, e moremos a outros: misturaõ-se as naturezas, e sahe a côr parda. E quem deixará de entender assim, que nas mais cores a mudança está mostrando o defeito, de que procede; e que na parda está inculcando a perfeição, a que aspira?

Sendo, como se vê, a côr parda toda perfeição pelo seu principio natural, entremos por aqui meõmo a realçar a perfeição desta côr, entre a preta, e a branca.

Naturalmente falando, he a côr parda tanto mais perfeita

que a branca, e que a preta, que a primeira imagem do homem, que houve no mundo, havendo Deos de lhe dar côr, não quiz para isso, nem a preta, nem a branca, senão só a parda. Não se ha de negar que a primeira materia, e o primeiro principio natural do nosso corpo foy o barro; e que a este barro assim amassado, e formado em corpo humano, ou figura de homem, lhe pôs Deos por nome *Adam*, que quer dizer: *vermelho*, por ser este vermelho a côr daquelle barro: *Adam*, id est, *Ruber*. Agora pergunto: e como era o vermelho daquelle barro? He sem duvida que não era aquelle vermelho, a que chamamos proprio, ou rubicundo; era outro vermelho improprio, qual he o do barro: por-

porque não ha barro natural, que seja propriamente vermelho, senão baço, ou pardo, que esta he a propria, e rigorosa significação do nome *Ruber*, que quer dizer: *Cousa vermelha, loura, ou que tira a roxo, que he o baço, ou pardo do barro.* E he isto tanto assim, q̄ este nome *Pardo* dá o P. Antonio Vieira a este barro de Adam, discorrendo sobre estas mesmas cores branca, preta, e Parda, e appropriando o Pardo do barro á côr nos Pardos; e fazendo o reparo, porque não havia Deos chamar a Adam com o nome do barro, senão da côr: este foy o seu reparo, o que eu faço agora, he este. E porque não quiz Deos, para dar côr áquella primeira Imagem do homem, nem a côr

branca, nem a preta, senão só a Parda? A razão, que devemos dar hoje he; porque a côr Parda era mais perfeita que a preta, e que a brãca. Das mesmas palavras daquelle grãde Prégador havemos tirar esta razão. Diz elle assim: *Naõ quiz Deos que aquella côr fosse alguma das extremas, quaes são a branca, e a preta, senão outra côr meya, e mista, que se compuzesse de ambas, qual he a vermelha, ou Parda no seu sentido.* Agora digo assim:

A côr Parda, diz aquelle Prégador, he huma côr meya, ou mista, que participa da branca, e da preta: logo bem se segue, que a côr Parda he mais perfeita que a preta, e que a branca; he sem duvida, pois os mistos, como sabem os Filo-

fosos, são mais perfeitos que as partes, de que resultaõ; porque participaõ das perfeições destas partes. E aqui temos já, por principio natural, a côr Parda mais perfeita, que a côr preta, e branca. E esta he a razaõ, porque não quiz Deos, para dar côr áquella primeira imagem do homem, nem a côr branca, nem a preta, fenaõ só a Parda, porque a Parda era mais perfeita que a preta, e que a branca. E assim o pedia a mesma razaõ natural; porque, ainda naturalmête fallando, aquella imagem do homem, era a obra mais perfeita que tinha sahido das mãos de Deos, e como mais perfeita, devia ser adornada com a mais perfeita côr; a côr foy a Parda: logo a côr Parda, naturalmête fal-

lando, he mais perfeita que a preta, e que a branca: *Adam, id est Ruber*. Para confirmação nos não ha de faltar, nem a Filosofia, nem a Theologia com as suas razoens. E ainda que os exemplos, que apontamos, não pertençaõ todos á linha dos mistos, os que vem fóra della, he porque tem para o nosso intento o que basta, que he conterem em si as perfeições das partes, que contêm, e por isso serem mais perfeitos que essas partes.

Na bõa Filosofia o corpo misto elementar he mais perfeito que cada hum dos elementos, e a razaõ he; porque o corpo misto elementar contêm em si todas as qualidades elementares, e participa da perfeição de cada huma dellas. A alma

ma racional he mais perfeita que a alma só vegetativa, e que a alma sensitiva só: e a razão he; porque a alma racional contém em si estas duas, e todas as suas perfeições. O Sol entre todos os Planetas he o mais perfeito: e huma das razões he; porque no Sol se vem juntas, e unidas as perfeições de todos, e cada hum dos Planetas *In unum collectis*. Deos he mais perfeito que todas as creaturas: e a razão he; porque Deos contém em si todas as perfeições das creaturas. Logo, se a côr parda include, e participa as perfeições da negrura, e alvura; bem se segue que a côr Parda he mais perfeita que a branca, e que a preta.

Mais ainda, e he razão Theologica. O co-

nhecimento simul intuitivo, e abstractivo he mais perfeito, *extensivè*, que o conhecimento só intuitivo, e que o conhecimento abstractivo só: e a razão he; porque o conhecimento simul intuitivo, e abstractivo ha-se como huma terceira especie, que participa dos dous conhecimentos intuitivo, e abstractivo. Agora a nossa conclusão: A côr Parda ha-se como hũa terceira especie, que participa da côr branca, e da côr preta: logo a côr Parda he mais perfeita que a côr preta, e que a côr branca. Vamos á razão moral.

Moralmente falando, aquella virtude he mais perfeita, que põem ao sujeito em gráo mais superior, e lhe dá o primeiro lugar. O martyrio

na

na Jerarchia da Igreja tem o primeiro lugar, e põem aos Santos em gráo mais superior que a confissão: logo, he mais perfeito que a confissão o martyrio. Agora digo assim: A côr parda o primeiro Santo, que deo para a Igreja foy hum Santo Martyr; a côr branca, ainda que tem dado muitos Martyres, os primeiros que deo foraõ Confessores; e a côr preta só Confessores he que tem dado até agora; o martyrio, na ordem da Igreja, põem aos Santos em gráo mais superior, e lhes dá o primeiro lugar que aos Confessores: logo a côr Parda, moralmente fallando, he mais perfeita que a branca, que os primeiros Santos, que deo, foraõ Confessores; e que a preta, que só Confessores tem dado.

Venha já a Divina Escritura com a sua luz a fazer-nos mais claro este discurso, e seja em hum passo todo de luzes.

Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol? Que alma Santa he esta? Quem he este Santo, que levantando-se como engraçada aurora, e participando juntamente dos resplandores do Sol, e dos reflexos da Lua, vem dando passos, que inculcaõ vagares, e mostraõ primazias: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut Sol?* Se a Sabedoria de Salomão se puzesse de proposito a fazer-nos hum rascunho da Imagem do nosso Santo, o não podia deixar debuxado com melhores cores.

Vicira
tom.

10.
Sermon.

20. p.

151. §.

159.

res. Notem: tres cores divizou a grande luz do Padre Antonio Vieira neste quadro de Salomaõ : a preta , a branca , e a Parda. No Sol a branca , que he o dia ; na Lua a preta , que he a noite; e a Parda na aurora , que saõ huns crepusculos , que não saõ noite , nem dia, mas participaõ do branco , e do preto de ambos. Já por estas cores temos descuberto que a Imagem , ou figura, que aqui descrevia Salomaõ , era a do nosso Santo: Pardo pela côr , com participaçãõ de branco , e preto: *Quasi aurora conjurgens , pulchra ut Luna , electa ut Sol.*

Aqui , como sombras , para darem algum realce a este quadro , e fazerem mais propria esta pintura , parece podemos applicar o que na Oit. 14

do Cant. 1. disse o nosso Portuguez Homero. Reinos da Aurora chama elle alli aos da India Oriental : e da mesma Aurora direi eu agora saõ filhos os seus naturaes , pela proporçãõ , que tem com os crepusculos daquella a côr destes Pardos com propriedade , como o nosso Santo, por participar do branco , e preto como natural dos Reinos da Aurora: *Quasi aurora conjurgens , pulchra ut Luna , electa ut Sol.*

Ainda conhecemos melhor ao nosso Santo nesta figura , se repararmos de caminho nos passos , com que disse Salomaõ havia elle fazer esta sua jornada : *Quæ progreditur* : *Progreditur* quer dizer passar avante de hum a outro lugar , não com passos apres-

apressados, mas com decurso vagaroso. Assim tem feito esta sua viagem do Japão até Pernambuco o Beato Gonçallo Garcia, pois partindo das Indias há 148. annos, que tantos há desde o do seu martyrio até o presente, ainda agora chega aqui: *Progreditur*. Mas os vagares, com que veyo, nos deraõ lugar a reparar em que a fabledoria de Salomaõ, não só o quiz deixar conhecido por Pardo, senaõ que no modo, com que o deixou, logo exprimio tambem a singularidade, e primazia da sua côr Parda sobre a branca, e a preta; porque não só põem a aurora primeiro que o Sol, e a Lua, e a côr parda em primeiro lugar que a preta, e a branca: *Aurora, Luna, & Sol*; mas diz tambem que

entre a branca, e a preta se levanta a Parda com a primazia, que isso quer dizer o *Consurgens: Quasi auro-ra consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol.*

E tanto fica, em ordem de perfeita, a côr Parda superior á branca, e á preta, que nem a preta, nem a branca, senaõ a Parda a guardou Deos, para que com a gloria dos seus Santos puzesse na sua Igreja a ultima coroa. Temos texto quasi expresso: *Veni de Libano sponsa mea; ve-^{Cãtic.}ni de Libano, veni coronaberis; de capite Amanã, de vertice Sannir, & Hermon, de cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum.* He sentido de Hortulano, que traz Alapide, que neste lugar convidava Christo a sua Igreja para ser coroada com a gloria, que

que lhe havia resultar pelas gentes, que a esta Igreja haviaõ vir de todas as quatro partes do mundo, representadas naquelles quatro montes, que de tal sorte estaõ situados, que cada hum delles corresponde a cada huma das quatro Regioens do Orbe. O Libano, que olha para o Septentriaõ, o Amaná para o Occidente, o Sanir para o meyo dia, e o Hermon para o Oriente. Vejaõ ao Alapide neste lugar. Agora duvido assim: Se as gentes, que se nomeaõ aqui para coroa-rem a Igreja, saõ as que habitaõ as quatro Regioens do mundo, como naõ saõ as coroas tambem quatro? As coroas haõ de ser tres, significadas naquelles tres *Veni, veni, veni coronaberis*; e as gentes divididas em

quatro partes: *De Libano, de Amana, de Sanir, de Hermon*? Sim; e porque? Porque aindaque as partes do mundo sejaõ quatro, as gentes, que as habitaõ, constaõ só de tres cores, que saõ a branca, a preta, e a parda; porque fóra destas tres naõ ha gente no mundo de outra côr. E daqui se ficará entendendo que fóra do branco, e preto, tudo o mais se deve reduzir a côr parda, e buscar nesta côr a sua propria estação. E como as cores de todas as gentes, aindaque estejaõ espalhadas pelas quatro partes do mundo, se reduzem só a tres, e destas tres queria Christo compor as coroas para a sua Igreja, por isso diz que haviaõ ser as coroas tres, porque tres saõ as cores de todas as gentes: *Veni,*

Ee ve-

veni, veni coronaberis.

Antes que concluamos o conceito , he preciso notarmos aqui alguma cousa mais. A commũa opiniaõ dos sagrados Expositores tem , que aquellas ultimas palavras: *Decubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, se devem referir aos tres montes: *Amaná, Sanir, e Hermon*; porque nelles, e nas suas cavernas, e grutas tem os Leoens, e Pardos a sua morada, e assistencia. Adricomio na descripçaõ da terra Santa, com Brocardo, e Brandebachio, dizem que este: *De cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, he outro monte muy differente dos quatro nomeados, e affastado do Libano para a parte do meyo dia. Agora discorro assim:

Ou aquelles montes

sejaõ quatro, como querem alguns, ou o monte dos Pardos seja o quinto, como affirmãõ outros; sempre nelles havemos descobrir as tres cores de gentes, que habitaõ toda a terra, a branca, a preta, e a parda. Se forem só quatro os montes, e nelles estejaõ as grutas dos Leoens, e Pardos, nelles temos todas as tres cores. A branca repartida por todos os quatro montes; porque, em todas as quatro partes do mundo acharemos a cõr branca, e em todas quatro partes dando Santos para gloria, e coroa da Igreja de Deos. Em algumas destas quatro partes, como na Africa, e Ethiopia, que he covil de Leões, a cõr preta, formando tambem para a Igreja a sua coroa com os seus San-

Santos; e a nossa America, em cujas ferra-
nias abundaõ tigres, e
onças, e onde os racio-
naes Pardos mais tem
dilatado as suas def-
cendencias, a sua côr
compondo tambem
para a Igreja a sua co-
roa, com sujeitos affig-
nalados em virtude, e
fantidade.

E se com este mon-
te dos Pardos fizermos
outro monte distincto
dos quatro, ainda a-
charemos mais ao vi-
vo estas tres cores. A
branca repartida pe-
los quatro, como dif-
femos; e com mais ex-
tensaõ no monte Li-
bano, que significa al-
vo, ou branco, e olha
para o Septentriaõ, ou
Norte, onde foy, e he
o mayor ajuntamento
da gente branca: *Liba-
nus significat album :*
*Respicit ad Septen-
trionem.* No monte
dos Pardos, e Leoens,

as duas cores, preta, e
parda: ou porque es-
tas, sendo duas meyas
irmãas na côr, e an-
dando quasi sempre
juntas, saõ taõ pouco
unidas, que se trataõ
como duas feras; ou
porque neste monte
dos Pardos, diz o mes-
mo Adricomio, em hu-
ma grande gruta se
acha hum magnifico
sepulchro, que diz A-
lapide ser de Canaan
filho de Cham, negro
pela cor, e preto por
castigo. E aqui temos
neste só monte a cor
parda, e mais a preta.
A preta por Canaan
negro, e a parda pelos
Pardos: *De montibus
Pardorum. Adde quod
ibi ostendit in spelunca
monumentum, quod in-
colæ putant esse sepul-
chrum Fosue, sed ve-
rius videri esse sepul-
chrum Chanaan filii
Cham,* diz Alapide.

Agora para con-
cluirmos

Alap.
supr.

veni, veni coronaberis.

Antes que concluamos o conceito, he preciso notarmos aqui alguma cousa mais. A commua opiniaõ dos sagrados Expositores tem, que aquellas ultimas palavras: *Decubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, se devem referir aos tres montes: *Amaná, Sanir, e Hermon*; porque nelles, e nas suas cavernas, e grutas tem os Leoens, e Pardos a sua morada, e assistencia. Adricomio na descripçaõ da terra Santa, com Brocardo, e Brandebachio, dizem que este: *De cubilibus Leonum, & de montibus Pardorum*, he outro monte muy differente dos quatro nomeados, e affastado do Libano para a parte do meyo dia. Agora discorro assim:

Ou aquelles montes

sejaõ quatro, como querem alguns, ou o monte dos Pardos seja o quinto, como affirmam outros; sempre nelles havemos descobrir as tres cores de gentes, que habitaõ toda a terra, a branca, a preta, e a parda. Se forem só quatro os montes, e nelles estejaõ as grutas dos Leoens, e Pardos, nelles temos todas as tres cores. A branca repartida por todos os quatro montes; porque, em todas as quatro partes do mundo acharemos a cor branca, e em todas quatro partes dando Santos para gloria, e coroa da Igreja de Deos. E em algumas destas quatro partes, como na Africa, e Ethiopia, que he covil de Leões, a cor preta, formando tambem para a Igreja a sua coroa com os seus San-

Santos; e a nossa America, em cujas serranias abundaõ tigres, e onças, e onde os racionais Pardos mais tem dilatado as suas descendencias, a sua côr compondo tambem para a Igreja a sua coroa, com sujeitos assignalados em virtude, e santidade.

E se com este monte dos Pardos fizermos outro monte distincto dos quatro, ainda acharemos mais ao vivo estas tres cores. A branca repartida pelos quatro, como difsemos; e com mais extensaõ no monte Libano, que significa alvo, ou branco, e olha para o Septentriaõ, ou Norte, onde foy, e he o mayor ajuntamento da gente branca: *Libanus significat album: Respicit ad Septentrionem.* No monte dos Pardos, e Leoens,

as duas cores, preta, e parda: ou porque estas, sendo duas meyas irmãas na côr, e andando quasi sempre juntas, são taõ pouco unidas, que se trataõ como duas fêras; ou porque neste monte dos Pardos, diz o mesmo Adricomio, em humma grande gruta se acha hum magnifico sepulchro, que diz Alapide ser de Canaan filho de Cham, negro pela cor, e preto por castigo. E aqui temos neste só monte a cor parda, e mais a preta. A preta por Canaan negro, e a parda pelos Pardos: *De montibus Pardorum. Adde quod ibi ostendit in spelunca monumentum, quod incolæ putant esse sepulchrum Josue, sed verius videri esse sepulchrum Chanaan filii Cham,* diz Alapide.

Agora para concluirmos
Ee 2

cluímos o penlamenteo, pergunto: e qual destas tres cores foi a que pôs na Igreja com a gloria dos seus Santos a ultima coroa? O mesmo texto está dizendo foi a cor parda, pois he a ultima, que aqui se põem, *Veni, veni, veni coronaberis ... De montibus Pardorum*. E nós o estamos hoje vendo assim, pois vemos ao Beato Gonçallo Garcia, Pardo pela cor, sendo o ultimo, q̄ entre os da cor branca, e preta vem a pôr na Igreja esta coroa: *Veni coronaberis ... de montibus Pardorum*. Grande excellencia da cor parda! Grande dita a desta cor! Guardá-la Deos, para que nestes ultimos tempos com a gloria dos seus Santos puzesse na sua Igreja a ultima coroa! Grande dita! Ainda não está

encarecida, como pede o dia, esta dita da cor parda sobre a brãca, e a preta; e para o acabarem de ver, notemos mais.

Se fizermos reflexão neste texto, acharemos que só diz que a Igreja fora convidada para ser coroada por estas tres cores; mas não declara qual dellas foi a que pôs esta coroa. Diz que haviaõ de coroar: *Coronaberis*, mas não diz qual foi a que coroou. E se lermos os Sagra-dos Expositores, e Santos Padres, acharemos que só da cor parda diz S. Gregorio que foi a que pôs na Igreja aquella coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia*. E pois como assim? He convidada a Igreja, para ser coroada pela cor branca, pela preta, e pela parda: *Veni, veni, veni*

Div.
Greg.
apud.
Alap.
hic.

ni

ni coronaberis, e no remate só a côr parda he a que põem esta coroa: *De montibus Pardorum coronatur Ecclesia?* Havemos dizer que a Igreja não foy coroada pelas mais cores? Não diremos tal; porque não só foy coroada por ellas, mas ellas foraõ as primeiras, que lhe deraõ coroas, pois foraõ as que primeiro tiveraõ Santos. Mas por isso mesmo, que foraõ primeiras, te não havia dizer que foraõ ellas as que coroaraõ; porque a gloria de pôr a coroa, só a leva aquelle, que vem por ultimo; porque o ultimo dizem, he o que coroa: e a razão toda póde ser porque a côr parda, por isso mesmo que era a ultima, era mais perfeita que a branca, e que a preta; e como mais perfeita por ulti-

ma, havia ser guardada para que com a gloria de seus Santos puzesse na Igreja de Deos a ultima coroa: *Veni, veni, veni coronaberis ... De montibus Pardorum. De montibus Pardorum coronatur Ecclesia.* Nem o Beato Gonçallo Garcia podia ter hoje mayor gloria *Beati eritis*, e nem os da sua côr pódem ter neste dia gosto, e prazer mayor: *Gaudete in illa die, & exultate.*

Glorioso Santo, Martyr sempre invicto, agora, que tenho concluido este discurso, he que conheço hum grande erro, que commetti: fuy nelle muy dilatado, não podia ser muito comprehensivo; pois foy sempre achaque de comprehender pouco o dizer muito, e certamente, não podia discorrer
muy

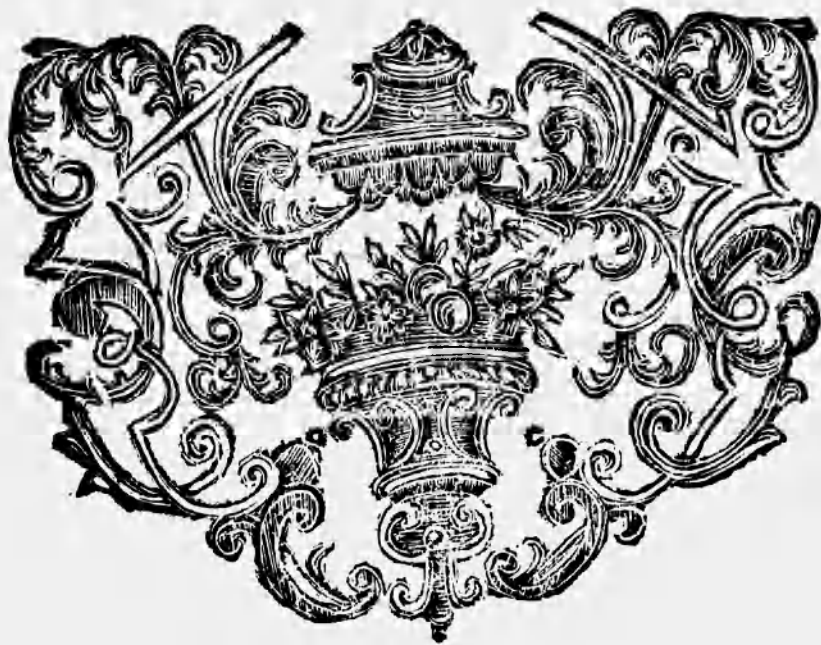
muy fundo, quem não passou da superficie. Arrebataraõ-me os accidentes da vossa cõr, não pude chegar ao substancial das vossas virtudes : mas como podia entêder de substancias, discurso possuido de accidentes? Fiquem pois estas virtudes para quem com mayor juizo possa formar dellas melhor cõceito. Que o que eu agora vos quero pedir tanto pelos da vossa cõr, como pelos da branca, e preta, he que despacheis para todos aquellas duas petições, que por vós fizemos hoje a Deos na oraçaõ, que vos cantámos com a Igreja, he assim: *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut intercedente Beato Gundisalvo Garcia, & à cunctis adversitatibus* (digamos assim) *mundemur in corpore, &*

à pravis cogitationibus liberemur in mente. Os da vossa cõr, meu Santo, vos pedem lhes alcanceis de Deos fiquem para sempre limpos, e purificados da maldade, que lhes punhaõ os adversarios do seu nome nos accidentes da sua cõr: *Et à cunctis adversitatibus mundemur in corpore;* e os da cõr branca vos pedem tambem, ou eu por elles, lhes alcanceis do mesmo Senhor lhes queira livrar o entendimêto de cuidarem mais, que os da vossa cõr tem impedimento algum para terem Santos; porque isto he hũ pensamêto máo: *Et à pravis cogitationibus liberemur in mente.* Para que, assim como a vossa, se acabe tambem esta nossa oraçaõ, para mayor honra, e gloria de Deos. Amen.

O que

O que aqui se diz da virtude de alguns sujeitos, que ainda não estão declarados pela Igreja, e nem tem por ella culto, não queremos tenha mais fé, que a que se deve a huma pura narraçãõ ; e o sujeitamos á determinaçãõ da mesma Igreja, e Decretos Pontificios.

Fr. Antonio de Santa Maria Foboataõ.



FORTE VIII.

NASCE DO 7. V. CAP. 15. JOAN.

Qui manet in me ... hic fert fructum multum.

E com as suas mysticas agoas entra a unir-se
com as desta primeira corrente em hum
discurso panegyrico

DO GLORIOSO

S. PEDRO

MARTYR,

Na Igreja Matriz do Corpo Santo da Villa do
Reciffe de Pernambuco, festa dos Familia-
res do Santo Officio, no anno de 1750.

J. M. J.



Endo sempre
Salomaõ ad-
miravel nas
suas empre-
sas, na empresa, que se
nos offerece hoje, ain-
da se mostrou mais ad-
miravel. Foraõ todas
as empresas deste sa-
bio Rey, ou Emble-

mas, com que quiz ex-
pressar as paixoens do
seu affecto, ou Enig-
mas, com que perten-
deo apurar os mais a-
gudos engenhos; e af-
sim ficaraõ sendo tam-
bem, ou idéas para os
nossos discursos, ou
exemplares para as

Ff nossas

nossas acçoens. Vejamos o objecto da acção presente, e com elle decifraremos o Enigma de Salomaõ.

He todo o objecto desta festiva, e presente acção, celebrarem os Familiares do Santo Officio ao glorioso S. Pedro Martyr, como a Protector, e primeiro Inquisidor Geral deste Santo Tribunal, neste Templo do glorioso S. Pedro Gõçalves com a assistencia de Christo Sacramentado. Este he o empenho todo, que nos traz aqui hoje; e toda esta fabrica a deixou delineada aquelle Sabio Rey neste seu profundo, e discreto Emblema: *En lectulum Salomonis; sexaginta fortes ambiunt ex fortissimis Israel; omnes tenentes gladios propter timores nocturnos, & ad bella*

doctissimi. Ferculum fecit sibi Rex Salomon, columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum, media charitate constravit.

Fez Salomaõ, diz o cap. 3. dos Canticos deste Sabio Rey, hum leito, ou throno portatil, sustentava-se este em columnas de finissima prata; o reclinatorio, ou lugar, em se recoitava para descansar, era do ouro mais puro; os degraos, por onde subia a elle, eraõ da mais rica purpura; e estava todo elle cercado de sessenta Varoens fortes, e os mais fortes de todo o Reyno de Israel, cada hum cingido com a sua espada, para defender, e guardar aquelle leito das invazoens, e assaltos dos inimigos nocturnos.

Esta a empresa de Salo-

Salomaõ; e sem nenhuma violencia, antes com huma grande naturalidade, podemos dizer hoje, que este leito de Salomaõ, he o rectissimo Tribunal do Santo Officio, donde descança segura, e firme a Fé. Fundado com authoridade Pontificia, e poder Real; que por isso se diz, que tinha o reclinatorio de ouro, e a subida de purpura: *Reclinatorium aureum: ascensum purpureum*: Os fortes, ou fortissimos, que defendem este leito, em que descança firme, e segura a Fé, são os Inquisidores, e Familiares deste Santo Tribunal: armados todos, não só com huma, mas com duas espadas; com a espada da doutrina, e com a espada do rigor: com a espada da doutrina, para destruirem com ella

os erros dos Hereges, e com a espada do rigor, para castigar obstinados, e Apostatas da Fé: *Omnes tenentes gladios propter timores nocturnos; quos in nocte, id est, in tenebris infidelitatis, excitant Heretici. Accrescenta Alapide. As columnas de prata, que sustentão este leito, ou Tribunal Santo, são a doutrina solida, e razoes claras, com que os seus Ministros, como Doutos, sustentão em pé, e firme a Fé, e Ley de Christo: *Columnas ejus fecit argenteas, & ad bella doctissimi.**

Atéqui está decifrado em commum o Enigma, ou Empreza de Salomaõ, muito propria, e adequada para se segurar nelle qualquar Tribunal do Santo Officio; mas no que falta ainda por deci-

frar, acharemos, que quando Salomaõ debuxava este Emblema, estava sem duvida traçando, ou ideando nelle, naõ outra qualquer Junta de Ministros, e Familiares deste Santo Tribunal, senaõ esta, que aqui se faz, e congrega nesta Igreja do Glorioso S. Pedro Gonçalves. Para o que devemos saber, que este leito, ou ferculo de Salomaõ, era figura da Igreja Militante na Ley da Graça. Assim o tem S. Gregorio, Casiodoro, Beda, Theodoro, Filo, e outros com o Alapide: *Fere ad unum omnes per lectulum Salomonis accipiunt Ecclesiam.* E hoje particularmente representa esta Igreja em que estamos. Ora notem: diz o texto, que os meyoos deste Tabernaculo, ou Igreja, ornára Salomaõ cõ

a Imagem da Caridade: *Media charitate constravit.* E deixadas agora as varias opiniões, que ha sobre a fórma, ou figura, com que aqui debuxara Salomaõ, ou pintara a Caridade, a mais commua he, que estava alli a Caridade figurada em duas pedras preciosas, chamadas, huma Pyropo, e a outra Carbunculo, cujas propriedades saõ, se naõ arderem em levaredas, luzirem com resplandores como de fogo, assim no claro do dia, e muito mais no obscuro da noite: *Media charitate constravit. Medium ejus* (diz Santo Ambrosio) *calculis composuit, quales sunt Pyropi, & Carbunculi. Lapidibus ignitis charitatem representantibus;* conclue Alapide.

Ora vejaõ, que consonancia

sonancia taõ ajustada para o nosso caso! Hum Templo, ou Igreja cujos Altares, que saõ os seus meynos, se ornaõ, ou adornaõ com duas imagens da Caridade, e figuradas ambas em pedras, e em pedras preciosas, em hum Pyropo, e hum Carbunculo, cujas propriedades saõ abrazarem-se em luzes, e resplandecer em chammas, naõ só á luz do dia, muito mais nas trevas da noite, qual poderá ser este Templo, senaõ este do Corpo Santo, adornado com aquellas Imagens de dous Santos, e ambos Pedros, ou pedras, e todos abrazados em fogo do amor de Deos, e caridade dos proximos. S. Pedro Gonçalves verdadeira pedra Carbunculo, que para o allumiar, e guiar aos seus devotos naufragantes

sobre as agoas, todo se transforma em luzes, na obscuridade das mayores tormentas: e S. Pedro Martyr legitima pedra Pyropo, transmutada toda em fogo, ou para dar luzes aos que erraõ nas trevas da Infidelidade, ou para abrazar em pyra de chammas, aos que naõ querem ver as luzes da Fé.

Parece naõ póde estar mais ajustada a idéa de Salomaõ com o objecto da presente acção; e que esta acção, e aquella idéa, se ajustem tambem com a letra do Evangelho de hoje, naõ tem duvida; pois nada temos no Evangelho de hoje, que naõ seja hum perfeito debuxo deste Santo Tribunal neste dia. Porque se o empenho todo deste Santo Tribunal, e seus Ministros, he fazer, com que

que se conserve, e sustentente firme a Fé, assim como Christo a ensinou aos Apostolos, e os Apostolos aos mais fieis; este he tambem todo o empenho, com que Christo se propõem hoje no Evangelho em parabola de Vide, e aos Martyres como ramos desta Vide: *Ego sum vitis, vos palmites: Proponit hic Christus parabolam vitis, & palmitum; hoc scopo, ut Apostolos doceat manere in sua fide, nec ab ea discedere:* cõmenta Alapide. Este he todo o empenho de Christo no Evangelho, que conservemos a Fé, que nos ensinou, e nem este Santo Tribunal tem outro empenho mais, que este.

São os Ministros, Propagadores, ou sustentadores desta Fé, os Senhores Inquisi-

dores, e mais Familiares; e todos estes estão significados nos ramos que dão fructo, e estão unidos pela Fé á verdadeira vide Christo; sendo o principal ramo desta vide o glorioso S. Pedro Martyr, primeiro Inquisidor deste Santo Tribunal, e o que melhor, que todos, por estar mais unido pela Fé com a vide Christo, deo fructos mais abundantes: *Qui manserit in me (Per Fidem diz Alapide) hic fert fructum multum.*

Naõ faltaõ tambem no Evangelho Hereges, e faltos de Fé, nos ramos, ou sarmentos da vide, que naõ dão fructo: *Si quis in me non manserit (Per Fidem) mittetur foras, sicut palmes, & arefcet; sarmenta, que fructum non ferunt, sunt hæretici;* diz Theo-

Theofilato. Tambem para queimar estes Heres, e consumir Idolatras, naõ falta no Evangelho fogo: *In ignem mittet, & ardet;* castigo, que costuma dar este Santo Tribunal, aos que saõ absolutamente negativos, ou contumazes. Finalmente, se Christo no Sacramento he o que preside hoje a esta Junta; tambem a presença deste Senhor nos naõ falta, nem no Evangelho, nem na Empreza. No Evangelho Sacramentado na vide: *Ego sum vitis, Christus in Eucharistia vitis;* e na Empreza exposto, como em throno, ou custodia, que tudo isto significava tambẽ o Ferculo, ou leito de Salomaõ: *Ferculum Eucharistia.*

Só nos falta agora, tirar de toda esta fabrica hum assumpto

ajustado tambem com toda ella. He sem duvida, que este he o empenho mais arriscado em hum Sermaõ; mas tambem confesso, que foi este o Sermaõ, que menos me custou a tirar-lhe o assumpto; porque o mesmo foy encõmendarem-me este Sermaõ, que reparar eu para o nome de quem me fazia aquella honra, e ver que o seu ultimo cognome era o de *Guerra*, que dizer, e assentar logo commigo, *Guerra*, ha de ser o assumpto do Sermaõ de S. Pedro Martyr este anno. E isto, que logo alli pareceo impulso, naõ sey de que particular affecto, vim a conhecer depois, naõ podia vir melhor, por mais, que fosse muito considerado, porque além de ser toda a vida do nosso Santo, huma viva, e conti-

Ex ej.
vit.
Lend.

continuada guerra cõ-
tra Hereges : *Ab ipsa
pene infantia contra
hæreses pugnavit* ; e
toda a guerra se cos-
tuma fazer a sangue,
e fogo ; para o fogo a-
chamos bastante ma-
teria no Evangelho ,
nos Hereges , q̃ como
ramos seccos , se man-
daõ queimar ao fogo :
*In ignem mittet , &
ardet* : e para o sangue,
nos sobravaõ espadas,
nos Ministros deste
Santo Tribunal ; ou
porque a Espada he a
principal insignia des-
te Tribunal Santo, co-
mo todos sabem, e dos
seus Ministros como
os vio Salomaõ : *Om-
nes tenentes gladios ;
& ad bella doctissimi* ;
ou porque a Prêgação,
e palavra de Deos, por
onde devem começar
esta guerra, tambem se
chama Espada , como
diz Alapide : *Porro
fax , seu culter , quo*

*Deus palmites , seu fi-
deles purgat , est sermo
Dei* : e S. Paulo diz :
*Vivus est sermo Dei ,
& efficax , & penetra-
bilior omni gladio an-
cipite*. E porque toda
a guerra tem por re-
mate a coroa para
quem vence ; suppos-
to que S. Pedro Mar-
tyr he o que ha de
vencer esta guerra , ha
de ter paciencia o nos-
so Santo , que a coroa
desta guerra hoje con-
tra Hereges, naõ ha de
fer para S. Pedro Mar-
tyr , para Christo he
que ha de fer esta co-
roa : mas isto mesmo
será para mayor gloria
de S. Pedro Martyr ;
tudo mostrará o dif-
curso , que será hoje
ainda mais breve do
que eu costumo ; por-
que assim me rogou,
quem me podia man-
dar. Tudo poderemos
conseguir , se nos assis-
tir para tudo o auxilio
da

da Divina graça. *Ave Maria.*

A Guerra, que contra os inimigos da Fé tomou por empresa S. Pedro Martyr, e a coroa, que não para si, mas para Christo, conseguiu em muitas batalhas, que teve com Hereges, he todo o empenho do meu discurso nesta hora, e para irmos logo admirando o seu catholico esforço, vamos fazendo huma abbreviada lista dos seus mais notaveis encontros. Nasceo S. Pedro Martyr, e o que logo aqui admira he, que creando Deos a este Santo para pelejar, e fazer huma continua guerra a Hereges, permitisse este Senhor, que não só nascesse de pays Hereges, mas que huma mulher Herege fosse a ama, que lhe

desse o primeiro leite, e o criasse a seus peitos. Ora vejaõ lá em que apertado combate, e em que batalha taõ perigosa se acha S. Pedro Martyr; e logo, que entra no mundo! Não sabia Deos muito bem, que no leite, que bebem os meninos, e ainda sendo o primeiro, bebem tambem as inclinações, ou paixões de quem lhes dá o leite? He sem duvida que sim. Pois se isto he assim, como arrisca Deos que S. Pedro Martyr beba no leite a inclinação á Herezia, se o criava para o estrago de Hereges?

Porque Deos criava a Moyfés para flagello dos Egypcios, e para travar com elles huma porfiada guerra, não consentio Deos criasse a Moyfés alguma mulher, que fosse Egypcia, para que no

Gg leite

leite della não bebesse Moysés a inclinação, e amor aos Egypcios. Pois, se Deos queria a S. Pedro Martyr para ruina dos Hereges, para que consente que beba menino o sangue da Herege, podendo-lhe beber com elle o amor, e inclinação? Mette Deos a S. Pedro logo que nasce em huma batalha, que, por perigosa, não quiz que nascido entrasse logo nella Moysés? Qual será a razão desta differença? A razão póde ser; porque, como S. Pedro Martyr na guerra contra Hereges, havia ser como nenhum, bem podia fiar delle, o que não quiz Deos fiar, nem ainda do proprio Moysés. Melhor o direi ainda.

Naõ consente Deos que beba Moysés o leite da Egypcia, e

consente que S. Pedro Martyr beba o leite da Herege; porque conheceo acharia em S. Pedro Martyr, o que talvez não acharia em Moysés. Moysés poderia ser que com o leite bebesse juntamente a inclinação, e amor aos Egypcios; S. Pedro Martyr estava Deos certo, que ainda que bebesse o leite da Herege, não lhe havia beber a inclinação, e amor; antes pelo contrario havia beber, como bebo naquelle leite, o odio, e aborrecimento. Soube S. Pedro Martyr ja naquella idade separar naquelle leite duas formalidades, que talvez não saberia distinguir o menino Moysés. Eu me explico. O leite, que bebem os meninos, origina-se do sangue das mãys, que lhes daõ o leite: e como

como S. Pedro Martyr havia ser o mayor inimigo , que haviaõ ter os Hereges, partio no leite, que bebo dos Hereges , estas duas formalidades : partio a formalidade de leite, e a formalidade de fangue, e como partio estas duas formalidades, não bebo aquelle leite , como leite, bebo o leite como fangue; e para que? ou porque? Porque, se em beber o fangue aos inimigos se mostra o mayor odio , que se lhes póde ter; bebo S. Pedro Martyr o fangue aos Hereges quando bebo o leite da Manichea, e como bebo o leite como fangue, e não como leite, não lhe bebo o amor, e a inclinaçãõ, bebo-lhe o odio , e aborrecimento.

Isto fez S. Pedro Martyr, e por isso não

importava , antes convinha , que o primeiro leite , que bebesse, fosse aos peitos da Herege ; porque conhecia Deos que lhe não havia beber o leite como leite, mas sim o leite como fangue ; não o amor senão o odio : e isto não o faria Moyses; e por isso não convinha que bebesse o leite da Egypcia. Os peitos da Egypcia forãõ a primeira çarça, a q̃ Deos não consentio chegasse Moyses: *Ne appropries huc* ; porq̃ não bebendo o leite como fangue, mas como leite , o não picasse depois o amor dos Egypcios : mas se Moyses não saberia beber o odio na fonte do amor dos Egypcios; na fonte do amor dos Hereges soube S. Pedro Martyr beber-lhe o odio quando no leite lhe bebo o fan-

gue. Atéqui não chegou Moysés: *Ne appropries huc*; porque só S. Pedro Martyr havia chegar atéqui: *Hic fert fructum multum.*

Este o primeiro encontro de S. Pedro Martyr; vamos ao segundo, que não será menos glorioso que este: porque se no primeiro soube separar o que era sangue, do que era leite, só pelo gosto, que lhe tomou aos peitos da Herege; agora, que já sabe articular vozes, veremos distinguir com palavras, e mostrar com obras, o que he espirito, e o que he sangue. Por natureza nasceo S. Pedro Martyr de pays Hereges; huma mulher Herege o criou aos peitos; mas nem a inclinação do leite da ama, nem a força da natureza dos pays bastarão a mu-

dar-lhe a natureza. Vinha hum dia o menino da escola, e perguntando-lhe hum tio seu, grande Herege dos Manicheos, o que nella tinha aprendido, respondeo-lhe, que o Credo, e Artigos da Fé: e por mais que o tio o quiz persuadir com argumentos de razoens, e ainda com ameaças de castigo, que não desse Fé, nem creesse no Credo, e seus Artigos; o menino não só ficou mais firme no que cria, e tinha aprendido, senão que com razoens claras, e evidentes deixou ao tio, se não convencido, ao menos certo, de que aquelle menino pelo tempo adiante havia ser o principio da sua ruina, e hum grande contrario á sua feita. E que razão teria este Herege para formar de hum menino tão peque-

pequeno hum tal conceito, e taõ grande?

Foi a razãõ; porque conheceo que hum menino, que, contra toda a força da natureza, sabia distinguir o que era espirito, e o que era fangue; saberia deixar a Herezia, para onde o levava o fangue pela força da natureza, e saberia abraçar a Fé, para onde o guiava a vehemencia do Espirito: este menino discorria o Herege, ha de ser o principio da nossa perseguiçãõ, e a total causa da nossa ruina, porque isto he o que este menino ha de aprender nesta escola.

Na escola da natureza disse Galeno que a parte principal na composiçãõ do homem era o cerebro; porêm Aristoteles com a mayor parte dos Filozofos afirma, que o

principio na composiçãõ do homem he o coraçãõ: *Cor est principium vitæ.* E pois o coraçãõ he o que ha de ter o primeiro lugar na composiçãõ do homem? Se nós examinarmos ao coraçãõ do homem, acharemos que mais se inclina para o lado esquerdo, do que para o lado direito; porque deixando de todo o lado direito, lá está continuamente a bater para o lado esquerdo. E porque mais se ha de inclinar o coraçãõ para o lado esquerdo, do que para o lado direito? A razãõ a deo o mesmo Aristoteles; e vem a ser: porque no lado direito, diz elle, reside a mayor parte do fangue, e no lado esquerdo a mayor porçãõ do espirito: *Cor habet duos ventres, dextrum scilicet, & sinistrum:*

nistrum: dextrum plus habet de sanguine, sinistrũ autem de spiritu. E hum coração, que deixando a parte do fangue, se inclina todo para a parte do espirito, claro está que na composição do homẽ ha de ser este coração o seu principio: *Cor est principium vite.*

Isto, que na escola da natureza faz o coração na composição do homem, fez S. Pedro Martyr, para se compor a si, e aos hereges, quando ainda menino de escola. O compor-se o homem não he outra cousa mais, que ajustar-se à recta razão, e dictames da Ley de Deos; e quem desta composição quer ser o principio, ha de deixar a parte do fangue, e seguir a parte do espirito. Esta para todos he a mayor batalha, que

tem neste mundo hum homem para acertar a vencer ao mesmo mundo; e tão difficul-tosa, que poucos a chegaõ a vencer, porque contra o espirito prevalece commumente o fangue. E se isto he difficuloso a qualquer creatura posta no mundo entre vicios, e virtudes; que difficulosa não seria para S. Pedro Martyr, e ainda menino, vencer esta batalha posto entre a Fé, e a herezia; entre o fangue e o espirito: o espirito, que o guiava para a Fé; e o fangue, que o levava para a herezia! E ver-se S. Pedro Martyr, quando menino, mettido entre o fangue, e o espirito, entre a Fé, e a herezia, e deixar a heregia, e abraçar a Fé; isto foi mostrar S. Pedro Martyr áquelle seu tio herege, que
assim

assim como menino sabia distinguir o que era espirito, e o que era sangue: que saberia deixar o sangue, que por força da natureza o inclinava para a herezia; e seguir o espirito, que por superior impulso o guiava para a Fé: assim tambem para convencer, e converter hereges à Fé, e destruir herezias, havia ser o principal instrumento, e o principio todo da sua ruina. Assim o entendeu o tio herege, quando vio que, deixando o sangue, que tinha por força da natureza inclinado para a herezia, seguia a Fé, no espirito, que o guiava por outra mayor força; e assim aconteceu.

Porque continuando com a guerra contra hereges, vencendo a outros muitos, quando já homem; e a mui-

tos mais no estado de Religioso, o Papa Innocencio IV. o nomeou Inquisidor Apostolico em todo o Reyno de Milaõ, e Estados da Lombardia na Italia. Com hereges, e Hebreos sahia todos os dias a publicas contendas, e desafios, e depois de lhes fazer guerra espiritual com a espada da Doutrina, foi tal a guerra temporal, que lhes fez, que aquelles hereges, a quem o fogo da contriçaõ, e arrependimêto não defez em prantos, o fogo material desfez em cinzas.

Mas o que nesta guerra nos deve admirar mais he, que a não temesse nunca S. Pedro Martyr sendo ella tanto para temer, q̃ até ao mesmo Christo parece metteo medo. No Horto disse
S.

S. Mattheus que Christo começára a temer, e a tremer: *Cæpit pavere, & tædere*. Notavel medo por certo, e por ser em tal pelloa mais notavel! E de que teria Christo medo no Horto? Acafo da morte, que sabia o estava já desafiando? Parece que não; porque a morte, elle a quiz muito por seu gosto; e o que se busca por gosto, não mette medo: *Oblatus est, quia ipse voluit*. Pois se Christo no Horto não temeo a morte, que he o que temeo no Horto? Santo Agostinho diz, que o que Christo temeo no Horto, foi aquelle encontro, que estava para ter com Judas, o qual por instantes o estava accõmettendo já: *Ecce appropinquat, qui me tradet*. E com razão podia Christo

temer este encontro. Ora vejaõ: Judas foi o primeiro Herege, que houve na Igreja de Christo, e o primeiro Apostata, que appareceo na Ley do Evangelho; estava Christo para entrar em batalha com este Herege, e reconhecendo a difficuldade grande de vencer, ou convencer a hum Herege, a duvida da sua conversão o fez temer, e tremer, ainda antes de entrar nesta batalha: *Cæpit pavere, & tædere: Ecce appropinquat*. Ainda não dillemos tudo.

Tanto temeo Christo este encontro com Hereges, tanto receou esta batalha, que chegou a pedir ao Padre Eterno que o livrasse de entrar nella se fosse possivel: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste*. Digo que pedia

pedia Christo ao Padre que o livrasse de entrar em batalhas cõ Hereges, quando lhe pedia que o livrasse de se ver entre mãos com este Caliz do Horto; porque neste Caliz, diz Alap. com muitos Santos Padres, estava incluída aquella batalha, que Christo esperava ter com os Judeos, que no seu modo todos eraõ Hereges como Judas: *Horret Christus calicem, non quia sui sanguinis est, sed quia à manibus Judeorum.* Era batalha com Hereges, e metteo medo ao mesmo Christo; e por isso pedia ao Pay que o livrasse de semelhante encontro: *Trãseat à me Calix iste.*

Ainda se embebe mais alma neste Caliz. Duas cousas são necessarias para se accommetter, e sustentar hũa

batalha: animo, e forças, corpo, e espirito; animo varonil, e corpo forte. Mas isto, que nunca faltou em S. Pedro Martyr, porque nunca negou o corpo ao peito desta guerra contra Hereges, e nem lhe faltou o espirito para continuar nella com o mesmo fervor, e zelo; alguma cousa d'isto parece faltou a Christo, quando considerou ver-se mettido neste empenho: não lhe faltou a fortaleza do Espirito; porque era divino: *Spiritus quidem promptus est;* mas disse que lhe faltavaõ as forças do corpo: *Caro autem infirma:* e por isso pertendeo desviar este encontro: *Trãseat à me Calix iste.*

Assim parece pedia Christo a seu Eterno Padre o livrasse de entrar em batalha, por-

Hh que

S. Mattheus que Christo começára a temer, e a tremer: *Cæpit pavere, & tædere*. Notavel medo por certo, e por ser em tal pessoa mais notavel! E de que teria Christo medo no Horto? Acaço da morte, que sabia o estava já defafiando? Parece que não; porque a morte; elle a quiz muito por seu gosto; e o que se busca por gosto, não mette medo: *Oblatus est, quia ipse voluit*. Pois se Christo no Horto não temeo a morte, que he o que temeo no Horto? Santo Agostinho diz, que o que Christo temeo no Horto, foi aquelle encontro, que estava para ter com Judas, o qual por instantes o estava accõmettendo já: *Ecce appropinquat, qui me tradet*. E com razão podia Christo

temer este encontro. Ora vejaõ: Judas foi o primeiro Herege, que houve na Igreja de Christo, e o primeiro Apostata, que appareceo na Ley do Evangelho; estava Christo para entrar em batalha com este Herege, e reconhecendo a difficuldade grande de vencer, ou convencer a hum Herege, a duvida da sua conversão o fez temer, e tremer, ainda antes de entrar nesta batalha: *Cæpit pavere, & tædere: Ecce appropinquat*. Ainda não dissemos tudo.

Tanto temeo Christo este encontro com Hereges, tanto receou esta batalha, que chegou a pedir ao Padre Eterno que o livrasse de entrar nella se fosse possivel: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste*. Digo que
pedia

pedia Christo ao Padre que o livrasse de entrar em batalhas cõ Hereges, quando lhe pedia que o livrasse de se ver entre mãos com este Caliz do Horto; porque neste Caliz, diz Alap. com muitos Santos Padres, estava incluída aquella batalha, que Christo esperava ter com os Judeos, que no seu modo todos eraõ Hereges como Judas: *Horret Christus calicem, non quia sui sanguinis est, sed quia à manibus Judæorum.* Era batalha com Hereges, e metteo medo ao mesmo Christo; e por isso pedia ao Pay que o livrasse de semelhante encontro: *Trãseat à me Calix iste.*

Ainda se embebe mais alma neste Caliz. Duas cousas são necessarias para se accometter, e sustentar hũa

batalha: animo, e forças, corpo, e espirito; animo varonil, e corpo forte. Mas isto, que nunca faltou em S. Pedro Martyr, porque nunca negou o corpo ao peito desta guerra contra Hereges, e nem lhe faltou o espirito para continuar nella com o mesmo fervor, e zelo; alguma cousa d'isto parece faltou a Christo, quando considerou ver-se mettido neste empenho: não lhe faltou a fortaleza do Espirito; porque era divino: *Spiritus quidem promptus est;* mas disse que lhe faltavaõ as forças do corpo: *Caro autem infirma:* e por isso pertendeo desviar este encontro: *Trãseat à me Calix iste.*

Assim parece pedia Christo a seu Eterno Padre o livrasse de entrar em batalha, por-

Hh que

que lhe faltavaõ ao que parece as forças do corpo para huma guerra taõ pezada : mas assim havia de ser, porque Christo neste particular quiz seguir hũa maxima mui diferente da que quiz seguir S. Pedro Martyr. S. Pedro Martyr, desde que nasceo até a morte, andou sempre a desafiar Hereges, a contender, e a pelear com elles : isto foi maxima de S. Pedro Martyr; mas a de Christo não foy assim : não foi buscar, nem pelear com Hereges, foi desviar-se, e fugir delles, e isto desde menino; porque desde menino começou a fugir dos Herodes da sua vida, e dos Hereges da sua ley : *Accipe puerum, & fuge in Ægyptum.* Assim andou Christo a fugir sempre desta guerra com

Hereges; e assim até a morte quiz fugir: *Trãseat à me calix iste. Non quia sui sanguinis est, sed quia à manibus Judæorum.*

E parece tinha Christo muita razaõ, em fugir destes encontros com Hereges; porque em hum, de que não pode fugir, tambem o não pode vencer, valendo-se para isso daquellas mesmas armas, de que se valeo depois S. Pedro Martyr em outro semelhante. Vamos ao de S. Pedro Martyr, e logo iremos ao de Christo. Tinha S. Pedro Martyr hum grande amigo seu, e novamente convertido á Fé pelo mesmo Santo. Havia no lugar outro Herege grande, e famoso Nigromantico; quiz este feiticeiro perverter ao novamente convertido, e fez
com

com que o demonio transformado em Anjo de luz tomasse a Imagem, ou figura de Maria Santissima. Assim o fez o demonio; e apparecendo assim áquelle novo convertido em presença de hũ grande concurso de gente, lhe dizia pela boca daquella fingida Imagem, que de nenhum modo seguisse aquella Fé, que de novo abraçava, porque certamente se perdia nella.

Teve S. Pedro Martyr noticia deste caso, e, ao mesmo tempo, que acontecia esta tragedia, appareceo alli repentinamente, e tirando de hum Relicario, em que trazia o Corpo de Christo Sacramentado, e expondo-o à vista de todo aquelle povo, mandou ao demonio imperiosamente, que se elle

era a verdadeira Mãe de Deos, adorasse a seu Filho, que assistia com presença real naquella Hostia; mas se era demonio, como elle sabia que era, que deixasse aquella Imagem, e apparecesse áquelle povo na sua propria figura. Desappareceo a figura, e deixou-se ver o demonio, como he, com notavel terror, e espanto de todos, ficando o povo atemorizado, os Hereses confusos, e o Catholico, e amigo do nosso Santo, mais amigo, e mais Catholico. Este o passo de S. Pedro Martyr, vamos ao de Christo.

De hum amigo de Christo, que foi Judas: *Amice ad quid venisti?* tomou posse o demonio no Cenaculo de Jerusalem: *Cũ diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum*

Judas: Para lançar o demonio do coração deste amigo, que sendo Catholico se tinha tornado Herege, entrou Christo com elle em batalha. E que armas tomaria o Senhor nesta occasião? As mesmas, que S. Pedro Martyr. Sacramentou-se Christo, e tomando em suas Santas mãos o seu Santissimo Corpo: *Acceptit panem in sanctas, ac venerabiles manus suas*; sahio ao encontro a Judas, e ao Demonio: *Surgite eamus*: mas com tão pouco effeito nesta batalha, que nem o demonio fugio, e nem Judas ficou mais amigo, nem mais Catholico, antes mayor Herege, e mais demonio: *Maius peccatum habet*.

E pois como assim? S. Pedro Martyr com as mesmas armas, que

Christo tomou, vence ao Herege, e affugenta o demonio; Christo, com a sua propria pessoa sobre o poder das mesmas armas, não affugenta ao demonio, nem vence ao Herege. *Judas*: razão tinha logo este Senhor para que em toda a sua vida seguisse a maxima de fugir sempre a encontros de Hereges. Em S. Pedro Martyr, dispoz Deos que não fosse assim. E assim desde menino até a morte andou sempre a contender com Hereges, e com elles sempre em continua guerra, e nesta guerra, sem fugir nunca, venceo sempre. Venceo a guerra, que lhe fez o amor, e natureza, sabendo apartar nos peitos da ama o que era leite, e o que era sangue, e sabendo distinguir do que era sangue, o que era espiri-

pirito; e venceo outras muitas em sua vida, sempre com fortaleza de corpo, e valentia de espirito; até que na ultima, sem que lhe faltasse o espirito, rendeo o corpo. Rendeo o corpo ás espadas dos Hereges, que com muitos golpes lhe tiraraõ a vida; mas não rendeo o espirito, com que eícrevendo na terra com hum dedo, e o proprio sangue, aquellas altissimas palavras do simbolo da Fé: *Credo in Deum*: creyo em Deos, deixou gravados para eterna memoria os trofeos, a victoria, e a coroa, que, como fructo copioso desta empreza, colheo, como ramo mais unido pela Fé com a verdadeira Vide Christo: *Ego sum vitis: Qui manet in me, (Per fidem) hic fert fructum multum.*

Concluida assim esta guerra, e alcançada a coroa da victoria, ainda que á custa do proprio sangue, só nos resta ver agora como esta coroa, que o glorioso S. Pedro Martyr alcançou, foy para Christo, e não para si. E aqui se offerece logo huma grande difficuldade, e he: porque, conforme acho no que tenho lido, a Imagem de S. Pedro Martyr costuma pintar-se com huma palma verde na mão, e tres coroas enlaçadas na mesma palma, como suas, e como triunfo das suas victorias. Pois se S. Pedro Martyr se acha coroadado com tres coroas, como digo eu que a coroa, que S. Pedro Martyr alcançou nesta guerra, foy para Christo, e não para S. Pedro Martyr? Ora digo bem, e se não, vejaõ.

S. Pe-

S. Pedro Martyr foi Santo como os mais, e foy Santo como nenhum. Foy Santo como os mais ; porque foy hum Santo Martyr, foy hum Santo Doutor, e foy hum Santo Virgem : e foy Santo como nenhum; porque foy hum Santo Inquisidor, e o primeiro Inquisidor, que houve Santo. Em quanto Santo como os mais, as coroas, que alcançou, alcançou-as para si, e por isso as tem enlaçadas na sua palma; húa coroa como Martyr, outra como Doutor, e a outra como Virgem. Mas em quanto Santo Inquisidor, mereceo outra coroa: he verdade, que esta a não mereceo para si, para Christo he que a mereceo. E porque? Porque as coroas devem conresponder ao objecto, sobre que se

peleja, ou contende : *Tulisti certamina, tulisti coronas.* Batalha hum Virgem pela castidade contra os vicios oppostos, e como leva por objecto a si mesmo, que he o ser puro, e casto; a coroa, que alcança nesta batalha, he para si mesmo, que foy o objecto da sua peleja; a assim das mais virtudes, e nos mais Santos: nos Santos Inquisidores não he assim. Como o objecto sobre que pelejaõ he Deos, para Deos, que he o objecto da Fé, por quem pelejaõ os Inquisidores, he a coroa das suas victorias.

Assim S. Paulo falando com os Propagadores da Fé pelo Evangelho. Todos nós pelejamos pela Fé, todos andamos em húa continua batalha: *Omnes quidem currimus;*

porém a coroa das nossas victorias nesta guerra não he para nós, hum só, que he Deos, he o que leva a coroa: *Sed unus accipit bravium*. Isto em commum he para todos os Inquisidores, porque de todos em cõmum he Deos o objecto da sua Fé. Mas como o objecto da Fé de S. Pedro Martyr, depois de Deos, foy determinadamẽte Christo, e em Mysterios particulares da sua vida como o da Eucharistia, e outros; para Christo, que foy o objecto da Fé de S. Pedro Martyr, e da sua guerra contra Hereges, he que foy a coroa das suas victorias. Outra vez aqui S. Paulo, como taõ exercitado nestas batalhas: *Vos estis gaudium, & corona mea*. Vós, dizia S. Paulo em pessoa de Chris-

to, fallando com os Propagadores da sua Fé, vós sois toda a minha gloria, e em vós tenho a minha coroa, e particularmẽte, porque como Inquisidores pelejastes pela minha Fé: *Vos estis gaudium, & corona mea: Per fidem*. E como as batalhas de S. Pedro Martyr, contra Hereges, foraõ sobre particulares Mysterios pertencentes a Christo; para Christo, que foy o objecto da Fé de S. Pedro Martyr, foy a coroa dos seus triunfos: *Vos estis gaudium, & corona mea: In fide*.

Mas, nem porque a coroa das victorias de S. Pedro Martyr foy para Christo, teve S. Pedro Martyr nisto menos gloria, antes por isso mesmo ficou o nosso Santo mais glorioso. Porque se as acçoens virtuosas dos

San-

Santos redundaõ em gloria de Deos, e tanto he mayor a gloria, que Deos recebe nos seus Santos, quanto ficaõ elles tambem mais gloriosos; como a gloria, que Christo recebeo nesta coroa, que lhe poz S. Pedro Martyr, foy a mayor que podia ser; ficou tambem S. Pedro Martyr o mais glorioso que ser podia.

Que aquella coroa fosse de gloria, isso diz o ser ella coroa de gozto, e gozo: *Gaudium, & corona*; e o gozo em Deos já se sabe que he a sua mesma gloria: e que fosse a mayor, que podia ser, isso significa o dizer o Apostolo, quando vio a Christo assim coroado, e glorioso, por S. Pedro Martyr, como Inquisidor, que parasse alli: *Vos estis gaudium, & corona*

mea: Sic state: assim estai, ou parai aqui; como que era taõ grande aquella gloria, que naõ havia mais para onde subir: *Sic state*; e aqui ficará tambem o nosso discurso, porque assim ficou Christo com hũa coroa de gloria, que parece naõ podia ser mayor; e assim ficou S. Pedro Martyr, quando poz a Christo esta coroa, o mas glorioso que podia ser. E assim ficaráõ tambem muito gloriosos todos os Ministros, e Familiares deste Santo Tribunal; porque todos pertendem pôr em Christo a mesma coroa, pois todos pelejaõ pela sua Fé. Christo ficará com huma gloria muito grande por coroa: e os seus Familiares, com huma coroa de grande gloria. *Ad quam, &c.*

FRONTE IX.

NASCE DO v. LVII. CAP. 6. JOAN.

In me manet.

E com as suas mysticas agoas entra a unir-se
com as desta primeira corrente em hum
discurso panegyrico

DO GLORIOSO PORTUGUEZ

S.^{TO} ANTONIO,

No seu Convento da Villa do Recife de Per-
nambuco, em dia do Corpo de Deos no
anno de 1743.

J. M. J.



UM corpo
por força de
palavras sem
alma ; huma
alma a violencias da
morte sem corpo, he
o que veneramos na
festa, e adoramos no
dia. O dia he do Cor-
po de Deos, a quem
reverentemente ado-
ramos hoje ; a festa he

do Glorioso Portu-
guez Santo Antonio,
que hoje rendidamen-
te veneramos: e já sup-
ponho entendem, que
Santo Antonio he a Al-
ma, que eu dizia está
hoje sem corpo, a vio-
lencias da morte ; e
que aquella Hostia Sa-
cro-santa he o Corpo,
que eu affirmava está

li sem

fem Alma , por força de palavras.

Por força das palavras, que na consagração diz o Sacerdote: *Hoc est corpus meum*, sabem os Theologos, não está Christo naquella Sagrada Hostia formalmente, em quanto Deos, senão só em quanto homem expressamente ; antes, *ex vi verborum* , só está Christo alli em quanto corpo de homem : porque por força daquellas palavras se faz alli huma mystica separação daquelle corpo para huma parte, e para a outra parte de tudo o mais, que não he corpo; e por isso, como eu dizia, hū corpo sem alma por força de palavras.

E se não, digaõ-me: quaes são as operações de hum corpo sem alma? Nenhumas ; porque ainda que tenha

olhos não vê ; ainda q̄ tenha ouvidos não ouve ; ainda que tenha bocca não falla ; e ainda que tenha os sentidos todos, nada sente ; he finalmente corpo, o corpo sem alma, mas não tem operação alguma. E não he isto mesmo, o que adora a nossa Fé naquelle Corpo Sacramentado ? ainda que Corpo de Christo, nem ouve, nem vê, nem falla, e nem sente ; e, ou por falta de sentidos, e ou por força de palavras hum corpo sem alma: e esta talvez he a razão ; porque a este dia de hoje chama a Igreja, Dia do Corpo de Deos, ou de Christo : *In festo Corporis Christi*, dando o primeiro lugar ao Corpo ; e vulgarmente fallando, se chamaõ as funções de hoje, funções sómente de
Corpo;

Corpo; porque se diz: Festa de Corpus, Procição de Corpus, Dia de Corpus: e isto he o que adoramos no dia. Vamos agora á festa.

Na festa, pelo contrario, temos huma alma sem corpo; porque o que festejamos he o Glorioso Padre Santo Antonio, e deste Santo glorioso só nos manda a Igreja, veneremos hoje por Santa a sua Alma; que o seu corpo, ainda está na terra, e em terra desfeito, até aquelle ultimo dia, em que tornando a ser corpo se ha de unir outra vez á sua alma, para entrar a participar com ella daquelles dotes gloriosos, que se devem aos corpos dos bema-venturados, e Santos.

E se a Alma de Antonio está hoje sem corpo, e se o Corpo daquelle Sacramento

está hoje sem Alma, nos sentidos em que himos fallando, já me parece se está entendendo, que todo o meu empenho hoje ha de ser fazer destas duas partes hum admiravel composto, e unindo áquelle corpo esta alma, dizer que he Santo Antonio hoje a Alma deste Corpo de Deos: admiravelmente dito; outrem accrescêtará com muita novidade. Mas, eu, pondo a novidade só no dito, accrescento, que nelle tenho hum grande fundamento para discorrer hũ pouco em abono de Santo Antonio, e occurrencia do Corpo de Deos.

O discurso delempe-
nhará o dito: e quando
naõ possa ser de
outra fórte, ao menos
por concomitancia,
porque lhe naõ falte
até nisto a proprieda-

de de Sacramento, mostrará o como póde ser Santo Antonio hoje a Alma do Corpo de Deos, fundado todo nas palavras do Thema; pois ellas só sem mais exposição alguma estão approvando este meu dito: porque ao pé da letra estão dizendo, que naquelle Corpo entra hoje a Alma de Antonio; ou que Santo Antonio entra a ser hoje a Alma daquelle Corpo, pois nelle fica hoje: *In me manet*. Para desempenho do dito, recorramos áquella Senhora pelo soccorro da Divina graça.

AVE MARIA.

A Demonstração mais evidente de que hum corpo está com alma, são os movimentos do mesmo corpo. E como conheceremos agora pelos mo-

vimêtos daquelle Corpo Sacramentado, que a Alma, que o anima hoje, he a Alma de Antonio? Poderemos conhecer isto, se virmos que as operaçoens da Alma de Antonio se cõformão com os movimentos daquelle Corpo. Tudo havemos ver; com differença sómente, que se no corpo, naturalmente informado com alma, he a alma, a que alenta, e dispõem os movimentos do corpo; aqui, pelo contrario, como a informação he sobre o natural, foi o corpo, o que encaminhou, e dirigio as operaçoens da alma, seguindo a Alma de Antonio os movimentos daquelle Corpo Sacramentado.

Os primeiros, e mais notaveis movimentos daquelle Corpo Sacramentado foram,

raõ, faõ, e haõ de ser huma continua repetição do seu sacrificio, repetindo-se tãtas vezes o sacrificio, quantas se consagra o Corpo. Desde a primeira instituiçãõ daquelle Sacramento por Christo, que se está repetindo este sacrificio, e se ha de repetir até o fim do mundo; repete-se todos os dias, e em hum só dia muitas vezes: e como se tudo isto fora pouco, o mesmo Sacerdote, que huma só vez faz este Sacramento, duas repete o Sacrificio, huma na consagração do Corpo, outra na consagração do Sangue, em que por concomitancia repete, o que ja tinha feito na do Corpo. Estes foraõ, e saõ os movimentos daquelle Sacramentado Corpo, e naõ foraõ menos, que estes, as

operações da Alma de Antonio, para se mostrar assim sacramentada com aquelle Corpo.

Sacrificou-se a Alma de Antonio a primeira vez, quando de idade de cinco annos, com pouca differença, entrando na Sé de Lisboa para tomar com hum devoto Sacerdote as lições das primeiras letras, alli fez logo o seu primeiro voto de perpetua pureza, dispondo já naquella tenra idade servir sómente a Deos: *In eadem Ecclesia educandum pariter tradunt, & literis imbuendum.* Nesta mesma Igreja, de menino da escola passou Antonio para moço do Coro; da Sé de Lisboa passou para Santa Cruz de Coimbra, a ser Religioso de São Agostinho, e daqui para a Reli-

Religião Serafica, fazendo em cada huma destas mudanças hum novo, e repetido sacrificio da sua Alma; e álem de outros muitos sacrificios, que nella Religião fez, teve nella hum perpetuo, e continuado por toda a vida naquelle grande desejo de padecer martyrio; taõ repetido este sacrificio, que nelle ardia, e se abraçava sempre: *Fervet ad martyrium.*

Até o fim do mundo se ha de repetir o Sacrificio daquelle Sacramentado Corpo: por toda a vida repetio Antonio o sacrificio da sua Alma. E naõ he isto conformarem-se as operações da Alma de Antonio com os movimentos daquelle Corpo Sacramentado? Assim parece. E para que tanta conformidade entre

esta Alma, e aquelle Corpo? Já está dito. Para que entendessemos assim por esta conformidade o como está hoje Sacramentada com aquelle Corpo a Alma de Antonio; podendo-se dizer hoje he Antonio a Alma daquelle Corpo: e como a Alma que he daquelle Corpo, se póde dizer tambem hoje está feita a Alma de Antonio outra como especie de Sacramento. Parece muito; mais seja hoje tudo pelo q̄ parece. A Alma de Antonio, em quanto Alma daquelle Corpo, está feita hoje outro como Sacramento. E porque? Pela repetição do seu sacrificio; porque, donde ha repetição do sacrificio, por consequencia ha de haver Sacramento; e pelo contrario, naõ há Sacramento, donde

de o Sacrificio se não repete.

He opiniaõ cõmua, que aquelle Sacramentado Corpo não ha de durar mais que até o fim do mundo ; e assim se diz tambem, que no Ceo não ha de entrar o Corpo de Christo Sacramentado, nem ha de haver Sacramento da Eucharistia no Ceo. Estará no Ceo, como está o Corpo de Christo em quanto homem ; mas o Corpo de Christo em quanto Sacramento não está, nem estará no Ceo. E porque não ha de entrar no Ceo o Corpo de Christo Sacramentado ; e porque ha de durar o Sacramento do Corpo só até o fim do mundo ? A razãõ he ; porque, como até o fim do mundo se ha de repetir o Sacrificio do Corpo, até o fim do

mundo ha de durar o Corpo do Sacramento ; porque ahi se dá Sacramento, donde o sacrificio se repete. E como no Ceo se não ha de repetir o sacrificio do Corpo, porque no Ceo se não ha de consagrar o Corpo de Christo ; por isso o Corpo do Sacramento não ha de entrar no Ceo : porque não pôde haver Sacramento donde não ha repetiçaõ do sacrificio. É como a Alma de Antonio desde as primeiras luzes da razãõ conheceo estes movimentos no Corpo de Christo Sacramentado ; para se fazer outro como Sacramento, repetio tambem o seu sacrificio. Sacrificou-se em vida tantas vezes, para que por esta repetiçaõ parecesse hoje outro como Sacramento.

E se a Alma de Antonio

tonio está feita hoje outro como Sacramento, que Sacramento será? Será Sacramento como o do Corpo? Hoje não pode ser assim; porque este o estamos vendo alli naquelle Throno. Será Sacramento como o do Sangue? Digo que, se não, pelo menos assim o parece. E porque? Porque, assim como o Sacramento do Sangue serve de perfeição ao Sacramento do Corpo; assim a Alma de Antonio, quando entra a ser Alma daquelle Corpo, parece outro Sacramento do Sangue; porque, como outro Sacramento do Sangue, entra também a perfeição naquelle Corpo, o que lhe falta de Alma para Sacramento.

Que o Sacramento do Sangue sirva de perfeição ao Sacra-

mento do Corpo he evidente, na precização em que himos fallando; porque consagrado só o Corpo, na especie de pão, conforme ao que aqui se contém: *directe*, & *ex vi verborum*: como se não dá ainda inteira razão, e essencia do Sacramento da Eucharistia, não se dá ainda Sacramento perfeito: e assim nesta mesma precização, para a perfeição do Sacramento he necessario consagrar-se também o Sangue. E como entra aqui o Sangue a perfeição o Corpo para Sacramento? Sabem como? Como Alma, que entra a ser daquelle Corpo. Huma fysica natural nos ha de facilitar esta razão.

Perguntaõ Medicos, e Filósofos, em que parte do nosso corpo tenha a nossa alma o seu

feu assento? E resolve muita parte delles, que no sangue he que reside a alma, da qual participa elle os espiritos vitaes, que participa a todo o corpo. Logo bem se segue, que se a alma reside no sangue, por isso entra o Sacramento do Sangue a perfeiçoar o Sacramento do Corpo, porque entra como Alma daquelle Corpo, dando ao Corpo, o que lhe faltava de Alma para Sacramêto. E bem se segue tambem, que se a Alma de Antonio entra hoje a ser Alma daquelle Corpo, está por isso feita hoje outro como Sacramento do Sangue; e como Sacramento do Sangue, entra tambem a perfeiçoar naquelle Corpo, o que lhe faltava de Alma para Sacramento. Grande texto naquellas pa-

lavras de S. Paulo tantas vezes repetidas, e sempre difficultosas.

Adimpleo ea, quæ desunt passionũ Christi in carne mea. De todo, diz S. Paulo, acabo de encher, e aperfeiçoar em meu Corpo, o que faltou na Paixãõ de Christo. A difficultade está muito á vista. A Paixãõ de Christo foy obra de hum homem Deos, e assim não a podia perfeiçoar hum puro homem como S. Paulo; porque o homem não póde perfeiçoar, o que he sobre o mesmo homem. Logo havemos concluir, que S. Paulo não fallava aqui de si, senão que em si figurava outro, que com alguma cousa mais de homem pudesse perfeiçoar a Paixãõ de Christo. E que sujeito seria este? Em outro dia seria difficil conhecer

cê-lo, hoje he muito facil; porque podemos concordar, que este fujeito era a Alma de Antonio, quando Alma daquelle Corpo; e quando como Alma daquelle Corpo está feito outro como Sacramento do Sangue. E isto, por huma razão muito fundamental deduzida da raiz deste mesmo texto.

O texto de S. Paulo nomeadamente falla aqui em muitas Paixões: *Passionum Christi*; e muitas Paixões em Christo só se achão no seu Corpo Sacramentado. A Paixaõ do Corpo de Christo na Cruz foy huma só Paixaõ; porque huma só vez padeceo Christo na Cruz: no Corpo do Sacramento fim he que são muitas as Paixões de Christo; porque tantas vezes se representa a sua Paixaõ,

quantas o seu Corpo se Sacramenta. E se este texto, pela repetição das Paixões, se entēde á letra do Corpode Christo Sacramentado: *Passionum Christi in carne mea*, bem se segue, que dar perfeição ao Corpo de Christo Sacramentado, só o póde fazer hoje a Alma de Antonio, quando entra a ser Alma daquelle Corpo; e quando, como Alma daquelle Corpo, está feita outro como Sacramento do Sãgue, em que reside a Alma: *Adimpleo ea, quæ desunt Passionum Christi in carne mea*.

E se bem repararmos nas ultimas palavras deste mesmo texto: *In carne mea*, ainda se conhece melhor fallava S. Paulo aqui determinadamēte da Alma de Antonio, quando Alma daquelle Corpo; porque, se aquella per-

perfeição, que faltava ao Corpo do Sacramento, só a podia dar hum sujeito, que mais que S. Paulo tivesse alguma participaçãõ de Deos: este só podia ser hoje Santo Antonio, quando Alma daquelle Corpo; pois, como Alma daquelle Corpo, só póde dizer hoje, que aquelle Corpo he seu: *In carne mea*; e como seu, só a Alma de Antonio póde perfeiçoar nelle, como outro Sacramento do Sangue, o que lhe faltava de Alma para Sacramento: *Adimpleo ea, quæ desunt Passionum Christi in carne mea: In me manet.*

E qual ha de ser agora a razãõ de tudo isto? Qual ha de ser a razãõ, porque a Alma de Antonio, quando Sacramentada assim, ha de dar, ao que parece, esta perfeição, que

faltava ao Corpo do Sacramento? A razãõ he, porque toda a perfeição deste Sacramento consiste na repetição do sacrificio: e como a Alma de Antonio Sacramentando-se naquelle Corpo, como outro Sacramento do Sangue, repetia em seu modo o sacrificio, perfeiçoava em seu modo o Sacramento do Corpo.

Na precizaõ, que temos dito, consagração só o Corpo, ainda não está perfeito o Sacramento; consagra-se o Sangue, e ja o Sacramento está perfeito. E que mais teve esta segunda consagração, que a primeira, para aquella perfeição? Na realidade nada; porque por concomitancia, tanto se contém em huma, como em outra: na circumstancia muito; porque esta segun-

da foy huma repetição : *Simili modo* ; e tanto que houve repetição do sacrificio, logo o Sacramento se perfeiçoou. Agora ao nosso ponto : estava aquella Corpo Sacramentado como imperfeito; porque, por força de palavras , estava sem Alma : estava a Alma de Antonio pela repetição do seu sacrificio outro como Sacramento do Sangue , unio-se áquelle Corpo , e como isto em seu modo foi repetir-se o sacrificio , foi tambem em seu modo perfeiçoar-se o Sacramento; dando assim a Alma de Antonio, como outro Sacramento do Sangue , o que faltava ao Corpo de Alma para Sacramento : *Adimpleo, ea, quæ desunt Passionum Christi in carne mea: In me manet.*

Atéqui temos visto a conformidade das operaçoens da Alma de Antonio com os movimētos daquelle Corpo Sacramentado ; e se isto atéqui pareceo muito , ainda o que agora quero dizer parece mais. Taõ Sacramentada ficou com aquella Corpo a Alma de Antonio, e tanto ficou Alma daquelle Corpo , que não só seguiu a Alma de Antonio os movimentos daquelle Corpo, senaõ que até o mesmo Corpo seguiu as operações da Alma de Antonio.

Por tres vezes foy visto Santo Antonio em dous lugares ao mesmo tempo. Duas prégando em Italia , e ao mesmo tempo apparecendo em Lisboa, para livrar a seu pay em dous perigos grandes, em que se vio; e a
ter

terceira prégando em huma Igreja de Padua, e assistindo ao mesmo tempo a dizer huma lição, ou alleluia no Coro do Convento. Os Filósofos negão, que o mesmo corpo possa, nem ainda por milagre, assistir em dous lugares realmente; porque dizem, que em hum lugar ha de estar o corpo verdadeiro, e no outro lugar ha de ser corpo fantastico; aindaque, por milagre, dizem alguns que pôde ser.

Mas Santo Antonio, deixando esta Filosofia em seu vigor, e sem recorrer a milagre, podemos dizer hoje, esteve ao mesmo tempo em dous lugares, e em ambos com corpo verdadeiro. E como? Por hum modo muito admiravel, e nunca ouvido. Porque no lugar aonde prégava estava

com o seu proprio corpo, e no outro aonde apparecia, aindaque o corpo parecia de Antonio, era o Corpo do Sacramento, o que representava o corpo de Antonio. Para tudo isto nos dá fundamento huma authoridade do grande Dionysio.

Diz este Padre, falando daquelle Corpo Sacramentado, que era *Antypum, seu exemplar aliunde expressum*, que quer dizer, que aquelle Corpo Sacramentado he exemplar, e juntaméte imagem. O exemplar sabem os Filósofos he aquelle, pelo qual se faz outro como elle, e á sua imagem, e similhaça: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur*. E por isso as idéas Divinas são causas exemplares. Tambem sabe o Theologo,

logo, que esta voz: *Expressum*, Expressão, he o mesmo que imagem, ou representação; e assim o Verbo Divino he expressão do Entendimento do Pay, porque he imagem do mesmo Pay. E pois o Corpo do Sacramento ha de ser exemplar, e juntamente imagem? Imagem, que representa outro Corpo, e exemplar, por quem outro se encaminha? Sim; porque tudo foi, e pôde ser hoje.

Foi exemplar da Alma de Antonio; porque esta Alma governou as suas operações pelos movimentos daquelle Corpo: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur*: e foy imagem; porque aquella Corpo Sacramentado ja em outro tempo tinha representado o corpo de Antonio: *Aliunde expres-*

sum. Prégava Santo Antonio em hum lugar, e estava alli com o seu proprio corpo; apparecia ao mesmo tempo em outro lugar, e como apparecia? Parecia que era Antonio em corpo; mas era o Corpo de Sacramento, o que representava o corpo de Antonio, que estava em outro lugar: *Aliunde expressum*.

Reparem bem naquella: *Aliunde expressum*, que em todo rigor quer dizer huma imagem tirada toda por aquella, que está em outro lugar: *Aliunde expressum, ex alio loco*: em Italia pré-gava Santo Antonio, e estava alli com o seu proprio corpo; e cá estava em Lisboa o Corpo do Sacramento representando o corpo de Antonio, que estava ao mesmo tempo

tempo prégando em Italia: *Aliunde exprefsum, ex alio loco.*

Se este caso de Santo Antonio apparecer em dous lugares ao mesmo tempo, acontecer no dia de hoje, em que o Corpo do Sacramento poderia parecer corpo de Antonio, por ser hoje corpo da sua Alma, não nos podia causar isto muita novidade; mas succeder isto tantos annos antes, e ainda em vida de Santo Antonio, parece tem alguma repugnancia. Digo, que não póde isto causar duvida alguma; antes digo, que por isso mesmo, que aquelle Corpo Sacramentado havia parecer hoje corpo de Antonio, por ser corpo da sua Alma; por isso mesmo havia ja em vida de Antonio ter tomado tambem a figu-

ra, e imagem do corpo do nosso Santo. Porque estes são os extremos daquelle Paõ Sacramentado, que quando por morte de algum sujeito ha de ficar substituindo o seu corpo, e quando ha de ser alguma vez corpo de outrem, sempre se anticipa a tomar antes de tempo a fórma, e figura, ou imagem deste Corpo, e faz esta representação ainda em vida deste sujeito.

Tinha determinado Christo sacrificar-se no altar da Cruz pelos homens, e para deixar no mundo deste seu sacrificio huma representação, tinha decretado tambem transubstanciar em seu Corpo o Corpo daquelle Paõ Sacramentado. O sacrificio do Corpo de Christo na Cruz havia consumir-se em sexta feira da Paixão; e na
quinta

quinta feira antes, e ainda em vida do Senhor, se anticipou aquelle Paõ Sacramentado a fazer esta representaçãõ do Corpo de Christo na Cruz: *Qui, pridie quam pateretur, accepit panem: Hoc est corpus meum, hoc facite in meam commemorationem.*

Hoje havia ser o dia em que o Corpo do Sacramento havia parecer corpo de Antonio, por estar unido hoje com sua Alma: e como isto havia ser algum dia, e depois da morte do nosso Santo, ja lá naquelle tempo, e ainda em vida de Antonio, quiz aquelle Corpo Sacramentado tomar a figura, e imagem do corpo de Antonio. E por isso, prégando Antonio em hum lugar lá em Italia, podia estar cá em Lisboa o Corpo do Sa-

cramêto representãdo o corpo de Antonio, que lá estava em outro lugar: *Aliunde expressum, ex alio loco.* Para que ficassemos assim entendendo, que taõ Sacramentada ficou com aquelle Corpo a Alma de Antonio, que naõ só seguiu esta Alma os movimentos daquelle Corpo, como exemplar seu: *Exemplar, ad quod agens intendens operatur;* se naõ que até o mesmo Corpo Sacramentado ficou como imagem do corpo de Antonio, seguindo as operaçoens deste Santo: *Aliunde expressum, ex alio loco: In me manet.*

Eu naõ sey que simpatia teve Santo Antonio com isto de repetições, que as acçoens da sua vida communmente as fazia repetidas. Ja no sacrificio da sua Alma o vimos tantas

tas vezes repetido: e agora tambem repetido nas aparições do seu corpo repetido em dous lugares, e por muitas vezes repetido. Assim era bem que fosse. Havia ter Santo Antonio por idéa das suas acçoens os movimentos daquelle Corpo Sacramentado: e como as repetiçoens fizeraõ aquelle Sacramento a mayor obra da Omnipotencia de Deos pela perfeiçaõ, que lhe deraõ: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*; quiz Antonio, como taõ Sacramentado com aquelle Corpo, mostrar que as suas acçoens, por perfeitas, eraõ as mayores, e repetio-as tambem. Porque as obras, para serem grandes, haõ de ser repetidas.

He digno de reparo, que formando Deos ao Sol no quarto dia,

daquella mesma luz, que tinha creado no primeiro dia, diz o texto que aquella luz era sómente luz: *Fiat lux*, e no quarto dia accrescenta que fora luz mayor: *Luminare maius*: e que mais teve a luz neste quarto dia, do que no primeiro, para que naõ no primeiro, senaõ no quarto seja luz mayor: *Luminare maius*? Na substancia naõ teve nada de mais, porque a luz era a mesma; no modo houve muito: porque no quarto dia repetio Deos a mesma acçaõ de crear, que ja tinha feito no primeiro: *Quarto die renovata est lux*. No primeiro dia foy luz feita: *Facta est lux*; no quarto dia foy luz refeita, ou renovada: *Renovata est lux*; e tanto que a acçaõ foi repetida: *Renovata*, logo a obra fi-

cou a mayor: *Lumina-
re maius.*

Assim fez Deos ao Sol, o mayor astro do Ceo, quando lhe repetio a formaçaõ; e assim, como Sol das suas maravilhas, instituiu o Sacramẽto do seu Corpo: *Eucharistia Sol*, dando-lhe a mayoria pela repetiçaõ: *Factorum maximum*; e assim repetio Antonio as acções da sua vida, para que assim repetidas, ou Sacramentadas assim, as fizesse mayores; e para que conhecendo nós a conformidade do Corpo daquelle Sacramento com a Alma de Antonio, pudesse- mos dizer hoje era S. Antonio a Alma daquelle Corpo: *In me manet.*

Temos concluido com as palavras do thema do dia, agora para darmos alguma satisfacaõ ao thema da

feita: *Hic magnus vocabitur*, digo, brevemente, que se Antonio em quanto Alma daquelle Corpo concorreo no modo, que temos visto para a perfeiçaõ da sua grandeza, pede agora a correspondencia que aquelle Corpo Sacramentado concorra tã- bem para as mayorias de Antonio. Vamos ao ponto.

Sabido he o caso, em que Santo Antonio cõ aquelle Corpo Sacramentado em suas mãos, fazendo com que hum bruto faminto de muitos dias deixasse o sustento natural, e adorasse a Hostia consagrada, venceu a hum Herege, e nelle convenceo a muitos, que negavaõ a presença real de Christo no Sacramento de seu Corpo. E vencer aos que negaõ, e se oppõem ao Sa-

Sacramento do Corpo de Christo , com o mesmo Corpo do Sacramento ; isto he dar-se a conhecer, quem a fim vence , pelo mayor do Reyno do Ceo.

Por mayor no Reyno do Ceo está declarado o Archanjo S. Miguel , como Principe de toda a milicia celeste: *Michael unus de Principibus primis : Michael Princeps magnus*. E que motivo haveria, para que fosse S. Miguel no Ceo declarado pelo mayor: *Michael Princeps magnus*? Dizem cõmumente , que foy por aquella celebrada victoria , que conseguiu do demonio no Ceo. Mas eu accrescentára hoje, que naõ foi tanto pela victoria, que alcançou do demonio , quanto foi pelas armas, com que venceo, e pela occasiaõ daquelle contenda.

A contenda de S. Miguel no Ceo com o demonio foy sobre o Sacramento do Corpo de Christo ; e com este mesmo Corpo Sacramentado venceo S. Miguel ao demonio. Aindaque o dito pareça novidade, a demonstração o fará evidente. Ora notem : Que fosse o peccado de Lucifer soberba , naõ ha quem o duvide; e que esta soberba fosse motivada de huma grande inveja , graves Authores o defendem ; e que esta inveja fosse do homem em quanto ao beneficio da redempção, pelo mysterio da Incarnação , se diz tambem: mas hoje parece-me que isto só naõ podia causar ao demonio tanta inveja; porque o homem , aindaque, em quanto remido , ficava livre , sempre com tudo ficava inferior, e o

que he menos não pôde causar inveja ao que he mais : logo havemos dizer por força , que no homem, além de remido, houve alguma cousa mais , que causou ao demonio aquella inveja. He sem duvida que houve. E que cousa seria esta ? Sabem qual foy ? Foi aquella grande dadia , e aquella beneficio grande, que, depois de remido o homem , lhe fez Christo em lhe dar seu Corpo Sacramentado , e fazê-lo por virtude do Sacramento de seu Corpo hum como Deos ; porque assim he, que o homem ficava superior ao demonio. E aqui he que bateo toda a inveja do demonio. O discurso he evidente, e se não vejaõ.

Era aquella Corpo Sacramentado Paõ dos Anjos ; *Panem Ange-*

lorum: E que fez Christo? Deo-o aos homês: *Manducavit homo* : E ver o demonio que, sendo a propriedade sua *Angelorum* , havia fer dos homens o usufructo: *Mãducavit homo* ; aqui começou a inveja: vio depois que com aquella Paõ Sacramentado se haviaõ os homens tornar Anjos , como diz Santo Thomaz : *Datus est iste Panis hominibus, ut fiant Angeli* , e aqui foy crescendo a inveja. Vio finalmente, que com aquella Paõ se haviaõ os homens fazer huns como Deoses : *In me manet, & ego in illo* ; aqui se rematou a inveja, aqui defabafou em blasfemias , e não podendo soffrer que os homens ficassem como Deoses em algum tempo, quiz elle tomar para si primeiro esta similhança, pelo

pelo direito que presumia ter áquelle Paõ: *Similis ero Altissimo. Panem Angelorum. In me manet &c.*

Desorte que o peccado de Lucifer foy huma inveja soberba, querendo alcançar por si, o que os homens haviaõ conseguir por virtude do Sacramento do Corpo de Christo; vindo assim a ser o demonio o primeiro Herege do Corpo de Christo Sacramentado. E com que venceo S. Miguel a este primeiro Herege do Sacramento? Com o mesmo Sacramento. Ouçamos a Santo Athanasio sobre este calo: *Maçtatus est, non alibi, quam in ipso latere ad costas, ex quo fluxit sanguis, & aqua.* Foy vencido o demonio, diz este Santo Padre, por S. Miguel, com o Sangue que sahio do

peito de Christo. Reparrem bem naquelle: *Non alibi*; naõ com outro qualquer Sangue, senaõ só com o que sahia do peito: *Quam in ipso latere ad costas ex quo fluxit sanguis, & aqua.* E porque só com este, e naõ com outro?

Porque do Sangue, que Christo derramou do mais Corpo, se formou a Redempçaõ: *Pretioso Sanguine redemisti*; do Sangue, que sahio do lado, se formou o Sacramento do Corpo: *Exiivit sanguis, & aqua: De latere Christi Sacramenta manarunt.* E como o triunfo, que S. Miguel conseguiu do demonio, naõ o alcançou tanto por Christo, como Redemptor, quanto por Christo em quanto Sacramento; por isso só com o Sangue, de que se formou o Sacramento,

mento, e naõ com outro qualquer Sangue, se havia vencer o demonio : *Maclatus est, non alibi, quam in ipso latere ad costas, ex quo fluxit sanguis, & aqua.*

Toda a opposiçaõ do demonio era aqui ao Corpo de Christo Sacramentado, e por isso só com o mesmo Sacramento do Corpo se havia vencer o demonio. Naõ invejou ao homem só o ser remido com o Sangue de Christo, e por isso naõ foy necessario para o vencer o Sangue, que derramou do mais Corpo; porque este pertencia ao mysterio da redempçaõ: *Pretioso Sanguine redemisti:* foy vencido com o Sangue, que sahio do lado, que tocava ao beneficio do Sacramẽto; porque toda a sua inveja tinha sido ao Sa-

cramento do Corpo de Christo. Para que se visse assim, que os inimigos do Sacramento do Corpo de Christo com o mesmo Corpo Sacramentado he que se vencem : *Maclatus est, non alibi, quam in ipso latere ad costas, ex quo exivit sanguis, & aqua.*

Assim venceo S. Miguel áquelle primeiro Herege do Sacramento do Corpo de Christo, com o mesmo Corpo Sacramentado. E assim ficou S. Miguel declarado no Ceo pelo mayor : *Michael Princeps magnus.* E assim, porque com o mesmo Corpo de Christo Sacramentado venceo Santo Antonio áquelle Herege do Sacramento do Corpo de Christo, póde ficar S. Antonio conhecido tambem no Ceo pelo mayor : *Hic magnus*
voca-

*vocabitur in regno cæ-
lorum.*

Tenho concluido ,
glorioso Santo, se naõ
foi como pedia o ele-
vado do objecto, foi
como pode o rasteiro
do Orador ; só vos pe-
ço agora,naõ como pá-
ga, porque naõ mere-
ce premio quem , de-
vendo engrandecer as
vossas prerogativas ,
só boube diminuir as
vossas excellencias:pe-
ço-vos sim, como mer-
cê, ou beneficio , que
naquelle ultimo dia,

em que havemos fazer
jornada desta para a
outra vida,nos naõ fal-
teis com o Viatico de-
ste Corpo Sacramen-
tado; porque se, sendo
Corpo de Deos , tam-
bem parece vossoCor-
po , nelle, em quanto
vosso , bem nos podeis
fazer leguro este soc-
corro: para que nelle,
em quanto deDeos,te-
nhamos certo hum
penhor da Eterna Bê-
aventurança : *Et futu-
re glorie nobis pig-
nus datur.* Amen.



FONTEX.

NASCE DO ʒ. XVIII. CAP. I. MATTH.

Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.

E com as suas mysticas agoas entra a accrescentar as desta primeira corrente em hum discurso panegyrico do glorioso Patriarcha

O SENHOR

S. JOSEPH,

Na Igreja da Boa Viagem na Praya da Candelaria do Reciffe de Pernambuco , fazendo a festa annual o Reverendo Ignacio Ribeyro Noya Mestre da Capella , no anno de 1730.

J. M. J.



Om singular propriedade, e discreta analogia, contemplo neste lugar , e nos devidos obsequios , que aqui se consagraõ ao glorioso Patriarcha , o Senhor S. Jozé , aquelle inveterado costume , com que solemniza-

vaõ os seus desposorios alguns dos antigos. Tinhaõ estes, conforme escreve Santo Isidoro , huma particular , e magnifica casa , onde ajuntando-se os parentes , amigos, e convidados dos que se haviaõ receber por esposos , alli ao som de musicos, e a

Mm cordes

cordes, instrumentos se entoavaõ canticos, metros, e poesias, proprias, e accommodadas para aquelle festejo: *Lyra & cythara circumferebantur, & accubantibus singulis ordinabatur genus canticorum.* Isto, que entã foi huma jovial cerimonia, com que se expressava o gosto dos assistentes, e lisongeavaõ a felicidade dos desposados, vemos com mais pura idéa representado nesta casa, e na presente Solemnidade.

Solemnizamos hoje os felices, e Sagra- dos Desposorios do Senhor S. Jozé com Maria Santissima nesta sua casa, que por ser casa desta Senhora, e celebrarem-se nella os seus Desposorios, não podiaõ faltar instrumentos musicos, e canticos suaves, pois

he Maria a melhor Mestre da Capella, e aquella extremada Musica, ou Cantora, que ao mesmo tempo, que com os concertados passos da sua voz deleitava os Ouvidos de Deos: *Sonet vox tua in auribus meis;* com o ajustado compasso das suas acçoens o sabia tambem encantar: *Maria est cantatrix peritissima,* como disse Joaõ Gerson; e Alberto Magno disse: *Maria est Musica.* *Effectum musicæ scientiæ in summo habes,* *cujus vox, maximè harmoniaca, delectabilissima Deo ad audiendum fuit.* E nem podia deixar de ser para

Deos a musica desta Senhora a mais suave, pois não só lhe fazia agradavel som aos Ouvidos, com o natural, e engraçado da sua voz, mas muito mais com

as

Joan.
Ger-
son.
tract.
4. sup.
Ma-
gn.
Alb.
Mag.
sup.
Missus
est.
Cap.
143.

as graças superabundantes da sua alma, que he o que para este Senhor mais consonancia lhe faz quando as ouve, como escreve Santo Agostinho: *Non vox, sed votum, non cordula musica, sed cor, non clamans, sed amans, cantat in aure Dei.*

E se esta casa, em que estamos, por ser de Maria, he com propriedade analogica casa da Musica mais peritissima, não podiaõ faltar nella os mais festivos ospitalamios, pois se celebraõ hoje nella os mais felices Desposorios: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph. Lyra, & Cythara circumferebantur, ordinabatur genus canticorũ. Maria est cantatrix peritissima: Maria est Musica.*

E porque o Evangelho he o papel, por donde se haõ de cantar hoje as letras, e composicoens musicas na festividade destes felices Desposorios, peguemos ja delle, e vamos vendo se pelas linhas, claves, signos, vozes, figuras, e mais elementos da Arte, achamos assentada com propriedade a Metaphora da Musica no papel do Evangelho. Saõ as linhas os primeiros riscos, ou raigos, que se lançaõ em todo o papel de solfa, e pelas quaes se põem em ordem, e compõem a Musica, ou solfa toda, e fazem em todo o papel o numero de cinco. Cinco saõ tambem as linhas, pelas quaes se ordenou, dispôs, e escreveu no papel do Evangelho a consonancia harmonioza dos seus

Mm 2 Def-

Desposorios , e foração estas: a Terceyra Pessoa da Trindade do Ceo, o Espirito Santo: *Inventa est in utero habens de Spiritu Sancto*; as tres Pessoas da Trindade da terra, Jesus, Maria, Jozé, que fazem quatro: *Mater Jesu, Maria, Joseph*; e a quinta o Anjo S. Gabriel: *Apparuit ei Gabriel Angelus*. O tempo, que nestas, ou por estas linhas se affentou, e por onde se cantou toda a solfa deste papel, foi o de Prolação, ou Proporção mayor; porque foi este o mayor Mysterio da Ley da Graça, e porque só neste tempo de Prolação mayor, vão tres figuras em hum compasso, como no do Evangelho cabem Jesus, Maria, Jozé: *Cum esset desponsata Mater Jesu, Maria, Joseph*; e

assim vem a constar toda a Musica do Evangelho de hum, e o melhor Terno, e nelle mettidas as mais sonoras tres vozes, que se achão nesta solfa; a voz de Maria: *Sonet vox tua in auribus meis: Vox turturis audita est*, a voz do Esposo S. Jozé: *Vox dilecti mei pulsantis*, e a voz do Divino Verbo: *Eruclavit cor meum Verbum bonum*; e foi o mesmo Verbo Divino a clave, por onde se percebeo toda esta consonancia: *O' Clavis David, qui aperis, & solvis*. Vê-se nesta musica a melhor compostura; pois entra nella a Santidade de JESUS, a pureza de Maria, e a innocencia de Jozé, que são as tres perfeitas, e ajustadas figuras, ou vozes, que compõem este Terno, e entoaõ esta

esta solfa, e por isso se nota nellas a concordata mais conforme nas vozes e o melhor concerto nas accoens. Aqui se ouve em Unisonos, o Tiple mais alto, o Menino Deos: *Vocabis nomen ejus Jesium. Ego in Altissimis habito*, com o baixo da maior humildade de Maria: *Respexit humilitatem Ancille sue*; e o contralto, ou ligado, destas duas vozes se ouve em Jozé, porque, para fazer liga a Divindade de Deos com a humanidade de creatura, interveyo aqui Jozé: *Joseph fili David, noli timere accipere Mariã conjugem tuam, quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.*

Tambem se entoou a solfa deste Terno pelo tempo perfeito; porque Deos, que se

contêm nelle, contêm em si por perfeição todo o tempo, ou a perfeição de todos os tempos, preterito, presente, e futuro. Naõ faltaraõ nesta musica, o que ella chama Arremedadas; porque arremedou, ou imitou quanto pôde a voz pura de Jozé, a pureza de Maria. De tres figuras, que apparecem no papel desta solfa, a de mayor valia parece a de Jozé; porque era superior a Maria, como Esposo: *Vir est caput mulieris*; e ao mesmo Christo em quãto homem, como seu Putativo Pay: *Et erat subditus illis.* O Signo, com que se notou toda esta solfa, foi o de Virgem; porque pela Pessoa da Virgem se fez notoria ao mundo toda a composição Divina das vozes deste Terno.

no. Nelle se deo huma segunda, em a Segunda Pessoa da Trindade, e fazendo esta segunda dissonancia a S. Jozé : *Inventa est in utero habens*, para fazer a melhor melodia, se desculpou logo com huma terceyra, que foi a Terceyra Pessoa da Trindade Santissima: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est*, com que se compôs a melodia mais sonora neste Soberano Terreno, com a voz de fóra, com a qual suspendeo o Anjo o passo, que Jozé intentava fazer em fuga : *Voluit occulte dimittere eam*. Naõ faltaraõ ás figuras desta solfa seus pontos; huns, que chamaõ de perfeiçaõ, e de augmentaçãõ outros; porque em verdade todo o ponto do Senhor S. Jozé foi

sempre aperfeiçoar a virtude, e augmentar a Santidade: *Josepb accrescens, augmentum*. Teve tambem esta musica suas aspiraçoens: *Angelus Domini apparuit in somniis, dicens*. Só pauzas, e mudanças naõ houve nesta solfa; pauzas naõ, porq̃ naõ sabe fazer pauzas a solfa do amor, e o Senhor S. Jozé naõ parava. *Exurgens Josepb*, mutanças tambẽ naõ, porque as trocou em firmezas o nosso Santo: *Acceptit conjugem suam*. Foi finalmente solfa esta, que toda na melodia se apurou, nos sustinidos foi encanto, nas consonancias esmero, e nos compassos conforme: porq̃ foi musica composta, e harmonia formada para os mayores, e mais celebres Desposorios, que vio,
nem

nem ha de ver o mundo, do Glorioso, e Grande Patriarcha o Senhor S. Jozé com Maria Santissima May de Deos: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

Nem parece menos propria a metaphora por parte de quem com tanto dispendio, desvélo, e devoção solemniza hoje estes Desposorios, como Juiz da festa; pois se pela festa dos Desposorios, e pelo Evangelho, vem hoje propria a metaphora da solfa, não vem menos ajustada pelo Juiz, que a solemniza; pois, como todos sabem, he notoriamente conhecido pelo melhor, e mais perito Mestre da Arte do Canto, e Contra-ponto. Logo, concluamos: Se a casa he de Musica, por ser de Maria: *Maria est Mu-*

sica; se nella se celebraõ os mayores Desposorios: *Cum esset desponsata*; e estes se devem solemnizar cõ a melhor musica: *Lyra, & Cythara circumferabantur: Genus canticorum* e o Juiz, he em tudo Mestre nesta Arte; não será bem que só o Prégador faça dissonancia em taõ unisona concordata: e assim levantará tambem a voz, e entoará a letra do Evangelho; mas será em recitado, para assim explicar melhor o quanto feremontou hoje o Senhor S. Jozé, subindo com as suas vozes a esses ares, nas Areas, concertadissimas das suas excellencias, em quanto Esposo felicissimo da melhor Espoza Maria, May de Deos: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

Farei muito , mas breve, por me chegar á metaphora , quanto me permittir a pouca intelligencia, que della alcanço. E bem podem perdoar os Mestres da solfa o metter-se o Prégador pelos segredos da sua Arte , cousa fóra da sua profissãõ : mas nem por isso me podem elles condenar , pois tudo vay hoje em louvor do Senhor S. Jozé , e sua Santissima Esposa, de quem são os Musicos nesta casa particulares devotos. Mas , porque , não deixe de haver alguma condemnação, esta a tomará o Prégador á sua conta, pois se metteo no que lhe não toca ; e assim fiqueõ condemnados todos os Musicos a entoarem acórdemente, para o acerto do Discurso, o Cantico, ou Saudação Angelica ; mas

ha de ser com affectos da alma , e não com harmonia de instrumentos ; não com passos de gar ganta , mas com vozes da alma ; que esta he tambem a Musica , que mais agrada a Maria : *Non cordula musica , sed cor non clamans , sed amans cantat in aure.*

Ave Maria.

E Pois temos ao Senhor S. Jozé no celeste choro da Musica dos seus Desposorios : *Intraverunt cum eo ad nuptias : In domum chori , infestina gaudia nuptiarum*, vamos vendo já a consonancia , que faz a sua voz neste choro , e o mais alto a que subio, e ouçamos para isso o que sobre o papel do Evangelho , porque canta hoje nos seus Desposorios o nosso Santo, escreve o Doutor

tor Maximo S. Jeronymo, que he bem seja a primeyra figura deste papel huma Maxima: : porque, se esta he a que na solfa tem a mayor valia, e val mais ella só, que muitas outras figuras; muyto grande foi sem duvida a valia do Senhor S. Jozé no papel da solfa dos seus Desposorios. Ouçamos o valor desta Maxima, medida pela penna do Maximo dos Doutores.

Pergunta S. Jeronymo, reparando nas principaes Figuras destes Desposorios, qual havia ser a razaõ, porque se ha de dizer no Evangelho, que nasceu Christo de Maria Santissima, em quanto Virgem, e desposada, e não em quanto só, e simplezmete Virgem? *Quare non de simplici Virgine, sed de des-*

ponsata concipitur? E de tres respostas, que dá o Santo Doutor, he a segunda a que para a solfa, ou cantilena de hoje lhe póde servir de letra, ou recitado, e he esta: *Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.* Quiz dizer S. Jeronymo: Ainda que Maria Santissima havia ser May de Deos, e havia Deos nascer della, sendo Virgem, e não carecia para isso ter Esposo; com tudo foi necessario que o tivesse, porque não fosse reputada por adultera, e pouco honesta, tendo filho, sem ter marido, e assim castigada: *Ne lapidaretur à Judæis, ut adultera.* E por consequencia se segue, que para q̄ a opiniaõ da Senhora de nenhuma forte perigasse, foi conveniente, que o seu Esposo fosse o Senhor

nhor S. Jozé, Puro, Casto, e Justo: para que se visse assim nestes Desposorios não só a grande valia da figura, que nelles fazia o Senhor S. Jozé; como tambem para q̄ se mostrasse na figura de sua Esposa a sua grande valia, e se conhecessem por maximas da pureza, na solfa do Evāgelho, estas duas Figuras: *Cum esset desposata Mater Jesu Maria Joseph: Quare non de simplici Virgine, sed de desponsata concipitur? Ne lapidaretur à Judeis, ut adultera.*

Ainda não mostramos, como deviamos, a grande valia destas duas maximas assentadas no papel da solfa dos Desposorios do Senhor S. Jozé. Ouçamos mais, e appliquemos os ouvidos. Dous pontos se achão na Arte da Musica, hum de

perfeiçãõ, e de augmentaçãõ outro, e servem estes de perfeiçoar, e augmentar aquellas figuras, em frente das quaes se põem por nota. Notem agora tambem Fazia o Senhor S. Jozé no papel da solfa dos seus Desposorios a figura de Maxima; porque continha elle só o valor de muitas figuras, pois foi adornado para Esposo da Senhora, com todas as virtudes, que pelos mais se achavaõ divididas, como com o Evāgelho, e a sua letra, o cõmentãõ os Santos Padres, e Expositores: *Joseph autem cum esset justus: Justus hic in omni virtute dicit esse perfectum.* Nestes mesmos Desposorios, e na sua Musica, e concordata fazia tambem a Senhora a figura de outra Maxima; porque,
pa-

para Esposa , como May , a dotou , e enriqueceo Deos , com os dons , e graças de todas as Jerarchias Celestiaes , como escrevem os mesmos Padres , e Doutores. Agora vejaõ o como foi o Senhor S. Jozé na Musica destes Desposorios taõ destro , e agudo compositor , que cantando a Duo com Maria neste papel , e fazendo ambos nelle a figura de Maxima , de tal sorte assentou nas suas linhas estas duas figuras , que para a consonancia ficar mais pura , e harmoniosa , notou as figuras , sendo , com dous pontos , a sua com hum ponto de augmentaçãõ ; e com hum ponto de perfeiçãõ a Maxima de Maria. A sua Maxima com hum ponto de augmentaçãõ ; porque sendo Jozé já de

antes muito justo: *Joseph autem vir ejus , cum esset justus ,* ainda creisceo a mayor augmento como Esposo: *Joseph accrescens , Joseph augmentum.* A Maxima de Maria com hum ponto de perfeiçãõ ; porque , ainda , que nesta Senhora foi sempre Maxima a sua pureza , esta se mostrou muito mais perfeiçoada com a vista , e conforcio deste Esposo , conservando-se Virgem , pura , e casada , e mostrando aos olhos do mundo a sua summa perfeiçãõ : *Ne lapidaretur à Judeis , ut adultera.* E não he isto ser o Senhor S. Jozé muito destro musico , e subir com a sua voz , e de sua Esposa ao mais alto , e sonoro tom no papel da solfa dos seus Desposorios : *Cum esset desponsata Mater Jesu*
 Nn 2 Ma-

Maria Joseph?

Ainda me parece não temos percebido como deve ser os altos pontos, a que chegou com a sua voz nesta musica dos seus Desposorios o nosso Santo; e para o vermos melhor, notemos mais, e acharemos que foi tão destro nesta solfa, que inventou nella huma arte nova, chegando a cantar pelo modo de descantar. E se não, vejaõ. Era o Senhor S. Jozé Virgem, Puro, e Casto, teve por Esposa a que por excellencia foi, e he Purissima, entre todas as Virgens; he o matrimonio pela sua instituiçaõ, e pelo seu fim, opposto á pureza, e virgindade: e que sendo isto assim, fosse o Senhor S. Jozé muito máis Casto, e Puro no estado do Matrimonio; e illo foi sem duvi-

da cantar a solfa dos seus Desposorios pelo modo de descantar; ou foi, digamo-lo de outro modo, foi hum modo de cantar mais alto, não só no choro dos Virgens, tambem no choro dos Anjos.

São os Anjos no Ceo os Cantores daquella Superior, e Real Capella, e he a sua musica a mais Celestial; porque sempre cantaõ com vozes de Anjos. Pois reparem, que até neste choro, levantou o Senhor S. Jozé tanto de ponto a sua voz, que, se não descantou, encantou a os mesmos Anjos, dando pontos mais altos, e fazêdo mais harmonia, e melhor consonancia no seu choro. Dos Anjos diz Christo, por S. Matheus, que não são casados, nem casaõ; e por isso se comparaõ a estes

estes Espiritos taõ puros aquellas almas , que, vivendo cá em pureza , nem casaraõ , nem calaõ : *Quæ non nubunt , neque nubentur , erunt sicut Angeli Dei in cælo.* E neste caso, quem naõ vê que cantou o Senhor S. Jozé neste choro , por huma Arte nova , levantando a voz de ponto sobre a dos mesmos Anjos? Os Anjos, que naõ casãõ, saõ puros pelos modos de o poder ser ; S. Jozé, que foi casado, foi puro pelo modo de o naõ ser. Os Anjos, que naõ casando saõ puros, cantaõ no seu choro pela solfa , e papel da pureza; S. Jozé, q̃ em verdade foi casado, foi puro pelo caminho de o naõ ser. Os Anjos , que naõ casando saõ puros , cantaõ no seu choro pelo papel , e solfa da pureza ; S. Jo-

zé , que casando foi puro , cantou neste choro pelas figuras de huma solfa, que naõ mostravaõ pureza : bê podemos logo dizer, que a mesma pureza, que nos Anjos he Cantochaõ , em o Senhor S. Jozé foi Contraponto , e taõ alto , que requintou a sua voz sobre a dos mesmos Anjos , por huma nova Arte de cantar descantando, sendo puro pelo compasso de o naõ ser , novo modo de cantar, mais alto, suave, e harmonioso, que o dos mesmos Anjos : *Quæ non nubunt , neque nubentur , erunt sicut Angeli Dei in cælo. Cùm esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

Vamos ao Tono segundo , e segunda Letra , ou Recitado do Evangelho destes Desposorios ; e se a primeira,

meira , porque a deo S. Jeronymo Doutor Maximo, foi huma Maxima, figura mayor de toda a solfa ; esta segunda , porque a ha de dar Santo Agostinho , que foi o Sol da Igreja , começará por hum Sol, que he tambem na solfa a segunda voz mais alta depois do Lá.

Sol, diz Santo Agostinho , foi Jozé entre os Esposos, ou nos seus Desposorios : *Beatus Joseph velut Sol: Cùm esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* É porque havia o Senhor S. Jozé nesta segunda letra começar o canto dos seus Desposorios pela voz de Sol, e não por qualquer voz? Duas razoens acho para isso : huma , que respeita a figura ; outra , que diz consonancia com a metaphora. Vamos á figu-

ra , que he o Sol. Nasce este luzido , e visto-so Planeta , e ao mesmo compasso , que se figura a os nossos olhos chegar ao seu Zenith, he o mesmo, em que o vemos dar passos para o seu Occaso; alli mesmo, donde o levou, ou elevou a mão do Divino Compositor ao mais alto , alli sente logo a sua declinaçãõ, e cuidando que alli pára , torna a subir para mais descer : *Oritur Eccle. Sol , & occidit , & ad locum suum revertitur , ibique renascens gyrat per meridiem.* Duas cousas faz aqui o Sol repetidas vezes, guiado pelo compasso da mão do Altissimo Contrapontista, que o assenta nas linhas do diafano papel dos ceos : sóbe para descer, e desce para subir. Sobbe até o Zenith, para descer até o Occaso; e do

do Occaso até onde desceo, tornar a subir até o Zenith. E qual he mais para admirar no Sol, subir para descer, ou descer para subir? Sem duvida que este segundo modo he mais notavel, porque parece contra a ordem da natureza. Pois isto, que na solfa do Ceo he o mais notavel na figura do Sol, foi o mais perfeito em o Senhor S. Jozé, quando com voz de Sol cantou nos seus Desposorios. Quê vira ao Senhor S. Jozé, antes de Esposo, homem puro e casto, sem duvida o julgara no Zenith, da mayor perfieção: *Iustus hic, in omni virtute dicit esset perfectum*; mas quem o visse depois de casado, e sua Esposa, com sinaes de pejada: *Inventa est habens in utero de Spiritu Sancto*, que po-

deria dizer, senaõ, que Jozé tinha descido do Zenith para o Occaso da pureza. Mas isto foi em Jozé fazer com propriedade a voz de Sol na musica dos seus Desposorios, subindo pelo mesmo tom de descer. Descer na figura de Esposo, para subir como Sol na voz da pureza; q̄ he o modo de cantar mais perfeito na voz de Sol: vamos á metaphora da solfa, que he a segunda razãõ, ou confirmação da primeyra.

Seis vozes descobrê os Musicos na sua Arte, e vem a ser: Ut, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá. Destas dizem elles, que tres servem para subir, e tres para descer: Ut, Ré, Mi, para subir; Fá, Sol, Lá, para descer. Agora pergunto: e por qual destas vozes cantou o Senhor S. Jozé nesta segunda

gunda letra dos seus Desposorios ? Já está dito , que em voz de Sol : *Beatus Joseph velut Sol*. E de que serve o Sol , em voz de Musica? Já fica também dito , que não obstante ser voz alta , porque he immediata ao mais alto ponto , que he , o Lá , com tudo não he voz , que serve para subir , he voz , que serve para descer : e como sendo o Sol , voz de descer , sóbe a voz alta ? Sóbe descendo. E qual ha de ser a razão deste modo de subir descendo , na voz do Sol ? Não sabemos outra mais , que acharem os Musicos na sua Arte , ser este na solfa o modo de cantar mais especioso , e perfeito. Pois eis-ahi a razão , porque o Senhor S. Jozé , como Esposo , entoou a solfa dos seus Desposo-

rios pelo tom de Sol ; subindo pelas vozes de descer , e não pelas vozes de subir : porque subir pelas vozes de subir , não he na musica o mais subido ; pois he cantar em estylo ordinario ; subir pelas vozes de descer , esse sim , que na solfa he o modo mais perfeito ; pois he cantar com huma tal graça , que faz subir contra o cõ-mum , ou natureza da mesma voz. Assim entoou o Senhor S. Jozé esta segunda letra dos seus Desposorios. Quando parecia , que não guardava , com as razões commũas de Esposo , a voz da pureza , e que descia do alto desta ; assim concordou estas duas razões de Esposo , e Puro ; em tão suave consonancia , que , cantando com voz de Sol , com esta voz de descer , subio

bio ao mais alto da perfeiçãõ na sua pureza, e como Esposo : *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph : Beatus Joseph velut Sol.*

Vamos á terceyra letra do Evangelho, ou Recitado da sua solfa, pelo Douro Ifolano, a respeito da terceyra voz, que entra no Terno destes Desposorios, Christo Jesus; que he bem entre tambem na sua concordata, pois já ouvimos as duas de Jozé e Maria. Falla o Ifolano do Senhor S. Jozé como Pay de Christo por Esposo de Maria : *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*; e diz que he o Senhor S. Jozé aquelle grande dia de Sabbado, ou o septimo da semana, no qual descansou Deos das obras admiraveis,

que nos seis dias primeiros havia feito, porque em Jozé, em quanto Pay Putativo de Deos feito homem descansou este Soberrano Artifice dos trabalhos deste mundo :

Requievit Deus die septimo: Vere Joseph magnus est dies ille Sabbati in quo requievit Deus. Diz o Ifolano. E que som fará a os nossos ouvidos esta letra, e o seu recitado? Faz sem duvida hum muy alto, e taõ elevado de ponto, que cantando no Terno destes Desposorios, estas tres vozes, a de Jesus, a de Maria e a de Jozé; a de Jozé, como Esposo, e Pay, e a de Jesus, como Filho, e a de Maria, como Esposa; taõ alto levantou Jozé a voz neste Terno, como Esposo de Maria, que fez hum contraponto

Oo sobre

sobre a Paternidade de Christo, ficando a sua voz mais alta, quando entôa a solfa de Esposo de Maria; (he hoje o dia Solemne destes Desposorios) do que quando canta a letra de Pay de Christo. Ora oução o alto, ou contraponto da sua voz.

Jozé como Esposo de Maria cantou no Terno dos seus Desposorios com voz de Sol: *Beatus Joseph velut Sol*; Joseph, como Pay de Christo, entoou nos mesmos Desposorios com voz de Ré: *Requievit die septimo*: e de que serve na Musica a voz de Ré, e a voz de Sol? Já fica dito, que a voz de Sol serve para descer, e a voz de Ré, serve para subir. E que fez o Senhor S. Jozé cantando neste Terno com voz de Ré, como Pay: *Requievit*; e co-

mo Esposo com voz de Sol: *Velut Sol*? O mesmo, que faz o que canta na solfa com estas vozes. O que canta com voz de Ré, sóbe pelos meynos de subir; porque isto he o que pede a voz de Ré, porque se canta. O que canta com voz de Sol, sóbe pelos meynos de descer, e isto he o que encanta, e he o mais; porque isto he subir contra o que pede a voz de Sol, por onde se canta. Logo se o Senhor S. Jozé, como Esposo de Maria, subio pelos meynos de descer na opiniaõ da sua pureza, com voz de Sol: *Velut Sol*, que he na musica modo mais perfeito; e se como Pay de Christo, subio pelo modo de subir a esta honra, com voz de Ré: *Requievit*, que he na solfa modo commum: bem se segue, que

que sobre o alto do Ré, ou voz de Pay: *Requievit*, lançou o Senhor S. Jozé hum contraponto, ou ponto mais alto, com a voz de Sol, como Esposo: *Velut Sol: Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

Glorioso Santo, pouca consonancia parece tiveraõ atéqui as minhas desentoadas vozes, no suave recitado das vossas excellencias; porque, sem duvida, fez-se imperceptivel á nosla comprehensãõ, a consonancia admiravel da solfa dos vossos Desposorios, com a qual regalastes, nos contrapontos dos vossos merecimentos, os ouvidos do proprio Deos: *Cantat in aure Dei.* E pois tanto gosta esta Divina Magestade dos Viillancicos do vosso amor, das Coplas dos

vossos affectos, das Areas das vossas jaculatorias, dos Recitados das vossas petições, e expressões da vossa vontade, que nada ouve com mais attençaõ, nem tarda em deferir o que vós quereis, porque ainda no Ceo he respeitosa aquella admiravel Paternidade, com que vos venerou na terra: *Et erat subditus illis;* lá no Ceo, aonde a melodia he a mais suave, apuray as vozes sonoras da vossa protecçaõ, em favor de todos os vossos devotos; e muito particularmente, por aquelle, que empenhando os esmeros da sua Arte para estes vossos obsequios, exprime os affectos mais rendidos na harmonia das suas vozes, já descendo pela reverencia com que vos adora; já

fu-

subindo, nos affectos
com que vos louva :
fazei com que elle , e
todos os vossos , exer-
citada a melhor solfa
das virtudes a impul-
sos dos toques da gra-
ça , e com vozes iua-

ves de pureza , entre-
mos com vosco - no
Choro da Bemaven-
turaça , e sejamos ad-
mittidos para aquel-
la Celeste Capella da
Gloria. *Ad quam. &c.*

F I M.



71